

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

JEHNNY KELLEN VARGAS BATISTA QUEIROZ

**Diálogos e Reflexões sobre as Práticas dos Professores de
Duas Escolas Municipais: o Trabalho Coletivo na Construção da
Realidade Escolar**

GOIÂNIA

2011

JEHNNY KELLEN VARGAS BATISTA QUEIROZ

**Diálogos e Reflexões sobre as Práticas dos Professores de
Duas Escolas Municipais: o Trabalho Coletivo na Construção da
Realidade Escolar**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás sob orientação do professor Ms. Nivaldo Antônio Nogueira David.

GOIÂNIA

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**Diálogos e Reflexões sobre as Práticas dos Professores de
Duas Escolas Municipais: o Trabalho Coletivo na Construção da
Realidade Escolar**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em Educação
Física pela Universidade Federal de Goiás sob
orientação do professor Ms. Nivaldo Antônio David
Nogueira.

Nivaldo Antônio Nogueira David – Orientador
Mestrado – Universidade Estadual de Campinas

Aprovada () Não Aprovada ()

Ana Márcia Silva - Núcleo de Aprofundamento
Pós-Doutorado – Institut Nacional de EF de Catalunya

Aprovada () Não Aprovada ()

Dedico este trabalho ao Doador de Vida e Liberdade: Jesus Cristo.

AGRADECIMENTOS

Nesta tão singela página, quero trazer meus sinceros agradecimentos àqueles que nunca desistiram de mim, mesmo quando eu mesma havia desistido. Quero agradecer ao meu amado esposo, Helmyo Vinícios, que em meio a tantas dificuldades vividas durante estes quatro anos de formação, sempre me apoiou em tudo e me estendeu sua mão em todos os momentos, que me suportou em meus desesperos, em minhas ansiedades, que me amou de verdade. Obrigada meu amor!

Quero agradecer também ao meu orientador, Nivaldo A. N. David, que esteve ao meu lado, que acreditou que era possível a realização deste trabalho, que tomou as lutas estudantis como suas e nos ajudou em nossa busca incessante de aprender sempre mais. A você Nivaldo, minha gratidão pra sempre, por este trabalho, mas principalmente pela minha formação humana em construção e cada dia melhor após todo o aprendizado juntos, e pelo seu exemplo em defesa de uma educação engajada e crítica! Valeu!

Agradeço também a minha família amada: minha mãe Roseane, meu pai Alcimar, meus irmãos: Mikaellen, Alcimar Gabriel, Ciro Judá. Vocês sempre me apoiaram em tudo! Deram-me forças, nas inúmeras ligações de incentivo à conclusão de meu curso, ainda que eu não me sentisse capaz... Meus avôs: Maria Helena, Zonil Nunes: vocês são minha inspiração de vida e felicidade! Obrigada por tudo!

Não deixaria jamais de agradecer a minha sogra amada, Maria Hilda, por seu apoio em todas as formas possíveis! A pessoa que negou sua vida nesses últimos anos para que seus filhos vivessem as suas... Obrigada de coração!

Não poderia deixar de aqui deixar meus votos de gratidão aos meus amigos da faculdade! Pessoas com quem passei maior parte de meus últimos quatro anos! A toda minha turma “FEF2008” que sempre achei uma ótima turma! Obrigada turma! Mas aqui gostaria de agradecer em especial a meus amigos do peito: Isis Barbieri, Karine Danielly e Marcus Vinícios: obrigada pelos momentos de amizade, companheirismo e muito crescimento juntos! Amo vocês!

Gostaria de deixar aqui minha gratidão pelo grande auxílio recebido através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência financiado pela CAPES, durante dois anos de minha formação. Auxílio que ultrapassou a ajuda financeira e graças à pessoa do Nivaldo pôde me proporcionar um auxílio na construção da minha formação humana e crescimento profissional. Obrigada!

Aqui deixo um agradecimento também às amigadas desenvolvidas a partir da convivência coletiva do PIBID/FEF: Nivaldo, Francisco, Luzia, Guenther, Giannandrea, Marcus, Pâmela, Lorryne, Johnnys, Bruna, Weberson, Kárita, Karine, Nadmilia, Diego, Camilla e Paula. Obrigada por tudo! Com vocês aprendi um pouco de como posso me tornar menos individualista e ser mais preocupada com os interesses coletivos.

Aos meus amados professores, que fizeram parte da minha história acadêmica: Hugo, Juracy, Ana Márcia, Humberto, Nilva, Rejane, Sérgio, Eliene, etc, etc e etc... Obrigada pelos ensinamentos que levarei pra sempre em minha vida e que estarão sempre fazendo com que cada decisão a ser tomada seja pensada e questionada, bem como, avaliada da melhor maneira possível. Obrigada por me ensinarem que o melhor caminho é duvidar.

Jamais deixaria de expor minha sincera gratidão aos sujeitos envolvidos neste estudo. Os docentes que dedicaram parte de seus preciosos tempos para dar atenção a este estudo e assim contribuir com a construção, não somente deste, mas de outros estudos que poderão surgir dos riquíssimos diálogos estabelecidos! Obrigada!

Por fim, obrigada a cada pessoa que esteve em meu dia-a-dia no convívio acadêmico, desde a Liliane (Xerox) ao seu Raimundo (porteiro), obrigada por que até mesmo vocês me ajudaram a construir a imagem histórica que sairei levando deste espaço tão amplo de conhecimento e crescimento profissional. Espero ter deixado minha contribuição a todos que aqui citei e enfim, digo: Muito Obrigada Senhor, por que sem Ti, nada poderia ter feito!

Quanto mais certo de que estou certo, me sinto convencido, tanto mais corro o risco de dogmatizar minha postura, de congelar-me nela, de fechar-me sectariamente no ciclo de minha verdade. Isto não significa que o correto seja 'perambular' irresponsavelmente, receoso de afirmar-me. Significa reconhecer o caráter histórico da minha certeza.

Paulo Freire

RESUMO:

Este estudo buscou desenvolver reflexões acerca da prática docente de professores de duas escolas da rede municipal de ensino de Goiânia. O levantamento de dados se deu através de diálogos com professores de educação física e professores das demais disciplinas das escolas-campo do PIBID, visando construir a realidade escolar a partir do olhar docente, tendo em vista que o saber docente acerca da realidade escolar constitui amplo saber curricular e histórico, mas que não se faz valorizado nos currículos conservadores que as escolas possuem. As categorias de análise percorreram as principais características do trabalho docente: feminização da docência, metodologias, aulas, saberes, avaliação de suas práticas e também as suas projeções acerca do que os docentes esperam para a educação do futuro. Os docentes – sujeitos - deste estudo apresentaram características identificadoras que relacionam história de vida e a prática pedagógica nas escolas, uma avaliação crítica do presente e apontam novas perspectivas da escola para o futuro da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física, Vida de Professor, Trabalho Pedagógico.

SUMÁRIO:

2. CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO	11
1.1. PORQUE RESGATAR HISTÓRIA DE VIDA DE PROFESSORES?	11
1.2. A METODOLOGIA DO TRABALHO INVESTIGATIVO	12
1.2.1. Trabalho Coletivo e as Bases da Pesquisa-Ação	12
1.2.2. O PIBID como Espaço de Trabalho Coletivo	14
1.2.3. A Forma de Diálogo com os Professores das Escolas-Campo	16
1.2.4. A Sistematização dos Dados	18
3. CAPÍTULO 2: DIALOGANDO COM A REALIDADE	19
3.1. A DOCÊNCIA SOB O COMANDO DAS MULHERES	19
3.2. A ESCOLHA PELA PROFISSÃO	22
3.2.1. Objetivos e Ideais Docentes	26
3.2.2. A Finalidade da Educação Física na Escola	29
3.3. O PROCESSO PEDAGÓGICO DO TRABALHO DOCENTE	30
3.3.1. A Metodologia	32
3.3.2. O Conteúdo	37
3.3.3. A Aula	42
3.3.4. A Avaliação Docente	46
3.3.4.1. O Trabalho Desenvolvido nas Escolas	46
3.3.4.2. O Comportamento dos Alunos	51
3.3.4.3. O Convívio com os Colegas de Trabalho	54
3.3.4.4. A Educação de Ontem X A Educação de Hoje	56
3.4. A ESCOLA QUE QUEREMOS	61
4. CAPÍTULO 3: CONCLUSÃO	66
5. REFERÊNCIAS	72
6. ANEXOS	

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.3. PORQUE RESGATAR HISTÓRIA DE VIDA DE PROFESSORES?

A pesquisa sobre histórias de vida nunca foi e nem será uma tarefa simples. Ler o passado de alguém no sentido de conhecê-lo, ainda que seja por meio de suas próprias palavras e depoimentos, se constitui uma atividade por demais complexa, uma vez que cada sujeito possui o seu próprio olhar construído segundo diferentes circunstâncias. O próprio relato pode estar impregnado de vários condicionantes histórico-sociais e pessoais que, ao serem acessados, se apresentam segundo as conveniências e convicções do momento ou em resposta aos interesses do entrevistador. Além destes fatores, o próprio pesquisador seleciona e filtra os dados que lhes são importantes para atender aos seus interesses investigativos dentro da pesquisa social. É preciso levar em conta, ainda, que a história de vida de cada professor se situa dentro de um tipo de contexto educacional e segundo certas determinações e condições histórico-sociais.

Todo estudo, portanto, está ligado a estas preocupações de fundo e a dinâmica dos diálogos estabelecidos, procurou conhecer os conteúdos das falas a partir dos relatos dos professores localizando o passado de trabalho na escola para, também, se compreender as ações e o que eles pensam no presente sem perder de vista o olhar em perspectiva para o futuro. Portanto, este estudo não se prende apenas em observar o que passou e as experiências de vida, mas em tentar melhor compreender, dinamicamente numa linha de tempo, o real passado, no real presente e as possibilidades apontadas para o futuro.

Os saberes que os docentes acumulam em suas vidas se apresentam de grande valia para a composição curricular do ensino básico, mas sabe-se, no entanto, que não é isso que ocorre já que se conhece pouco a respeito de quem são os mestres e até mesmo de quem são os alunos. São sujeitos da história, mas que não tem o direito de conhecerem suas próprias histórias ou se envolver pedagogicamente com elas. Por isso Arroyo (2011) questiona:

Porque entre tantos conhecimentos sistematizados nos currículos a serem ensinados, aprendidos e avaliados não entra o acúmulo de saberes sobre a docência como função social, como trabalho. Nem entram as vivências sociais e políticas, culturais e socializadoras, humanas e tão desumanas dos próprios educadores e educandos. Talvez porque as áreas e disciplinas do conhecimento que os currículos consagram veem essas vivências e essas funções sociais e seus personagens como insignificantes, e até decadentes. (ARROYO, 2011, p. 72).

Tratando desta mesma questão dos saberes da experiência docente, Kramer & Souza (1996) afirmam que a utilização das histórias de vida de professores produz um conhecimento que se situa entre vários saberes que dialogicamente requerem uma compreensão da narrativa entre o sujeito pesquisado e o pesquisador, sem deixar de levar em consideração a necessidade de articulação entre a memória e a história que deverá realizar-se no decorrer do processo de síntese. A relação que deve ser feita entre esses saberes apenas enriquece e valoriza os sujeitos envolvidos no processo [aluno e mestre] e tenta dar sentido a suas práticas que são muitas vezes desajustadas ao real. Neste caso, recorre-se à redefinição destes conceitos para aprofundá-los e, de alguma maneira, tentar apontar contribuições para estudos posteriores, como será discutido no capítulo II onde serão estabelecidos os diálogos com a realidade.

1.4. A METODOLOGIA DO TRABALHO INVESTIGATIVO

1.4.1. O Trabalho Coletivo e as Categorias básicas da Pesquisa-Ação

Este tema de estudo surge das atividades desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e tem como referência o trabalho coletivo, cujos objetivos principais se voltam para investigar e intervir sobre a realidade escolar, segundo os princípios metodológicos da pesquisa-ação. Este modelo de intervenção pedagógica visa, sobretudo, assegurar a ação participativa dos sujeitos envolvidos no processo de reflexão, planejamento e ação sobre a realidade (DAVID, 1998). Esta ação participativa articulada pressupõe que os sujeitos envolvidos no processo busquem compreender a realidade escolar na sua totalidade a partir da interação direta na escola e das relações mais próximas de seu meio.

O projeto do PIBID/FEF/UFG (da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás), em específico, objetiva contribuir para a formação de professores de educação física e, para tanto, se organizou a partir de várias estratégias, dentre elas, a de aproximar do campo de estudos-e-ação por meio de dez temáticas geradoras a serem desenvolvidas com o objetivo de reconhecer e dialogar com o ambiente demarcado para os estudos acadêmicos. Estas ações, também denominadas de atividades, foram articuladas a partir de necessidades geradas em discussões, diálogos e capacitações teóricas do grupo. No caso a atividade de memória/história docente faz parte de uma dessas temáticas geradoras. Dentro deste contexto, todo o trabalho do Coletivo, se assenta em dois pilares fundamentais: A) formar professores que tenham qualidade profissional e que desenvolvam práticas pedagógicas críticas capazes de pensar a totalidade de uma escola que é socialmente determinada; B) preparar a capacitação dos futuros professores na pesquisa-ação (DAVID *et all*, 2011).

Além das características do trabalho coletivo, as atividades de reflexão-ação, estiveram em constante ligação com a pesquisa-ação que é um modelo de investigação qualitativa que mais se aproxima dos princípios teórico-metodológicos do programa, especialmente por se tratar de uma opção que pressupõe em atuar diretamente com o coletivo de participantes (estudantes-professores-escolas) em processos coletivos de decisões, interações e ações no âmbito da escola e da formação de professores.

No caso da participação dos pesquisadores, Thiollent afirma que estes,

[...] desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja do tipo participativo. Os problemas de aceitação dos pesquisadores no meio pesquisado têm que ser resolvidos no decurso da pesquisa. (THIOLLENT, 2009, p 17).

Diante destas condições metodológicas, todo o processo de trabalho coletivo exige-se que todas as ações devem ser construídas, refletidas e executadas por meio de objetivos, intenções e demandas de tarefas entre pesquisadores e os demais sujeitos do campo. Cada ação propõe um olhar crítico de avaliação, sobre a ação e, conseqüentemente, constantes processos de avaliação de cada ação realizada por todos os participantes. Para se pensar qualquer a ação significa, antes de tudo, refletir sobre a escola em sua totalidade. Não se trata de levantamento de dados e de relatórios a serem produzidos e posteriormente

arquivados, mas de realizar um movimento de ação constante sobre a realidade priorizando aquilo que o campo nos coloca enquanto necessidade a ser solucionada, problematizada e, mesmo, superada.

1.4.2. O PIBID como espaço de trabalho coletivo

Ao visualizar a realidade em sua totalidade e reconhecer sua dinamicidade constitui a mais importante conduta dos participantes no trabalho coletivo, enquanto os demais instrumentos/ferramentas são criados para interagir e relacionar com a realidade no sentido de compreendê-la para modificá-la. Trata-se de um modelo que busca articular as diferentes partes apropriadas do real com a intencionalidade de captar as necessidades, demonstrar a possibilidade de olhar a realidade sobre a prática pedagógica de outra maneira e, objetivamente, agir sobre esta no sentido de mudanças. A própria relação teoria e prática deve ser compreendida como polo de uma mesma unidade metodológica na teorização, planejamento e ação sobre a realidade da escola e as contradições sociais impostas à escola e a forma como a escola a ela se submete, se transformando em processos superiores mais complexos de produção do conhecimento sobre esta realidade.

Diante desta perspectiva, o trabalho coletivo se transforma num dos mecanismos mais próximo da ação transformadora, pois:

Este tipo de intervenção pedagógica no fundo visa explicitar/reverter às práticas professorais fragilizadas, alienada e desinteressante para os protagonistas do processo educativo (professor-aluno) dando margem à existência de valores modificados e positivos sobre educação e sociedade (DAVID *et all*, 2011, p.2).

Na perspectiva do agir coletivo desenvolvido pelo PIBID, ressalte-se que as ações políticas e as decisões pedagógicas são construídas e refletidas por todos os participantes no sentido de qualificar o olhar e o caminho a ser percorrido. No processo de formação, mediada por processos de teorização e ação o contato com a realidade educacional e as suas necessidades de mudanças se objetivam mais para os participantes e isto significa estabelecer alterações significativas na forma como se dá a formação de professores e o tipo de ação pedagógica sobre o universo escolar. O eixo do trabalho coletivo, mediado pela pesquisa-ação, ocorre por meio de processo de diversas e sucessivas tematizações, estudos e diálogos com os sujeitos envolvidos no processo.

Tendo como base o processo de problematização, diagnóstico, análise e sistematização dos dados, privilegiado os instrumentos de observação, o processamento das informações e a experimentação, mediados pelo processo dialógico dos participantes, torna-se efetivo as estratégias do trabalho coletivo (DAVID *et all*, 2011), desenvolvido em duas escolas¹ da Rede Municipal de Ensino (RME) de Goiânia.

As ações desenvolvidas pelo coletivo de acadêmicos foram planejadas com vistas a construir uma efetiva aproximação com a realidade da escola, dentre as quais, se destacam: A) *O Projeto Político-Pedagógico das Escolas e Seus Anúncios*, que objetivou analisar o PPP das escolas e identificar suas materialização e determinantes no processo de elaboração; B) *Gestão Democrática na Escola*, que objetivou compreender os pontos positivos e negativos, além de avaliar a participação da comunidade escolar, na gestão vigente; C) *Os Ex-Alunos Voltam à Cena Escolar*, que objetivou levantar informações sobre a passagem dos ex-alunos na escola e suas impressões de aspectos gerais e específicos da escola; D) *Dando Voz aos Funcionários da Escola*, que objetivou levantar depoimentos de funcionários mais antigos das escolas que pudessem identificar suas participações nas ações das escolas; E) *A Escola e a Comunidade - sob os Olhares dos Alunos*, que objetivou levar os alunos produzirem imagens através de fotografias acerca daquilo que eles mais gostam, ou que não gostam na escola e na comunidade; F) *Pintando a Minha Escola Querida*, que objetivou estudar desenhos e pinturas de alunos da pré-escola acerca da vida na escola; G) *A Comunidade com Voz*, que objetivou tornar públicas as ações da escola com intuito de ouvir o que a comunidade tem a dizer acerca da escola, sugestões e críticas; e por fim, as duas últimas atividades que estão sendo o mote para o desenvolvimento deste trabalho: H) *Memórias da Escola e da Minha Vida Docente*, que objetivou construir informações a partir da história relatada segundo a memória dos docentes da escola em que trabalharam; e I) *A Educação Física e a Docência na Escola*, que objetivou levantar depoimentos que nos dessem aspectos do trabalho educativo desenvolvido pelos docentes e suas alegrias/tristezas relacionados às suas práxis, também através de suas histórias/memórias.

¹ Para fins metodológicos, neste estudo serão chamadas de Escola A e Escola B.

1.4.3. A forma de Diálogo estabelecido com os Professores das escolas campo.

O diálogo foi a principal forma de relação e de relevância na construção do trabalho coletivo de bolsistas e os professores das escolas envolvidas. A própria pesquisa-ação exige este tipo de comportamento entre os participantes durante todo o processo de envolvimento e trabalho. Cabe, porém, ressaltar, que o diálogo em pesquisa não se trata de um mero “bate-papo” ou uma conversa informal, mas de uma postura intencional compartilhada com os sujeitos que participam das atividades e que tenham vínculos com a vida da escola na construção do olhar sobre o passado, as coisas do presente, e aspirações para o futuro docente/profissional e a escola.

Nesta atividade do grupo se buscou desenvolver um diálogo com os professores com a perspectiva de articular seus resultados e experiências com as demais atividades no sentido de cooperar com os participantes na compreensão da escola dentro de uma visão de totalidade do processo educacional. Além de levantar dados com os professores da escola para se pensar a realidade, a ideia principal foi de ampliar o universo de questões problematizadoras para as reflexões com todos os participantes da pesquisa-ação. A escolha dos professores antigos e os atuais da educação física e, também, de outras disciplinas, pois a ação pedagógica da escola se dá em sentido amplo e coletivo, e a imagem que se tem da escola envolvem todos os professores na execução de funções pedagógicas no ensino e na aprendizagem dos alunos e, devido à importância que possuem estes sujeitos quanto ao papel que ocupam na escola e na sociedade. E educação física não está isolada do contexto da escola e nem dos demais professores ali presentes.

O trabalho de levantamento de informações, mediado pelo diálogo, embora tenha um cunho memorativo, não pressupõe encarar a memória pela simples memória, mas olhar a memória e pensar sobre ela segundo uma visão crítica e reflexiva quanto aos seus aspectos mais importantes hoje na escola e ao seu futuro. Portanto não falamos de estudo de história e nem mesmo de memória em seu sentido tradicional ou inovador, mas de uma história pensada pelos e sobre os sujeitos dentro de uma realidade dinâmica e contraditória da escola e da educação no tempo presente. Em síntese, a ideia de se voltar ao passado dos professores foi de extrair suas experiências, dar a eles uma oportunidade de avaliar ao presente onde vivem a sua vida e de oportunizá-los a sonhar projetivamente para o futuro da escola e do trabalho do

professor. Enfim, estabelecer um diálogo agradável acerca da vida docente e seus conflitos como lógica de aproximação do real para se pensar as necessidades e possibilidades de mudanças.

Para Vasconcelos (2003) o resgate da história de vida permite que sejam feitos voos amplos, articulando a história e a biografia e encaminhando os pensamentos a uma dimensão que seja perceptível de articulação entre o individual e o social. Portanto, passa-se a entender o futuro não como uma fatalidade, mas como resultado de ações/decisões que muitas vezes passam despercebidas nas histórias de vidas dos professores. Ver o presente a partir do passado nos possibilita encarar a realidade com múltiplas faces, entender descaminhos e caminhos que percorremos e nem mesmo os conhecemos.

O desafio que é colocado para a escola é, segundo Kramer e Souza (1996, p.53) “descobrir-se parte da vida [dos professores] e de buscar nesta vida o que dela foi negado, reinventar o sentido, desafio que se coloca também para a própria humanidade”. É preciso não perder a vida nos anos que passam, e no processo de estrangulamento social que nem mesmo percebe a passagem de um sujeito e suas ações relevantes para o campo escolar. Deixar rastros é necessário, como afirma Kramer e Souza (1996).

Dialogar com professores é trilhar caminhos que nos levarão a compreender nossa própria realidade. Dialogar com os docentes, tentando encontrar pistas para a compreensão da realidade, significa garantir que os pesquisadores se insiram no mundo real da prática dos professores na condição de sujeitos ativos no processo de aprendizagem recíproca. O coletivo de pesquisadores ao olhar para além dos muros da escola passa a compreender que boa parte dos professores desconsiderados do processo de participação do sistema educacional, das decisões e das ações, são exatamente eles que poderão promover mudanças. A escola é o mote de encontro de sujeitos que possuem diferenças, que têm suas particularidades, mas que ainda, possuem semelhanças em um universo escolar capaz de transformações.

Por isso, a importância de conhecer a realidade da escola e, dela, retirar as sínteses e análises para que se possa contribuir com relevantes informações para o atual processo de ensino. É necessário tomar a realidade a partir daqueles que ajudaram e ajudam ainda hoje a produzir a escola e somente com o diálogo construtivo e com um olhar diferenciado e crítico é possível indicar e compartilhar caminhos de mudanças da realidade.

1.4.4. A Sistematização dos Dados

A tarefa de levantar dados acerca da vida docente nas Escolas A e B foram desenvolvidas no PIBID através de entrevistas semi-estruturadas e reuniões de problematização reflexiva, análises e qualificação temática. Questões que direcionaram o diálogo entre os professores e os pesquisadores acerca de suas vidas docentes, suas expectativas presentes e futuras foram pensadas a partir da necessidade de compreender a realidade para além da observação e convivência, mas com direcionamentos e intencionalidade do que foi sua vida na escola, na sala de aula e quais os caminhos que os professores percorreram antes mesmo de escolherem a profissão.

Neste tipo de metodologia de estudos o processamento quantitativo de dados se mostra insuficiente para que se compreenda a complexidade da escola e, mesmo, os significados das falas dos professores. Para se obter uma sistematização adequada é recomendável que se desenvolva uma ação argumentativa capaz de dar suporte aos participantes-pesquisadores para o processo de reflexão, decisão e proposições quanto ao sentido e relevância social aos dados. Em outras palavras, a organização quantitativa dos dados realizada no estudo visou subsidiar as análises qualitativas do responsável pela tarefa no trabalho coletivo/PIBID, como, também, para abrir ao conjunto de professores das escolas uma reflexão dos resultados encontrados e sistematizados.

A escolha dos professores entrevistados se deu a partir do tempo de atuação no campo escolar. Ressalte-se que apesar de inicialmente a organização da pesquisa ter sido encaminhada para esta forma quantitativa de escolha, a quantidade de sujeitos foi tratada a partir da busca de conteúdos significativos de suas falas sobre suas experiências e relações estabelecidas no trabalho escolar. Essa forma de sistematização tem o objetivo de gerar um produto teórico, uma temática reflexiva, elementos problematizadores para o debate coletivo acerca da compreensão da totalidade da escola, seguindo, assim, o roteiro básico da pesquisa-ação. Ao todo foram realizados diálogos com oito professores da RME de Goiânia, de outras disciplinas (pedagogia, letras e filosofia), e também foram realizados diálogos com sete professores de educação física, sendo estes escolhidos pelo maior tempo de atuação na docência nas escolas A e B e/ou que já estivessem aposentados.

CAPÍTULO 2

DIALOGANDO COM A REALIDADE

6.1. A DOCÊNCIA SOB O COMANDO DAS MULHERES

Para alcançar esta meta do estudo e oferecer as explicações da realidade encontrada, este capítulo concentra uma de suas pautas em abordar um assunto de extrema importância histórica e que também esteve muito presente nesta investigação que é o processo de feminização do magistério.

Michael Apple afirma que desde o século anterior a docência tem se tornado uma profissão predominantemente feminina, por conseguinte todo o discurso pedagógico presente nas instituições de ensino traz a ideia de aproximação das relações familiares para dentro da escola. Vejamos o que diz o autor sobre essa situação:

O magistério se tornou feminino, em parte porque os homens a abandonaram. Para muitos homens o “custo de oportunidade” era muito alto para permanecerem no magistério [...]. Todas essas mudanças tornaram o magistério menos atraente para os homens. Enquanto o magistério era uma ocupação relativamente casual que podia tomar períodos curtos de tempo, atraiu homens numa variedade de circunstâncias. Um agricultor podia facilmente conciliar o magistério no inverno e os cuidados com sua propriedade no resto do ano. [...] Frente a essas condições de mercado, a administração educacional voltou-se cada vez mais para as mulheres. Em parte isso foi resultado de luta das próprias mulheres que, em número crescente ganhavam mais e mais batalhas por ter acesso tanto à educação quanto ao trabalho fora de casa. Mas em parte, isso foi resultado do capitalismo também. As mulheres continuavam a ser recrutadas para as usinas e fábricas. (APPLE, 1988, p. 18)

Todo esse processo aponta as condições sociais que as mulheres se encontravam. Mais adiante, o autor afirma que essa luta feminina para modificar as relações de mercado de trabalho que lhes eram impostas trouxe ainda à tona questões referentes ao relacionamento de trabalho e casa. Os argumentos utilizados para possibilitar a entrada feminina ao magistério esclareceu o mote ideológico que estava por trás disso. Principalmente no que se refere ao controle patriarcal. Os argumentos que eram utilizados para trazer as mulheres para o universo do magistério caminhavam na direção de apontar que estas, não somente eram ideais

para cuidar de crianças pequenas, mas também que a atividade do magistério se tornara então ideal para a preparação destas, à maternidade (APPLE, 1988).

Em contraponto, Louro (1997) afirma que ainda que as mulheres sejam agentes educativos dentro do universo escolar, elas têm ocupado um espaço marcadamente masculino, pois, historicamente, as diversas disciplinas das quais a escola se constitui foram pensadas por homens. A autora situa a ideia do papel masculino no processo educativo escolar dos tempos modernos, que ao reverso do mestre medieval, o mestre moderno se torna um “especialista em infância”, e é cuidadosamente preparado para exercer o seu papel. É este sempre homem e religioso que constrói a primeira representação com magistério, a partir do ofício de ensinar.

Também no Brasil, segundo Louro (1997), a escola, ou a instituição escolar é primeiramente masculina e religiosa. A educação, portanto, constitui em seus conteúdos de condutas, modos e educação do corpo, além de educação moral, a formação do católico exemplar. E esse modelo, segundo a autora, permanece no Brasil durante muito tempo, mesmo após ser retirado tal modelo oficialmente ao final do século XVIII.

O primeiro passo, para que as mulheres adentrassem ao plano escolar, partiu, segundo Louro (1997) da necessidade e postura política que exigiu que o conhecimento da escola partisse de um plano até então privado, para um plano público. Isso, portanto, pressupõe que tal conhecimento deixasse de ser potencialmente detido somente pelos homens, donos do poder, passando a ser a luta feminina uma disputa pelo poder também, pois até o fim do século XIX dois terços ainda eram analfabetas (ALMEIDA, 1996). Até então alheias ao processo histórico-político e, mantidas sob a tutela das atividades domésticas, as mulheres passaram a ter maior visibilidade.

A autora ainda constrói um caminho que nos oferece a possibilidade de pensarmos de que forma ocorreu a progressão para então podermos enquadrar o universo escolar, como predominantemente feminino, no que se refere às primeiras séries do Ensino Fundamental. Ainda que pensemos que tal processo se desencadeou de forma rápida, não aconteceu assim, pois a escola, até pouco tempo, que havia sido território apenas masculino passa então a ser um espaço para ambos os sexos, mas com atividades definidas a partir das condições de gênero. Passa-se a ter a seguinte divisão: mulheres educam meninas e homens educam meninos (LOURO, 1997).

Neste contexto, segundo Louro (1997), as professoras deveriam assumir em sala de aula o papel de mães de seus alunos, podendo oferecer-lhes amor, carinho, afetividade em geral. Por isso a professora das séries iniciais passa a ter uma relação de parentesco com seus alunos, e por isso mesmo, surgindo nesta relação a nominativa de “tia” às professoras, e muito utilizada até hoje. Não adentraremos nesta discussão, no entanto, é bom lembrarmos que além deste ter se encaminhado como um processo de feminização do magistério nas séries iniciais, também passa a se caracterizar como uma forma de desvalorização da mulher na docência e também a mistura das representações dos sujeitos na educação da criança. No entanto é bom lembrar que

O ser professora não aparece na vida das professoras de forma naturalizada. Desmistificar o discurso de que para ser professor é preciso nascer com um “dom”, “ter vocação”, é um importante ponto de partida para percebermos o quão complexa é esta profissão, os caminhos que envolvem a opção inicial, ou não pelo magistério e identificação com a profissão. (JESUS, 2003, p. 24)

A partir disso, vale ressaltar que esta feminização do magistério não está ainda como um processo superado, mas continua a vigorar nas escolas-campo do PIBID. Identifica-se a presença em massa da mulher no universo escolar, no que se refere às séries iniciais. Todos os professores de series iniciais eram do sexo feminino, exceto os dois professores de educação física², e ainda, destas, apenas duas não fizeram o Magistério, o antigo Normal. E das que fizeram, é nítido na fala de pelo menos uma delas a associação da atividade do magistério a uma atividade feminina, além disso, percebe-se a influência da família na escolha da profissão de muitas delas. Observe-se abaixo na fala da professora Marisa³:

Essa ideia surgiu mais pela nossa educação mesmo. Nossos pais queriam que a gente fizesse o antigo magistério, o normal, né? Para que a gente pudesse ter uma profissão de meio período e tratar dos filhos depois. Cuidar dos filhos em outro período. Então a ideia sempre foi essa! Tanto que minha família de sete mulheres, todas professoras, sabe? (Professora Marisa).

É importante ressaltar que as escolas Normais tiveram ampla expansão em nosso país a partir do século XIX, e que esta esteve no bojo das discussões referentes à Proclamação da Lei do Ventre Livre em 1871, com o discurso de preocupação com as crianças nascidas escravas e com o grande número de mulheres analfabetas, mas somente no ano de 1870 é

² Hoje esta realidade já modificou sendo todos os professores de educação física do sexo feminino tanto da escola A, como da escola B.

³ Todos os nomes aqui citados são nomes fictícios para resguardar a identidade dos professores entrevistados.

possível identificar o início de uma rejeição dos castigos corporais como prática disciplinar, não deixando de serem praticadas, mas deixando de serem recomendadas como recurso pedagógico (VICENTINI & LUGLI, 2009). A Professora Ester relata em sua entrevista os traumas que a mesma sofreu devido às constantes punições que recebia de sua professora, o que será discutido mais adiante.

Este processo de influência da família, como se pôde observar acima, na fala da professora Marisa, na escolha da profissão e dos atributos femininos de cuidados do lar surgiu nos diálogos de mais quatro docentes. Vários outros motivos foram apresentados, pelas professoras representando uma modificação gradativa nas razões pelas quais as professoras aderem à docência como opção profissional. A necessidade de uma profissão que pudesse garantir mercado de trabalho surge como justificativa para a adesão ao campo docente. Em síntese, no entanto, pode-se observar que a escolha profissional nos casos apresentados, revela um processo ainda real da feminização docente, ainda que envolta de justificativas diferenciadas.

No próximo tópico, serão analisados em específico os principais fatores que determinaram do processo de escolha pela docência delineando caminhos que serão capazes de traçar pistas sobre a satisfação ou não da escolha do ser docente. Para isso, traremos autores como Demerval Saviani, Paulo Freire e Miguel Arroyo para sustentar teoricamente os caminhos percorridos pelos docentes para a escolha da profissão.

6.2. A ESCOLHA PELA PROFISSÃO

Para Saviani (1989) a escola é uma instituição de grande importância na sociedade contemporânea, mas é preciso entender que,

A escola é determinada socialmente; a sociedade em que vivemos, fundada no modo de produção capitalista, é dividida em classes com interesses opostos; portanto a escola sofre a determinação do conflito de interesses que caracteriza a sociedade. Considerando-se que a classe dominante não tem interesse na transformação da escola segue-se uma teoria crítica que só poderá ser formulada do ponto de vista dos interesses dominados (SAVIANI, 1989, p.41).

A escola como se vê, é uma instituição pública, histórica e socialmente determinada. No capitalismo, este espaço institucional é construído de acordo com os interesses das classes dominantes ou a partir dos conhecimentos considerados válidos pela classe dominante. Por isso mesmo, esta instituição abriga em si a luta de classes e interesses contraditórios. Enfim, além de ser um espaço institucional que se constitui de intencionalidades pedagógicas, isto ocorre por meio da atividade profissional intencional que se desenvolve por parte dos professores no ambiente escolar.

A escolha pela docência tem uma relação direta com a escola, com o lugar que se ocupa na sociedade, as relações interpessoais, a família e com a classe social que faz parte, portanto pertence a uma construção histórico-social. Os processos históricos relatado anteriormente nos ajuda a entender o porquê das mulheres, em particular, terem optado por sua carreira de professora, pois foram “obrigadas” a escolher a docência para facilitar a realização das atividades maternas, esposa e do lugar reservado a elas na estrutura social.

A partir da literatura educacional, pode-se constatar que tenha havido mudanças quanto à presença masculina na educação e isso decorre do nível de escolarização e da especialidade do conhecimento dentro do universo escolar e, o exemplo disto, pode ser constatado nos professores de educação física que relataram, em sua maioria, que a razão para a escolha pela docência, teve ligação direta ao esporte. A escolha pela docência teve pouca ligação com a docência em si. Essa escolha, em alguns casos foi influenciada por familiares já envolvidos na educação; pela vontade de uma profissão que lhes oferecesse maior contato com pessoas e, também, a partir da assimilação do curso durante a formação, como pode se observar na fala da professora Carol:

Então minha ideia era outra quando eu entrei no curso de educação física. Mas aí lá dentro depois de passar por algumas disciplinas e principalmente de trabalhar em alguns projetos de pesquisa em que nós nos inseríamos diretamente no campo da escola, foi um momento muito importante para descobrir e organizar essa orientação quanto à minha profissionalização. (Professora Carol)

A ligação ao esporte que acontece na fala de quase todos os professores entrevistados nos chama a atenção por ser um fator que perdura até hoje nos cursos de licenciatura em educação física. Grande parte dos acadêmicos entra nos cursos de Licenciaturas pretendendo com suas formações atuar numa preparação técnica junto ao campo desportivo. É interessante a fala do professor João que, quando questionado sobre a escolha

da profissão diz: “Por gostar de esporte, mais ligado ao esporte do que a ser professor”. Em outros momentos de sua entrevista percebemos o posicionamento do quanto é contrário à docência, apesar de estar exercendo-a.

O descaso com a escolha e a reflexão sobre a profissão a ser exercida, é um fator de extrema importância para a práxis desses docentes, no entanto vemos que este é um problema que não diz respeito apenas ao seu trabalho docente, mas a uma crise de identidade docente, que irá diretamente refletir na prática pedagógica do professor, o que segundo Noal (2003, p. 25) “o professor encontra-se perdido, sem clareza de seu papel na sociedade hoje, sem clareza de sua função social e, portanto desvalorizado perante a sociedade”. Causa esta que também é reflexo de uma formação frágil, de perspectivas frustradas e de desinteresse na/pela educação, uma vez que esta nunca tenha sido o foco da maioria dos docentes.

Cabe destacar que nenhum dos professores de educação física escolheu ser professor pela docência⁴, mas sim pela ligação/associação que os mesmos faziam ao esporte, quanto a isto, percebe-se que o objeto de trabalho está deslocado do lugar do trabalho, e pode-se aventar que a escola tenha sido encarada como um lugar de práticas dirigidas para o resultado esportivo, descaracterizando a área e reduzindo-a a um único conteúdo. Além de várias consequências, existe o próprio estranhamento do professor com o seu ambiente de trabalho com consequências significativas para sua vida singular e coletiva dentro da educação. Importa também evidenciar o relato de uma professora, que admitiu mudanças no processo de formação a favor da docência, deixando claro que os processos formativos podem mudar os interesses e própria prática docente no âmbito da educação.

É importante pensar como a totalidade e singularidade na escola e na educação se traduz num princípio importante para assegurar a unidade teoria e prática e/ou trabalho e vida. Neste sentido, percebe-se que a superação entre totalidade e singularidade, trabalho e vida, ainda não está superado para a maioria dos professores, pois os discursos para a escolha profissional estão marcados por desencantamentos e, algumas vezes, decepções quanto à

⁴ Talvez os professores entrevistados, pelo costume comum de ver a educação física apenas como uma tarefa de professor, tanto na escola como nos demais espaços (clubes, academias...), situação diferente dos demais professores quanto a outra atividade profissional, não percebam que optaram por um desdobramento da função dentro da mesma profissão. É comum observar jogadores futebol, voleibol, handebol, entre outros, chamarem seus técnicos de professores.

atividade educacional e escolar. Como se o trabalho educativo tivesse realmente surgido em suas vidas somente e exclusivamente como meio de sobrevivência e não de trabalho criativo e formativo. O que estes professores desconhecem é de que suas escolhas iniciais são mediadas por suas histórias de vidas. Que o caminho que percorreram até a decisão/opção de serem professores está totalmente ligado ao que viveram, gostaram ou não gostaram em suas vidas pessoais/familiares e até mesmo suas lembranças escolares, e esta lembrança escolar se constitui como parâmetro de escola que acreditam.

Observe-se o que Arroyo (2000, p. 15) fala acerca de tais questões:

Manifestei o tempo todo, minha curiosidade pela história em que estamos envolvidos, pelos convívios sociais e culturais, pelos embates e lutas que nos marcam, que nos oferecem os materiais, as cores com que estamos reinventando nosso ofício de mestre. As transgressões políticas. [...] Apontei de maneira dispersa, mas enfática que o mestre que somos, o pedagogo educador que aflora em nós, reflete o rosto, o percurso ou sem-percurso da infância que acompanhamos (ARROYO, 2000, p. 15).

Poucos são aqueles que se questionam durante a escolha da profissão docente sobre o que significa a escola para si e para a sociedade. Poucos são os que pensam, ou que trazem consigo questionamentos durante as suas formações iniciais “para onde vou”? Que querem compreender a escola e tentar realizar um trabalho que esteja longe da coisificação imposta pelo sistema de produção capitalista, que esteja longe de um trabalho alienado.

Como se vê, os professores constroem seus discursos a partir das suas experiências, relatam suas compreensões acerca do significado da escola a partir daquilo que vivenciaram antes de suas formações iniciais. Outros ainda relatam suas decepções com a escola sem ao menos compreender o seu significado. Apontam aspectos negativos vividos em suas épocas escolares e também aspectos positivos. Uma das entrevistadas, a professora Luana, afirma que sua escolha pela docência se deu de forma bastante complexa, porque nunca optara pela docência em sua vida, mas por falta de opção e porque a Universidade Federal de Goiás, na qual gostaria de estudar, não tinha ainda em sua listagem de cursos, aquele que ela gostaria de fazer, obrigando-a, então a optar por fazer pedagogia. Vasconcelos (2003, p. 25) afirma que a sentença “não foi por opção que me fiz professora, foi, justamente por falta de opção”, é algo comum nos cursos de licenciatura, e os professores em sua maioria são aqueles que por falta de oportunidades melhores não optaram por cursos socialmente mais reconhecidos.

Segundo uma visão predominante na sociedade, a tentativa de fuga desta professora, reflete a desqualificação da cultura dos professores e alunos, uma vez que tanto um quanto o outro pertence em sua maioria à classe popular. Quem viveu a maior parte de seus anos em uma escola, dificilmente poderá conseguir sedimentar sua vida daquilo vivido, pois a escola transforma-se uma só com sua vida (VASCONCELOS, 2003), porém quando lidamos com sujeitos que além de passarem maior parte de seu tempo/vida em uma escola, decidem transformar seu ambiente de trabalho também em uma escola partimos para um processo de reconhecimento que deveria ser intensificado. O professor que até antes de sua formação inicial, somente conhecia a escola como instituição de relações, de aprendizado, de convívios, começa a confundir-se dentro do processo educativo e ver sua vida intrinsecamente ligada ao ambiente escolar, mesmo após sua formação e início docente.

As experiências vividas ali no ambiente da escola enquanto alunos, de alguma forma orientaram suas práticas docentes, segundo afirma Arroyo (2000). Tais experiências também ditaram de alguma forma a escolha pela docência de pelo menos uma professora, como podemos ver em sua fala: “Eu quero ser uma professora diferente, diferente de tudo o que vivi como aluna” (Professora Ester). Embora este estudo não tenha aprofundado na observação da prática dessas professoras entrevistadas, muito provavelmente haverá uma constante ligação com a sua vivência, enquanto aluno e sua experiência, enquanto docente tentando modificar aquilo que ela traz em sua memória/história ou manter aquilo que viveu como meio de saudosismo.

Diante das problemáticas apresentadas, que podem ser aprofundadas em novos estudos, levantamos alguns questionamentos: Porque diante de tantas decepções, desencantamentos, desvalorização profissional e social os sujeitos querem ser docentes? Quais os motivos que levam os docentes a se manterem na profissão? Porque continuar em um trabalho que se opõe aos ideais da docência?

6.2.1. Objetivos e Ideais Docentes

A docência significa uma atividade que se manifesta por meio do trabalho, que se realiza numa determinada instituição, num determinado lugar social e que se estrutura por meios de objetivos para atender uma determinada finalidade educacional e social. Nesse

sentido a prática do professor precisa estar em ressonância com esta estrutura e com o lugar onde se desenvolve a ação pedagógica e com a finalidade social da educação junto aos seus alunos.

Para Paulo Freire (1996) a prática deve ser compreendida pelo docente quanto ao papel que desempenhará na escola, quanto ao fazer e ao ser para os alunos e para si mesmo, com intuito de refletir criticamente sobre esta prática e saber que

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea, ou “quase” espontânea, desarmada, indiscutivelmente produz, é um saber ingênuo, um saber de experiência feito a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito (FREIRE, 1996, p. 18).

Fragmentar a prática docente da atividade/função que o docente deve desenvolver no ambiente escolar desconsidera a relevância e papel social da instituição escolar. Os aspectos citados pelos professores foram relacionados em sua maioria com aquilo que visualizam na escola. Os professores têm dificuldade de compreender a escola a qual estão inseridos, na qual passam maior parte de seu dia e, portanto têm dificuldade de entender e responder também seus objetivos de serem professores de uma escola pública.

O que pressupõe a tarefa de ser docente? Os discursos surgiram engendrados por uma face na tentativa de corresponder teoricamente ao questionamento feito, sem tentar refletir sobre a realidade em si, aquilo que é, e não aquilo que deveria ser. Ideais que muitas vezes nunca se materializaram. Para Arroyo (2000, p. 66) a tarefa docente consiste em:

(...) revelar as leis da natureza, a produção do espaço, da vida, ensinar matérias... Mas, sobretudo revelar-nos às novas gerações, revelar a humanidade, a cultura, os significados que aprendemos e que vêm sendo aprendidos na história do desenvolvimento cultural.

Dar sentido aquilo que foi vivido pelos professores e entender o que está sendo vivido pelos alunos se constitui em um saber que poderá ser de extrema importância curricular e também para direcionar as práticas docentes. Os objetivos aos quais os docentes possuem pouca clareza, se tornarão claros e fáceis de praticar se dado a devida importância às histórias construídas por outros e por eles mesmos, como sujeitos da história.

Duas professoras parecem se mostrar perdidas dentro de suas funções/obrigações/objetivos/ideais escolares, pois traçam, em seus diálogos, uma verdadeira

confusão quanto ao diferencial existente entre a escola pública e a escola privada e seus objetivos enquanto docentes:

Bom, mérito como professor. Tanto na escola pública como na particular, porque eu já trabalhei 12 anos na escola particular. É um só! É me dedicar ao meu trabalho. É o que eu gosto. Eu faço o que eu gosto né? [...] (Professora Ana)

Não, na verdade assim, é... A diferença entre uma coisa e outra, é a postura da clientela, sabe? Dos alunos que você tem, e da família desses alunos. O aluno em si até que não difere não, mas é a própria família que põe o aluno na escola particular e a família que põe o aluno na escola pública, a maneira como eles lidam com isso. Tanto pelo lado positivo, quanto pelo lado negativo. (Professora Maria)

Vejamos que a intenção destas docentes foi de tentar igualar os dois sistemas de ensino e unificar suas funções, levando a pensar que também unificam seus objetivos e seus métodos pedagógicos. Não distinguem que a escola pública e mesmo os seus professores são constantemente desvalorizados e desrespeitados por parte do Estado e que esta escola ou sistema está longe de ser universal ou aquilo que realmente deveria ser para a sociedade, mantendo-se na lógica competitiva e excludentes dos “menos aptos”, filhos dos trabalhadores e marginalizados da sociedade em geral. A tarefa de ensinar se constitui imensamente complexa, mas ao mesmo tempo prazerosa, quando há compreensão por parte dos professores do que isto implica.

Paulo Freire (1996, p. 21) afirma que

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção, ou a sua construção. Quando entro numa sala de aula, devo estar sendo um ser aberto à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 1996, p. 21).

Outra problemática já identificada no estudo está em reconhecer os alunos/educandos como clientes. Esta característica empresarial não foi banida do universo escolar e muitos ainda compreendem que os alunos são meros destinatários (ARROYO, 2011) ou partem da visão de ensino bancário (FREIRE, 1987). Como se os alunos não tivessem suas histórias de vida, nem mesmo os próprios professores que adotam tal posição. Apenas dois professores citaram a formação humana, ou formação do sujeito crítico, todos os outros professores construíram seus discursos longe daquilo que é real na educação/sociedade.

6.2.2. A Finalidade da Educação Física na Escola

Na obra dedicada à metodologia do ensino da educação física construída por um Coletivo de Autores, a educação física cabe,

[...] desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como forma de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 38) [...] o estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 62).

A educação física historicamente vem construindo o seu objeto de conhecimento fundado na aptidão física do homem e sua prática pedagógica e social tradicionalmente dirigida para os interesses da classe burguesa, embora sob o discurso amplo de formar o homem forte, biológico, voltado para qualidade de vida. Contrariamente a esta posição o Coletivo de Autores (1992) apresenta uma organização da educação física baseada em uma concepção de educação crítica e que seja capaz de refletir e intervir nas questões de ordem social no sentido crítico-transformador. Assim, o conhecimento da educação física deve ser encarado como conteúdo e instrumento pedagógico e social no sentido de formar a consciência dos alunos, por meio da cultura corporal - como linguagem, num processo de efetiva participação destes.

Neste estudo, os discursos dos professores sobre a finalidade da educação física na escola demonstram que os mesmos possuem pouco conhecimento, e que se apresenta confuso, acerca das suas vidas/trabalho e baixo nível de qualificação/preparação para o desenvolvimento da atividade docente.

Nas falas sobre os conhecimentos a serem ensinados se observa certo mascaramento quando apontam a cultura corporal como linguagem a ser desenvolvida pelos alunos e que a finalidade da educação física na escola está diretamente relacionada à melhoria das condições de vida dos alunos, à formação para cidadania e também à alegria na escola. Ampliar conhecimentos acerca da cultura corporal, visando angariar meios para diminuição da desigualdade social foi citado como finalidade do ensino também. No entanto, há falta de clareza quando a real finalidade do ensino da educação física na escola, como o ensino deve acontecer, quais características deve ter, e, parece que não sabem realmente qual tem sido o produto final deste trabalho junto aos alunos.

A forma de pensar a finalidade da educação física voltada para a formação do cidadão nos remete a pensar que

Escolarizar todos os homens era condição de converter os servos em cidadãos, era condição que estes cidadãos participassem do processo político, e participando do processo político eles consolidariam a ordem democrática, democracia burguesa, é obvio, mas o papel político da escola estava aí muito claro. A escola era proposta como condição para consolidação da ordem democrática (SAVIANI, 1989, p.50).

A “pedagogia da essência” (SAVIANI, 1989, p. 50), base sobre a qual o autor estrutura seu pensamento acima descrito, mostra como se deu a ascensão da burguesia à classe dominante e, com isso, passando a ser responsável por estruturar os sistemas de ensino. No entanto os interesses burgueses sempre foram contra a história relatada pelas massas, por isso, torna-se ilusão pensar que tal educação traria à tona a emancipação do sujeito.

O professor Matheus relata a formação dos alunos para intervenção. Mas, questiona-se: que intervenção? Será esse o meio mais eficaz e possível no ensino básico? A tentativa de trazer à tona a intervenção na realidade foi compreendida como um meio de sustentar o discurso crítico e também de dar sentido à prática desenvolvida pelo docente. Isto se torna algo lisonjeável e que merece reconhecimento.

O processo de ensino da educação física requer que os educadores tenham reconhecimento da situação social em que os educandos encontram-se, mas também devem buscar superar os limites impostos pelas classes. É primordial que o professor tenha em mente que intervir é preciso, mas faz-se necessário que ele mesmo tenha este conhecimento para que os alunos comecem a desenvolver um pensamento crítico. É o que afirma Paulo Freire: “Como professor, não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha” (FREIRE, 1996, p. 37).

Toda a discussão aqui levantada aponta para uma discussão maior acerca das características da atividade docente. É necessário compreendermos quais as características que os docentes possuem (e que descrevem) sobre suas atividades professorais e tentar identificá-las em seus discursos. Para isso o movimento de comparar as suas histórias, desde a escolha pela docência, àquilo que trazem em suas vivências, faz-se indispensável.

2.3. O PROCESSO PEDAGÓGICO DO TRABALHO DOCENTE

Marx (2004), afirma que o primeiro ato histórico para a existência humana se constituir é a produção de meios que possibilitem a satisfação de necessidades básicas para a sobrevivência. Essa produção da vida humana se dá através do trabalho, e este se constitui em dupla face: natural e social. A face natural está intimamente relacionada à necessidade primária de sobrevivência do homem e, portanto, não tem outra escolha senão ir atrás de sua sobrevivência. Já a face social, tem sua base também na mesma necessidade de sobrevivência, no entanto pressupõe que para que isso se concretize haverá necessidade de se estabelecer relações sociais com outros seres humanos. Por isso, a história humana/da humanidade, reflete tais relações coletivas/sociais indispensáveis para a sobrevivência humana (MARX, 2004).

O aumento da necessidade de sobrevivência e da população ocasiona diretamente a necessidade da divisão do trabalho e à medida que vão aumentando as divisões do trabalho, vão-se afluindo as contradições entre as relações sociais e as forças de trabalho. E isso, no decorrer da história pode ser percebido com bastante facilidade, como uma das primeiras e mais perceptíveis: a divisão do campo e da cidade (SAVIANI, 2007). Cabe aqui questionar onde se encontra o trabalho docente diante desse quadro de divisão social do trabalho?

Os professores, não possuem os meios de produção, apenas possuem a sua força de trabalho, que é vendida. Por isso, tendo em vista que a classe operária é aquela que vende a sua força de trabalho em troca de um salário, pode-se afirmar que os professores fazem parte dessa classe operária ou mesmo de uma categoria proletarizada geral.

Marx (2004) afirma que

Ao trabalhador pertence à parte mínima do produto; somente tanto quanto for necessário para ele existir, não como ser humano, mas como trabalhador, não para ele continuar reproduzindo a humanidade, mas sim a classe de escravos que é a dos trabalhadores (MARX, 2004, p. 28).

Portanto, tendo em mente a gênese do trabalho docente, e suas raízes materialistas, parte-se aqui para a compreensão das características desse trabalho. Não esquecendo que este trabalho como foi afirmado acima, tem duas faces: a natural e social. E mais especificamente o trabalho docente, além da sua face natural, possui também a sua face

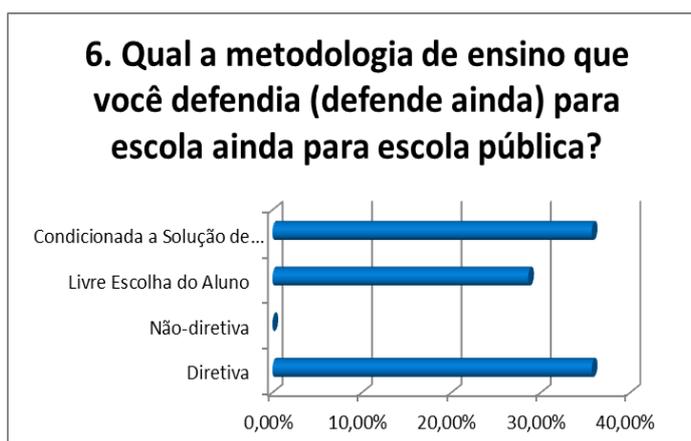
social – a mais importante desse trabalho - a ser desenvolvida em constantes relações interpessoais.

O homem o é através do trabalho, e para os alunos em processo de aprendizagem e de desenvolvimento de um trabalho intelectual, o é pelo aprendizado (SAVATER, 1998). Mas o aprendizado humanizador possui uma característica que o distingue que é a aprendizagem através de sua relação com o outro, com o docente. Esta relação vem rodeada de características que constituem o processo pedagógico.

O processo pedagógico trás em si diferentes características para materialização de suas ações (tempo pedagógico, planejamento, espaço, métodos, concepções, teorias, condições de trabalho, etc.) no processo educativo escolar.

2.3.1. A Metodologia

A metodologia do trabalho docente trazido pelos professores das disciplinas, em geral, apresentam algumas características importantes. Para visualizá-las vide o gráfico abaixo⁵:



A opção dirigida à solução de problemas, e à de natureza diretiva aparecem com maior frequência nos discursos dos docentes. A opção livre escolha do aluno surge com menor frequência. Apenas três professores não marcaram a opção diretiva e marcaram a

⁵ FONTE: dados retirados do roteiro de entrevistas dos professores das demais disciplinas (anexo 4).

opção livre escolha do aluno, sem exceção. No entanto, a professora Ana marca as duas opções: livre escolha do aluno e diretiva. Vejamos a sua fala:

Ah, eu acho... Sei lá! Que cada turma a gente trabalha de certa forma, né? Eu acho bem mais direta e a de livre escolha porque eu vou trabalhando o cotidiano da vida do aluno, né? A vivência que ele tem, né? Tem aluno que tem muito acesso a livros em casa, a filmes; e tem aquele aluno que não tem acesso a nada, então eu acho que a gente tem que trabalhar tudo isso. Tem que voltar o trabalho da gente pra tudo isso, né? Para conseguir um resultado, né? Um resultado satisfatório. (Professora Ana).

É de grande relevância observar-se o fato de docentes que optam por duas alternativas: livre escolha do aluno e condicionada à solução de problemas o que se constitui em fator determinante para seus trabalhos enquanto professores. Dos oito professores entrevistados, cinco responderam que a metodologia deve ser diretiva. Para Saviani,

Uma pedagogia articulada com os interesses populares valorizará, pois a escola; não será indiferente ao que ocorre em seu interior; estará empenhada em que as escolas funcionem bem; portanto, estará interessada em métodos de ensino eficazes. Tais métodos se situarão para além dos métodos tradicionais e novos, superando por incorporação as contribuições de uns e dos outros. Portanto serão métodos que estimularão a atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagens e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos (SAVIANI, 1989, p. 78, 79).

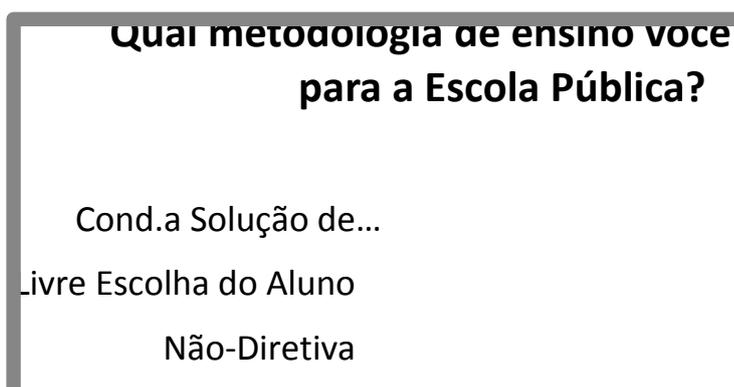
Um professor que opta por uma metodologia de ensino de livre escolha do aluno, não poderá materializar em sua prática concomitantemente uma metodologia diretiva. É possível identificar na fala acima descrita da professora Ana que a mesma apresenta uma não clarificação acerca do que realmente é sua prática metodológica. A professora reconhece aquilo que Saviani (1989, p. 78, 79) traz acima sobre as diferenças que cada aluno apresenta, e isso se constitui como fator positivo, sob um olhar progressista. No entanto, não pode acontecer uma confusão sobre a opção de uma metodologia de livre escolha do aluno e o reconhecimento da necessidade de se considerar os interesses dos alunos. Assim sendo, percebe-se que a professora Ana incorreu nesta má interpretação da metodologia escolhida, uma vez que a mesma aponta a necessidade de compreender a realidade do aluno, sem perder de vista a diretividade que o professor deve ter em seu dia-a-dia.

As metodologias: livre escolha do aluno e condicionada à solução de problemas, nos remete a duas pedagogias, são elas: escola nova e técnica, nas quais está ausente a

perspectiva historicizadora. “Falta-lhes a consciência dos condicionantes histórico-sociais da educação” (SAVIANI, 1989, p. 70). Portanto, se constituem acríticas, e Saviani as chama de “ingênuas e idealistas” por acreditarem que poderiam modificar a sociedade através da educação.

Estas características aqui trazidas acerca do coletivo de professores das demais disciplinas das escolas em questão mostram que estas realidades estão inseridas em um processo de desconhecimento do trabalho educativo. Não reconhecem seus trabalhos para apontar suas características metodológicas. A não marcação da opção não-diretiva, aponta para o fato de que os docentes tentaram se esquivar desta opção por acreditarem que suas práticas não caminhassem desta forma, no entanto, é perceptível que a não-diretividade está diretamente refletida quando da marcação da opção livre escolha do aluno.

Destaque-se aqui a diferença encontrada nestes dados até aqui apresentados e discutidos, com os dados dos professores de educação física das escolas A e B. Observe-se abaixo, a demonstração gráfica do resultado obtido a partir das entrevistas e as características que os professores de educação física trouxeram:



O que este gráfico das respostas trazidas pelos docentes aponta como característico da educação física desenvolvida nas escolas A e B? Apenas confirmam o que já pudemos identificar quanto à questão de número “um” do roteiro de entrevistas⁶ dos professores de educação física, que se refere à ideia inicial da busca pela docência. Os

⁶

Anexo 2

professores afirmaram em sua maioria que a sua busca pela educação física em especial teve mais ligação com o esporte do que com a ideia inicial em ser professor. Por quê?

Os professores em sua maioria, como se observa no gráfico acima, marcaram a opção condicionada à solução de problemas, em mais de 50% do total. E isto é nítido e compreensível na fala do professor João:

Porque você dá o problema pro aluno e ajuda ele a responder, e esse problema vai sendo construído junto com ele; quando ele consegue resolver o problema, você dá um problema mais complexo, pra ele poder ir crescendo aos poucos (Professor João).

O professor João desde o início da entrevista mostra sua posição contrária à docência e sua posição a favor do ensino sistemático dos esportes. É possível com isso identificar claramente que esta “não coincidência” que surge sobre a esportivização e a educação física voltada para o ensino dos esportes, pode ser identificada na metodologia condicionada à solução de problemas. Ou seja, identifica-se sua pedagogia com aquela que busca as competências técnicas para se afirmar na prática escolar. Percebe-se que os docentes estão pautando suas práticas a partir de uma pedagogia tecnicista. Para Saviani,

[...] essa pedagogia advoga a reordenação do processo educativo de maneira a torná-lo objetivo e operacional. [...] pretende-se a objetivação do trabalho pedagógico. [...] Aqui é o trabalhador que deve se adaptar ao processo de trabalho, já que este foi objetivado e organizado de forma parcelada (SAVIANI, 1989, p.23).

Esta é uma das características do trabalho docente destes professores de educação física que leva em consideração mais o acervo técnico esportivizado da área do que os conhecimentos culturais acerca do corpo construídos historicamente pela humanidade, resumindo, assim, a aprendizagem da técnica voltada para o seu aperfeiçoamento e performance. Além disso, pode-se identificar um processo de opressão do aluno, pois o processo de aperfeiçoamento técnico, que não respeita as diferenças individuais, poderá ser um meio de marginalização do aluno interessado em conhecer outros aspectos da cultura corporal. Os alunos neste processo são desrespeitados, pois deixa de levar em consideração suas capacidades de criação, de inovação e dos próprios conhecimentos históricos acerca da cultura na qual o mesmo se insere. Apenas são direcionados a uma instrução pré-programada e criada por meio do treino. Que formação estes alunos terão? Em que esta metodologia contribui para o desenvolvimento da linguagem corporal? O ensino visa apenas formar alunos para se transformarem em peças da engrenagem produtiva?

Para Paulo Freire a educação acrílica caracteriza-se

[...] pela memorização mecânica do conteúdo narrado. Mas ainda a narração se transforma em vasilhas, em recipientes a serem cheios pelo educador. Quanto mais vá enchendo os recipientes com seus depósitos, tanto melhor o educador será. Quanto mais se deixem docilmente encher tanto melhores educandos serão (FREIRE, 1987, 33).

Percebe-se que a metodologia que compete a esta descrição tem como base o não reconhecimento do sujeito aluno e nem ao menos o professor consegue se reconhecer sujeito desse processo. Acrescente-se a citação feita de Paulo Freire a seguinte sentença: repetição. O aperfeiçoamento só vem a partir da repetição, e aqueles alunos que não estão aptos a desenvolverem alguma dessas técnicas são excluídos. Essa situação muito preocupa aqueles que tentam desenvolver práticas compromissadas e sérias e que buscam tornar seus trabalhos desalienados. Veja a fala de um professor que chama a atenção quanto ao seu papel:

Eu acho que tem que ser uma metodologia diretiva, porque eu penso que... O professor ele é sujeito nesse processo, né? Se usar metodologia de livre escolha do aluno, ou metodologia não diretiva, o que pode complicar aí é o conhecimento e a intervenção na cultura corporal. Eu acho que isso pode restringir na forma na forma de conhecer e de intervir na cultura corporal. Eu acredito que ela deva ser diretiva, mas não no sentido tradicional do diretivo, com algumas nuances de diálogo com o que o aluno conhece, com problemas, com solução de problemas e eu acredito que ela deve ser diretiva sim! Porque tanto aluno quanto professor são sujeitos nesse processo de ensino-aprendizado (Professor Matheus).

Este é um processo de reconhecimento do professor enquanto sujeito do processo educativo e não somente o aluno. O reconhecimento da diretividade da metodologia a ser desenvolvida na escola permite que se possa refletir sobre os aspectos sociais e históricos daqueles que devem ser reconhecidos como sujeitos do processo educacional.

Arroyo (2011) afirma que a esta característica apresentada pelos docentes de dar diretividade às suas ações são essenciais para que todos os sujeitos envolvidos no processo educacional compreendam suas histórias e consigam reconhecer o processo de democratização, das lutas, do direito à escola e assim possam constituir-se em sujeitos capazes de pensar sobre suas práticas.

Mas, esse movimento de pensar e de reconhecer o curso que a educação tem tomado durante esses anos com subsídios para angariar meios de intervenção de forma crítica não se dá somente pela escolha metodológica, mas está diretamente ligada e inseparavelmente pontuada pelos conteúdos a serem trabalhados a partir da escolha metodológica do professor.

2.3.2. O Conteúdo

Os conteúdos são a forma mais clara de definição dos objetivos dos docentes. É preciso ter em mente que:

Ensinar é sempre ensinar ao que não sabe, e quem não indaga, constata e deplora a ignorância alheia, não pode ser professor, por mais que saiba. Na dialética do aprendizado é tão crucial o que sabem aqueles que ensinam quanto o que ainda não sabem os que devem aprender (SAVATER, 1998, p. 36).

Por isso, o professor deve ser aquele que tem a responsabilidade de instigar no aluno a curiosidade pelo conhecimento. De levá-lo a indagar suas práticas e tentar alargar o acervo de conhecimentos que trazem de suas vidas/histórias. Por conseguinte, esse conhecimento deve ter relevância social para que os alunos sintam-se levados a pensar sobre os mesmos. A relevância social não remete a uma não-diretividade metodológica, mas sim, remete a uma compreensão da necessidade de partir da prática social inicial trazida pelo discente, levando-o a um momento de realizar um movimento espiralado rumo à síntese, e assim, consecutivamente uma nova síntese (GASPARIN, 2009).

De fato cabe se questionar:

Porque entre tantos conhecimentos sistematizados nos currículos a serem ensinados, aprendidos e avaliados, não entra o acúmulo de saberes sobre a docência como função social, como trabalho. Nem entram as vivências sociais e políticas, culturais e socializadoras, humanas e tão desumanas dos próprios educadores e educandos. Talvez porque as áreas e disciplinas do conhecimento que os currículos consagram veem essas vivências e essas funções sociais e seus personagens como insignificantes, até decadentes (ARROYO, 2011, p.72).

Tal posicionamento aponta para o reconhecimento da história dos sujeitos envolvidos no processo educativo como algo a ser menosprezado. O movimento de estudar histórias de vida de professores deveria ser algo de maior importância nos currículos educacionais em nosso país, pois ao ter em conta essa categoria de sujeitos-participantes, o processo de desvalorização social do profissional seria minimizado. Mas, o que vem acontecendo é um percurso contrário às necessidades dos educandos e educadores, uma vez que os conteúdos elencados para comporem os currículos escolares tendem a reproduzir temas sem relevância social para os alunos e distantes dos problemas do cotidiano.

Não se pretende com isso negar a importância de assegurar os conhecimentos científicos à maioria da população, pois são através deles os dominados e os excluídos da sociedade produzirão seus avanços e fortalecerão suas resistências na luta social.

Se os membros das camadas populares não dominam os conteúdos culturais, eles não podem fazer valer os seus interesses, porque ficam desarmados contra os dominadores, que se servem exatamente desses conteúdos culturais para legitimar e consolidar a sua dominação. Eu costumo, às vezes, enunciar isso da seguinte forma: o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação (SAVIANI, 1989, p. 65).

Nesse sentido, ser professor em uma escola pública significa atender às classes menos favorecidas que necessitam de professores para fazer avançar suas lutas e conquistas e no mínimo combater as disparidades impostas pelos dominadores aos dominados. A defesa do ensino voltado às camadas populares indica que os conteúdos são fundamentais e que sem conteúdos relevantes, significativos a aprendizagem deixa de existir (SAVIANI, 1989). É a partir do domínio destes conteúdos culturais que será possível a participação das massas no processo de libertação da situação social a qual se encontram.

No entanto, é necessário também compreender que os conteúdos culturais que foram elencados a partir dos interesses dos dominadores, não é todo o conteúdo suficiente para as massas. É necessário historicizar os conhecimentos e situar aos menos favorecidos quais foram suas participações/de seus pais no processo político/cultural/econômico do nosso país. Para tanto, faz-se necessário uma mudança na estruturação curricular, para acrescentar os conhecimentos histórico-culturais construídos pelas massas em seus movimentos contra a dominação, para além do conhecimento que puramente busque a apropriação de técnicas:

Podemos aprender a ler, escrever sozinhos, podemos aprender geografia e a contar sozinhos, porém não aprendemos a ser humanos sem a relação e o convívio com outros humanos que tenham aprendido essa tarefa difícil. Que nos ensinem essas artes, que se proponham e planejem didaticamente essas artes. Que sejam pedagogos, mestres desse humano ofício (ARROYO, 2001, p. 54).

Por isso, vê-se a importância do papel do professor no domínio de uma metodologia e dos conteúdos que devem se preocupar com a formação técnica, mas, sobretudo com a formação humana. Diante do exposto, segue abaixo a classificação dos professores de outras disciplinas quanto à relevância dos conteúdos para a escola:

Que tipo de conteúdos você acredita mais importante no âmbito de especialidade de conhecimentos

Baseado no Interesse do...

Utilitários

Técnicos

Práticos

Percebe-se que os professores das escolas A e B elegem como principais categorias de conteúdos a serem trabalhados em suas aulas aqueles que são baseados nos interesses dos alunos. Os conteúdos gerais aparecem em segundo lugar. É importante lembrar que estes dados referem-se às duas escolas que pertencem ao mesmo sistema municipal de educação, se localizam próximas e dentro de condições sociais semelhantes.

O que as características trazidas pelo gráfico mostram é que os professores optaram por ensinar em suas aulas certos tipos de conhecimentos a partir dos interesses dos alunos. Vale ressaltar alguns depoimentos dos professores:

Eu acho que baseado no interesse do aluno. Eu tinha que dar uma aula para eles voltada para aquilo que eles viviam no dia-a-dia deles, se não, não despertava o interesse deles. Não adianta falar pra eles daquilo que não faz parte da vida deles. Se for época de copa, vamos trabalhar um assunto voltado para o assunto da copa, essas coisas... Muito que tá fazendo parte daquele momento. Não adianta falar dos Estados Unidos se naquele momento aquilo não tem interesse para eles. Essa experiência eu vivi tanto na escola A como na escola B (Professora Luana).

Olha, aqui é a mesma história. Porque se eu te disser que ele tem que ser baseado no interesse dos alunos, tem. Só que o interesse também do menino, de cada um, é baseado naquilo que ele conhece. Se ele não conhece ele não vai se interessar por aquilo que ele não sabe o que é. Aí você tem que dar. Oferecer pra ele opção [...] (Professora Celma).

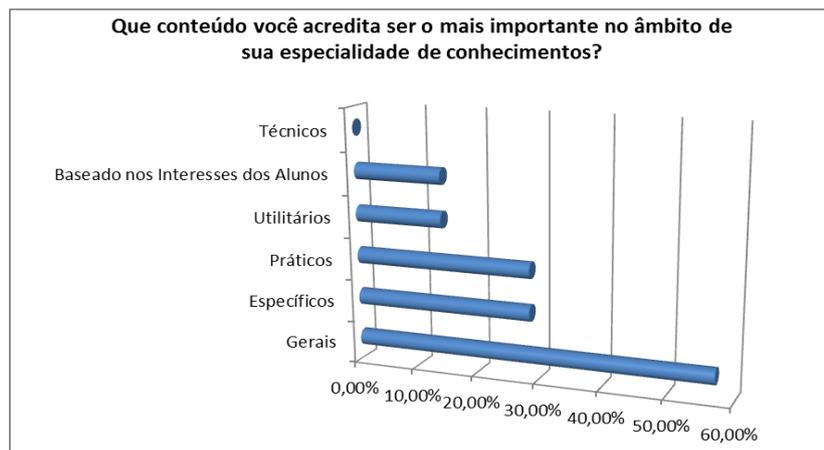
Mesmo as duas professoras compreenderem que os conteúdos devem ser baseados nos interesses dos alunos, os seus posicionamentos são diferentes. A professora Luana, que era professora nas duas escolas A e B do EAJA afirma que muito da sua prática pedagógica desenvolvida nas escolas era determinada pelos alunos. Quanto à metodologia, esta professora marcou a opção livre escolha do aluno porque compreendia que sua prática era insegura, uma

vez que era sua primeira experiência enquanto docente. Já a professora Celma, no entanto, alfabetizadora, quando afirma que os alunos não se interessarão por aquilo que não conhecem, chama a atenção, pois esta caminha no sentido de compreender o verdadeiro sentido de levar em conta o interesse dos alunos para dar encaminhamentos aos conteúdos a serem tratados no universo escolar. É importante que os alunos tenham em mente que quando se leva em conta seus interesses isso não nega/rejeita outros conhecimentos científicos próprios do universo escolar e capazes de proporcionar-lhes meios para angariar possível ascensão social.

Não se deve ainda desconsiderar outros aspectos demonstrados pelo gráfico, especialmente os conteúdos utilitários, práticos e técnicos, referidos pela professora Carla e pela professora Maria. As professoras apontam tais conhecimentos como uma forma de proporcionar aos alunos os instrumentos úteis nas situações de seus dia-a-dia. Ou seja, afirmam que a finalidade dos conteúdos de cunho prático possibilita aos alunos conhecerem vivenciarem as práticas, dando-lhes subsídios para atuação em alguma situação diária. Deve-se, no entanto fugir do fim único ao qual esse tipo de conhecimento pode acarretar ao aluno, dando-lhe um enfoque sistêmico visando uma especialização das funções e alienando-o no processo educativo (SAVIANI, 1989).

Pouco mais de 10% dos professores optam pelos conhecimentos específicos e pouco mais de 20% por aqueles conteúdos de cunho geral. Isso nos mostra que os professores preocupam-se pouco com o trabalho coletivo e sua importância na escola. Os conteúdos específicos, ainda que com pouca representação, aparecem na pesquisa e dão a entender que os professores dessas escolas pouco prestigiam estes conteúdos, ou por estarem intimamente interligados as suas práticas se esquecem de mencioná-los em suas respostas.

Neste estudo, realizado de forma simples, pode se perceber que a escola e seus professores estão confirmando a existência de uma educação fragmentada junto aos alunos. Comum ensino fragmentado, cada professor está apontando como essencial àquilo que deve ser específico de sua área de saber, mas desconsidera o saber socialmente construído. Desconsideram que os conteúdos gerais são, na sua gênese, os que devem ter maior importância na formação dos alunos por representarem o eixo principal e norteador do ensino público. Estas são as características trazidas pelos professores, agora o destaque será para os professores de educação física:



Os professores de educação física como é possível observar, optaram em mais de 50% por classificar como conteúdo de maior relevância os de maior abrangência, gerais. Isso mostra algumas características individuais e coletivas dos professores em questão.

Eu penso que os conhecimentos gerais aí, incluindo a educação física, a área da educação física, os elementos da cultura corporal e não só... Quando você me faz a pergunta, me vem à cabeça desses conhecimentos gerais é isso, seriam esses conhecimentos específicos da educação física, mas não desvinculando de outros conhecimentos que estão sendo produzidos ou estão sendo utilizados dentro da escola, então os conhecimentos gerais de todas as outras áreas também (Professora Carol).

Um misto de todos, né? Porque seria importante vivenciar o que é a prática e também o pensamento, o que é um jogo, o que é um esporte, o que é uma recreação para desenvolver também a parte cognitiva deles. [...] Geral, né velho? (Professor João).

Como se observa, mesmo optando por conteúdos gerais, os dois professores pensam diferentes sobre esta questão. A escola como aqui foi estruturada pelos professores de educação física demonstra ter uma base mais avançada no que se refere aos professores das demais disciplinas, no entanto, esta atividade de pensar os conteúdos gerais como os mais importantes no âmbito da escolarização, pressupõe que o currículo da escola tenha como eixo:

[...] a constatação, interpretação, compreensão e explicação de determinadas atividades profissionais, a reflexão pedagógica se limita à explicação das técnicas e ao desenvolvimento de habilidades, objetivando o exercício e o domínio por parte dos alunos (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 27).

Ou seja, a reflexão pedagógica do conteúdo e de sua relevância deve se dar de forma que a compreensão dos conteúdos seja realizada de forma ampliada. Para tanto, é necessário o desenvolvimento de uma prática reflexiva ampliada e que esta seja capaz de

articular, como a professora Carol propôs em sua fala, todos os conhecimentos produzidos no ambiente escolar.

Os professores de educação física das escolas A e B, conjuntamente propuseram que para além dos conhecimentos gerais, outros conteúdos são também importantes no âmbito da educação física: os conteúdos específicos e práticos, estes recebendo um quantitativo de quase 30% dos votos dos professores. Além destes, os conteúdos baseados no interesse do aluno e utilitários também apareceram como também dos demais professores das escolas. Mas algo que chama a atenção está justamente no não aparecimento dos conteúdos técnicos nas respostas dos alunos. O que isso quer dizer?

Pode ser uma artimanha ou tentativa de fuga destes professores de se mostrarem enquadrados enquanto técnicos na escola, ou por estarem tão naturalizados nas práticas que estes conhecimentos deixaram de ser mencionados nas respostas. No entanto, sabe-se que o currículo ao qual estão inseridas as escolas A e B é chamado de conservadores, pois no estudo se constatou que as explicações pedagógicas estão sistematizadas a partir de uma lógica formal, de uma pedagogia não crítica e um conhecimento técnico, não explicitando assim as relações sociais ou seus conflitos. Com isto, não se está desconsiderando o conhecimento técnico e sua importância, mas evidenciando a sua presença tão natural que os professores se esquecem de afirmá-los e muito menos de destacar sua diferença dos demais saberes⁷.

Por isso, o sentimento de continuar compreendendo este universo escolar apenas aumenta. E por isso, discorreremos agora sobre mais um aspecto do processo pedagógico do trabalho docente: a aula. Tendo em vista todos os aspectos físicos, sociais e estruturais que a envolvem.

2.3.3. A Aula

A organização das atividades desenvolvidas na escola perpassa a aula. Todas as relações que se cria entre aluno e professor tem suas gêneses na aula. A aula é também

⁷ Esta questão se mostra tão complexa que merece novos estudos para avaliar, inclusive, o instrumento de investigação, a linguagem utilizada e os conflitos que se ocultam por trás das respostas dos professores. É preciso avaliar também a própria abordagem do pesquisador junto aos professores para melhor compreender as razões de tal discrepância nas suas respostas durante os estudos.

influenciada por muitos determinantes do próprio movimento escolar e da cultura que se cria em torno da escola e, isso, acaba por modificar muitas vezes aquilo que o professor planejou e intencionou ensinar aos seus alunos. Estes movimentos, conflito e desvios aqui enunciados são comuns na educação em qualquer que seja o seu nível. Por isso, ao se referir mais uma vez ao ofício de ser mestre, Arroyo afirma que

A relevância da escola está em que essa imitação, esse diálogo de gerações não se dá de maneira espontânea, como em outras relações e espaços sociais, mas de maneira pedagógica, intencional e cuidadosa. O tempo de escola é um diálogo de gerações programado por adultos que dominam um saber de ofício. Nos processos de ensino-aprendizagem mais difusos e informais, os adultos atraem a atenção dos mais jovens e principiantes nas artes de ser humanos. Em cada momento nos vemos representando papéis, maneiras de como ser homem, mulher, trabalhador (a), como sobreviver, relacionar-nos com a natureza, com o espaço, com a afetividade, com o viver em sociedade, com o ser cidadãos... Todo adulto é de alguma forma um pedagogo das novas gerações nas artes de ser gente. Ser mestre por ofício é isso mesmo, porém exige mais. É isso mesmo, no sentido de que essas matrizes de toda docência humana estão na base da nossa docência escolar (ARROYO, 2001, p. 54).

Tudo isto são fatores que envolvem o processo da aula e de certo modo fazem parte da vida de cada escola e da prática de todo professor. Por isso, questionar os professores sobre seus modelos de aula fez parte dos objetivos deste estudo, como também, os aspectos como o tempo, as condicionantes físicas e estruturais, as características discentes e até mesmo aspectos psicossociais que possam estar permeando o ambiente da sala de aula.

Para a educação física, mais do que para as outras disciplinas, a organização do tempo e os condicionantes físicos e estruturais da escola são muito mais influenciadores na aula. A necessidade de uso de espaços, que muitas vezes sofre interferências climáticas tem sido determinantes para o desenvolvimento das atividades planejadas pelos docentes. Há ainda questões como as limitações do espaço tendo em vista a utilização destes por outras atividades escolares.

A aula é um dos principais e mais perceptíveis meios onde podemos ver como a realidade em si sempre está em movimento, em constante alteração. Mas a aula é também reflexo de como o educador entende a sociedade, de como desenvolve a relação professor-aluno, de como os aspectos históricos que importam ao docente. O Coletivo de Autores (1992) afirma que

Todo educador deve ter definido o seu Projeto Político-Pedagógico. Essa definição orienta a sua prática ao nível de sala de aula: a relação que estabelece com seus alunos, o conteúdo que seleciona para ensinar e como o trata científica e

metodologicamente, bem como os valores e as lógicas que desenvolve nos alunos (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 26).

Por isso, percebe-se que a sala de aula é aonde vão se desenvolver todas as questões anteriormente aqui apontadas. A metodologia, os conteúdos e a relação professor-aluno são de extrema importância para a atividade de ensino-aprendizagem. Portanto, aula possui características que pode ser classificada da seguinte forma: tradicional, inovadora, técnica, flexível e aberta. Os professores das escolas A e B questionados sobre qual é o seu modelo de aula, dentro da organização das atividades de ensino, variaram e se distinguiram das respostas dos professores das demais disciplinas.

As professoras associam a flexibilidade à maneira de dar voz aos alunos, ouvir o que querem tentar levar em consideração o que eles gostariam de ter em aula. As professoras que marcaram a opção inovadora, afirmam que esta inovação está mais relacionada à questão de trazer coisas novas para sala de aula, e uma até chega a afirmar que “inventa muita coisa” (professora Ester). A professora Ester foi a única que marca como uma das suas opções a técnica, pois afirma que determinado conteúdo poderá ser necessário para o aluno mais na frente e que se não for metodicamente passado a ele aquela técnica, possivelmente não conseguirá alcançar algum objetivo, por isso, diz que seu modelo de aula varia entre vários: tradicional, técnico, flexível e inovador.

O que mais remete a uma situação importante para se avaliar é a questão da classificação do modelo de aula ser tradicional, respondida por três professoras. A professora Ana afirma que dentre as opções que marca ela se considera mais tradicional, ainda que se sinta bastante aberta a mudanças e inovações. E afirma também participar de cursos que a secretaria de educação oferece. A professora Ester, como uma das professoras a marcar a opção tradicional relaciona a sua escolha a momentos que deve cumprir em sua tarefa docente, como preencher o diário todo o dia, cumprir o tempo estabelecido para a aula, e não o tempo que o aluno necessita para aprender.

Os professores de educação física, em suas respostas se diferenciaram dos professores das demais disciplinas. Quatro professores responderam pela opção flexível e também quatro pela opção inovadora. As outras opções que surgiram no decorrer da entrevista foram tradicional e aberta. O professor Matheus afirma

Eu acho que hora tem um pouco de ensino tradicional, hora tem um pouco de ensino que é inovador. Aberto, eu acho que não mesmo, mas eu classificaria como um modelo que... Talvez seja um pouco de inovador e um pouco de tradicional, por quê? Eu tenho uma história de formação tradicional tanto escolar quanto esportiva. Minha experiência de educação foi tradicional, então, com o tempo, essa lógica de ensino tradicional ela demora um pouco mais de tempo pra romper com ela, eu tenho tentado de várias formas ao longo desses três anos que eu tenho sido professor, só que eu acho que isso é um pouco mais complicado em alguns aspectos, em alguns elementos da cultura corporal. Eu tenho tido dificuldade de desvencilhar dessa cultura tradicional [...] (Professor Matheus).

Este professor ao falar que sente dificuldade de deixar a prática de seu modelo de aula como tradicional, mas reflete sobre sua história dentro da prática tradicional escolar, se esforça e reconhece a necessidade de sua superação deste modelo. A afirmação dele é diferente da afirmação das professoras das demais disciplinas que optaram por enquadrar seus modelos de aula dentro do modelo tradicional.

Observe-se abaixo o relato de uma professora que chama a atenção:

A aula de educação física, ela é aberta por que mesmo que eu vou pra quadra tá todo mundo olhando e querendo dar palpite, então ela já é uma aula mais aberta. Agora, quanto às aulas abertas, eu acho que permito essa abertura pros alunos pra satisfazer a vontade deles, porque se querem fazer uma atividade, então vamos fazer aquela atividade. Eu não forço! Não quer fazer uma técnica ou um arremesso, eu não vou na força, né? Eu considero aberta e mais ou menos flexível (Professora Estela).

Nesse depoimento, há muitas afirmações que devem ser melhor compreendidas. A professora Estela afirma que sobre a sua metodologia de ensino é condicionada a solução de problemas, mas quanto aos conteúdos, ela afirma que são os gerais e baseados nos interesses dos alunos, e quando questionada sobre o seu modelo de aula, afirma que sua aula é aberta. Isso se mostra coerente com os vários depoimentos sobre as suas características pedagógicas. De forma aberta a aula é desprovida de diretividade e pode não levar o aluno a lugar algum dentro da formação educativa e pedagógica. Esse modelo de aula reflete o tipo de formação que essa professora propõe dar aos alunos e o descompromisso com a criticidade e a historicidade dos conteúdos. Em síntese, essa professora desconhece que a aula deve ser “[...] intencionalmente organizada para possibilitar a direção da apreensão pelo aluno, do conhecimento específico da educação física e dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 87). Um modelo de aula numa perspectiva social e crítica devem aproximar o aluno da percepção da totalidade das

atividades, permitindo-lhe com isso articular a ação, com o pensamento sobre ela e também com o sentido que esta ação tem (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 88). E isto necessita de diretividade do professor para se materializar na escola. Uma escola que possui professores que pautam seus modelos de aula aberta e acrítica reflete diretamente na condição que os alunos sairão da escola: sem estrutura suficiente para compreender a essência da educação física e de suas relações com a realidade social. Os conteúdos da cultura corporal não devem ser deixados à mercê dos alunos sem a ação diretiva e pedagógica dos professores, pois isto se confirmando na prática demonstra um retrocesso muito grande na educação física escolar.

Partindo do pressuposto de que muitos docentes que fizeram parte das histórias existenciais das escolas A e B, avaliam os convívios entre os alunos, os colegas de trabalho e sobre eles mesmos, o próximo tópico busca compreender e explicar as relações interpessoais, os processos que vem sendo desenvolvidos em suas práticas pedagógicas nas escolas.

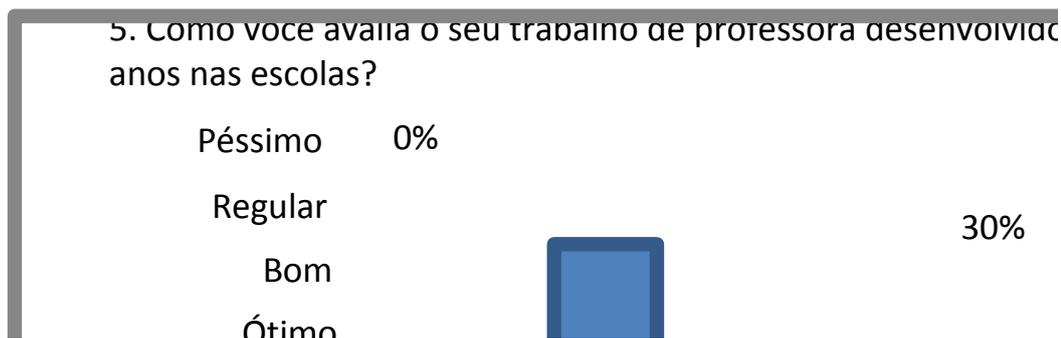
2.3.4. A Avaliação Docente

2.3.4.1. O trabalho desenvolvido nas Escolas

O ser humano está em constante construção, num processo dinâmico da existência humana e em atividade constantes de avaliação e criação de sua própria vida em sociedade. Dentro desta visão, Paulo Freire afirma que:

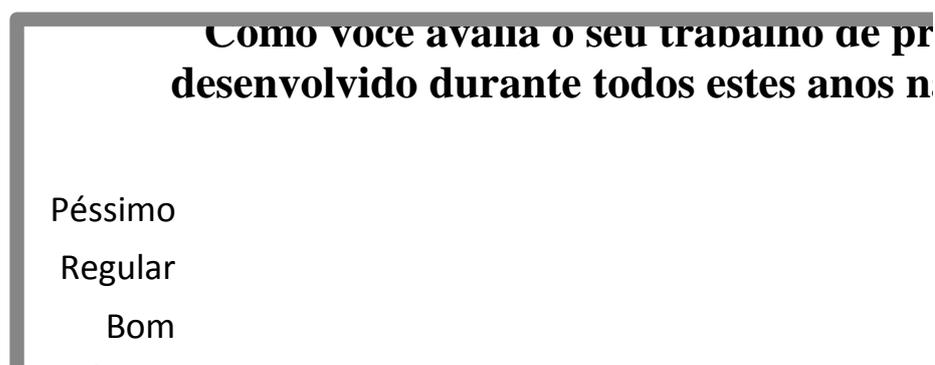
Algumas reflexões primeiras em torno do ser humano me abrem o caminho para o entendimento da educação como prática permanente. Ressaltamos inicialmente a sua condição de ser histórico-social, experimentando continuamente a tensão de estar sendo para poder ser e de estar sendo não apenas o que herda, mas também o que adquire e não de forma mecânica. Isto significa ser o ser humano, enquanto histórico, um ser finito, limitado, inconcluso, mas consciente de sua inconclusão. Por isso um ser ininterruptamente em busca, naturalmente em processo. Um ser que tendo por vocação a humanização se confronta, no entanto, com o incessante desafio da desumanização, como distorção daquela vocação (FREIRE, 2001, p. 12).

Por isso, por este constante vir a ser humano e por esta inconclusão constante, a vida e os processos do via a ser se fazem por avaliação e reavaliações entre o real e os sonhos entre o que é a as esperanças. Ao pensar sobre as suas práticas, os professores envolvidos na pesquisa nos momentos dos diálogos, foram levados a pensarem sobre suas práticas e escolher posteriormente sobre o porquê de suas respostas. Observe-se o quadro das respostas encontradas no que se refere aos professores das outras disciplinas da escola:



Percebe-se que alguns professores marcaram mais de uma opção em cada resposta, todavia, nenhum marcou a opção: péssimo. O que isso significa? Até que ponto esta avaliação feita pelos professores reflete os seus otimismo pedagógicos? Os professores que avaliaram suas práticas em ótimo, relacionaram sua opção pelo gosto na docência, pela dedicação ao trabalho na escola, pela relação com os educandos, pela relação com os colegas de profissão. Os professores que avaliam suas práticas como boas, em síntese, afirmam desenvolver um bom trabalho, mas que falta algo para que seja ótimo, refere-se às suas práticas, às condições sociais, às condições impostas pela escola. E, por fim, os professores que avaliam seus trabalhos como regulares, em sua maioria, afirmam não terem condições estruturais, pessoais, interpessoais para o desenvolvimento de um trabalho que seja realmente aquilo que deveria ser. Estes professores denotam conhecimento acerca do que seria um trabalho bom, mas denunciam que não conseguem/podem desenvolvê-lo.

Note-se abaixo a avaliação dos professores de educação física sobre suas práticas docentes:



É importante notar que os professores de educação física foram os que mais avaliaram suas práticas enquanto práticas regulares e aqui segue parte de seus motivos. A professora Carol justifica sua posição de marcar entre bom e regular porque, segundo ela o professor tem sido “massacrado” e isto tem sido um fator de desânimo dos docentes. O professor João apenas afirma que seu trabalho tem sido regular por “falta de condição”, especialmente condições estruturais. A professora Estela ao responder esta questão emocionase e responde que não ensina tudo o que gostaria. E, por fim, última professora de educação física responde que esta opção relaciona-se a forma de relação interpessoal com seus alunos e tentar levar conhecimentos diferentes, mas eles não aceitam.

Lidar com a avaliação individual de cada professor sobre o que pensam de si mesmo é uma tarefa que vai além do discurso que eles trazem. Nota-se que os professores das outras disciplinas e os de educação física possuem uma mesma avaliação pessimista no que se refere a sua prática, muito mais os professores de educação física. Percebe-se a tristeza que há quando eles têm que realizar tal reflexão. Maior do que problemas estruturais e limitações físicas demonstram que existe algo por trás e aquém do otimismo que os professores das demais disciplinas apresentam. Por quê? Será que esta avaliação é algo que mexe com suas identidades profissionais, que os faz refletir mal já que suas pedagogias não produzem os sucessos objetivados? Será que está em jogo o seu lugar entre os demais no âmbito do valor social? Sobre este aspecto, Kramer e Souza (1996) afirmam que

A questão da identidade nos parece fundamental quando indagamos sobre a vida e a pessoa do professor, ou seja, quando queremos saber como e porque cada um se tornou o professor que é. A identidade esclarece Nóvoa (1992) não é um dado adquirido ou um produto, mas um lugar de lutas e conflitos é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão. Assim sendo faz sentido crer que a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como indivíduos quando exercemos o ensino [...] (KRAMER & SOUZA, 1996, p. 27).

Portanto, a avaliação docente sobre a prática pedagógica exercida em sala de aula e relatada por estes docentes, reflete não somente as suas vivências em sala de aula, mas a sua postura fora dela e também a sua opção de ser/estar no mundo. Esta avaliação caminha também no sentido de demonstrar quais as características pedagógicas que os professores vêm construindo em suas carreiras profissionais e que demonstram seu estado de ânimo pedagógico com o trabalho que os mesmos realizam na escola. Em especial, dos professores de educação física que relatam suas práticas dentro de uma forma pessimista ou dentro de um

realismo muito duro sobre suas atividades educacionais. Está claro que os professores possuem práticas pedagógicas fragilizadas, baseada em pedagogias direcionadas para as técnicas e competências produtivas (esportivas) desprovidas, portanto, de um significado para suas vivências culturais amplas.

Mas, então porque os professores das demais disciplinas estão mais otimistas em relação ao seu trabalho? Uma das professoras entrevistadas, a professora Celma, pedagoga, atualmente não mais em sala de aula, mas trabalhando na Coordenação de uma escola, afirma que o material didático que está disponível na escola para utilização dos docentes é dos mais diversificados possíveis. Afirma ainda que os professores (pedagogos) não podem reclamar que falta material, existem materiais na escola há muitos anos e estes materiais nem sequer são utilizados por nenhum docente. Isso parece demonstrar que os professores das demais disciplinas não tem como se desviar suas responsabilidades. Já os professores de educação física, utilizam de materiais dos mais diversos possíveis, podem afirmar da precariedade e justificar suas práticas através deste parâmetro, até porque os resultados da aprendizagem vão ocorrer mesmo é fora da escola, especialmente no campo do esporte. Além de materiais, os professores de educação física, necessitam também de condições estruturais para dar aulas⁸.

Porque é importante compreender a auto-avaliação docente? Porque todas as ações propostas dentro do universo escolar refletirão diretamente nas motivações, nas escolhas metodológicas dos professores e mesmo nas atividades de caráter inovador dentro da escola. O desencanto do professor pela sua profissão e mata sua atividade educativa.

Como se percebe os professores tem vários motivos para justificarem suas respostas, mas cabe aqui pensar: quais os verdadeiros motivos levam os professores a olhar desinteressadamente para a atividade docente? Para Stobaus e Mosqueira (1996) o desencanto docente está entre estas causa mais importantes:

1. Carência de tempo suficiente para realizar um trabalho decente. Acresce-se a isto as dificuldades dos alunos e as aulas cada vez mais numerosas;
2. Trabalho burocrático que rouba tempo da tarefa principal que é o ensinar e é fator de fadiga;
3. Descrença no ensino como fator de modificações básicas das aprendizagens dos alunos;
4. Modificação no conhecimento e nas inovações sociais como desafios que provocam grande ansiedade e sentimento de inutilidade. (STOBAUS E MOSQUEIRA, 1996, p. 141).

⁸ Nos relatórios de campo do PIBID somente a escola B possui uma quadra coberta. A escola A possui amplo espaço, mas obviamente inadequados para a prática esportiva voltada para o rendimento esportivo.

Todas as características aparecem nos diálogos estabelecidos com os professores e, se adicionar a desvalorização profissional ocasionada pela má remuneração do trabalho do docente, amplia-se mais ainda os estímulos negativos das atividades docentes e profissionais nas escolas.

Vale também destacar que para além das características de cunho negativo existem nos discurso dos professores um olhar positivo sobre suas práticas. Observe-se abaixo a fala da professora Marisa:

[...] Eu avalio meu trabalho como se fosse assim... Um ótimo trabalho! Ótimo trabalho com muitos bons resultados. Pra começar, no início, antes da Escola A, né? No início da minha atuação como professora em sala de aula, é... Havia uma repetência muito grande na alfabetização e quando a gente começou com esse trabalho de Paulo Freire de construção do próprio conhecimento, das cartilhas por eles mesmos, a repetência praticamente zerou, né? [...] (Professora Marisa)

Esta professora ao classificar sua prática como ótima leva em consideração os resultados que a mesma obteve a partir de sua prática em sala de aula. Isso remete a essa nova forma de avaliação que vem sendo instituída na educação. Uma avaliação que apenas leva em consideração o processo quantitativo, de resultados e que esquece ou inferioriza o processo de avaliação qualitativa que é necessário se realizar para um efetivo processo de avaliação. No entanto, outras professoras das outras disciplinas também responderam a opção ótima, e caminharam também no sentido de perceber que os resultados da sua prática têm sido melhorados. Apenas uma professora (professora Ana) afirma gostar do que faz, e afirma também ser muito dedicada ao seu trabalho. Esta professora demonstra ser muito envolvida e empolgada com o trabalho docente.

Por fim, depois desta avaliação acerca dos caminhos que percorrem os professores em suas práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, o passo seguinte é avaliar a sua relação com seus alunos. A forma como os professores encaram os alunos, as suas maneiras de socializarem-se entre si e com os docentes, refletem diretamente na forma como os mesmos irão visualizar as suas próprias práticas.

2.3.4.2. O Comportamento dos Discentes

Arroyo (2011) afirma que os professores devem observar aos seus alunos como serem humanos plenos,

[...] em processos de formação na totalidade de potencialidades humanas e em formas de viver tão precarizadas, assumir essa complexa tarefa como um trabalho profissional terminará por alargar o projeto de realização profissional e humana a que todo docente tem direito como ser humano pleno que é. Em outros termos: aprender com os educandos a sermos educadores amplia e enriquece nosso projeto de realização profissional e humana. O professor é um ser humano, sua docência é humana docência com tudo o que implica escolha, de realização humana (ARROYO, 2011, p. 26).

Segundo esta postura, cada vez que o professor for avaliar seus alunos deve se ter em mente, que como ele próprio, o aluno é um ser humano em construção que está em processo de formação, e que o seu trabalho docente deve olhar sobre o comportamento suprimindo os ideais⁹ que sejam desprovidos do reconhecimento social e crítico acerca da prática que o aluno tenha no ambiente escolar.

A mudança no comportamento dos alunos é muito citada pelos docentes, especialmente a violência, e eles afirmam que houve muita alteração do seu tempo de escola para hoje. Eles remetem suas falas sobre o que é trazido pela mídia acerca da escola.

[...] Ah sim! Pelo que a gente vê aí pelos meios de comunicação, mudou muito, né? Principalmente na parte da agressividade, né? Então a gente... Hoje eu falo: Nossa! Eu acho que saí da escola na hora certa! Porque os professores sempre falam que a escola... Porque hoje, só o aluno tem direito, né? O professor hoje não tem voz ativa mais em sala de aula, né? O professor hoje não pode nem falar alto com o aluno. Se você fala, você já é punida, né? Você já é... Né? Eu acho que assim, quando eu aposentei isso já existia, né? [...] (Professora Cláudia)

Percebe-se que a professora Cláudia possui uma visão da escola a partir daquilo que esta conhece e que é transmitido pela mídia. O papel da mídia é muito incisivo no que se refere à visão sobre o comportamento dos alunos. Mas, será que houve uma mudança do comportamento mesmo? Será que durante a existência da escola o comportamento mudou, ou

⁹ A mídia é principal meio de informação que a maioria da população tem acesso, transmite todos os dias noticiários que se configuram como desastrosas a relação professor-aluno na escola. Os pais, alunos e professores estão cada dia mais temerosos quanto a forma que vem se configurando a educação, no que se refere a violência dentro da escola. Muitos são os discursos que a mídia traz, dentre os quais, a maneira como os alunos estão hoje em dia tem-se modificado com o decorrer dos anos e essa modificação reflete uma imensa gama de violência dentro da escola. Percebe-se a falta do olhar sobre a vida, sobre a história, sobre os sujeitos sobre os quais repousa a maior parte dos noticiários de TV. Apenas generaliza-se a violência como um fator presente no universo escolar, e incorre-se no erro de pensar que não há solução para a violência dentro da escola. E será que esta é uma violência que parte somente dos alunos? Será que a vítima da violência dentro do universo escolar constitui-se apenas o professorado?

será que a mídia hoje tem um papel que há muito tempo não tinha? É interessante, no entanto, notar que ainda que seja perceptível que a mídia hoje exerça essa grande influencia sobre a visão da escola e na população em geral, ela (mídia) não determina o mundo, mas sim a sociedade e a forma como a sociedade produtiva determina como deve ser as coisas, inclusive na escola. Vicentini & Lugli (2009) afirmam que

Quando se discute a situação do magistério brasileiro atualmente é quase inevitável evocar a baixa remuneração e as péssimas condições de trabalho, que incluem casos de desrespeito e até de agressão por parte dos alunos considerados por muitos como indícios da crise que tem afetado a autoridade desse grupo de profissionais. Somam-se a isso as referências às falhas na formação as quais são mencionadas para justificar as deficiências constatadas no aprendizado dos alunos, que tem motivado as críticas à baixa qualidade de nosso sistema de ensino [...] (VICENTINI; LUGLI, 2009, p. 155).

A sociedade ao se modificar, modifica-se também e diretamente a escola, os alunos, os professores, as relações ali estabelecidas. No entanto, muitas ações se modificaram, devido aos inúmeros avanços tecnológicos, computacionais existentes hoje, mas a violência não pode ser considerada como nova, uma vez que sempre existiu e assumir diferentes conotações ao longo da história-social. Na época em que os docentes aqui entrevistados eram alunos o poder da televisão e da mídia não era exercido com tamanho poder sobre os jovens, sobre a escola e sobre a indústria do consumo. Os professores entrevistados, ao serem questionados a respeito do comportamento dos alunos, afirmaram que em sua maioria os alunos são ativos, embora na escola existam todos os tipos de alunos: ativos, passivos, silenciosos, apáticos, agressivos e desinteressados. Uma professora, em especial, chama a atenção ao referir-se a escola (A) em que trabalhou:

Lá tinha pessoas muito passivas que aí quando você ia ver já era uma questão familiar, pessoas muito humildes, que a humildade não permite que elas saibam assim. Então já vem assim, aquela criancinha oprimida que quando você vai conversar com a mãe você vê que três vezes pior e que o menino já melhorou um pouquinho. [...] (Professora Maria)

Esta professora, de Língua Portuguesa, ao discorrer sobre a escola A e o comportamento dos seus alunos afirma que esta era uma característica daquela escola em especial. Uma vez que esta escola se localiza em uma zona que é considerada pela Secretaria de Educação como zona rural, mas que está muito próxima à zona urbana e que os alunos que estudam ali, somente o fazem até terem idade suficiente para andarem de transporte coletivo e se deslocarem a outra escola, que os mesmos consideram de maior competência e reconhecimento. Os alunos não querem ficar estudando na Escola A por muito tempo,

segundo essa professora. Afirma também que além dessa questão os alunos, por serem muito humildes em sua maioria, são pessoas passivas.

Esta professora, ao discorrer acerca dessa situação peculiar acerca da escola A, opta defende que os conteúdos devem ter maior relevância de cunho prático, gerais, técnicos e utilitários uma vez que é preciso ensinar aos alunos aquilo que irão precisar para sua vida. Conhecimentos que lhes ensinarão a deixar a passividade, serem mais independentes, pois precisam ir além do ensino da técnica para os alunos verbalizarem suas vontades para que não sejam humilhados socialmente.

Muitos outros condicionantes surgem no decorrer das entrevistas, mas o que interessa neste estudo é verificar a visão construída pelos professores acerca do comportamento dos alunos a partir de suas histórias vividas nos ambientes das escolas-campo do PIBID/FEF. O professor João, professor de educação física em sua entrevista afirma utilizar-se das suas práticas para desenvolver nos alunos uma forma de ensinar o respeito às regras e aos colegas como meio para minimizar a violência na escola. Este mesmo docente afirma que os alunos mostram desinteresse por outras matérias e justifica afirmando que os professores das outras matérias não sabem utilizar os meios tecnológicos da escola, e, portanto não prendem a atenção dos alunos. Será este um fator que desmotiva os alunos a cooperarem com os docentes das demais disciplinas? Já a professora Suzi de educação física relata que os alunos na escola de hoje são apáticos, que não demonstram interesse, e que isto reflete diretamente na prática pedagógica dela. O que também é o mesmo fator apontado pelo professor Matheus, o que começa a dar outro direcionamento à fala do professor João. Será que o desinteresse é somente pelas demais disciplinas? É importante entender que

[...] qualquer professor mais atento às coisas, sabe que os avanços na informática e nos meios de comunicação mexem direto com seu trabalho, os próprios alunos levam o seu cotidiano, a rua, a cidade, a televisão, os problemas para a classe. A vida contemporânea afeta as práticas de convivência humana, as pessoas estão mais isoladas e mais egoístas, há muito mais violência, as crianças estão mais impacientes e mais dispersivas na sala de aula (LIBÂNEO, 1998, p. 3).

Talvez fosse conveniente registrar que os problemas relacionados ao comportamento dos alunos estão muito mais relacionados à forma como este aluno se insere na sociedade, quem ele é e quais são suas práticas. Os alunos, bem como os professores, cercam-se de informações que os impulsiona a adquirir produtos cada vez mais, sem haver necessidade. E quando a vontade de consumir não é satisfeita esta se transforma em revolta e

frustração. A informação trazida pelos meios de comunicação é um meio que domina e que está distante do conhecimento. O que esta sociedade quer implantar nas pessoas, a primeira vista, é a certeza de que conhecem sem conhecerem, por que informação e conhecimento são duas contraposições, mas somente o conhecimento consegue possibilitar que o sujeito tenha sua liberdade (LIBÂNEO, 1998).

Parte-se agora para avaliação docente sobre a sua relação com seus colegas de trabalho. Busca-se com este movimento identificar nas memórias dos docentes retratos do tempo vividos nas escolas-campo e como estas lembranças construídas influenciaram diretamente as suas práticas docentes. É importante notar que este movimento se inicia na tentativa de construção histórica da vida destes professores, sabendo que seus saberes, ainda que informais como relações interpessoais, poderão apontar caminhos para o processo educativo como um todo.

2.3.4.3. O Convívio com os Colegas de Trabalho

Entre tantas tensões existentes no ambiente escolar, está a forma como se socializam os docentes com seus colegas de profissão. Muitas vezes esses convívios se materializam de forma estritamente formais, como também de formas informais. Como foi exposto anteriormente, as pessoas estão cada vez mais isoladas umas das outras. A única maneira com a qual muitas delas estabelecem relação com o mundo (além da família fragmentada e a educação) é através das informações que a mídia traz. A escola deveria se constituir como um ambiente propício para a efetivação de convívios dos docentes, mas sabe-se que esta talvez não seja a realidade mais comum encontrada nas escolas.

Arroyo (2011, p. 34) afirma que “[...] há tensões entre os avanços da autonomia e criatividade docentes e os controles e as cobranças limitando a conquista da autoria e criatividade profissional”. As lutas pela autonomia profissional se encerram como embates muitas vezes no campo curricular e se tornam barreiras para o desenvolvimento de um trabalho educativo mais aberto e dinâmico. Tais embates podem construir um ambiente que seja contrário ao desenvolvimento de convívios mais abertos, mas, no entanto, devem existir de maneira a não descuidar dos temas importantes para a mudança/transformação social.

Os professores participantes do estudo, quando questionados sobre como era o convívio com os colegas de trabalho dentro e fora da escola, em sua maioria marcaram a opção: colaborativo. Os professores da Escola A, marcaram 100% a opção colaborativo e os da escola B marcaram em fraterno. Vejamos a fala da professora Luana, que ministrou aulas nas duas escolas:

Na escola A, eu tinha um convívio tranquilo, né? É... Um convívio bem profissional mesmo. Eu tive um bom convívio com a professora de educação física, pelo fato de a gente estar mais próxima, sempre nos encontrando nos mesmos dias. Eu marcaria colaborativo para a Escola A, mas na Escola B teve uma coisa assim, de fraternidade com os professores (Professora Luana).

Vimos aqui que esta professora sentia-se mais apoiada na escola A que na escola B, e que este apoio vinha de formas de convívios mais próximos com os docentes lá presentes. Apoios que em outro momento do diálogo ela esclarece ser a maneira como recebeu ajuda de professores mais antigos da escola, no que se refere à escola A, e o que não aconteceu com relação à escola B.

Durante os diálogos, percebe-se que muitos dos discursos apresentados caminham no sentido de entender que o convívio que se questionava somente referia-se ao ambiente de trabalho. Não houve em nenhum momento do diálogo relatos acerca do convívio com os professores acerca de suas vidas sociais com seus colegas de trabalho, exceto a professora Ester que direciona um pouco sua fala acerca disso, vejamos:

São poucos os que se tornam amigos, né? A maioria é só no trabalho aqui, embora a escola ela tenha uma estrutura assim, que ela... Quem fica o dia todo na escola, mistura muito as coisas, eu acho, sabe? Tem menos às vezes convivência com a família do que com a escola e faz umas trocas assim... Eu tive momentos de escola que eu questionava muito porque chegava o momento de avaliar os processos da escola, aí criava aquela atividade onde parecia mais família do que ambiente de trabalho, ía para um clube, ía para um lugar, pra fazer churrasco. Aquela festividade toda. Todo mundo ali misturava os comportamentos. Depois ia pegar a avaliação e fazer. Eu ficava “PÊ” da vida com umas coisas dessas! Por quê? Porque o próprio deslocamento do local eu já desconfiava da realidade... A própria emoção das pessoas num ambiente de churrasco, de festa e tudo, já escondia aquilo que deveria ser dito e encarado. Então assim, eu achava, e acho isso pecaminoso, sabe? [...] (Professora Ester).

Pode-se verificar que esta professora da Escola B, remete a uma situação não muito incomum nas escolas. As escolas possuem poucos momentos de socialização livre e informal e nos momentos que se faz necessário uma discussão séria e compromissada encaminha-se às festividades que, conseqüentemente, desviam o olhar daquilo que é necessário. Diante destes dados, parece adequado que as escolas precisam de momentos de

recreação, para que o convívio entre os colegas de trabalho se estendam para além das atividades formais escolares, mas não podem deixar misturar-se com atividades de cunho crítico e que tenham direta influência nas decisões que darão direção as atividades escolares.

Ao tentar compreender a vida na escola pode se perceber o quanto a análise do que se passa desde a atividade de socialização do professor e do aluno, como também do professor com seus colegas de trabalho pode esclarecer os desdobramentos nos processos educativos e de que forma está sendo tratada a sociabilidade no universo escolar. E como os próprios docentes vêem as suas relações pessoais com seus colegas de trabalho no processo de humanização das atividades educacionais e da própria vida social no seu dia-a-dia e, como o está se construído o presente em direção ao futuro.

2.3.4.4. A Educação de Ontem X A Educação de Hoje

A história de vida dos professores que aqui tem sido objeto de estudo é uma categoria complexa e ao mesmo tempo simples, pois não haveria como retirar a vida da história, não haveria como identificar as características docentes sem contextualizá-las, sem compreender nitidamente quais marcas da formação inicial, da família, do sujeito enquanto ser social existe dentro de sua prática pedagógica. Paulo Freire afirma que ninguém nasce feito ou concluído:

Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte. Não nasci professor, ou marcado para sê-lo, embora minha infância e adolescência tenham estado sempre cheias de “sonhos” em que rara vez me vi encarnando figura que não fosse a de professor. [...] Na verdade, não me é possível separar o que há em mim de profissional do que venho sendo como homem [...] (FREIRE, 2001, p. 40).

Por isso, tentar entender a educação segundo o olhar destes professores acerca de suas práticas passadas, o que eles fazem hoje e aquilo que está em construção se coloca como de importância para se pensar o real e as possibilidades futuras da escola e da educação.

Quando se realiza o movimento de pensar a educação de ontem para trazer à tona a educação de hoje espera-se que a base desta relação tenha como diretriz que a

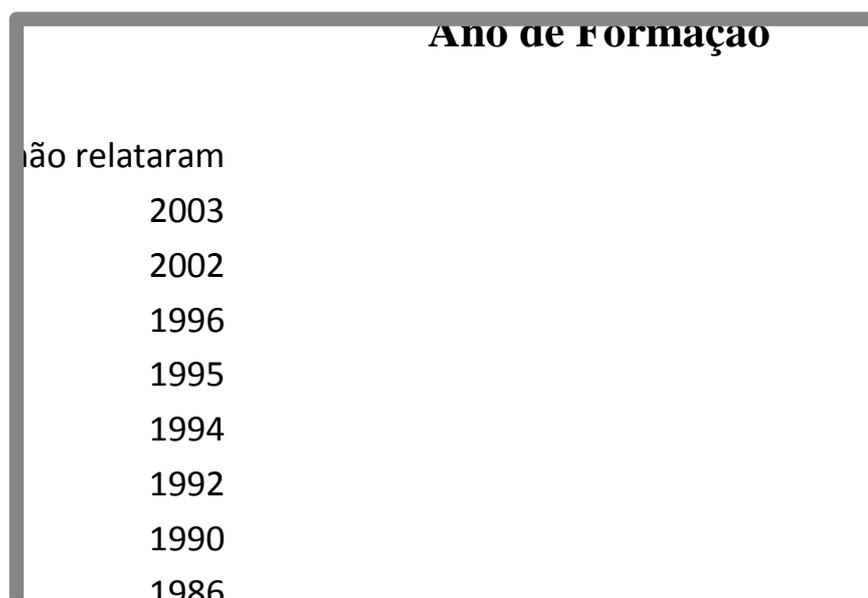
[...] A educação compreende o conjunto dos processos, influências, estruturas e ações que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais visando a formação do ser humano. A educação é

assim, uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais e culturais que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal [...] (LIBÂNEO, 2001, p. 7).

Portanto, a educação como prática humana permanente deverá sempre servir de instrumento de avaliação para os professores. As vivências passadas devem ser levadas em consideração para avaliação das práticas presentes para que se vislumbre o seu “vir a ser” novamente.

A compreensão da escola a qual os professores estudaram durante suas educações básicas, nos faz pensar qual momento histórico estamos nos referindo. Trazer à tona as suas idades quanto as suas formações de nível básico seria muito interessante, no entanto, não se levantou tal dado dentro desta pesquisa, mas podemos arriscar um olhar aproximado, pois no relato havia a data das suas formações iniciais (data do término). Esse dado poderá aproximar a visualizarmos melhor a realidade a qual os docentes passaram em suas formações básicas.

Portanto, abaixo está o gráfico do ano em que os docentes entrevistados finalizaram suas formações iniciais e logo mais entrar-se-á nos relatos dos professores.



Pelo gráfico é possível observar que as formações variam desde o ano de 1972 ao ano de 2003, mas o que é importante notar é que dentre as respostas dadas no que se refere a esta questão, os docentes, com exceção de uma professora (Celma), afirmam que houve mudanças significativas da maneira como a educação era encarada pelos alunos, pais, mestres,

e a forma como é encarada hoje. Ainda que exista a disparidade tão grande nos anos de formação acadêmica dos docentes em questão, percebe-se que há esta similaridade que chama a atenção.

Todos os professores que afirmaram notar diferença no ensino da época em que eram alunos para o ensino hoje na escola em que são professores, e, a diferença refere-se à maneira de ensinar, as relações que são estabelecidas entre professor e aluno, nas relações estabelecidas na escola. Note-se que a fala da professora Carla é incisiva:

Muito! Mudamos muito mesmo! Completamente! Eu fui aluna no ensino básico, fundamental, nos anos de 70 entendeu? Então já imaginou? Era a época da Ditadura Militar! Parou pra pensar? Um monte de coisas era proibido! Aí depois eu passei para a segunda fase, né? Do ensino fundamental nos anos 80, então quando eu cheguei aos anos 80 ali, 5ª e 6ª série, então... Ou seja, já estávamos saindo da Ditadura Militar, né? E entrando numa época mais democrática? Participei das Diretas Já! Tudo eu me lembro! Ou seja, uma transformação muito grande mesmo! Uma mudança muito acentuada e que bom que eu vivi tudo isso! [...] (Professora Carla).

Para esta professora, como para muitos dos professores que foram entrevistados, esse momento de reflexão sobre o momento histórico vivido na sua época de escola deve ter permeado suas mentes para elaborarem seus discursos acerca da sua época escolar. Mas esse momento histórico no geral relaciona-se com aspectos vivenciados pelos docentes dentro do universo escolar e as expressões, como: proibições, restrições, punições, técnica estiveram presentes nos discursos docentes para descreverem as suas escolas, vividas como alunos. Observe-se a fala da professora Luana:

Sim mudou bastante! Porque eu acho que na minha época a gente respeitava mais os professores, né? E hoje eu já não vejo isso, não vejo mais o respeito de antigamente e até o medo também... Pela não reprovação. O aluno, e o que a gente ouve dos próprios alunos: “Ah, não vou estudar porque vou passar mesmo!”, então eu acho que envolve um grande compromisso com a escola como com os alunos. Eu acho que hoje as coisas são mais flexíveis. Se aceita mais as coisas na sala de aula, na minha época não. Você estava ali para aprender, não tinha outro negócio. Se não aprendesse você era reprovado, hoje não... Hoje as coisas estão mais flexíveis, e o que eu acho muito positivo em alguns aspectos, mas acho muito negativo em outros pontos. Fugiu o compromisso dos alunos com o professor, com a educação, com tudo (Professora Luana).

Percebemos na fala desta professora que a mudança a qual se refere traz algumas características que remetem a um tipo de ensino muito citado por outros professores entrevistados, que é o ensino tradicional. Um ensino que priorizava o desenvolvimento do medo no aluno pela reprovação, como a professora acima cita. A professora Cláudia, no entanto, ao tratar deste assunto afirma que: “[...] É, na nossa época era assim, bem voltado pro

tradicional, né? Pro tradicional, mas que eu sempre falo, mas que a gente aprendia também, né?” (Professora Cláudia), e a professora ainda continua afirmando que esta aprendizagem não desaparecia de uma hora para outra de suas memórias. O que parece estar claro no discurso destas professoras da educação em geral, é que o modo de ensino tradicional era suficiente para que o objetivo de ensino-aprendizagem fosse concretizado.

Como se percebe, as professoras das outras disciplinas têm seus posicionamentos na mesma direção, e apontam que a educação mudou e que esta educação passou de uma educação bancária¹⁰, tradicional, para uma educação inovadora, flexível, aberta ao aluno, mas que desvalorizou o trabalho do professor. Essa maneira de encarar a mudança nos remete a pensar que há um desencanto profissional pela forma como está configurada a organização e certas metodologias educacionais hoje.

Os professores de educação física também não caminham de forma diferente. Avaliam que suas educações de antes tinha “perspectiva tecnicista” (Professora Tereza) e que priorizava aqueles que tinham mais habilidade técnica. O professor João afirma inclusive ter iniciado em sua prática docente reproduzindo completamente aquilo que vivenciou enquanto aluno, mas que hoje não reproduz mais e tenta trabalhar de forma a fazer com que os alunos pensem na solução de problemas criados por eles mesmos, ou pelo professor.

O professor Matheus afirma que possuía um professor na sua educação básica que era espontaneísta e que ele não segue tal linha, sempre busca ensinar todos os elementos a cultura corporal aos seus alunos. As diversas formas de manifestação da cultura corporal a nível conceitual, estrutural e prático. Todos os professores de educação física conseguem visualizar nas suas formações básicas a prioridade dada ao ensino do esporte e a desqualificação dos demais conhecimentos, e, também, a valorização da técnica e dos mais hábeis para as aulas práticas.

Destaque-se o que Gasparin (2009) afirma:

Muitas críticas são feitas à Escola Tradicional, considerada mera transmissora de conteúdos estáticos, de produtos educacionais ou instrucionais prontos, desconectados de suas finalidades sociais. Se isso é verdade, deve-se lembrar que a escola, em cada momento histórico constitui uma expressão e uma resposta à sociedade na qual está inserida. Nesse sentido, ela nunca é neutra, mas sempre

¹⁰

Expressão utilizada por Paulo Freire.

ideológica e politicamente comprometida. Por isso cumpre uma função específica. Pode ser que a escola hoje não esteja acompanhando as mudanças da sociedade atual e por isso deva ser questionada, criticada e modificada para enfrentar os novos desafios (GASPARIN, 2009, p. 2).

Desse modo, coloca-se como exigência que a compreensão das problemáticas encontradas nas escolas e denunciadas aqui pelos docentes seja discutida e avaliada para proposição de ações concretas sobre o plano escolar atual, com vistas diretas na educação futura. É ingenuidade deixar de verificar que a conjuntura na qual se encontra a educação hoje não esteja posta pela forma do atual modelo de sociedade como está. A escola é determinada e condicionada às determinações da realidade social, em constante transformação, mas também atua contribuindo com processos de transformação desta mesma sociedade, e sua atuação ocorre na dialética do ensino-aprendizagem dos conteúdos científicos, culturais e sociais.

Portanto, reconhecer que a educação não mudou, mas sempre esteve em movimento dado o momento histórico vivido, é de extrema importância. A professora Celma afirma que a educação de hoje comparada com a de ontem é muito parecida:

[...] Não mudou muita coisa não, sabe? Coisa assim, tipo profissional... Quê que mudou? Mudou o modelo da cadeira, a gente sentava de quatro e hoje você tem a cadeira individual. Você tem sua cadeira individual. Então, diz que é para trabalhar em grupo, mas a minoria trabalha... Então eu acho que... Na época que eu era aluna, se eu pudesse participar, né? [...] Não acho que tenha grande diferença não! [...]
(Professora Celma).

Esta professora, dentre os demais professores entrevistados, foi a única que respondeu desta forma. A escola sempre foi ideológica no sentido da reprodução social dos conhecimentos as novas gerações. Isso pode ser que não tenha mudado, mas vale ressaltar que admitir que a escola não mudou em nada que possa ser significativo, também possui justificativas e merecem reflexões. Ao afirmar que a educação de hoje é igual ao do passado, qual seria o papel dos professores nesta questão? Quem poderá fazer a diferença para mudar a educação, senão o professor e sua atitude e, sem ser a vítima ou culpado pelo processo de desqualificação do ensino, onde está a parte que cabe ao professor?

No entanto, sabe-se que a educação de ontem apesar de não ter vivenciado essa a força ideológica da comunicação em massa, possuía as mesmas características no que se refere às ações e atitudes dos sujeitos ali envolvidos, no entanto, não podemos negar que a educação como um processo social e uma prática humana teve seus desdobramentos ao longo dos anos. A história da sociedade teve mudanças, a vida modificou em certos aspectos e

manteve outros, os meios de comunicação aprimoraram sua propaganda, novos desejos foram instituídos na vida das pessoas. Dessa forma, mesmo que a sociedade não tenha avançado nos aspectos éticos e sociais, houve mudanças tecnológicas e científicas que alteraram vários elementos da vida escolas, os objetivos dos professores diante de seu trabalho junto à sociedade e mesmo as expectativas sociais sobre a educação e a escola.

Ter encontrado tais fatores e analisados estas questões auxiliaram nas avaliações sobre o que é a escola real que existe na sociedade, as características pedagógicas em desenvolvimento e indicou novos elementos a ser compreendido sobre a vida dos professores e suas práticas. Parece que o momento aponta para um novo movimento dos professores com o intento de realizar novas reflexões¹¹ sobre o que precisa ser feito e aquilo que independe de suas ações diretas no trabalho escolar. Ao fazê-los pensar sobre suas vidas e reconhecer-se sujeitos da história vivida é ampliar as possibilidades de reconhecer as mudanças realmente positivas no âmbito de suas práticas professorais no sentido transformador.

Parece que a sociedade hoje, da forma como está posta está se encaminhando para um futuro, exigirá da escola mudanças de nível educacional. O que eles esperam da escola no futuro? O que pensam da educação que estamos realizando hoje? Como será a nossa escola? Estas questões serão tratadas a seguir.

2.4. A ESCOLA QUE QUEREMOS

Para entender a escola para/ou do futuro é preciso que haja entendimento da escola que se tem hoje, e, para que se entenda a escola de hoje é necessário que se compreenda o que se passa atualmente na sociedade. A sociedade hoje passa por muitas transformações as quais a escola está diretamente sendo influenciada. Para Libâneo:

[...] O mundo de hoje passa por transformações profundas nas esferas da economia, da política, da cultura, da ciência. Do lado econômico conjugam-se avanços científicos e tecnológicos da microeletrônica, bioenergia, informática e meios de

¹¹ Este trabalho monográfico será discutido e refletido nas semanas de planejamento pedagógico das escolas envolvidas, previstas para o início de fevereiro-2012, dentro do seminário do coletivo ampliado do Pibid/FEF.

comunicação com a globalização da economia, que é, na verdade a mundialização do capitalismo. Essa associação entre ciência e técnica acabou por propiciar mudanças drásticas nos processos de produção e transformações nas condições de vida e de trabalho em todos os setores da atividade humana (LIBÂNEO, 1998, p. 2).

Neste contexto histórico-social, sendo a educação uma atividade humana, é importante considerar que no atual momento ela tem passado por transformações que somente serão mais evidentes no futuro, e, talvez, não muito distante. Essas transformações sociais citadas por Libâneo (1998) esta atualizada, mas os professores precisam ter em mente que todas estas mudanças no âmbito da sociedade capitalista interferem diretamente na escola. São mudanças do modo de produção da vida social que

[...] afetam a organização do trabalho e o perfil de trabalhador. Com as transformações das técnicas (informatização, sistemas de comunicação, maior automação) modificam-se as profissões reduz-se o trabalho manual, aumenta-se a necessidade de trabalhadores com mais conhecimento, e melhor trabalho técnico, de um trabalhador com mais cultura, mais polivalente, mais flexível. É evidente que tudo isso implica em valorizar a educação em geral, propiciar novas habilidades cognitivas e competências sociais e pessoais. É esse tipo de escola que o capitalismo está precisando, uma escola com objetivos mais compatíveis com interesses do mercado. [...] (LIBÂNEO, 1998, p. 2).

Diante destas condições cada professor precisa se atualizar para participar das mudanças da escola no sentido de avançar mais ainda o projeto de escola ao alcance de todos e com qualidade social. Que se mantenha atento às transformações que não esteja informado pelas mídias ou pelos processos oficiais do governo. Conhecimento que os liberte que os motive a querer acompanhar as transformações e seja autêntico diante de seu fazer pedagógico no presente para as esperanças futuras. Temos em mente que a educação deve ter na visão destes professores, sujeitos do futuro, e daquilo que eles esperam para seu país mais frente.

No estudo, daqui para frente deixa-se o passado, para refletirmos sobre o futuro. No estudo buscamos identificar nas respostas dos professores de hoje qual é o movimento atual que está se realizando em torno da educação e o que conseguem identificar disto na formação do futuro. Esse tipo de questionamento se torna mais e mais agudo quando vemos que há muitas críticas realizadas a educação, ao ensino, a forma como se organiza a estrutura básica escolar, a relação professor-aluno.

Duas professoras (Luana) e (Cláudia) ao responderem sobre o que esperam da educação do futuro, afirmaram que a escola deve ser mais bem separada do papel que a família exerce. Além disso, afirmaram que o sistema da forma como está se encaminhando

não tem como visualizar que rumo que a educação irá se materializar e, parece claro que a escola não consegue mudar o aluno sem ajuda da família.

O discurso de que a escola somente conseguirá algo com o auxílio da família não somente aparece na fala destas duas professoras, como também em outros momentos da entrevista (profa. Carla e Ana) apontando que atualmente a escola tem assumido um papel que é da família. Os professores têm sido obrigados a dar uma educação que não se refere aos conhecimentos curriculares, mas um conhecimento informal, que deveria vir do berço e que não tem acontecido. A questão é que estas docentes, ao apontarem tal fato, explicam que desta forma a atividade educativa torna-se cada vez mais inviável em uma escola do futuro. Essas professoras (Carla e Ana) relacionam o futuro da educação às inovações tecnológicas, à globalização de forma positiva. De forma a relacionar as inovações ao que há de melhor no mundo. Abrir escola para entrada de meios que irão trazer somente benefícios à escola.

É bem verdade que a escola está recheada de alunos que trazem consigo todo o acervo cultural adquirido na vida exterior à escola. A esses alunos, em sua maioria, são apresentados os meios tecnológicos mais avançados, mas poucos são aqueles que podem ter um desses meios, como afirma Libâneo:

[...] A escola seria um lugar de síntese entre a cultura experienciada, que ocorre na família, nos grupos de vizinhança, na cidade, nos meios de comunicação etc. e a cultura formal, os conteúdos, o ensino. Hoje as coisas já acontecem mais ou menos assim, só que de forma meio desconexa. A televisão e os outros meios informativos já entram na sala de aula, mesmo com ou sem a participação do professor, porque os alunos já trazem uma cultura 'mediatizada', a menina pobre, rica, remediada está impregnada nas mídias, quer dizer nos meios de comunicação. Além da televisão, a cidade intervém pelas suas instituições cívicas e sociais, as praças, as ruas, a propaganda, o lazer, mas também pela violência, pelos problemas sociais. A escola não substitui essa rica prática educativa proveniente de contextos informais, mas ela deve conectar-se com ele (LIBÂNEO, 1998, p. 3).

Segundo esta posição, as práticas educativas se misturarão aos contextos informacionais e tecnológicos presentes no universo escolar e cada vez com maior força e interferem diretamente no contexto educacional. A escola é enxergada como local de síntese e encontro de ideais que vão se confrontar cotidianamente, como um movimento comum e que deve ser privilegiado entre os alunos e os docentes, porém sempre abordando-os no sentido crítico e social. Refletir sobre esse movimento social e entender o que está ocorrendo hoje se constitui parte da prática educativa dos professores no universo escolar.

É impossível dissociar vida de escola com a vida dos alunos e dos professores neste novo processo de socialização e de aprendizagens. A escola é talvez hoje o único local em que se pode transformar informação em conhecimento/cultura em sentido mais elaborado. Para tanto, os docentes precisam estar preparados para prover as necessidades cognitivas, afetivas, sociais que estes alunos precisam para tentar avançar junto em seus conceitos.

A escola necessária para fazer frente a essas realidades é a que provê formação cultural e científica, que possibilita o contato dos alunos com a cultura, aquela cultura provida pela ciência, pela técnica, pela linguagem, pela estética, pela ética. Especialmente, uma escola de qualidade, é aquela que inclui, uma escola contra a exclusão econômica, política, cultural e pedagógica (LIBÂNEO, 2004, p. 47).

O que chama-nos a atenção na fala das professoras (Celma e Maria) é que a primeira afirma que a educação do futuro será igual a que está estabelecida hoje. Não haverá nada de novo. Afirma que os professores recém-formados que saem das universidades chegam à escola sem conhecer nada da escola, sem vontade de trabalhar, de conhecer o universo escolar. Enquanto a professora Maria, afirma, por sua vez, que a escola, desde quando ela era aluna, retrocedeu, perdeu de vista muitos aspectos que eram necessários para uma educação de qualidade e diz ainda que com o passar dos anos os alunos tem menos conhecimento do que tinham as pessoas antes. A professora diz que há muitas responsabilidades que não são da escola e que caem sobre a escola, desde escovar os dentes.

A escola do futuro parece estar sendo vista pelos professores como mera usufruidora dos meios de tecnologia. A tecnologia irá fazer parte do ambiente escolar muito mais do que está hoje, segundo os docentes. Essa escola do futuro, segundo a visão de outros docentes, irá também ter que alterar a relação entre professor e aluno tentando adequá-lo aos meios de comunicação.

É importante notar que os docentes das demais disciplinas apontam para a educação do futuro como uma educação que terá mudanças significativas em sua maioria, tecnológicas, no entanto, os professores de educação física, em sua maioria, olham para a escola do futuro com um olhar menos esperançoso, principalmente no que se refere à inovação tecnológica. Percebemos isso na fala da professora Gisele:

[...] O corpo hoje é um corpo parado, né? A questão da tecnologia é muito boa, mas ela faz com que as pessoas fiquem mais paradas? Você não precisa movimentar pra fazer basicamente nada. Você liga, faz compras, aperta um botão, você muda de canal. Basicamente você tem que se movimentar muito pouco e a educação física

escolar deveria, é... O objetivo primordial é mostrar pras pessoas que esse corpo se movimenta, que ele pode fazer muita coisa [...] (Professora Gisele).

Outros docentes também, como o professor Matheus e a professora Suzi apresentam em seus discursos um olhar não muito esperançoso com relação à educação do futuro. Afirmam que as mudanças serão poucas e que apesar dos movimentos sobre os eventos Olímpicos no Brasil, a educação tem ficado de lado sem mexer na estrutura e que, portanto, tal mudança não acontecerá facilmente. A professora Carol, aponta que as mudanças irão ser de grande contribuição metodológica e diz que o a estrutura do conhecimento será modificada uma vez que se valorizará a interdisciplinaridade.

Enfim, a essa escola cheia de desejos e vontades que são expressos por diferentes modos pelos professores das escolas-campo de atuação do PIBID, indica que a reflexão precisa ser elemento fundamental de suas práticas pedagógicas e sociais. Uma reflexão que dará ao docente a capacidade de avaliar sua prática, de pensar a sociedade em que está, de esclarecer seu papel. Para Libâneo (2004):

O que está e questão é como o ensino pode impulsionar o desenvolvimento das competências cognitivas mediante a formação de conceitos e desenvolvimento teórico, e por quais meios os alunos podem melhorar e potencializar sua aprendizagem (LIBÂNEO, 2004, p. 4).

Quem sabe, com um maior incentivo a instrumentalização destes mestres como seres humanos que possuem a capacidade de ajudar outros seres humanos a se humanizarem, em processos reflexivos de teoria e agir sobre a realidade, o papel da escola se universaliza contra a prática que oprime, que rouba a identidade e aliena no trabalho, para uma formação de homens livres e autônomos.

CAPÍTULO 3

CONCLUSÃO

Este estudo se constituiu como um desafio, pois a tarefa de olhar para a história e tentar angariar meios de pensar nas práticas que os professores desenvolveram durante certo período de tempo, se faz uma tarefa ampla e cheia de alvos. No entanto, algo que se constituiu como facilitador para o processo de desenvolvimento deste estudo foi a experiência desenvolvida dentro do PIBID/FEF/UFG. Uma experiência que trouxe a este trabalho um olhar diferenciado, e não somente a este trabalho como à formação inicial que o coletivo de acadêmicos ali inseridos terão.

O PIBID/FEF/UFG estabelece suas bases na pesquisa-ação. Tal metodologia se organiza de forma a concretizar a formação inicial de professores de educação física fazendo com que os mesmos, dialoguem com a realidade, e ao mesmo tempo intervenha nesta mesma realidade ativamente. Esta experiência foi bem-sucedida tendo em vista que esta temática surgiu a partir da aproximação ao campo de pesquisa e por reconhecimento das necessidades reais da escola em buscar estas contribuições do quadro de professores inclusive daqueles que não estão mais na escola hoje. Esta experiência pedagógica e de produção de conhecimento demonstra que é preciso olhar para frente, mas também para o passado, para os problemas atuais e para as possíveis soluções, ou seja, tentar compreender a escola dentro de uma perspectiva de totalidade histórico-social.

Nenhuma destas ações se tornaria possível se fossem desconsideradas as ações desenvolvidas pelo PIBID/FEF/UFG quanto ao tipo de movimento na abordagem da realidade escolar, a forma de olhar e intervir nos problemas e a maneira de trabalhar coletivamente tanto no grupo de bolsistas como no coletivo ampliado com a escola. Trata-se, portanto de uma prática que articula diretamente as ações/decisões do grupo, uma vez que este trabalho coletivo é o que aproxima mais do objetivo final que é a ação transformadora. Todas as temáticas desenvolvidas pelo coletivo, inclusive as duas temáticas (Memórias da Escola e da Vida Docente, A Educação Física e a Docência na Escola) que aqui foram trabalhadas auxiliam os futuros professores a construir suas visões da escola como um todo, perceber

dados importantes da realidade educacional e, mesmo não adentrando ao imediato do universo escolar como docentes, pode se perceber várias questões, problemas e soluções que se aproximam de outras realidades escolares e que devem ser objeto de estudo por parte dos professores das escolas estudadas.

Diante de todas as análises apresentadas neste estudo observa-se que os docentes apresentaram em suas falas características que apontam para certos trajetos pedagógicos, políticos e profissionais. Quanto à escolha pela profissão, os professores (em sua maioria pedagogos) reafirmam a identidade docente como uma atividade predominantemente feminina, apontando para isso atividades que aproximam a tarefa de educar a tarefa de cuidar (como fazem as mães). A discussão sobre a feminização do magistério veio inicialmente embasada nos resultados quantitativos e aparentes, mas posteriormente foi possível identificar que para, além disso, os docentes sentem que esta atividade de ser professor fundamentalmente nas séries iniciais é de natureza feminina. Além de admitirem que esta é uma atividade que lhes proporcionará possibilidades de trabalho remunerado e a ela se soma a dupla jornada da mulher no desempenho das atividades domésticas.

Ao pensar acerca da escolha pela docência, esta atividade reflexiva levou diretamente os professores pensarem sobre a sua permanência na educação, e o que pode se observar é que há uma mistura de papéis: os docentes não reconhecem sua função no universo escolar, nem mesmo as características da escola em si e, portanto também apresentam justificativas superficiais e inconsistentes para se manterem na educação. Não há como deixar de reconhecer, no entanto, que estes docentes em sua maioria, não puderam dedicar-se ao desenvolvimento de práticas acadêmicas após suas formações iniciais, mantendo-se desatualizados dos debates e reflexões docentes.

Quanto à área da educação física, grande parte dos docentes da escola relatou que a primeira associação à vida profissional ocorreu por vínculos ao esporte, isto confirma mais uma vez vários estudos realizados na área de que a maioria dos professores de educação física se aproxima da profissão pela sua relação com as práticas esportivas na juventude. Essa opção associada ao esporte e não ao trabalho de professor traz muitas limitações no cumprimento nos objetivos educacionais e nas motivações de trabalho ao adentrarem no campo da educação. Uma vez que a associação ao esporte (e somente ao esporte) não poderá ser

contempladora de todos os aspectos socioculturais necessários para a concretização da educação do corpo de forma ampliada, crítica e emancipadora.

Esta talvez seja a razão das dificuldades dos professores de educação física em entender qual a finalidade de suas atividades na escola. Eles sentem-se perdidos em meio às tantas incertezas que os cercam e isto, reflete muitas vezes formações fragilizadas, pouco preparo pedagógico e ainda pressões do ambiente de trabalho acerca daquilo que estes devem ou não fazer. No entanto, foi possível identificar na fala de pelo menos dois professores algo que reflete uma formação ampliada e crítica voltada para projetos de transformação da escola.

O interessante do desenvolvimento deste estudo foi exatamente este movimento de poder dialogar com várias temáticas sem desagregá-las e poder verificar que as relações que aparentemente são individuais estão muito mais no âmbito coletivo. Os professores ao discorrerem sobre suas práticas e características pedagógicas apresentam reflexos de construções que estão muito além daquilo que eles são individualmente, mas sim daquilo que são coletivamente. Mesmo as características pedagógicas trazidas e desenvolvidas dentro da sala de aula refletem ou se relacionam com aquilo (esporte) que os motivou a optar pela docência, se percebe inclusive as influências das suas experiências familiares.

Ao questionar os professores quanto à natureza pedagógica e profissional estes confirmaram que suas práticas continuam baseadas no ensino técnico do esporte algumas vezes possuem ainda uma característica de não-diretividade. Cabe aqui colocar: como professores de escola pública que atendem em sua maioria aos filhos da classe trabalhadora, dos menos favorecidos, deixam de considerar que a metodologia, os conteúdos e a aula em si, são os meios mais diretos para o desenvolvimento de práticas críticas e que possam realmente auxiliar os alunos em direção à emancipação?

Para os docentes entrevistados, a educação do passado não mais reflete a educação de hoje e nem mesmo poderá ser comparada à educação do futuro. Os professores das demais disciplinas afirmaram que a educação do passado foi extremamente agressiva no que se refere às relações estabelecidas entre professor e aluno. Os professores de educação física afirmaram que a educação física de seus tempos escolares esteve vinculada às práticas de cunho esportivizado, e estes afirmam que não é mais assim nos tempos atuais. Percebe-se que há imensa tentativa de fazer transparecer, durante os diálogos, que a educação

desenvolvida nas escolas A e B não mais refletem a educação passada, pois se tratava de uma educação extremamente negativa, devido às relações estabelecidas entre professor-aluno, o trato dado ao conhecimento, bem como a estrutura organizacional da sociedade em si. No entanto, percebe-se que a educação que tanto atemorizava os docentes enquanto estes eram alunos, ainda que de forma mascarada, se faz presente nas suas formas de ensino hoje. O retrato da educação desenvolvida pelos professores atualmente desmascara faces ocultadas do sistema educacional do passado. Um sistema violento – segundo os próprios docentes – e que desrespeitava os alunos, bem como os próprios docentes.

Há, no entanto, que se destacar que a educação do futuro, pensada pelos docentes, apresentam duas faces. A primeira análise se refere a que foi trazida pelos professores das outras disciplinas, a qual deve estar futuramente vinculada a inovações tecnológicas. Mas é preciso trazer à discussão que estes docentes, em sua maioria, sentem-se ameaçados por tais inovações e sentem-se perdidos quanto ao que será de suas atividades. Os professores de educação física, no entanto, apresentam outra face para a educação do futuro: estes esperam que a educação seja preservada das inovações tecnológicas uma vez que estas se transformariam em agressoras ao processo de saúde da sociedade em geral. Afirmam que a educação física seria inviabilizada diante dos avanços tecnológicos, sendo a prática de exercícios físicos secundarizados mais ainda do que hoje. Esta visão, um tanto restrita dos avanços tecnológicos no campo da educação física, se mostra conflitante a referida realidade, pois os avanços tecnológicos dificilmente deixarão de adentrar a escola, uma vez que esta não está dissociada da sociedade, no entanto, tal característica poderá ser mediada se os docentes souberem se utilizar dos meios inovadores adentrando o universo escolar. Assim como os avanços da tecnologia são meios que favorecem e qualificam o treinamento esportivo atualmente, porque então estes não poderiam qualificar ainda mais a educação através das práticas corporais?

Vale ressaltar que há alguns docentes que apresentaram uma visão diferenciada da realidade passada e futura, mas estes apenas afirmam que não houve e nem mesmo haverá mudanças, já que a educação de ontem é a mesma de hoje e será a continuidade no amanhã. O que pode ser mudado são as características mais superficiais e estruturais, no entanto a base social permanece a mesma. Esta visão reprodutivista que muitos têm se apegado inviabiliza o

sonho de uma educação melhor, uma educação que possa ser modificada a partir da ação individual no âmbito coletivo e do coletivo em busca do aprimoramento dos indivíduos.

Não é mera coincidência que a maioria os docentes sentem-se desencantados com suas profissões e permanecem nela por que não conseguem angariar meios para caminhar em outra direção. Poucos são aqueles entre os quais foi estabelecido este diálogo que demonstraram suas contradições no trabalho de ensinar ou se sentem realizados com esta prática. Temos provas disto dentro da própria formação de professores na universidade, quanto ao que esperam os alunos na sua realização profissional na escola. No sentido de motivar a docência e a compreensão da realidade da escola, o trabalho desenvolvido pelo PIBID se constitui de extrema importância para a formação de professores não somente para que se realizem em suas práticas pedagógicas, mas encarem sua profissão com motivação e responsabilidade social.

Além desta questão aqui colocada é de extrema importância aqui levantar possíveis temas para o aprofundamento, já que o estudo tencionou as suas discussões acerca das práticas dos professores e o seu reflexo na realidade escolar, bem como de que maneira tais práticas poderão influenciar a educação do futuro. É necessário considerar que o que aqui foi desenvolvido não é suficiente para a compreensão dos docentes e de toda riqueza trazida por eles através dos diálogos estabelecidos, uma vez que a exploração das falas dos docentes apenas contribuirá para ampliar ainda mais este trabalho.

Cabe ressaltar que embora o trabalho que aqui foi desenvolvido tenha sido simples foi de extrema importância para compreendermos como a história é capaz de explicar muitas tendências presentes na escola hoje. A importância de reconhecer as experiências sociais dos professores como conhecimentos válidos e que devem ser debatidos no universo pedagógico e educacional na pauta de reflexões acerca daquilo que a escola tem desenvolvido, deveria ser uma ação constante no ambiente escolar por parte da comunidade e na própria universidade.

Trazer à tona que estudos e pesquisas como estas deveriam ser práticas comuns e frequentes na formação de professores de educação física em sua relação com o sistema educacional, assim estaria mantendo a articulação da formação com a realidade educacional concreta e as questões-problema de razões históricas.

A tentativa inicial deste estudo foi de desenvolver uma pesquisa mais ampla acerca de cada categoria docente, no entanto isso impossível dada algumas circunstâncias e imprevistos ocorridos no último ano de minha formação inicial, mesmo assim acredito que a superação maior que aconteceu neste trabalho se refere não tanto às causas do processo educacional e de problemas do trabalho pedagógico nas escolas-campo, mas, e principalmente, na formação humana a qual pude começar a desenvolver a partir do trabalho coletivo desenvolvido no PIBID/FEF/UFG.

4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulheres na Escola: Algumas reflexões sobre o magistério feminino**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 96, p. 71-78, fevereiro, 1996.

APPLE, Michael. **Ensino e Trabalho Feminino: Uma análise comparativa da história e ideologia**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 64, p. 14-23, fevereiro, 1988.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAVID, Nivaldo Antônio Nogueira. **Contribuições do método participativo para a capacitação de professores de Educação Física Escolar**. Revista Pensar a Prática. Goiânia. FEF/UFG. CEGRAF v.1 n.1 p. 59/73, 1998.

DAVID, Nivaldo, *et all*. **A Formação em Educação Física: O PIBID como espaço de Trabalho Coletivo**. Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte (p. 1-11), Porto Alegre, setembro, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Política e educação: Questões de Nossa Época**. 5 ed. São Paulo, Cortez: 2001.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 5 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

JESUS, Regina de Fátima de. **Sobre alguns caminhos trilhados... Ou mares Navegados... Hoje, sou professora**. In. VASCONCELOS, Geni A. Nader (Org.). **Como me fiz Professora**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KRAMER, Sonia & SOUZA, Solange Jobim e. **Histórias de Professores: Leitura, escrita e pesquisa em Educação**. São Paulo, SP: Atica, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Perspectivas de uma Pedagogia Emancipadora face às Transformações do Mundo Contemporâneo**. Revista Pensar a Prática (Entrevista com José Carlos Libâneo concedida ao Professor Nivaldo Antônio Nogueira David). Goiânia. FEF/UFG. CEGRAF v.1, 1998.

_____. **Pedagogia e Pedagogos: Inquietações e Buscas**. Revista Educar, Curitiba, n. 17, p. 153-176, 2001.

_____. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática.** 5 ed. São Paulo: Editora Alternativa, (p. 43-62) 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos e Filosóficos.** Tradução de Jesus Haniere. São Paulo: Boitempo, (p. 10-42) 2004.

NOAL, Ingrid. **Manifestações do Mal-estar Docente na vida de professores do Ensino Fundamental: Um estudo de Caso.** Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

SAVATER, Fernando. **O Valor de Educar.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia.** São Paulo: Autores Associados, 1989.

_____. **Trabalho e Educação: Fundamentos Ontológicos e Históricos.** Revista Brasileira de Educação, v.12, n. 34, jan-abr, 2007.

STOBAUS, Claus Dieter; MOSQUERA, Juan José Mouriño. **O Mal-estar na docência: Causas e Consequências.** Congresso Internacional de Educação, III, n. 31, p. 139-146, São Leopoldo – RS, 1996.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** 17.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VASCONCELOS, Geni A. Nader. **Puxando um fio...** In. VASCONCELOS, Geni A. Nader (Org.). **Como me fiz Professora.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

5. ANEXOS

ANEXO 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA DIÁLOGO COM EX- PROFESSORES E PROFESSORES DAS ESCOLAS: MEMÓRIAS DA ESCOLA E DA MINHA VIDA DOCENTE

Ident: _____ Idade: _____; Sexo: ____ Cor: _____ Tempo de Trab. _____

Tipo de Formação (ano): _____

Disciplina: _____.

1. Como surgiu a ideia de ser professor e de trabalhar com a educação?
2. O que significava a escola pra você na época?
3. Quais os seus objetivos como professor da escola pública?
4. Qual era a finalidade/importância de sua disciplina na escola? Como sua disciplina era vista por seus colegas?
5. Como você avalia o seu trabalho de professor desenvolvido durante todos estes anos na escola? Ótimo () Bom () Regular () Péssimo (). Explique sua resposta:
6. Qual a metodologia de ensino você defendia (defende ainda) para a escola pública? Diretiva () Não-diretiva () Livre Escolha do Aluno () Condicionada a Solução de Problemas (). Explique a sua resposta:
7. Que tipo de conteúdos você acredita ser o mais importante no âmbito de sua especialidade de conhecimentos? Geral () Específicos () Práticos () Técnicos () Utilitários () Baseado nos Interesses dos Alunos (). Explique sua resposta:
8. Como você enquadra o seu modelo de aula dentro da organização das atividades de ensino? Tradicional () Inovadora () Técnica () Flexível () Aberta (). Explique sua resposta:
9. Como você via (avaliava) o comportamento da maioria dos alunos na escola em que trabalhava? Passivo () Ativo () Silencioso () Apático () Agressivo () Desinteressado (). Existem diferenças daqueles alunos sua época para os alunos da escola de hoje? Em que aspecto?
10. Como você avalia o processo de ensino (conteúdo específico) da época em que você foi aluno? Posteriormente já na condição de professor, isso foi mudado? Atualmente você acha que o modelo utilizado é diferente – em que sentido?
11. Como era o convívio com seus colegas dentro e fora da escola? () Fraternal () Apático () Individualista () Colaborativo () Em disputas () Outros. Explique sua afirmação.
12. Cite alguns acontecimentos de seu tempo de escola e que traz saudades e grandes recordações.
13. Você tem alguma ideia de como será a escola no futuro de médio prazo?
14. Como pensa que será ministrado os conteúdos de sua atividade docente na escola do futuro?

ANEXO 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA DIÁLOGO COM PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A EDUCAÇÃO FÍSICA E A DOCÊNCIA NAS ESCOLAS

Identidade: _____ Idade: _____ Sexo: ____ Cor: _____ Tempo de Trab. _____

Tipo de Formação (ano): _____ Disciplina: _____

1. Como surgiu a ideia de ser professor?
2. Quais os seus objetivos como professor da escola pública?
3. Para você qual seria a finalidade da educação física na escola?
4. Como você avalia o seu trabalho de professor no transcorrer destes últimos anos na Escola? Ótimo () Bom () regular () Péssimo (). Explique sua resposta:
5. Qual a metodologia de ensino você defende para a escola pública? Diretiva () Não- diretiva () Livre escolha do aluno () Condicionada a Solução de Problemas (). Explique a sua resposta:
6. Que conteúdo você acredita ser o mais importante no âmbito de sua especialidade de conhecimentos? Geral () Específico () Práticos () Técnicos () Utilitários () Baseado nos Interesses dos Alunos (). Explique sua resposta:
7. Como você enquadra o seu modelo de aula dentro da organização das atividades pedagógicas? Tradicional () Inovadora () Técnica () Flexível () Aberta (). Explique sua resposta:
8. Como você vê o comportamento da maioria dos alunos hoje na escola? Passivo () Ativo () Silencioso () Apático () Agressivo () Desinteressado (). Existem diferenças de sua época de aluno? Em que aspecto?
9. Como você avalia a sua forma de ensinar hoje e a avaliação em que foi submetida em sua época de aluno?
10. O que significa escola para você hoje?
11. Você tem alguma ideia de como será a escola no futuro de médio prazo?
12. Como você imagina a educação física na escola de futuro?

ANEXO 3

TRANSCRIÇÕES DIÁLOGO COM EX- PROFESSORES E PROFESSORES DAS ESCOLAS: MEMÓRIAS DA ESCOLA E DA MINHA VIDA DOCENTE

ESCOLA A Memórias da Escola e da Vida Docente Transcrição da Professora Marisa:

P: Boa Tarde! Bom, para iniciarmos, pedirei que você coloque algumas informações importantes para nosso registro. Ok?

Marisa: Ok!

P: Nossa conversa se orientará a partir de sua vida docente... Aquilo que mais se faz importante para nosso estudo. Primeiro pedirei que ao preencher os dados pessoais, falasse para que identifiquemos na gravação, tudo bem?

Marisa: Tudo bem! Identidade: 1512896; Idade: 46 anos; sexo: feminino; cor: branca; Escola que trabalhou: Escola A; Tempo de Trabalho na Escola: 11 anos, de 1996 a 2007; Tipo de formação: Graduação na UCG e Especialização em Alfabetização na UFG; Curso: Pedagogia; Ministrei todas as disciplinas. Passei a metade da minha vida docente quase, na Escola A, né?

P: E hoje, você trabalha em alguma escola ainda?

Marisa: Não... Deixei a escola o ano passado (2009)... Só tem um ano, só... É o primeiro ano que eu fico afastada da escola. Lá da Escola A eu saí tem dois anos. De lá eu fui pra um CMEI e aí resolvi deixar a escola.

P: Você trabalha aqui na SEDEM em que área exatamente?

Marisa: Nós trabalhamos divisão de habitação, trabalhamos com o processo dos feirantes que têm necessidades especiais, né? E com a supervisão também, né? A gente supervisiona quando é necessário, né?

P1: Como surgiu a ideia de ser professor e de trabalhar com a educação?

Marisa: Então, eu sou de uma família de treze irmãos, e treze filhas, né? E eu sou a caçula, e as minhas irmãs, boa parte delas já eram professoras, então na verdade, veio um estímulo, né? De família mesmo. Nós somos sete professoras em casa. Então as brincadeiras de criança, sempre foram como professoras, né? Brincávamos de escolinha, né? E tal... E eu nunca tive dúvida que queria ser professora. Graças a Deus foi uma boa escolha que eu sempre gostei da minha função.

P2: O que significava a escola pra você na época?

Marisa: No caso, como aluna, é... Eu sempre fui aluna de escola pública, e... Mas assim, sempre foi um local que além de brincadeiras, porque na escola, na época que eu estudei a gente tinha já as brincadeiras, não foi àquela coisa de muita rigidez, de castigo, né? Mas também de compromisso, né? Eu sempre fui uma aluna muito comprometida, muito responsável, de estudar mesmo... Então... Eu acho que é por aí!

P2: E ao iniciar a graduação essa ideia mudou?

Marisa: É... Eu comecei a dar aula muito cedo, né? Antes mesmo da graduação, de entrar na Universidade, eu já tinha... Com 16 anos já dava aula, então, aquilo foi só um prosseguimento, né? Uma continuidade. Eu já tinha muito contato com os diretores da Católica, né? A Alda Maria, que até hoje está lá, foi sempre assim, meu “guru”, né? Eu sempre assim, persegui muito... Que ela assim, orientava a escola que eu trabalhava a primeira escola que eu trabalhei quando eu fui concursada. Então eu já tinha muito essa ideia, né? De que o aluno é sujeito do conhecimento, e a minha graduação toda foi em cima disso, né? Então foi muito fácil, porque eu já tinha muita prática na sala de aula e como educadora mesmo.

P3: Quais eram seus objetivos como professora na escola pública?

Marisa: Então, eu dei aula na escola particular, só um ano, e apesar de eu gostar de dar aula que foi antes de eu prestar concurso na prefeitura, apesar de gostar, não era meu objetivo, né? Meu objetivo sempre foi a escola pública. E... Porque eu sempre acreditei nessa educação transformadora, né? E que o aluno ele possa realmente se identificar como sujeito, como... É... Lutar pelos seus direitos e a sala de aula pra mim, sempre foi esse espaço, né? Como professora, eu sempre trabalhei os conteúdos e... E a disciplina tudo, muito nesse foco, né? De transformar mesmo o aluno como um agente, né? De transformação.

P4: Qual era a finalidade / importância de sua disciplina escola? E como ela era vista por seus colegas de trabalho?

Marisa: É... Boa parte da minha, é... Estada lá na Escola A foi com o trabalho com a Alfabetização... Então, eu acho, eu acredito que até hoje os professores veem a alfabetização como algo muito importante. Eu pelo menos vejo assim até hoje. Eu acho que a alfabetização é a base do aluno, né? Quando ele é bem alfabetizado, ele tem

toda uma estrutura pra poder se dar bem na... Em todos os seus anos de escolaridade. E como eu sempre me empenhei muito e, assim, trabalhei, eu avalio como muito bem na alfabetização, eu sempre fui muito respeitada, por meus colegas, né? Sempre servi talvez até como orientadora pras meninas que chegavam novas, sem experiência, então sempre foi muito tranquilo. Desde o início quando eu fazia magistério eu já trabalhava com alfabetização, mas assim numa linha já inovadora com Paulo Freire, né? Inovadora pra aquela época. É... A gente não usava cartilha, a gente fazia a própria cartilha com os alunos. Então, depois, bem depois é que eu fiz a especialização que foi onde eu conheci mais o construtivismo e foi onde a gente começou mais a trabalhar juntos, né? Pulo Freire, construtivismo e depois mudou um pouquinho a linha ainda (riso).

P5: Como você avalia o seu trabalho de professora desenvolvido durante todos esses anos na escola? Dentre as opções que estão na sua folha e por quê? () Ótimo () Bom () Regular () Péssimo

Marisa: Eu acho que já respondi né? Eu avalio como se fosse assim... Um Ótimo trabalho. Ótimo trabalho com muitos bons resultados. Pra começar, no início, antes da Escola A, né? No início da minha atuação como professora em sala de aula, é... Havia uma repetência muito grande na alfabetização e quando a gente começou com esse trabalho de Paulo Freire de construção do próprio conhecimento, das cartilhas, por eles mesmos, a repetência praticamente zerou né? Então, este é um dos aspectos, porque eles realmente compreendiam o processo de alfabetização, não porque a gente passava sem saber, né? Mas assim, uma dedicação também muito grande, né? Início de carreira... Menina, né? 18 anos... (risos) Era todo um trabalho bem dedicado mesmo em sala de aula. Então, depois também, mesmo com a repetência e tudo, mas a gente via um cheirinho de participação das crianças, né? De vontade de estudar, né? Não existia... Faltas, né? As minhas salas nunca, praticamente nunca tiveram assim um... “Epa! Um aluno faltou hoje!” Os meninos tinham vontade de ir pra escola. Então eu acho que é uma grande coisa, né?

P5: Você acha que se hoje você voltasse a uma sala de alfabetização, algo seria diferente do que você coloca pra gente?

Marisa: Com certeza isso depende do professor! A situação mudou... É... Mudou um pouco, né? Mas eu acho que muitos fatores continuam os mesmos. As crianças da escola pública ainda continuam indo pra escola por causa do lanche. As crianças continuam abandonadas, né? Entre aspas pela família... Porque a família dificilmente dá assistência na escola. Ainda somos né? Assim... O professor ainda é, né? O professor ainda continua sendo a babá, o psicólogo, né? O recreador... E isso depende muito do amor, sabe? Do empenho do professor pra continuar com esse trabalho.

P6: Qual metodologia de ensino que você defendia, ou que ainda defende para a escola pública? Dentre as opções e por quê? () Diretiva () Não-diretiva () Livre Escolha do Aluno () Condicionada à solução de problemas

Marisa: Então, eu acredito no caso, que tem que ter essa opção diretiva, né? Tem que ter um objetivo, uma linha, um acompanhamento, isso não pode ser uma coisa solta, isso, jamais! Quando surgiu essa ideia... Ideia, não! Quando a gente trabalhava ainda com muito do Paulo Freire... Os professores questionavam muito... Eles achavam né? Os professores achavam que a metodologia era muito solta, que se estudava qualquer coisa que se aparecia, não era assim! Jamais! Isso é uma falta de compreensão da metodologia, né? Sempre existiu um norte, um objetivo, um planejamento. Não existe, eu acho que não existe... O professor que trabalha sem planejamento, não é professor, né? Tem que existir um planejamento, um acompanhamento, né? Então é nesse sentido no caso, né? Que tem esse acompanhamento e... É... Não que seja Livre Escolha do Aluno, não! Mas o professor tem que conhecer a sua clientela, né? Pra saber o quê que seria mais certo pra aquela turma, né? O quê que empolga mais essa turma. Eu acho que nenhuma sala de aula de aula é igual a outra, nenhum ano, nenhuma série, nunca! Nenhum aluno é igual ao outro! Então cada sala, cada turma tem suas especificidades. O meu caderno de planejamento desse ano, jamais serviria pro outro ano! Nunca aconteceu isso! E a gente sabe que tem professor que usa 10 anos seguidos! (risos) Existir, existe isso hoje ainda! Tenho certeza que existe isso ainda! Tem professor que repete tudo de um ano pro outro! Então isso não pode acontecer nunca! Então... Não é que... O aluno não vá escolher, mas ele vai se sentir valorizado porque aquilo que ele gosta, aquilo que ele precisa vai ser trabalhado na sala de aula, né? E... Condicionada a Solução de Problemas? Com certeza! Também tem que ser voltada pra solução de problemas. Porque na vida de cada um de nós, das crianças também sempre vão surgir problemas que tem que ser resolvidos, né? Em qualquer disciplina que surgir.

P7: Que tipo de conteúdos você acreditava ser o mais importante no âmbito de sua especialidade de conhecimentos? Dentre as opções... () Gerais () Específicos () Práticos () Técnicos () Utilitários () Baseado no Interesse dos Alunos

Marisa: A gente sempre, sempre trabalhava baseado no interesse do aluno. Por isso mesmo, os conteúdos Práticos sempre tinham uma importância grande, né? É... Eu acho que... Esses dois são os que pesam mais.

P7: Qual sentido dos conteúdos práticos que você aponta?

Marisa: Às vezes eu posso estar colocando o prático em outro sentido, né? O prático seria você vivenciar, aquela metodologia ali, aquele conteúdo, né? Por exemplo, na alfabetização, tudo... Tanto das palavras, quanto

das sílabas que eles iam aprender a gente partia de uma palavra vivenciada por eles, né? Era a pipoca, que a gente fazia a pipoca na sala de aula. E eles viam tudo como é que funcionava aquilo lá... A vila, por exemplo, a gente ia passear, a gente fazia uma caminhada em volta do setor que eles moravam, na casa dos alunos, então tudo era vivenciado. Sempre trazendo pra realidade deles...

P8: Como você enquadraria seu modelo de aula dentro da organização das atividades de ensino? () Tradicional () Inovadora () Técnica () Flexível () Aberta

Marisa: Eu acho que sempre foi inovadora e flexível. Inovadora porque, pouca gente se dispunha né? A trabalhar dessa forma porque era trabalhosa, porque era diferente, porque era nova, né? Na época e acho que até hoje as pessoas trabalham muito com a forma tradicional que traz tudo pronto. E flexível porque a gente não tinha aquele modelo pronto e acabado, né? Mudava à medida que fosse necessário.

P9: Como você avaliava o comportamento dos alunos na maioria das escolas em que trabalhava? () Passivo () Ativo () Silencioso () Apáticos () Agressivo () Desinteressado

Marisa: Passivo nunca, né? Os alunos eram ativos. Muito difícil você ter aluno passivo, muito difícil... E... Tinha desinteressado também, mas como a metodologia fazia com que eles, né? Chamava a atenção deles, esse desinteresse acaba que diluía um pouco. Mas eram alunos ativos mesmo, eu acho que... Eram ativos mesmo! Porque eles não eram silenciosos, não eram apáticos, agressivos, acontece, né? Em toda idade aquela agressividade, mas nada assim muito... Sabe?

P9: Como você caracteriza o Ativo?

Marisa: Participativo, bagunceiro, conversador! As minhas salas nunca foram silenciosas, sempre teve barulho em minha sala! Sempre! (risos)

P9: Existe diferença daqueles alunos da sua época para os alunos na escola de hoje? E se sim, em que aspecto?

Marisa: Eu acho que existe muito, né? Assim... Na minha experiência, eu trabalhei em outras séries, também... E a gente vê hoje, principalmente nos alunos maiores, né? Um desinteresse muito grande, né? Um falta de vontade de estudar... Não sei se parte da metodologia também... E agressividade, né? Agressividade anda muito... Acho que pela vivência dos alunos com agressividade no lar, né? Entre a família, eles levam... Não sei se é diferente demais não... Mas eu trabalhei uns dois anos no CMEI e eu ficava muito impressionada com a agressividade das crianças pequenas, né? Com 4, 5 anos, a bagagem que eles lavavam pro CMEI, de agressividade, a sexualidade afloradíssima, né? Então eu acho que piorou neste aspecto, né? As pessoas acabam vivendo uma situação que não é muito apropriada para essas crianças.

P10: Como você avalia o processo de ensino (conteúdo específico) da época em que foi aluno? Posteriormente, já na condição de professor, isso foi mudado? Atualmente, você acha que o modelo utilizado é diferente – em que sentido?

Marisa: Então, na época em que eu fui aluna, os conteúdos eram dados assim, muito decoreba, né? Eu brinco muito assim com meus meninos que eu tinha assim, muito boa memória, né? Eu fazia, eu decorava, após fazer a prova não lembrava mais nada... (risos) Então... Eu não aprendia de fato... Então era muito voltado pra decoreba mesmo... O que eu tentei modificar na minha prática docente... Meus alunos falavam: “Professora é muito fácil aprender matemática!” porque a gente sempre levava muito no concreto mesmo, né? Percebendo tudo o que tinha a nossa volta, então... Isso aí me mudou bastante... Agora, atualmente, eu acho que depende da escola, do professor, da metodologia, sabe? O contato maior que eu tenho é com as minhas filhas, né? Mas é uma forma diferenciada também, né? Ela estuda no Aplicação, e o Aplicação é muito desse jeito que eu trabalhei, então é bem diferente... Eu sei que tem muita escola pública aí que continua da mesma forma como a que eu estudei! Não só a escola pública! Muita escola particular inclusive que se tirar o livro do professor ele não sabe dar aula, né? Então eu acho que depende muito.

P11: Como era o convívio com seus colegas dentro e fora da escola? () Fraternal () Apático () Individualista () Colaborativo () Em disputas () Outros

Marisa: Menina era assim... Quando era criança brincava muito... Coisa de criança mesmo, não tinha nenhum problema não. Agora, enquanto a professora, assim era meio complicada porque eu acho que a situação existe até hoje, não mudou muito e não é tão segredo não quando as pessoas veem alguém querendo trabalhar surge o problema... Então quando comecei na minha profissão, era muito ciúme, muita ciúmeira dos professores por que achavam que a gente queria aparecer, que estávamos fazendo coisas desnecessárias, né? Então era a um ciúme muito grande... E depois melhorou. Na Escola A eu não tinha muito essas coisas não... Isso mais era no começo. Na Escola A, não! Na Escola A, a gente trabalhava muito junto... Eu tive boas companhias, boas companheiras de trabalho na Escola A. Foi muito bom! A gente tinha uma direção muito participativa... Que apoiava... Isso é importantíssimo! A direção nestes onze anos que eu trabalhei lá a escola foi dirigida por uma pessoa que você vai conhecer ou que já conheceu lá, né? A Maura... E assim ela compactuava com o nosso trabalho... Então... Isso é muito importante. Ela dava as aulas para explicar o que a gente fazia... Com relação à Escola A, marcaria colaborativo... No início foi diferente.

P12: Cite alguns fatos/ acontecimentos de seu tempo de escola e que traz saudades e grandes recordações.

Marisa: É... Olha, eu gostava muito das festinhas comemorativas da escola que tinha sempre, né? Dia das crianças, muito simples, né? Assim sempre tinha as festinhas lá... E gincanas... Essas coisas assim, bem comuns mesmo, mas que parece que eram mais lindas nessa época. Hoje a escola parece que não anda mais querendo... É isso aí o que me dá saudade, mesmo!

P13: Você tem alguma ideia do que se a escola no futuro em médio prazo?

Marisa: Eu sou uma pessoa que tem muita esperança, né? Eu sou muito positiva, né? Eu sei que as pessoas em geral, elas não têm muita expectativa com relação à escola, sabe? E também com nossa sociedade... Eu já não acredito, sabe? Acho que o ser humano é um ser que evolui... É um ser em constante evolução e que pode fazer grandes coisas... Na educação a mesma coisa, acho que o professor é capaz de fazer grandes coisas... Acredito que essa violência que existe que perturbam a gente, né? Os anúncios que a gente vê... Até a morte acontecendo em sala de aula... Acho que isso aí é algo que pode diminuir e que vai diminuir... Agora, depende muito de quem está na sala de aula; de quem assume o papel de professor... Acho que passa muita coisa por aí, né? Não dá para ser professor pra ganhar dinheiro todo mundo sabe que... É claro que é importante ganhar dinheiro todo mundo precisa disso; mas, eu acho que a carreira de professor tem que se por vocação, por amor mesmo, né? Fora isso não dá para ser professor... Então, eu acredito que educação vai continuar a melhorar.

P14: Como você pensa que será ministrado os conteúdos de sua atividade docente a na escola do futuro?

Marisa: Menina... Não tenho ideia... Não sei... O computador parece estar tão presente, né? Mas a gente vê a dificuldade também... Não é com todo mundo e eu penso na escola pública. Como é que é com as crianças que não tem esse acesso? Sei que a maioria tem, mas, muitos não têm, mas não sei se muda muita coisa... Eu acho que muda o acesso... E eu como sou analfabeta até hoje nessa área aí da tecnologia, né? Então, eu fico assim meio que pensativa como é que vai acontecer isso... Talvez a minha dificuldade seja por isso, né? Mas, sinceramente eu não sei te dar essa resposta com a verdade assim... Eu acho que vai ser assim... Não sei! Eu quero muito, eu torço muito para que a educação se dê em cima dos livros infantis, em cima das histórias, sabe? Do imaginário, né? Que o professor saia da mesmice e procure os bons livros que estão cheios... As escolas estão cheias de livros... E as crianças amam, amam ler historinhas infantis... Torço para que seja nessa linha, né? Os livros sendo usados, né? Que a criança seja feliz.

P15: Deixo esse espaço final para você expor algo que tenha ficado em aberto, para que você se posicione sobre a Escola A, fique à vontade!

Marisa: Eu dizia que eu nunca sairia da Escola A, né? Até uma “amiga pura” escutar isso e dizer “Vamos ver!”. Então... E ela fez ver... Ela fez valer... Então, eu não teria saído da Escola A e eu não estaria aqui hoje, se não fosse um acontecido. Então eu saí de lá, em prantos, é... (choro) Porque a clientela é diferenciada! Aquelas crianças ali, alunos meus, são crianças de chácaras, né? Dão uma margem pra gente fazer um trabalho muito grande. Então, quando eu saí de lá, eu não voltei pra escola. Ou eu entrava numa escola com estas características, que eu não achei na época, ou eu não vou pra escola... Acabei indo pra um CMEI, não me acostumei e saí da educação. Então assim, acho que a liberdade em que eu trabalhei lá na Escola A, acho que todos os professores de lá continuam porque quiseram, hoje continuam também a trabalhar dessa forma, né? Porque a liberdade que eu pude mostrar da produção que eles tinham foram momentos marcantes e eu tenho certeza que raros na vida de muitos professores. Não voltei lá mais... Porque eu acho que quando eu volto eu engasgo... Mas eu tenho muita saudade e gosto muito do pessoal de lá! (choro)

P: Obrigada pela disponibilidade e pela sinceridade que pude perceber em seus depoimentos... Obrigada por compartilhar sua experiência comigo!

Marisa: Eu, é que agradeço! E espero ter contribuído com seu trabalho!

Escola A
Memórias da Escola e da Vida Docente
Transcrição da Professora Celma:

P.: Boa tarde! Para começar pedirei pra você, preencher seus dados pessoais nessa folha, assim, como algumas informações básicas.

Celma: Essa identidade você quer só o meu nome é?

P.: Não, não eu quero só o numero.

Celma: Ah, tá! Então tá 1211024 – SSP GO, identidade 49 anos, feminino, cor, todo mundo tá em duvida hoje em dia, né? (risos). Eu sou parda, eu nem sei o que eu sou mais hoje em dia tá? Vou colocar como dizem que eu sou. Escola Irmã Veneranda...

P.: Não, não, a escola que você trabalhou.

Celma: Ah, tá! A Escola A! É até melhor porque lá eu fui professora, aqui eu sou coordenadora, tá?

P.: Isso, isso mesmo!

Celma: Tempo que eu trabalhei lá na escola, eu trabalhei lá por uns cinco anos mais ou menos. É... Eu trabalhei também noturno, quando eu fui para Educação Infantil, tá? Tipo de formação é... Eu comecei na Federal, mas eu concluí na Católica, tá? Eu comecei na Federal, mas conclui na Católica porque depois, passou... É que eu tinha trancado tá? Então a conclusão foi lá.

P.: Em qual ano você formou?

Celma: Foi em 1986 em pedagogia. Eu trabalhei na Escola A com Educação de adultos e educação infantil. Fiquei por pouco tempo no EAJA. E... Depois eu fui para Educação infantil e ciclo 2, dar aula de matemática, que era também pedagogo que assumia, no ciclo 2, tá?

P.1: Como surgiu a ideia de ser professora de trabalhar com a educação?

Celma: Essa ideia no meu tempo, no meu tempo que eu falo, é porque eu já to com 49 anos, to quase aposentando, né? Então... Essa ideia surgiu mais pela nossa educação mesmo, né? Nossos pais queriam que a gente fizesse o antigo magistério, o normal, né? Porque a gente pudesse ter uma profissão de meio período, e tratar do filho depois, né? Cuidar dos filhos em outro período. Então a ideia sempre foi essa, né? Tanto que a minha família de sete mulheres, todas as professoras, sabe? E todas atuando na educação mesmo aqui em Goiânia. Então, a ideia mesmo que surgiu foi assim. Agora gosto pela educação, a gente foi adquirindo mesmo com o passar dos anos, tá? Mas, a ideia mesmo foi pela nossa educação de pais que queriam que a gente fizesse pelo menos o magistério.

P.2: O que significava a escola para você na época?

Celma: Quando eu pensei em estudar para ser professora? Olha, a gente lá em casa sempre teve uma educação assim de que... A escola já era tudo naquela época! Porque a gente já sabia que ia ter que trabalhar, naquela época as mulheres tinham que tá dentro de casa para ajudar. Então, naquela época, a escola pra mim, seria uma realização de um sonho, porque, né? Então... Eu entrei na educação, foi por esta questão mesmo, minha, e da minha família, mas, significava que eu pudesse tá ali... Ensinar outras crianças. Eu não tinha uma ideia formada do que era a educação, na verdade. Porque você vai ver o magistério... Você não tem nem ideia do que era o magistério naquela época, o normal, né? Que ainda era normal. Era, bem... O técnico mesmo! Sabe? Era de fazer aqueles álbuns, trabalhar a coordenação motora. Ninguém ali estudava, e nem saia pesquisando sobre como era o comportamento, de uma criança, o quê que ela pensava... Não! Apenas você entraria na sala de aula, você estaria ensinando e ele aprendendo a ler e a escrever. E isso era o básico, né? Então, a gente, já entrava na educação, pensando nisso! Então, era o quê que era uma boa professora? Aquela que ensinava a ler e escrever, né? Tinha que conseguir uma disciplina na sala de aula e tal.

P.3: Quais são seus objetivos como professora, na escola pública?

Celma: Hoje, eu trabalho como coordenadora aqui na escola. É... Eu sou coordenadora porque hoje é eleição, né? Então, na eleição, eu fiquei como coordenadora. Ano que vem, por exemplo, já é meu último ano. Eu posso pretender continuar, mas aí vai ter que entrar numa nova eleição. Uma disputa com as outras professoras, tá? Olha, eu trabalhei quatro anos na escola particular, em Santa Clara. Lá foi onde eu comecei, quando me formei. Lá eu comecei até antes de me formar... E eu já comecei com uma turma de jardim I... Então, ao mesmo tempo eu era catequista, lá... Na periferia, lá... Pertinho de onde eu morava... Eu percebia assim... O tanto... A contradição. Porque eu trabalhava nas escolas onde os meninos assim eram bem... Bem... Bem de situação, tinham tudo, não faltava nada para eles... E quando eu ia para lá... Na catequese, que era no final de semana, aquela contradição que era grande. Quando eu tive a oportunidade de na escola, pegar a educação infantil, eu entrei sempre pensando assim, que aqueles meninos tinham que ter a oportunidade de saber alguma coisa mais do que aquilo quando eles entraram, já pro ensino fundamental. Porque eles entravam no ensino fundamental, parece que aqueles professores já ativam uma grande responsabilidade que parece que a escola parece um bicho de sete cabeças para eles. A mãe dizia... “Olha, Você já pode saber que agora é diferente, agora você tem que

fazer certinho”... Então, o menino já chega com aquela pressão de que tudo mudou para ele e agora, porque agora ele vai estudar sério, que antes não, que ele não estava estudando sério. Só quando eu cheguei lá... A minha preferência sempre foi pelos menores... Eu acho que você não precisa ensinar pras crianças que a escola é um lugar que ou você aprende, ou você aprende né? Aprende... Muita gente diz logo: “Ou aprende... Rindo, ou aprende chorando...”. Não é assim! Porque se aprende tudo! Você pode aprender tudo com muito prazer! E eu fazia isso com a minha turma e... Em muitos momentos, achava até que me envolvia demais, sabe? Muitas vezes, você acaba se machucando tudo... Você se envolve demais! E muitas horas tem que separar o que é pessoal e o que é que é profissional mesmo! Mas... Eu sempre tentei fazer com que os meninos aprendessem dentro da sala da aula... Fosse brincando? Eu já estava ai brincando com eles, sempre, ensinando, respeitando o outro, esse trabalho de socialização, que... Eu acho que não tem ainda como deveria ter, os meninos eu vejo sempre... Tenho um comportamento que eu acho assim, que não é para criança. Criança precisa sim, de um pouquinho de liberdade na escola, porque na escola ele acha que tudo mudou que agora é diferente, que não pode nada e acaba fazendo mais do que pode, extrapolando porque não sabe os limites.

P.4: Qual era a finalidade/ importância de sua disciplina na escola? Como ela vista por seus colegas?

Celma: É... São dois opostos, né? Porque o EAJA, você sabe que eles vão para ali, eles vão buscando alguma coisa que praticamente eles não encontram. Por quê? Mesmo acreditando que eu dava aula no lugar da Cleonice, por exemplo, que era considerada, área rural, eles vinham com muito cansaço para a escola e... Eles têm uma visão de escola totalmente diferente disso que eu acabei de dizer, que a criança tem. Eles querem ir ali porque eles querem muita seriedade naquele negocio. Às vezes você começa uma proposta de trabalho para eles. Começa com uma proposta de trabalho de trabalho desconhecida, eles já acham que você está ali gastando o tempo deles a toa, sabe? Quer tudo muito na pratica. E com isso eles acabam se frustrando porque muito da pratica, sem você levar, trazer adaptações diferentes, você não consegue o aprendizado deles. Ai eles desistem. Então, quando você começa, e o que acaba fazendo com o que a gente desista também é isso! Não tem continuidade no conteúdo, né? Tudo o que você tiver aplicando lá no seu projeto, se você tem um projeto lá com eles... Aquilo não tem continuidade porque, um dia você tem 15 alunos, outro dia você já tem cinco. Vários fatores influenciam. Se eles acharem que naquele dia vai ter uma aula, por exemplo, de educação física, eles não querem ir. Porque eles querem textos. Porque para eles, estudar é isso, é abrir um livro e ficar ali, oh... Penando, sabe? Para poder conseguir ler e escrever. E a educação infantil já era diferente. Eu acho que é o contrario. Por isso você trazia só pras crianças... Para eles é diferente, eles tão começando, né? Ainda vão ter muitos anos pela frente. E no EAJA eles estão ali, tentando ali, uma coisa nova, que eles não tiveram oportunidade no tempo certo. Não é tão fácil. Tanto que eu não consegui. Eu na consegui. O meu trabalho no EAJA... Quando eu tive oportunidade, eu saí. Difícil por isso, porque querer que eles entendam sua proposta e o contrario, é que você tem que fazer um trabalho para atingir o que eles querem / pensam né? Então você tem que saber... Lembra que eu te falei: “O que a criança quer, o quê que a criança precisa?” Pra você fazer melhor também. Vê o quê é que ele está buscando ali. Então, eu não consegui, porque eu acho que é oposto: você trabalhar com o EAJA e você trabalhar com iniciantes. Olha... Eu... La nessa escola, eu... Sinto saudades de lá, porque aquela escola sempre foi diferente. Hoje eu não sei, porque já tem um tempo... Seis anos, já que eu não estou mais lá, mas, naquela época que eu trabalhei lá, a gente era muito unido, às vezes entrava alguém que achava estranho aquele jeito... Mas é porque a gente era muito unido mesmo, né? Tudo o que um professor fazia, o outro estava ajudando. Então... Você não era professor dos seus alunos, da sua turma... Você era um professor da escola toda. E como eu trabalhava de manhã e depois eu comecei a trabalhar de manhã e a tarde. Ai então que eu era mais apegada. A diretora estava em tudo. Ela conhecia tudo, ela conhecia a gente, todo mundo, então... Não se fazia nada lá sem perguntar pra todo mundo, se todo mundo queria vir também... Precisava nem perguntar... Era só chegar e falar: “Olha, a gente tá com essa proposta aqui, esse projeto aqui, esse aqui vai fazer assim, assim, e assim!” E o outro vinha ajudava... Nem precisa sair pra pedir ajuda, sabe? Porque todo mundo sentia que tinha aquela obrigação. Então, a escola... Nesse tempo que eu trabalhei lá... E já era assim quando eu cheguei, e ela continuou, ate eu sair ele continuou assim. Então... Quando eu voltar lá... Assim graças a Deus, sempre foi muito, muito, muito, sabe? Bem visto... Quando eu precisei das meninas. Que eu já tive problemas com a secretaria, até mesmo, né? Eu tive problemas sérios na secretaria, lá... Na unidade regional também. E a gente fez... Tive assim um apoio total de todos, sabe? Porque lá, desde o pessoal da cozinha, então na época tinha guarda lá... Era tudo! Era realmente muito bom!

P.5: Como você avalia o seu trabalho de professora desenvolvido durante esses anos na escola? () Ótimo () Bom () Regular () Péssimo

Celma: Nossa! Ai eu vou misturar um pouquinho, tá? Vou misturar um pouquinho, porque se não vou ter que dar ótimo pra mim, vou ter que misturar, por um lado, mas eu acho que o meu trabalho lá foi bom. Bom, eu acho! Porque eu também tenho que lembrar que eu também trabalhei no EAJA, que não foi bom, né? Eu acho que o meu trabalho no EAJA não foi bom. Se tivesse sido, eu teria continuado, não teria pedido para sair (risos). Eu acho que o meu trabalho foi bom, eu acho que eu consegui meus objetivos tanto na área... Quando eu tive que

pegar a área de matemática, eu acho que foi bom. É... O que os alunos trouxeram de resultados... Eu acho que foi bom... Foi um bom trabalho! E bom tá bom!

P.6: Qual a metodologia que você defende para escola pública? () Diretiva () Não-diretiva () Livre escolha do aluno () Condicionada à solução de problemas

Celma: Bem... Olha... Eu teria que marcar uma? Por que... É o seguinte... Quando você fala diretiva, é quando eu estou direcionada pro trabalho, né? Não é isso? Eu acho que todo trabalho, se ele não tiver uma direção, ele não alcança nada! Você tem que direcionar o quê que você quer alcançar. Mas ela tem... Ao mesmo tempo, ser o quê? Condicionada a solução de problemas. Porque cada tem uma realidade atrelada à outra realidade. É claro que você... Você fala assim, você tem que ver cada um, cada um como um ser diferente, tudo bem. Mas na hora que você tá no grupo, você tem achar uma fórmula de levar o grupo. E não cada um individualmente. Tem que olhar o grupo. Ainda mais que ele, qualquer lugar que ele tiver ele é grupo. Então você tem que direcionar. Mesmo que você tenha, né? Cada um tem a sua particularidade, mas você tem que ter o seu trabalho direcionado, porque se não você não chega! Você começa a atirar pra todo lado. Então eu acho assim, que ela tem que ser sim direcionada, mas se ela não tiver condicionada aqui a resolver esses problemas, essas questões individualmente, a gente não chega a nada. Porque acaba que começa a se isolar. Ai eu teria que marcar essas duas. Você tem que direcionar, mas você tem que procurar sim a solução de problemas.

P.7: Que tipo de conteúdo você acredita ser o mais importante no âmbito de sua especialidade de conhecimentos? () Gerais () Específicos () Práticos () Técnicos () Utilitários () Baseado no interesse dos alunos

Celma: Olha, aqui é a mesma história. Porque se eu te disser que ele tem que ser baseado no interesse dos alunos, tem. Só que o interesse também do menino, de cada um é baseado naquilo que ele conhece. Se ele não conhece, ele não vai se interessar por aquilo que ele não sabe o que é. Ai você tem que dá. Você via oferecer pra ele opção. Eu também colocaria os gerais, porque se não você começa a separar muito... Porque os meninos... É... Os nossos alunos, eles são limitados, nisso ai também. A escola tem essa obrigação de trazer isso para ele, né? Tem obrigação! Hoje, mesmo que diga: “Nossa, a internet tá ai, a televisão tá ai”, mas o papel da educação é esse... Aqui por exemplo, crianças que já foram ao cinema... É muito raro... Então... Como é que ele vai se interessar por uma música diferente, se a música que ele escuta... É... A gente sabe, né? E eles trazem aqui, que querem escutar no recreio. Então se a gente não trouxe isso para eles. Então a responsabilidade nossa é grande. Trazer para eles de forma geral, tudo que a gente puder trazer de bom. Principalmente na realidade hoje, daqui. Na Escola A, é a mesma coisa! Lá era considerado rural ainda na época, então eles não tinham... Você colocava aquela música lá, eles achavam aquela música muito chata, né? Falavam assim: “Não... Que música chata!” No final, eles já estavam começando a gostar porque começava a conhecer. Então... Se a escola não levar, ficar só limitado aquilo no interesse deles... É isso que eles veem no dia – a – dia. Ele não vai buscar além... Porque ele não conhece... Como você vai buscar uma coisa além daquilo que você nunca viu? Não é? Seja na música, seja no teatro, dos conteúdos específicos mesmos. Que às vezes você fala assim: “Mas porque a gente vai mostrar o globo pros meninos, eles não têm capacidade de compreender isso! Para quê que eu vou lá, mostrar? Ele não tem noção do quê que é aquilo!” Será que vai ser sempre essa distância tão grande entre eles? Eles podem sim! Né? Porque ai você mostra pra eles que aquilo existe. Ai eles vão se interessar por aquilo. Sem eles saberem que existe, não tem interesse.

P.8: Como você enquadraria seu modelo de aula dentro da organização das atividades de ensino? () Tradicional () Inovadora () Técnica () Flexível () Aberta

Celma: Nossa! Eu estava tão bem... (risos) Eu sempre trabalhei na Escola A, eu colocaria mesmo aqui inovadora. É! Porque a educação infantil nessa... Quando fui fazer especialização... Em educação infantil. Eu fiz lá na Federal. É outra coisa, sabe? Foi quando eu conheci um tanto de autores bons que me ajudou a criar uma sala diferente. Então, eu tentei levar tudo o que eu aprendi dentro da especialização para a sala de aula, sabe? Pra minha sala, lá. Por que... Era uma só com 25 meninos, né? Então... E as outras professoras que não tinham essa oportunidade, eu acho que elas se empenhavam muito, sabe? Do que eu levava pra lá. E levavam pra sala de aula delas. Eu acho que foi... Foi uma experiência boa, porque ali, junto com a especialização, eu levava pra sala e lá também elas achavam bons exemplos e levavam pra sala. Eu acho que foi... Eu tentei... Não me cansava de levar resultados pra sala, sabe? Então, foi bom! Eu estou achando que foi bom! Acho que foi!

P.9: Como você avalia o comportamento da maioria dos alunos na escola em que trabalhava? () Passivo () Ativo () Silencioso () Apáticos () Agressivos () Desinteressado

Celma: Nossaaa! Meus meninos eram ativos demais! Porque era uma forma de ensinar que eles participam ou dava aulas. Então era... E canta, e dança, e sai da sala... A gente saía rodava aquela escola toda. A gente montou um parquinho lá para eles. Então não tinha essa história de chegar à sala e ter menino calado... Era uma conversa boa. Aquela conversa de troca. Trocando... Eram muito pequenininhos e engraçadinhos. Minha turma era muito pequena, então, eles não quietavam, não! Eu gosto de menino! Não gosto de menino quieto, não! Quando via a sala silenciosa, é porque os meninos já estavam de férias! (risos)

P.9: Você acha que existe diferença desses alunos para os alunos de hoje?

Celma: Dos alunos? Não, não! Os alunos não mudam, não! As crianças não mudam. Elas não mudaram. Tanto que... Quando eu tenho que entrar numa sala de aula, que eu entro assim, na turma A, né? Com aqueles menininhos, com aquele mesmo fôlego de menino de seis anos, não! Eles falam, eles participam as crianças não mudaram, não! Não mudaram. O que mudou é o professor mesmo. É a condição mesmo que ele não tem hoje. É o professor que tá cansado, é professor que dobra, sabe? É a condição mesmo! Então, quando eu te falo, que a escola me ajudou a fazer o meu trabalho é porque a escola era certa também. E eu tinha 25 alunos. A escola era pequena. Zona rural. Então, tinha condições. Hoje, se você entrar numa sala hoje, aqui na escola, por exemplo, se os alunos mudaram... Porque não mudou só lá, né? Tem que ter mudado aqui também. Porque a sociedade mudou, porque tudo mudou, não! A criança tem aquela mesma vontade de pular, aquela mesma vontade de cantar. De ficar contando da vida... Porque se deixar eles falam o ano inteiro contando da vida deles, né? Então, eles são fraternos demais. Toda criança... Por mais que seja uma criança especial, por mais tranquilidade que ela tenha, eles estão sempre dispostos. E eles não falam não pra nada! Pra nada! Tem agressão? Não... Tem menino que chega... Mas você conversa com ele... E os mesmos meninos da Escola A, são os mesmos meninos daqui. Não acho que mudou de jeito nenhum. Da mesma forma que naquela época, dependendo do professor, eles ficavam apáticos, né? Não participavam das aulas. Da mesma forma hoje. Depende do professor, da forma que ele leva.

P.10: Como avalia o processo de ensino da época em que você foi aluno? Posteriormente, já na condição de professor, isso foi mudado? Atualmente você acha que o modelo utilizado é diferente, em que sentido?

Celma: Vixe... Muito parecido com hoje! Muito parecido... Ele... Hoje você... Não mudou muita coisa não, sabe? Coisa assim, tipo profissional... Quê que mudou? Mudou o modelo da cadeira, a gente sentava de quatro e hoje, você tem cadeira individual. Você tem sua cadeira individual. Então, diz que é para trabalhar em grupo, mas a minoria trabalha... Então, eu acho que é a época que eu era aluna, se eu pudesse participar né? Quando eu estudava, eu acho que já era assim, né? Por isso que eu te perguntei o que você acha de médio prazo. Porque o quê que é... Eu tinha seis... Tenho 40 anos! Tenho 40 anos, já! Sabe? Pra eu achar tanta semelhança na escola hoje com a escola que eu estudei lá no colegiado... Não acho que tenha diferença grande! Tem tanta professora... Muitas vezes a gente se parece demais. Muitas vezes! Não! Eu acho que mudou porque hoje, eu não poso dizer que a minha professora lá, no primário, no ginásio, que elas eram culpadas, porque como eu te falei muita gente hoje me manda professores primários, né? E... Eu tenho saudade de muita coisa que elas faziam. Elas faziam também o que elas achavam que era feito, e faziam o possível. Porque a gente também nem livro tinha, a gente não tinha nada. Então a gente não tinha também nada. Com quê que elas contavam? Porque hoje por mais que a gente seja pobre, a gente sabe disso também. Hoje, dizer que tá precário, que não tem material didático... É uma grande mentira. A gente tem muitos livros, todo mundo tem televisão, todo mundo tem DVD, todo mundo... Toda escola tem! É precário? O quê? Claro que a gente queria uma escola modelo. Não queria isso aqui, né? A gente queria uma quadra pros meninos brincarem. Tá faltando muita coisa? Tá! Mas se for comparar com aquela minha professora que me ensinou a ler e a escrever, eu só tinha um caderno, uma cartilha, um lápis e uma borracha. Tinha mais nada, né? E eu... Tenho que concordar que eu sou privilegiada. Porque eu consegui chegar até aqui com aquele ensino que eu tinha. Então, eu não sei quantos não estudaram porque não quiseram nada. E hoje a gente tem uma forma de verdadeiro... Naquela época tinha dificuldades? Tinha! Assim como os meninos tem dificuldade hoje. Só que hoje, você tem várias outras formas de levar eles a aprender. Coisa que a nossa professora de quarenta atrás não tinha, né? Agora, que eu falo pra você que me lembra? Me lembra... Por que... A gente tem tudo isso aqui... Eu tenho, por exemplo, caixas e caixas de livros aqui e tem professor que nunca abriu, sabe? Nem que história que estava lá... Então... Todo ano a gente recebe muitos livros!

P.10: O que você acha que caracteriza isso? Você acha que a educação tem sido mais valorizada?

Celma: É... Ainda bem, porque eu sei que isso aí é muito político também, né? Muita... Mas ainda bem! Que a gente tá conseguindo levar vantagem, tirar vantagem dessa situação, não é? Por que a gente pode observar que tem chegado as coisas, tem verbas, né? Varias verbas na escola pra isso. Isso é político? É! Mas olha, onde era jogada a educação e onde é hoje? A gente não pode negar que tá tendo investimento sim, na educação. Aí você pode dizer: “Nossa! Mas você tá muito conformada, porque nem piso a gente tá ganhando!” Não! Não estou negando que a gente recebe pouco, mas o que a gente recebe, assim... Não, a minha aula é dada desse jeito porque a gente não tem material. Isso não é verdade! Sabe? Não é verdade! Tanto que quando chegam as verbas, a gente... Vamos fazer uma relação para saber o quê que a gente tem que comprar? Ah, vamos comprar brinquedos pedagógicos, quer mais? Tem várias caixas... Então... Que tem material tem... Eu acho que tem muito professor chegando e que não sabe como trabalhar com isso. Tem professor cansado com três meses de trabalho. Meninas de 23 anos cansadas de trabalhar. Aí... No meu tempo de magistério, não era nada disso não, sabe? Ah... Ficar... Não sei... Fica no acho... Sabe? Hoje mesmo a gente estava comentando lá em baixo que “Não mais aquela menina quase não na sala dos professores” aí outro disse assim: “É aquela mais mal-humorada” aí todo mundo falou o nome dela na hora, sabe? Ai eu falei: “Você tá vendo? Tudo isso tá refletido onde? Lá na sala de

aula dela! Os meninos dela são todos mal-humorados!” Por quê? Porque tem uma professora mal-humorada na sala. Se você não tiver, bom-humor, você não pode trabalhar na educação, não! Terminar o ano feliz, né? Achando bom... Planejando a confraternização, sabe? É bom demais!

P.11: Como era o convívio com os seus colegas da Escola A, dentro e fora da escola? () Fraternal () Apático () Individualista () Colaborativo () Em disputas () Outros

Celma: Nossa! Você quer que eu preencha aqui, né? Olha, eu sou... Vou te falar uma coisa... Colaborativo! Fraternal, nem vou colocar, sabe? Fraternal era tudo! Mas, vou marcar colaborativo que fica mais profissional, né? (Falando com alguém...) Pois é... e aí, eu sou suspeita porque eu adoro aquela escola! É... Aí seria uma coisa mais profissional. Colaborativo. Porque fraternal “nossa, mas não é família não”, mas era! Sabe? Na realidade era viu?

P.12: O que mais te traz saudades da Escola A, grandes recordações?

Celma: Nossa! Eu acho que é essa... Esse convívio assim colaborativo, mesmo viu? A gente não cansava tanto porque você não era dona da sua turma. Eu sinto saudades mesmo de lá, sabe? A gente trabalhava... Nunca sentei para fazer um projeto para uma sala só...E isso...É difícil, né? Eu acho... Que isso vai muito da diretora que era a Valda...Ela...Por mais que a gente chegava nela, queria fazer uma coisa meio egoísta, né? E ela não, não deixava... E ela ajuda, sabe? “Não! Vamos, te ajudo mais é todo mundo junto!” Então... Eu acho que nesse aspecto é...A turma muito...E assim, não tinha turno, sabe? Lá tinha três turnos, mas a gente conseguia com os três turnos todo mundo colega mesmo. Todo mundo trabalhava junto! A gente fazia... Sempre que tinha no final de um projeto, né? A apresentação pros pais... Porque a comunidade também era, sabe? Todo mundo lá dentro! Só que é assim, essas festas, íam até três horas da manhã! Né? A comunidade lá dentro, sabe? Pais... Então eu sinto saudade disso, sabe? Ninguém tinha pressa para acabar para todo mundo ir embora... Porque a gente não cansava...Esse povo aqui...E a maioria eram mais velhos, hein...(risos).Esse povo aqui hoje, eu não sinto, por exemplo aquilo que tinha na escola. Então eu tenho saudade! Sabe? A gente tinha uma turma muito... Muito unida! Então muita gente chegava, e não consegui ficar. Não conseguia. Porque achava que “Não! Isso aqui tá... Isso aqui não escola” Não é que se podia tudo! É que agente realmente fazia tudo, e sempre com os meninos, a gente não fazia nada só pra nós. Eu acho que isso falta... E uma coisa... Porque se a escola tivesse assim até hoje...Tá muito bom que eu queria até voltar para lá! Fui até tentar mais não dava mais, né? Estava lotado! Os individualistas não sobreviviam lá, porque eles se sentiam excluídos, sabe? Eles se sentiam excluídos, porque você... Nossa! A primeira impressão que dá é que a gente está querendo aparecer, né? Porque tá querendo falar de mais é chamado mais... Aí dá a impressão que quer aparecer! Então a pessoa assim não quer participar tanto. Acha aquilo exagero, sabe? “Pra que isso? Pra que...” A gente trabalhava a noite, trabalhava no sábado... Então não tinha nada assim... Não a gente vai dar aula, mais a gente vai planejar em outro horário. Nada que atrapalhava a gente ir para lá. A gente gostava! Então... Não fica mesmo! Quando é assim... Fica no máximo um ano e pede remoção mesmo e já estava pedindo. Mas quem ficava realmente aproveitava... A gente encontra com os outros colegas que a gente trabalhou junto, e eu tenho saudade mesmo. Todo mundo tem saudades (risos).

P.12: E porque você saiu da Escola A?

Celma: É porque eu fui para Macapá. Meu esposo foi convocado para trabalhar por dois anos. Aí eu fui com ele e pedi licença para assuntos particulares. Quando eu voltei, aí já era outra diretora, já tinha mudado o jeito de... Então... Mudaram lá, os esquemas lá, né? Não tinha mais o ciclo I. Já não tinha mais vaga, né? Aí quando você volta não tem mais direito. Você pega sobre! E aí eu vim para cá. E aí eu estou até hoje, desde 2006.

P.13: Você alguma ideia do que será a escola no futuro em médio prazo?

Celma: Se o seu médio for 15 anos, é isso aí! Acho que vai permanecer... Porque ano passado eu recebi muita gente que tinha acabado de passar no concurso, são efetivos e não sinto vontade de escola, de mudar. Você ver... A secretaria oferece tanto cursos, mas não tem nenhum professor querendo fazer, nenhum! Então eu não acredito que vai haver essa mudança. Tem professoras aqui mesmo nos estudos delas, sabe? Só formar como essas universidades estão formando aí? Não... Não tem condições não! Tem que ser repensados esses cursos de pedagogia. Porque esses pedagogos que estão saindo aí, olha, vou te falar... Não tá fácil não! Não tá fácil! É... Eu acho que a gente vai encontrar muitos professores que querem mudar, que querem modificar, né? A gente tem aqui na escola novidades de professoras que querem modificar, que a gente fala: “Como que é animado, como que inova como tem tanta proposta boa pra tá trabalhando que dá pra trabalhar legal.” Agora tem outros que tão aí que a gente pensa assim... ”Ah, são contratos”. Não, são professores efetivos! Acabaram de entrar na rede! Então, eu não acho que com quinze anos... Essa mudança vão ser poucas! Eu acho que falta na formação mesmo, eles conhecerem a escola. Você não ver ninguém... Não tem nenhum contato... Desde que eu estou aqui, por exemplo... EU entrei em 2006, esse é meu quinto ano aqui, né? Eu não tive um... Uma pessoa. Um pedagogo que chegasse aqui para conhecer a escola. Pra saber como que acontece, o quê que é típico eles não sabem... Chegam aqui... Vão aprender tudo! E vou te falar uma coisa, hein? Vão aprender desde a escrever. Estão saindo da faculdade sem escrever uma frase. E isso é sério! Isso é muito sério você vê o quê que ele é... O professor não tá escrevendo. Ele não consegue falar nem o que ele tá fazendo aqui. Então você senta para conversar com o

professor, você fica desanimada, fala: “Não... Só Deus mesmo ajudando!” E não é contrato! Porque quando é contrato a gente pega e muda. Então, tá sério! A gente conversa com o pessoal da URE mesmo que venha aqui dar apoio: “Gente! O quê que é que vocês tão mandando para nós, o quê que tá acontecendo?” Aí eles falam assim: “Estamos trazendo os melhores”. Então... Se tá assim... Nossa! Eu não quero conhecer os piores! Eu acho que a faculdade tá liberando assim... Acho que a massificação das universidades aí, sabe? Acho! E não vou falar o que várias pessoas falam: “É porque qualquer um pode fazer pedagogia.” É! Qualquer um pode fazer o que quiser! Mas desde que quando chegar lá na faculdade, ele vá lá para aprender mesmo! A faculdade tá li não é pra... Fazer com que as pessoas levam e saibam o quê que tá acontecendo, né? Não dá pro professor chegar na escola e tratar os alunos como eles tratam. E isso, é desrespeito... A faculdade tem que proporcionar isso pra ele. Ou então, não liberar, sabe? Tem que formar esse professorado.

P.14: E como você pensa que será ministrado os conteúdos das atividades docentes na escola do futuro?

Celma: ...Eu sou otimista, nesse ponto assim. Eu acho que vai melhorar! Primeiro porque esse professor, que ele não, que ele desconhece a nossa realidade e tudo. Ele tá caindo fora. A quantidade de professor que assume e que desiste. Isso é pensando aqui na minha escola que é minha realidade mesmo! Educação Física então é enorme a quantidade de professor que chega e que você fala: “Meu Deus! A gente não dá conta!” E aí vai embora mesmo, desiste do recado. Então eles têm o número grande, porque não dá conta. E como a sociedade tá tão diferente, a gente lida com agressão hoje que antes não lidava. Hoje o aluno ele te enfrenta de uma forma muito direta. E o professor não dá conta de lidar com isso, né? Eu acho que ele não vai conseguir ficar. E. Essa forma de você tá hoje aqui me entrevistando, isso aqui vai ser legal para levar para universidade, né? Que essa volta... Vai ter que ter um reforço do que você tá levando pra lá, né? Pra refletirem nem que seja numa aula. Então tem que refletir nos posicionamentos que estamos deixando aqui. Então agora sem principalmente um espaço adequado... Isso aqui... Se você olha daqui pra lá você fala: “Como isso aqui é uma escola?” Então se não houve investimento mesmo do governo... É dinheiro! Pra fazer escola! Precisa fazer escola, uma escola de verdade! Sabe, né? Estrutura física, e condições, porque tem escola que tá aí funcionando... Tem aí a escola paralela ela é integral, né? E é uma escola que foi construída, ela é modelo... Tudo beleza, mas ela não foi construída para ser integral e ela é... Então o quê que tá acontecendo...Faz-se uma propaganda, em cima de uma campanha política aí...E educação...Toda a vida ela foi mesmo instrumento de política muito grande. Eu acho que melhora, mas eu acho que é pouco! Eu na acho que vai ter... Nossa! Há dez anos, há vinte anos a escola aqui em Goiânia era diferente... Não... Eu acho que a gente vai ter sim novidades, como hoje depois de quarenta anos tem. Mas não de falar assim... Houve uma grande mudança! Não acho! As mudanças eu atribuo a forma de como você vai colocar os conteúdos... Eu ainda acho que essa forma tradicional de dar aula, ainda vai vigorar por muito tempo.

P.15: Por fim, eu somente quero agradecer! E deixar esses minutos finais para você expor algo mais que talvez tenha sido deixado de lado na nossa conversa. Sinta-se a vontade.

Celma: Não, não! Eu acho que foi legal! Só não estava preparada, não sabia o quê que ia perguntar! (risos). Mais assim foi legal até mesmo sem ficar preparando nada para responder... Acho que foi legal! Eu é que agradeço.

ESCOLA A
Memórias da Escola e da Vida Docente
Transcrição da Professora Maria:

P.: Boa tarde! Eu queria pedir para você preencher os dados iniciais na folha, ok?

Maria: Identidade eu não sei de cor, eu vou pegar;... 360437-8, idade, 35 anos, cor preta. Essa escola ou a anterior?

P.: A anterior.

Maria: Escola A. Tempo de trabalho na escola? Eu fiquei lá 2008, 2009, dois anos! Tipo de formação, ano e local, graduada em Língua Portuguesa pela UFG, terminei em 2002. Na Escola A, eu ministrava Língua Portuguesa.

P.1: Como surgiu a ideia de ser professora e de trabalhar com a educação?

Maria: Eu fiz magistério quando eu era adolescente. Quando eu era adolescente, não era ensino médio, chamava segundo grau e era técnico, aí você podia escolher contabilidade, científico, ou magistério, aí como nenhuma das outras duas me agradaram, aí então eu fiz magistério, e ao fazer o magistério, eu vi que era o que eu queria fazer; então do magistério eu passei para a faculdade de Letras e depois, para a graduação. Trabalhar na educação já foi natural, né?

P.2: O que significava escola para você na época?

Maria: Lá era uma mistura de muitas coisas. Primeiro é a profissionalização, né? Porque acaba que você está saindo do ensino médio, você tem quinze, dezesseis anos, não entende ainda muito o que você vai fazer. E segundo, assim, uma profissão de algo que eu me dava bem para fazer porque na escola mesmo, quando eu era aluna, eu já tinha uma característica assim, de professora, então significou assim, a ideia de se profissionalizar, de ganhar dinheiro com algo que se gostava de fazer.

P.3: Quais eram os objetivos como professora na escola pública?

Maria: Porque quando eu entrei na Escola A, eu só entrei nesse último concurso que a prefeitura fez. Eu tinha toda a experiência anterior em escola particular, por opção. Eu nunca tinha feito um concurso público mesmo então eu sempre trabalhei em escola particular, e achava interessante isso, não tinha muito problema. Aí a ideia de trabalhar na escola pública foi, acho um amadurecimento natural da carreira, sabe, de falar, já estou há muito tempo nesse ramo, já sei muito da questão da escola particular, vou ver como é do outro lado. Foi quando eu fiz o concurso. Mas assim, essa ideia dos objetivos de trabalhar na escola pública, são quase utópicos assim, de tão... Em relação ao que eu já fazia antes na escola que eu trabalhava.

P.3: Qual é a diferença que você pode nos colocar entre a escola pública e particular?

Maria: Não, na verdade, assim... É... A diferença que tem entre uma coisa e outra, é a postura da clientela, sabe? Dos alunos que você tem, e da família desses alunos. O aluno em si até que não difere não, mas é a própria família que põe o aluno na escola particular e a família que põe o aluno na escola pública, a maneira como eles lidam com isso. Tanto pelo lado positivo, quanto pelo lado negativo. Que às vezes eu vou falar que o pai está pagando a escola, aí ele exige mais do próprio filho, ao contrário, dos daqueles... Não dizendo que na escola pública não tenham pais que cobram, mas tem menos. Então assim, aqui os alunos estudam e não pagam por nada, nem por transferência, nem por documento, o lanche é de graça, então... Os livros são emprestados, então, sabe? Tem pais assim que pensam... Acabam valorizando menos porque não está saindo do bolso algumas coisas, é isso que acontece.

P.4: Qual era a finalidade/importância da sua disciplina na escola? Como a sua disciplina era vista por seus colegas?

Maria: Lá... Lá na Escola A a questão da Língua Portuguesa foi assim, a Escola A ela é localizada naquela área assim, e em alguma coisa na documentação da escola, ela é considerada área rural, é... Pela Secretaria isso. Tem alguns benefícios que as escolas rurais têm, que a Escola A não tem pela proximidade com a Cidade, e na verdade, apesar de ela ter características rurais em alguns aspectos, ela difere de outras escolas rurais, porque meus alunos, que eu tive lá, por exemplo, não eram alunos que trabalhavam em roça. Eles são geralmente filhos de empregados de alguma chácara, ou moradores da região, donos de chácara. Então assim, quando eu saí da secretaria e eles falaram "Você vai trabalhar em uma escola rural!" A minha imaginação fluiu assim, "Nossa! Quem é a clientela? Quem são essas pessoas? Como é a escola?" E lá ela está assim num meio termo muito grande, porque os alunos tem acesso à cidade, as famílias tem acesso a todas as informações que a cidade tem, e alguma coisa a menos por causa da distância que tem o setor lá, e... Em relação à língua portuguesa? O que eu pensava... Inclusive falava isso para eles, porque eles sentiam e mostravam muito preconceito. Quando saíam de lá não tem ensino médio, aí os que chegavam aqui... Nossa você mora lá, aquela coisa meio assim. Então a ideia do meu trabalho com a Língua Portuguesa até hoje, que eu trabalho com o EAJA, à noite, é mostrar que quando você sabe falar e sabe escrever, as suas ideias vão ser respeitadas de alguma forma. Quando você não sabe falar, né? Alguém vai falar por você e de repente não vai falar o que você quer, vai falar o que interessa para a pessoa.

Da mesma Língua Portuguesa, tanto na escrita, quanto na leitura. Você não pode sair ensinando qualquer coisa... Então essa ideia da Língua Portuguesa como um instrumento da autonomia da pessoa, sabe? Para que ela não seja subjugada, enganada, igual eu sempre falava para eles, você não pode ser aquela pessoa que chega ao balcão e fala assim bem baixinho, perguntando alguma coisa, você não vai ser mal-educado, mas também você não vai ser submisso. Porque tem vezes que você vai numa repartição pública e passa duas horas, lá sentado, e ele não pergunta por que, o quê que vai ser o quê que vai acontecer, então era nesse sentido. E lá pelos colegas assim... Eu gostei muito do tempo que trabalhei na Escola A. Eu saí de lá por uma questão prática, uma vez que moro aqui por perto, né? E para mim, é mais perto, minha mãe mora aqui perto e também porque quando... A minha proposta de entrar na escola pública, era de conhecer várias realidades, aí eu falei dois anos na Escola A já estão bons, aí eu vim para cá primeiro a noite, depois eu vim de manhã.

P.5: Como você avalia seu trabalho de professor desenvolvido nos dois anos que trabalhou na Escola A? () Ótimo () Bom () Regular () Péssimo

Maria: Ah, eu gostei bastante! De manhã eu trabalhei... Posso colocar aqui como Bom. De manhã eu trabalhei lá no ensino do Ciclo II e III, com a Língua Portuguesa e a tarde eu trabalhava na Biblioteca, que eu gostei bastante.

P.6: Qual a metodologia de ensino que você defende para a escola pública? () Diretiva () Não-diretiva () Livre escolha do Aluno () Condicionada à solução de problemas

Maria: Eu gosto de duas possibilidades aqui. Eu gosto da ideia da diretiva porque eu acho que tem algumas coisas que verdadeiramente tem que partir da escola, sabe? Não pode deixar muito, muito em aberto. E essa ideia aqui de Condicionado a Solução do Problema. Pode marcar dois? Porque igual, eu tiro como exemplo, lá de vez em quando, aparecia alguma situação assim. É... Igual, por exemplo, quando eu trabalhava lá, eu ia de ônibus e aí teve uma época que teve uma modificação na coordenação dos ônibus aqui, e aí os motoristas que iam, eu pegava ônibus aqui na Universidade, e os motoristas que iam dirigindo daqui até lá na Escola A, pegava menino no caminho inteiro, e o dá a volta naquele setor por dentro, assim, antes de chegar à porta da escola, e aí quando mudou essa direção, coordenação, sei lá o quê da empresa de ônibus, o motorista não deixava mais as crianças passarem por debaixo, sendo que todas as crianças são de idade que tem passe livre, né? Nessa época, porque eu falo condicionada a solução de problemas. Quê que aconteceu? A gente tinha alunos que morava em lugar assim, que era só a chacinha do pai dele, lá no fim do mundo. E o menino chegava à escola 8h porque para ir a pé até lá, e porque não pegava, porque o motorista não deixava mais entrar no ônibus, não deixava mais passar. Então aí a gente desenvolvia um projeto em cima disso, quais são os seus direitos, o quê que você tem que fazer, sua mãe tem que fazer mesmo sua carteirinha. Então eu acho que assim, a gente tem que direcionar mesmo algumas coisas, mais do que outras, também tem que ver se há uma necessidade do aluno e da comunidade, ainda mais lá, né?

P.7: Que tipo de conteúdos, você acreditava ser mais importante no âmbito de sua especialidade de conhecimentos? () Gerais () Específicos () Práticos () Técnicos () Utilitários () Baseado no Interesse dos Alunos

Maria: Levando em consideração aquela clientela, lógico que os aspectos gerais que ao ser falante e tal, tem que estar muito relacionado com essa... Se você tem uma única língua materna, só umazinha, para se comunicar, e eles não lidam bem elas, né? (risos) e eu penso nesse aqui que é os práticos e os utilitários, porque muitas... Muitas coisas às vezes a gente perde por não falar, não se omitir, e a minha maneira de trabalhar a língua portuguesa, é assim cutucando as pessoas. Eu quero que ela fale, eu quero que ela escreva, eu quero que ela se posicione, sabe... Eu gosto de ser flexível, aberta... Na verdade eu tenho de tudo um pouco. Eu sou muito tradicional, porque nessa questão de língua portuguesa, eu penso assim, não tem como melhorar, influenciar na sua maneira de escrever se eu não corrijo as suas coisas de uma maneira mais incisiva, mostrando assim que não é assim, isso aqui não é assim. Eu tento inovar, tudo que eu pego, eu vejo de novidade, que eu vejo em jornal, em revista, assuntos que eu acho que dá... A questão técnica. Ah... O ensino da língua portuguesa evoluiu muito em questão de técnica. A gente acabou na verdade por uma questão política, meio que sendo deixado de lado. Que aí se a gente for por uma questão técnica, a gente vai falar gramática pura, e aí hoje, por exemplo, você vê... É o ENEM ou qualquer prova o ENADE, Provinha Brasil, Prova Brasil, Sistemas de Análise, Sistemas Fechados, igual tem nas Prefeituras, eles cobram que a pessoa saiba ler, interpretar o que leu, e repassar aquilo de alguma forma, falando, ou escrevendo, né? Eu tento colocar alguma técnica de algumas questões, assim, de regras gramaticais na... Com tranquilidade, sabe? Assim... Mas a minha cultura é mais flexível e aberta mesmo.

P.8: Como você enquadraria se modelo de aula dentro da organização das atividades de ensino? () Tradicional () Inovadora () Técnica () Flexível () Aberta

Maria: Provavelmente hoje não marcaria o mesmo, mas levando em consideração a época em que trabalhei lá, marcaria Tradicional. Apesar de ter tentado inovar, acredito que a maior parte de minha prática docente lá foi tradicional,

P.9: Como via ou avaliava o comportamento dos alunos na escola em que trabalhava? () Passivo () Ativo () Silencioso () Apáticos () Agressivos () Desinteressados

Maria: Lá tinha pessoas muito passivas, que aí quando você ia ver, já era uma questão familiar, pessoas muito humildes, que a humildade não permite que elas saibam assim. Então, já vem assim, aquela criancinha oprimida, que quando você vai conversar com a mãe, você vê que é três vezes pior e que o menino já melhorou um pouquinho. Então, é... A maioria, eu acho que quase a gente não tinha crianças apáticas, nem completamente desinteressadas não, mas eu vou por aqui, passiva e ativo. A gente tinha pessoas assim... Agressividade? O que eu vi lá foi assim, muito recorrente, sabe? Tá relacionado com a adolescência, não é especificamente porque é a escola, que tem essas características assim, não. Então, assim, lá era mais ou menos isso. Eu acho que o resto é tudo normal em relação às outras escolas. Lá eu achava inclusive que tinha menos alunos desinteressados que em outras escolas. É! Porque tinha pelo menos na época em que trabalhava lá, uma questão muito ligada assim, se não fosse para a escola ia trabalhar em casa, então ele ia para a escola porque não queria ajudar o pai que às vezes era caseiro, uma coisa assim.

P.9: Existe diferença daqueles alunos de sua época para os alunos de hoje? Em que aspecto?

Maria: Não, não tem não! Não tem diferença!

P.10: Como você avalia o processo de ensino (conteúdo específico) da época em que você foi aluno? Posteriormente já na condição de professor, isso foi mudado? Atualmente você acha que o modelo utilizado é diferente, em que sentido?

Maria: Olha, eu fui alfabetizada em escola de freira. Eu tinha seis, sete anos quando entrei na escola. Até os catorze eu estudei em escola de freira tradicional, então assim... Eu não reclamo, acho que foi interessante, faz parte da minha formação, e tudo mais. E tem muita coisa que mudou, o que mudou, o que fez foi evoluir, sabe? Eu penso que essa idéia de segregar acabou mesmo. Eu sou de uma época que tinha na minha sala a fila dos bons, a fila dos medianos, e a fila do que não eram bons, sabe? Então... Assim, se por um motivo, alguma coisa você fizesse, você caía de fila, a professora te mudava, ou subia de fila. Então, esse tipo de coisa hoje não existe, graças a Deus. (risos) Né? Apesar de hoje como professora, eu tenho um retrato da sala, eu sei quem é melhorzinho quem dá conta de tal coisa e quem não dá, mas não precisa abrir isso pra todo mundo, né? Eu posso trabalhar da minha forma, e na minha época isso era evidente assim, tinha um processo assim, tinha muito mais alunos reprovados, tinha muito mais coisas assim, mas eu acho que a evolução foi boa. Eu não gosto da ideia de facilitação, porque banaliza o nosso trabalho de professor, mas eu gosto da ideia de que a escola tem que ter uma característica não apenas de cognitiva, mas de afetividade.

P.11: Como era o seu convívio dentro e fora da escola? () Fraternal () Apático () Individualista () Colaborativo () Em disputas () Outros

Maria: Colaborativo. Sempre! Todo mundo amigo e tal, é lógico que tem pessoas com as quais você tem mais afinidade e tudo mais, mas assim, no aspecto geral, todo mundo me ajudou, e eu ajudei todo mundo que eu pude também, lá.

P.12: Cite algum fato/acontecimento de seu tempo de escola e que traz saudades e grandes recordações?

Maria: Tem! Vou até escrever aqui! Semana literária. Quando eu trabalhava lá... Na biblioteca à tarde eu escrevi um projeto envolvendo dois turnos nas atividades literárias e aí... Agente fez na época, inclusive a pessoa que era a diretora naquela época, estava tendo uma intervenção, essa diretora tinha saído e ainda ia ter uma eleição no final do ano. Aí agente teve uma pessoa enviada pela secretaria, essa pessoa é professora aqui nessa escola hoje. Agente teve na época, para essa semana literária total apoio dela, sabe? Então, assim, essa semana envolveu desde os alunos das turmas A até os alunos da turma I, teve evento de manhã, teve à tarde, teve um monte de coisas, então assim. A semana era um projeto que como eu trabalhava à tarde, na biblioteca de manhã com os alunos de língua portuguesa, eu fiz um projeto e dentro desse projeto cada turma tinha alguma coisa para fazer. Então, assim, por exemplo, os alunos da turma A eles estudaram Vinícius de Moraes, então eles fizeram apresentações musicais, eles declamaram, fizeram entrevistas. Cada turma ficou com um autor, cada turma fez um trabalho diferenciado, até com os alunos da tarde, que eu tinha contato com eles através da biblioteca e com os alunos da manhã, que eram meus alunos. Então teve teatro, de Manoel de Barros, de Mário Quintana, agente fez um trabalho grande com os alunos praticando mesmo a questão da poesia, não foi apenas declamar. Sabe? Então foi bastante coisa legal. A Luzia tem bastante foto desse tempo. Ela fez apresentação de fantoches. Agente passou uma semana vivenciando, e no final, que a criança assim... A gente enfeitou a escola diferente, como se fosse uma festa junina, no Ceará. Então, ficou de segunda à sexta, no dia lá, e agente encerrou com bolo, teve brigadeiro, então foi uma festa assim, que eu acho que na cabeça de quem ajudou naquela época, principalmente os da tarde, foi muito legal.

P.13: Você tem alguma ideia do que será a escola no futuro em médio prazo?

Maria: Olha, quando eu paro pra imaginar do tempo que eu estudei até o dia de hoje, em alguns momentos é até preocupante assim. Porque eu acho que em vários pontos a escola se... Assim, se desprende de algumas coisas que a meu ver são essenciais. Aí eu fico com um pouco de medo. Ontem eu estava lendo o e-mail que uma

colega mandou para mim, e ela falou assim: “A prova de matemática de não sei quantos anos atrás: Fulano vendeu uma carroça de lenha por cem reais, e aí para tirar, para fazer essa carroça ele tem oitenta quanto é o lucro?”. Aí vem... Aí a pessoa tinha que fazer uma continha... Aí vem uma sequência a mesma questão modificando no decorrer das décadas, em 2010 tá assim: “Fulano vendeu uma carroça de lenha por cem reais, para conseguir essa carroça ele gasta oitenta reais, se você souber ler, marque uma das alternativas”. Aí tá lá: 10, 20, 30, 40 % de lucro, e aí a última pergunta que fala que é o futuro, fala assim: “Se você souber ler marque uma das alternativas, mas se você for negro, indígena, ou oriundo de escola pública, não precisa marcar”. Aí tem toda essa questão que eu penso que... Toda essa questão política influenciando demais na educação, que agente sabe que é... ENEM... Todas essas outras coisas são muito mais pra dar uma satisfação internacional do que para facilitar realmente a vida das pessoas. Então eu penso que se continuar desse jeito, se a escola deixar de ter esse com o professor, com o aluno, acaba que com o decorrer do tempo o aluno acha que isso não é mais importante. E aí se isso continuar eu não sei não o que vai ser da escola. Apesar de que todos falam que a profissão que jamais vai acabar é a profissão de professor, porque sempre tem alguém precisando aprender alguma coisa e alguém que sabe ensinar. Mas eu penso assim, que a escola, tem que se posicionar em vários sentidos para que ela não se perca. Que eu penso escovar os dentes, fazer passeio, conviver em outros ambientes é necessidade também dessa família e não só da escola, porque se agente deixar, agente tem que mandar escovar dente, agente tem que ver se tem piolho, se tiver verme tem que dar remédio, se fosse o caso. Tem muita coisa caindo nas costas da escola.

P.14: Como você pensa que será ministrado os conteúdos da sua atividade docente na escola do futuro?

Maria: Olha, eu acho que de todos os conteúdos, não que eu esteja puxando peixe para o meu lado não, mas eu acho que de todos os conteúdos dentro da escola eu acho que vai ser importante é a questão da língua portuguesa, porque não tem jeito, a pessoa vai ter que aprender a se comunicar da melhor forma possível e esse o papel do professor, fazer isso. Então, eu penso que vai ser muito parecido com o que acontece hoje no museu de língua portuguesa lá em São Paulo. A tecnologia inovando assim, mas não tem jeito, mesmo que você seja muito hábil para mexer com o computador, para fazer um monte de coisas, se você não tem o domínio da língua, você não vai conseguir, então, é... Vai ser um ensino mais dinâmico do que hoje, mas sem abrir mão do livro que eu acho que é primordial e... Com mais algumas coisas assim, próprias de gestualidade, porém, com a ideia de que a língua é essencial para que as pessoas consigam alguma coisa.

P.15: Então, para finalizar eu gostaria de agradecer pela atenção e disponibilidade, e sua valiosa contribuição para o nosso estudo. Esses momentos finais deixo a você para falar algo que queira acrescentar em nossa conversa.

Maria: Igual assim, eu acho interessante que vocês façam isso porque o que eu percebi que eu trabalhei lá, é que a escola lá não é reconhecida por todas as pessoas daquela região. Igual, no tempo que eu trabalhei lá, eu ia de ônibus, e este ônibus dava volta e aí, quando ele dava voltas no setor, você via que entrava um monte de crianças para vir estudar nesse lugar aqui. Igual, eu tenho um aluno aqui hoje, que inclusive, foi hoje a conversa, que aqui na nossa escola agente tem só até a turma F e lá tem a turma I, então esse aluno que passou, e ele vai vir estudar aqui no MUNDIN, que é aqui a escola estadual, aí ele: “Ah, porque é longe pra mim”, “Mas você não mora perto da Escola A?”, “Moro!”, “Então porque você não estuda lá?”, “Ah não!”, então eu acho que a Escola A precisa de um trabalho, tá? Assim, faz com que as pessoas... Porque o quê que eu percebo: as crianças só estudam lá até conseguirem terem autonomia para pegar ônibus e chegar aqui. E eles têm que perceber que, por exemplo, o que tem lá tem aqui. Aqui é uma escola pública municipal como lá, às vezes agente tem gente, igual, por exemplo, uma pessoa que veio hoje aqui, fazer uma matrícula que vai morar lá no Orlando de Moraes, que é aquele setor que segue indo para a Nova Veneza, aí eu falei: “Mas perto da onde a senhora vai morar é a Escola A!”, “Ah não! Mas é lá pra trás eu não vou não”, então assim, pra quem não vai pra lá e até meio complicado que eu penso que ele imaginar que ela vem só pelo asfalto, pra chegar, até dá pra entender. Agora, e o aluno que mora lá, e que vem de ônibus, e que chega atrasado aqui porque o ônibus que sai de lá não dá mesmo pra ele chegar sete horas? Porque ele não estuda lá? Sendo que lá, ele vai ter oportunidade de estudar até a oitava série? Então eu acho que essa questão assim... Tem que ser feito uma... Isso que vocês estão fazendo de resgate acaba que dá uma melhorada, eu acho que na autoestima conhecer aqui, ali para que as pessoas se motivem a estudar. Porque lá quando eu trabalhei tinha poucos alunos, mas eu me lembro de ver o ônibus passar pegando um monte de alunos para vir estudar aqui, para fazer a mesma coisa que poderia fazer lá, com os mesmos professores, por exemplo.

ESCOLA B
Memórias da Escola e da Vida Docente
Transcrição da Professora Cláudia:

P.: Boa Tarde! Pedirei que iniciemos com o preenchimento dos dados pessoais. E se a senhora puder falar, eu ficarei grata, assim a gravação poderá ter tal identificação. Ok?

Cláudia: Tudo bem! Começa daqui?

P.: Isso.

Cláudia: Identidade: 4760389; Idade 54 anos; Sexo: Feminino; Cor: Parda; Escola que trabalhou: Escola B; Tempo de Trabalho: 4 anos; Tipo de formação: na UFG, ano 1992 e o curso Pedagogia.

P.1: Ok! Vamos começar então, trazendo pra senhora a seguinte questão: Como surgiu a ideia de ser professora e trabalhar com a Educação?

Cláudia: Olha, pra mim, eu sempre gostei de crianças, né? Então eu tinha em mente fazer o curso de... Na época era Normal, né? Quando eu formei ainda era o Normal, né? Então, surgiu da vontade, acho que toda a vida eu gostei de trabalhar com crianças, então, optei pelo curso de... Pelo curso Normal.

P.1: Nunca surgiu a vontade de fazer outro curso, sempre foi esse mesmo?

Cláudia: Sempre foi esse, não... Porque tem um, porém gente... Depois que você entra na Educação pra sair é difícil... (risos) Parece que a gente não sabe fazer outra coisa né?

P.2: Então tá... O que significava a escola para a senhora, na época?

Cláudia: Ai, eu gostava muito. Achava assim, que os professores eram em mais valorizados do que hoje, né? Hoje a gente vê um desrespeito muito grande pelo professor. Era um lugar assim, gostoso da gente estar. Não como a gente vê hoje, né? Passa aí a gente vê tanta coisa ruim aparecendo na sala de aula, né? Na nossa época era assim, tão diferente, né? A gente tinha muito respeito pelo professor. E eu gostava muito da escola.

P.3: Quais eram os objetivos como professor na escola pública?

Cláudia: Trabalhar, né? E cumprir com meu objetivo de ser professora, né? Em momento algum eu, mesmo quando a gente entrou que era assim uma época bem difícil, época de greve, de tudo... Em momento algum, né? Mas em momento algum, eu fiz por fazer, eu fazia por amor, sabe? Então... Então... Acho que os objetivos da gente quando você entra numa função, numa coisa assim, que você tem que fazer aquilo com amor, né? Não importa o que venha acontecer. E eu acho assim, que eu trabalhei os meus 25 anos com amor.

P.4: Qual era a finalidade, ou importância da sua disciplina na escola? E como sua disciplina era vista por seus colegas? Anteriormente à gravação você comentou que a senhora ministrava várias disciplinas, né?

Cláudia: Huhum! Olha... Assim, eu gostava muito de trabalhar com Português e Ciências, sabe? Era assim as matérias que eu mais trabalhava. E eu acho que a gente tinha um relacionamento muito bom com os colegas de trabalho. A gente tinha um trabalho assim, bem integrado, né? Um com o outro. E eu acho que a gente desenvolveu um trabalho muito bom na escola.

P.4: Só ressaltando que a senhora trabalhou lá, quando o Ciclo já vigorava, né?

Cláudia: Já! Era.

P.5: Como a senhora avalia o seu trabalho de professora desenvolvido durante estes anos na escola? Qual opção das que estão no papel a senhora marcaria? () Ótimo () Bom () Regular () Péssimo

Cláudia: Ai... Pra mim, foi muito bom! Foi Bom!

P.5: Porque a senhora classifica como bom?

Cláudia: Justamente assim aquilo que eu te falei, né? Pelo respeito com os colegas, né? Pela a partilha de um ao outro, né? A Escola B existe muito isso, sabe assim... Dos professores ser muito assim, muito amigo um do outro, sabe? Ninguém trabalha só pra si. Então quando a gente reunia pra discutir, pra planejar, a gente tinha assim, um grupo bem integrado mesmo... Um procurando ajudar o outro. Dando sugestões, o que podia melhorar o que podia ajudar o outro, né? No desenvolvimento do aluno... Então a gente teve... Eu avalio assim que meu trabalho foi muito bom. Enquanto estive lá, nunca recebi nenhuma reclamação...

P.6: Qual metodologia de ensino que a senhora defendia / defende para a escola pública? Dentre as opções. () Diretiva () Não-diretiva () Livre Escolha do Aluno () Condicionada a Solução de Problemas

Cláudia: Não... Eu acho assim, que... Escola, como no início quando surgiu o ciclo, eles quiseram deixar assim, muito no nível de aluno, e a gente viu que não funcionou, né? Então eu acho que tem que ser Ditiva sim! Tudo bem, dando oportunidade pro aluno, mas eu acho que tem que ter uma direção senão o aluno se perde. Sabe? Tem que ter essa orientação. Porque se deixar a escolha do aluno... Principalmente isso aqui: Livre Escolha do Aluno. O aluno, geralmente, às vezes ele não quer nada, né? (risos) Ele leva mais para o lado da brincadeira, né?

P.7: Que tipo de conteúdos a senhora acreditava ser o mais importante, no âmbito de sua especialidade de conhecimentos? No caso, dentre estas opções. () Gerais () Específicos () Práticos () Técnicos () Utilitários () Baseado no Interesse dos Alunos

Cláudia: Bom, eu acho que os gerais aqui. Porque, se o aluno tem experiência assim... Um conhecimento geral, ele tem mais facilidade em todas as outras matérias, sabe? Eu acho que o geral aí, ele é bem... Bem é... Importante, na vida dos alunos.

P8: Como a senhora enquadraria seu modelo de aula dentro da organização das atividades de ensino? () Tradicional () Inovadora () Técnica () Flexível () Aberta

Cláudia: Flexível. Olha, porque eu acho que a tradicional, tradicional mesmo, não funciona mais hoje. Não é que a gente não deixa de usar o tradicional, que a gente sabe que a base vem lá do tradicional e se você não é... A inovadora é importante também, mas se não tiver essa flexibilidade de você tá trabalhando os conteúdos eu acho que a gente não consegue um bom desenvolvimento.

P9: Como a senhora via ou avaliava o comportamento da maioria dos alunos na escola em que trabalhava? () Passivo () Ativo () Silencioso () Apáticos () Agressivos () Desinteressados

Cláudia: Olha, dentro de uma sala de aula, você tem todos estes tipos aqui, né? Mas assim, eu acho que a maioria é ativo.

P9: Ativo?

Cláudia: É...

P9: Em que sentido?

Cláudia: Esse ativo de tá participando das aulas; do trabalho, quando é um trabalho em grupo, né? Quando você propõe algum tipo de trabalho pro aluno. Então têm aqueles alunos que são mais ativos que outros, já têm outros que não... Fica ali no seu canto, não quer participar... Já têm uns que ficam silenciosos... Já têm outros, que às vezes, quando você tá trabalhando já são agressivos com os colegas, né? Então a gente tem todo esse tipo de... De comportamento na sala de aula. Mas o que prevalece é o Ativo. A maioria são ativos.

P9: Levando em consideração que a senhora começou a trabalhar na Escola B em 2004 a 2007, né? Mas a senhora acha que já é possível notar diferença da época que você trabalhou lá, pra os alunos de hoje? E em que aspecto, se existir.

Cláudia: Eu acho que não. Eu acho que assim, não deve ter acontecido tanta diferença não...

P9: E na sua experiência de professora, levando para anos antes da Escola B, a senhora acha que mudou?

Cláudia: Ah sim! Pelo que a gente vê aí pelos meios de comunicação, mudou muito, né? Principalmente na parte da agressividade, né? Então a gente... Hoje eu falo, nossa acho que eu saí da escola na hora certa. Porque os professores sempre falam que a escola... Porque hoje só o aluno tem direito, né? O professor hoje não tem nem voz ativa mais em sala de aula, né? O professor hoje não pode nem falar alto com o aluno. Se você fala, você já é punida, né? Você já é... Né? Eu acho que assim, quando eu aposentei, isso já existia, né? Mas eu acho que... Não sei... Pelo que eu vejo assim, pelos meios de comunicação, porque agora eu estou bem afastada da escola mesmo, né? Então a gente não tá por dentro do que está acontecendo na escola. O que eu sei te falar é o que eu estou vendo, assim, pelos meios de comunicação. Mas pelo jeito eu acho que os alunos estão um pouco agressivos.

P9: Quando a senhora trabalhou na Escola B, isso já existia. E como a senhora lidava com isso?

Cláudia: Já... Olha eu acho que um dos caminhos é chamar a família, né? A escola tem por obrigação quando acontece qualquer coisa na escola é chamar a família, comunicar. Nós enquanto professores, passarmos para as autoridades da escola, né? Pra o que está acontecendo... Mas na minha época, não tinha... Não era tanta agressividade, não, sabe? Uma que eu trabalhava com alunos pequenos, né? Você trabalhar com alunos pequenos é bem mais fácil do que você trabalhar com adolescentes. Na parte adolescência eu acho que os conflitos são maiores. Agora já assim, a minha turminha era até 3ª, 4ª série, 5ª série. Então uma turma assim, que ainda professor ainda tem o domínio sobre eles, né? Conversando, né? Chamando a família, né? A família ainda tem esse domínio sobre o aluno. Tem as exceções, que os próprios pais chegam: "Eu não dou conta!", né? Mas, a maioria você consegue trabalhar.

P10: Como a senhora avalia o processo de ensino (conteúdo específico) da época em que você foi aluno?

Cláudia: É na nossa época era assim, bem voltado pro tradicional, né? Pro tradicional, mas que eu sempre falo, mas que a gente aprendia também, né? (risos) Era um tradicional, mas que o aluno aprendia e quando ela aprendia parece que ele não esquecia mais, né? Já... Hoje não! Hoje é igual te falei, hoje se você for trabalhar só em cima do tradicional você é criticado, principalmente pela secretaria de educação, né, que eles já veem de outra maneira. Então a gente tem que tá trabalhando nesse flexível aí. Trabalhando o tradicional com o inovador, com o que você vê que a sua sala desenvolve melhor, né? E o professor tem que fazer todo esse jogo dentro da sala de aula.

P10: Quando a senhora se deparou com a Formação. Como é que foi? Como foi o embate daquilo que você viveu como aluno e que agora se deparava na faculdade, como foi?

Cláudia: É... Já na faculdade, eles já trabalham mais a questão do flexível também, né? Na faculdade eles já levam você a trabalhar com o aluno nessa outra linha também. Não só a tradicional. E isso, na faculdade a gente

viu, sabe? A questão assim dos estágios, né daquele, dos estágios nas escolas, na própria sala de aula, então já foi levando a gente pra tá trabalhando mais de outra maneira, que não só o tradicional.

P10: Posteriormente, já na condição de professor, isso mudou?

Cláudia: Foi. Porque aí eu fui colocar em prática aquilo que eu aprendi na faculdade, né? Já fui trabalhando, a gente já foi trabalhar dentro daquilo que era proposto pela universidade.

P10: Atualmente, você acha que o modelo utilizado é diferente e em que sentido?

Cláudia: Acho que não tem muita diferença, não. Acho que não... Resumindo acho que hoje é o que é passado mesmo. É essa linha aí. E cada professor, é igual você pensa assim, mas todos os professores trabalham da mesma maneira? Não! Cada um tem a sua maneira de trabalhar. E cada um acha um jeito de trabalhar na sua sala, com seus alunos de maneira que você faça com eles compreendam, não fugindo do que é o pedido pelas normas de secretaria, de escola, né? Mas você age de acordo com aquilo que leva seus alunos a desenvolverem, né?

P11: Como era o convívio com seus colegas dentro e fora da escola? Dentre as opções. () Fraternal () Apático () Individualista () Colaborativo () Em disputas () Outros

Cláudia: Acho que é aquilo que eu te falei. Bem Fraternal. Quando eu fazia Normal, quando eu fui fazer faculdade a gente tinha uma turma muito fraterna, muito amiga uns dos outros, né? E isso permaneceu na escola, com os colegas, com os alunos, então eu tinha um relacionamento muito bom com os meninos, sabe? Então... Graças a Deus foi assim muito bem! Igual eu falo pro meu esposo, pros meus meninos, pai nenhum chegou pra falar assim comigo "Ah! S... você fez isso com meu filho, você fez aquilo" graças a Deus nunca tive isso... Os meninos gostavam muito de mim, então acho que isso, já é o fraternal que permaneceu, né? (risos)

P12: Cite alguns acontecimentos de seu tempo de escola e que traz saudades e grandes recordações.

Cláudia: As amizades, né? Que depois que a gente forma a gente fala... Você tá lá na sala de aula e a gente fala assim "Não... Nós vamos terminar, mas depois a gente vai continuar aqui, esse grupo aqui vai continuar", aí cada um vai pra um canto, né? Cada um vai pra um canto é muito difícil.

P12: E da Escola B? O que mais te recorda, traz mais saudades?

Cláudia: Os alunos. Eu até falei esses dias pro meu esposo... Falei "Não... Ano que vem eu vou voltar pra escola. Ser um amigo da escola." (risos) Vou voltar pra lá, pra ensinar meus bichinhos a ler! Aqueles que têm dificuldade...

P12: Quanto tempo de experiência na escola ao todo a senhora tem?

Cláudia: Olha eu entrei... Ora, foram 25 anos mesmo! É porque eu formei em 92... Desde 80 quando eu entrei na escola, né? Eu entrei em 80, aí depois fui fazer faculdade... Então minha vida inteira foi na escola. Na direção... Já trabalhei na direção... Fui coordenadora, aí eu fui diretora no Maria Helena Bretas e fui coordenadora lá também. Lá eu fiquei 10 anos. Trabalhei sete anos aqui no João Brás. Aqui no João Brás eu comecei como professora, né? Fiquei sete anos como professora aqui. Maria Helena Bretas eu fui coordenadora, fiquei 3, 4 anos, depois peguei a direção fiquei mais três anos na direção, aí depois quando eu deixei a direção eu vim para a Escola B, aí aposentei aqui.

P13: A senhora tem alguma ideia do que será a escola no futuro em médio prazo?

Cláudia: Ai... Tenho nem ideia... (risos) É... Não tenho nem ideia... É porque igual agente vê assim essa violência... Acho que os pais tem que tomar mais responsabilidade dos filhos, né? Saber o quê que o seu filho tá vendo, como que é o comportamento dele. É igual eu falo, às vezes os pais eles acham que a escola é que tem que passar tudo pros alunos, e não é! Né? A base vem lá da família... E se essa base não vem da família a escola não consegue... Né? Que a escola é a continuidade da casa... Então o que a gente vê é que a maioria dos alunos que dão trabalho na escola são justamente aqueles que a família, são famílias desestruturadas, que não tem uma base... São famílias que o pai e a mãe, trabalham o dia inteiro, e os filhos ficam fora de casa o tempo inteiro na rua... Então, essas crianças elas dão trabalho na escola. E se isso não mudar cada dia mais vai se tornando mais difícil de a pessoa trabalhar. Eu penso por aí, sabe? Sabe eu acho que os pais estão deixando muito pra escola assumir, né? E a escola é igual a gente falou, a escola não é a solução dos problemas familiares. A escola tá ali pra ajudar, mas se ele não tem uma base em casa, a escola é muito difícil mudar o aluno. Aí eu coloco alguma coisa aqui?

P13: Pode colocar, se a senhora quiser. A senhora já respondeu, mas pode colocar!

P14: Como a senhora pensa que serão ministrados os conteúdos de sua atividade docente na escola, no futuro?

Cláudia: Assim, eu acho que novas... Novas técnicas podem surgir. Justamente pra mudar esse quadro que atualmente está a escola. Acho que isso aí pode tá mudando alguma coisa em relação às disciplinas, né? O comportamento de aluno... Eu acho que tem que acontecer alguma coisa... Pra... É igual eu falo às vezes o aluno não se sente... Bem na escola, mas ele tem que saber o porquê, né? Se for por causa de como as aulas estão sendo ministradas, como o professor tá trabalhando... O quê que o professor precisa mudar... No seu relacionamento como aluno... Mas alguma coisa precisa ser mudado e ser feito.

P14: Você considera a violência como maior problema da escola?

Cláudia: Eu acho! Precisa de mais apoio da família, igual coloquei aqui. Que os pais passem a participar mais da escola. Porque uma coisa que a gente sentia muito, é assim, aquelas crianças que não dão trabalho nenhum, são aquelas que os pais estão lá, todos os dias, toda semana perguntando como que o filho está. Agora aqueles eu dão muito trabalho, os pais nunca aparecem na escola. Passa um ano inteiro e você não conhece o pai daquela criança. Então quer dizer, que os pais participem mais da escola, né? Que a escola dê mais abertura pra família. Ali na Escola B a gente tinha isso, que a escola é aberta, assim, aos pais, né? Tem as reuniões... Qualquer momento que queira podem chegar na escola, conversar com o diretor, com o coordenador, ele tem acesso. Então eu acho que os pais precisam se conscientizar disso, que a escola e a família têm que andar juntas, pra que haja um bom desenvolvimento. Acho que no dia que acontecer isso, principalmente esses alunos que dão trabalho na escola vão mudar.

P15: Por fim, eu só quero agradecer! E deixar esse espaço para a senhora colocar alguma consideração final, se desejar.

Cláudia: Não... Eu acho que o questionário foi muito bem elaborado, sabe? Bem dentro do que a gente trabalha mesmo na escola... E eu é que agradeço a vocês, né? Por ter vindo fazer esse trabalho comigo, né? E no mais é só agradecer mesmo!

P: Obrigada!

ESCOLA B
Memórias da Escola e da Vida Docente
Transcrição da Professora Carla:

P: Boa tarde! Vamos iniciar a conversa com a coordenadora da Escola B que já exerceu a função de professora durante muitos anos aqui na escola, não é verdade?

Carla: É! E ainda trabalho aqui como professora também.

P: Vou pedir inicialmente para você preencher os dados que estão na folha, por favor.

Carla: Idade: 43 anos; sexo: feminino; cor: parda né? Escola: Escola B; Tempo de trabalho na escola: 17 anos, desde 1996; Tipo de formação: pedagoga formei na UFG em 1990; Disciplina: Sou pedagoga, né? Então... Eu não sei o número da minha identidade de cor não! Tá?

P: Tudo bem! Depois você me passa! Então, vamos para questões mais pontuais, de acordo com o que foi explicado a você, anteriormente.

Carla: Tá certo!

P.1: Como surgiu a ideia de ser professor e de trabalhar com a educação?

Carla: Tá! Surgiu da interação com meus colegas durante o cursinho preparatório pra vestibular em 1986, um cursinho público tá? Então foi no cursinho, tá? Conversando com meus colegas e tudo a respeito do trabalho do professor na escola e achei interessante. Despertou um interesse que era a oportunidade de ter uma profissão, né? De eu conseguir ter um salário fora eu sobreviver na casa, na época a necessidade era essa sobrevivência mesmo! E... Chances de emprego de trabalho não seria um curso que eu iria fazer e depois ia ficar pensando: “Meu Deus! Pra onde que eu vou agora, após a conclusão do curso, né?” Nesse contexto.

P.2: O que significava a escola pra você na época?

Carla: Tudo! Porque até aquele momento minha vida praticamente todinha tinha se passado dentro da escola. Porque eu sempre... Eu comecei estudar muito nova e aí eu... E sempre na rede pública, né? Ensino Médio no Colégio Pedro Gomes e aí eu fui fazer o cursinho preparatório para o vestibular na rede pública Tb! Então assim... Minha vida era casa e escola. A escola assim era tudo!

P.3: Quais são seus objetivos como professora na escola pública?

Carla: Ai nossa! É proporcionar para os alunos conhecimento... Conhecimentos utilitários para eles que partam da vivência do dia-a-dia deles, assim... Que vão ser conhecimentos... Que vão contribuir para a formação deles como cidadãos. Eu acho que isso é o principal, né? É eles terem o direito de exercer a cidadania, tá bom? De formação ampla!

P.4: Qual é / era a finalidade/ importância de sua disciplina na escola? E como ela era vista por seus colegas?

Carla: Bom, como eu sou pedagoga, estou apta para administrar disciplinas próprias do ensino básico, né? A 1ª fase do Ensino fundamental, a antiga 4ª série. Então antes eu trabalhava na sala e aula com alfabetização, estou 12 anos na sala, trabalhando com alfabetização. Aí depois eu assumi a coordenação, aí como coordenadora eu desempenho a função de também estar auxiliando o professor no cotidiano, no dia-a-dia em relação às principais disciplinas: é... Português, matemática, ciências, história, que são as disciplinas bases para o ensino básico. Eu trabalho a disciplina de língua portuguesa no ciclo II com a formação em pedagogia, tá? Mas o ciclo II é possível! Porque ele é a antiga 3ª, 4ª e 5ª série. Então, eu estou apta a trabalhar com certas séries. Mais colegas de trabalho têm noção da importância dessa disciplina, né? Língua portuguesa não tem nem o que questionar.

P.5: Como você avalia seu trabalho de professor, desenvolvido durante todos esses anos na escola? () Ótimo () Bom () Regular () Péssimo

Carla: Ah! Eu acho que o meu desempenho tem sido ótimo! Tá? Eu sou muito dedicada, eu gosto mesmo do que eu faço. Eu não consigo entrar em sala de aula sem um planejamento, então eu sinto prazer em buscar, em planejar, em tá passando isso para os meus alunos. Eu acho isso muito importante, né? Então eu gosto mesmo do que faço exercito o que faço com prazer. Eu sou bastante envolvida, engajada com o dia-a-dia da escola, mesmo! Eu sou assim muito dedicada mesmo! Passo o dia inteiro na escola, só não à noite!

P.6: Qual a metodologia de ensino que você defende para escola pública? () Diretiva () Não-diretiva () Livre Escolha do Aluno () Condicionada a Solução de Problemas

Carla: Tá! A sócio interacionista! Por que a sócio interacionista preocupa muito com a interação do indivíduo e o conhecimento. Então é importante você valorizar o que o indivíduo traz de casa, o que ele já tem. Aí você vai articulando ele como o conhecimento científico que é próprio da escola. Dentre as opções, eu marco um pouco de cada: Condicionada a solução de problemas e livre de escolha do dever. Por quê? Porque as duas né... Ter a capacidade de solucionar problemas do dia-a-dia hoje é um quesito importante, né? O mundo hoje exige isso das pessoas consideradas intelectuais: aquelas capazes de resolver problemas do dia-a-dia, né? E a livre escolha do aluno tem haver com o interesse dele! Tem que ser de acordo com o interesse dele, né? Ele tem que manifestar o que ele tá precisando naquele momento.

P.7: Que tipo de conteúdo você acredita ser o mais importante no âmbito de sua especialidade? () Gerais () Específicos () Práticos () Técnicos () Utilitários () Baseado no Interesse dos Alunos

Carla: Ai! Um pouco... Dentro desses itens aqui, os gerais são importantes os específicos, os práticos, por que sem prática não tem como você vir para questões gerais e específicas sabe? Utilitários por que você precisa deles, você precisa saber usar o seu conhecimento baseado no interesse do aluno, porque o aluno ele não chega aqui sem nada! Ele chega aqui já com conhecimento trazendo um conhecimento prévio, né? Então você tem que tentar se adequar a ele, né? Valorizar tudo o que ele sabe. Um pouco de cada!

P.8: Como você enquadraria seu modelo de aula dentro da organização das atividades de ensino? () Tradicional () Inovadora () Técnica () Flexível () Aberta

Carla: Ai! Eu acho a minha aula inovadora, eu acho minha aula flexível, né? Por que eu estou sempre buscando atividades diferenciadas, sabe? E assim... Eu estou sempre deixando o aluno participar a vontade! É aberta! Tem muito dialogo na minha aula! Até porque português a gente tem que trabalhar muito com a expressão oral.

P.9: Como você avalia o comportamento dos alunos na escola em que trabalha? () Passivo () Ativo () Silencioso () Apáticos () Agressivos () Desinteressado

Carla: Olha como já são muitos anos. A gente saiu daquele aluno passivo de 17 anos atrás e agora nós temos... Nós estamos nos alunos desinteressados, que são os alunos de hoje. Infelizmente, tá? É... A gente percebe que hoje em dia eles não conseguem concentrar o foco deles no conhecimento. É tudo muito fútil, é tudo muito rápido, é tudo muito relâmpago, sabe? Então tudo tem que ser no vapt – vupt! Quando você começa a perceber e pensar “Não... os meus alunos estão gostando disso! Vou procurar saber para trazer para eles...” Não, eles já estão em outro! Então assim. Com isso eles dispersam muito! Fica muito difícil você tá chamando atenção deles para aquilo!

P.9: Diante dessas diferenças que você coloca, em que aspecto você acha que é crucial?

Carla: Olha, a questão do desinteresse mesmo! Pensa bem, hoje em dia é... As pessoas fazem parte. É considerado fazer parte de uma mesma geração aquelas que nascem dentro de um espaço de cinco anos, né? Ou seja, daqui a seis, sete anos, é tudo diferente. Sabe? É tudo muito diferente, então você pode comparar assim... Nossa! Os jovens de cinco anos atrás gostavam das mesmas coisas que os jovens de hoje. Não! Já tá passado! Ultrapassados! Então... É muito corrido! Fica até difícil pra gente acompanhar essa aceleração assim. Essa mudança das coisas! É difícil!

P.10: Como você avalia o processo de ensino daquela época em que você foi aluno? Posteriormente já na condição de professora isso foi mudado?

Carla: Muito! Mudamos muito mesmo. Completamente! Eu fui aluna no ensino básico fundamental, nos anos 70, entendeu? Então já imaginou? Era a época da ditadura militar! Parou pra pensar? Um monte de coisas que eram proibidas? Ai depois eu passei para 2ª fase né do ensino fundamental nos anos 80, então quando eu cheguei aos anos 80 ali: 5ª série, 6ª, 1ª; Então, ou seja, já estávamos saindo da ditadura, né? E já entrando numa época mais democrática, né? Participei das Diretas já! Tudo eu me lembro! Ou seja, uma transformação muito grande mesmo! Uma mudança muito acentuada e que bom que eu vivi isso tudo!

P.10: E como era o ensino da sua época?

Carla: Era um ensino muito bancário mesmo, sabe? Como diz Paulo Freire... Você sentadinha ali e as notinhas de 0 a 10 e sem muito questionamento! O aluno ali sempre muito passivo diante do professor e demonstrando aquele conhecimento dele só através da prova. Oralidade, a expressão oral não era muito valorizada.

P.10: Você acha que hoje a escola está diferente?

Carla: Muito! Muito! É como, sabe? Alguns aspectos eu acho que poderiam ser retomados! Por que eu acho que deixou muito a desejar da forma como está! Parece que tá muito solto! E essa não cobrança, essa coisa muito solta ela pode ser uma das condições que tá causando esse desinteresse! A não cobrança, o não compromisso com nada! Passou, já passou! “Agora é outra professora! Você tá nessa ainda?”

P.11: Como é o convívio com seus colegas, dentro e fora de escola? () Fraternal () Apático () Individualista () Colaborativo () Em disputas () Outros

Carla: Amigável! Bastante amigável! Eu vou colocar no colaborativo. Aqui nós somos praticamente uma família. Não sei se é por que eu fico aqui de manhã e a tarde, então assim, eu tenho contato com essa escola como um todo! Então assim, tem muitos profissionais aqui que dobram carga horária que trabalham de manhã e a tarde também! Então assim, nós somos um time! Tá sempre um ajudando o outro! Ainda bem que não tem essa disputa sabe? Essa relação individualista e egoísta que gente vê em muitas escolas! Aqui graças a Deus não tem isso.

P.12: Houve algum acontecimento durante seus 17 anos na Escola B que lhe traz saudades?

Carla: Sabe, eu acho que melhorou tanto, então não muita saudade não! As coisas mudaram pra melhor, sabe? Ah! Talvez, uma coisa que eu tenho saudade é que os alunos de 17 anos atrás tinham mais interesse.

Ele tinha um tempo mais de concentração em determinado objeto de conhecimento hoje não! Hoje é tudo muito rápido, sabe? Então a gente fica sempre com a sensação de que tá faltando alguma coisa. Pra eles já foi concluído, pra você parece que tá faltando.

P.13: Você tem alguma ideia do que será a escola do futuro em médio prazo?

Carla: Médio Prazo? Eu acho que vai ser tudo assim, muito globalizado, muito informatizado e a gente tem que correr e entrar nessa onda aí porque senão a gente acaba ficando para trás! Olha, a nossa escola está se informatizando, né? Então assim. Existem propostas aí de notebooks pros alunos, então, tá sempre em contato com o mundo exterior, não ficar só naquela aulinha, só no mundinho da sala de aula. A gente tá sempre em contato como o externo, com o que tá acontecendo no mundo!

P.14: Como você pensa que será ministrado os conteúdos da sua atividade docente na escola do futuro?

Carla: Nossa eu acho que... Não consigo imaginar uma coisa assim! Eu acho que uma coisa bem assim... Ai! Não faço a mínima ideia, sinceramente! Eu creio que o professor ele já tem uma posição de mediador né? Ele não é mais só um transmissor de conhecimento. Ele é o mediador. O aluno formula os seus conceitos, com o professor mediando, então eu acho que, de forma mais assim... Não sei como dizer... Acho que o professor vai ser cada vez mais mediador. Nunca vai ser substituído, ele vai ser sempre importante, sabe? Na construção do conhecimento pelo aluno, sabe? Acho que a figura do professor não tem como ser substituída por uma máquina. Por que existe também a questão das relações interpessoais, o vínculo afetivo, sabe? Professor aluno é muito importante! Agora falar pra você pra você como eu imagino que possa ser eu não consigo imaginar! Até porque a visão que eu tenho é pública a gente não tem todo esse aparato. Já melhorou bastante! Então sinceramente, eu estou vivendo cada momento.

P.15: Essas palavras finais deixo pra você colocar algo que venha ser relevante para compreendermos um pouco mais da Escola B!

Carla: Ah... Tá! A mudança para esse prédio. Nós funcionários num prédio pequeno, sabe? Não comportava mais a quantidade de alunos. Então foi construído esse prédio aqui. Em 2003 nós mudamos pra cá. Então, foi tudo muito bom, sabe? Aquelas salas amplas, arejadas, bem iluminadas, sabe? Esse espaço enorme. Uma quadra coberta, um pátio coberto. Lá nós não tínhamos nada disso! Então, assim, foi uma divisão de águas, sabe? Pra nós, funcionários mais antigos da escola. A gente saiu de um estágio assim bem carente, bem pobrezinho mesmo, sabe? De um prédio assim de placa de cimento que esquentava horrores na época do calor, sabe? Gotejava no tempo da chuva. De umas carteiras ruins, de um banheiro precisando de manutenção... Horrível! Tudo muito pequeno! Sem espaço pros meninos brincarem. Não dava pra fazer uma apresentação cultural, sabe? Foi... Que quando a gente veio pra cá, nos achávamos tudo tão longe! Nossa que quando a gente vinha na sala dos professores à gente já pensava: “Nossa eu vou ter que atravessar esse pátio todo!” Mas, ao poucos fomos nos habituando e estamos felizes aqui! E para finalizar eu queria só deixar aquela frase lá oh: “A educação torna o povo fácil de criar, mas difícil de dirigir; fácil de governar, mas impossível de escravizar”. Perdemos o autor dela. Mas eu acho que isso aqui diz tudo!

P.: Ok! Por fim, só queremos agradecer pela atenção e disponibilidade! Obrigada!

ESCOLA B
Memórias da Escola e da Vida Docente
Transcrição da Professora Ana:

P.: Boa tarde! Para iniciar peço que você preencha seus dados na folha.

Ana: Idade não, né? Cruz! Isso é falta de educação, né?

P.: Não, não vamos identificá-la, sua identidade será preservada.

Ana: Identidade, 52429-GO. Escola B, cor parda. Tempo de trabalho na escola? Tem... De 1998 a 2010... Há 12 anos. Tipo de formação: Pedagogia na UCG. Formei em 1979 tenho pós-graduação em Planejamento e Orientação.

P.1: Como surgiu a ideia de ser professora e a ideia de trabalhar com a educação?

Ana: Bom, primeiro foi minha mãe, minha família, né? Eu vim de família de professores. Minha apaixonei pela profissão desde muito pequena, já engrenada, engajada, na escola, sala de aula, trabalhar com criança, e ai eu vi que era isso que eu queria para minha vida.

P.2: O que significava a escola pra você na época?

Ana: Olha, além de ser assim, um local de formação de instrução, de conhecimento, de busca de conhecimento era também prazeroso, porque toda vida gostei de estudar, de ler, de estudar... Então era também um local muito prazeroso, né? (A professora se incomoda com o gravador)

P.3: Você pode ficar tranquila com relação ao gravador, tente desfocar a atenção dele. Quais são seus objetivos com professora da escola publica?

Ana: Bom, mérito como professor né? Tanto na escola publica como particular, porque eu já trabalhei há 12 anos na escola particular. É um só! É me dedicar ao meu trabalho. É o que eu gosto. Eu faço o que eu gosto, né? É formar cidadão e contribuir, né? Com uma pequena parcela ai de formar cidadãos, além de transmitir os conhecimentos e melhorar cada vez mais o ensino com minha parcela, né? Minha parcela de contribuição.

P.4: Qual é a finalidade/ importância de sua disciplina na escola? Como a sua disciplina é vista por seus colegas?

Ana: Eu sou pedagoga. E desde que eu estou na escola, estou com a alfabetização. Então, eu acho que alfabetização é a base, né? Para essa criança continuar... Dar continuidade... Então, muito importante, né? Disciplina de muita importância, né? Não tem nem o que falar, é a base para dar segmento ai nos estudos. Os meus colegas dão total importância, né? Porque é a base, né? Não tem jeito, né? Porque é a base para que a criança tenha condição de continuar ate com mais facilidade, né? Então, eu acredito que alfabetização é muito importante... Não tirando mérito da outras, mas alfabetização é tudo, né? A criança quando é bem alfabetizada ela já supera ai muitas das dificuldades dela na frente, né? A pesar de que, né? A alfabetização não se conclui em um único ano, né? Num único ano letivo, mas, é a base, a estrutura, né? Para ela dar continuidade lá na frente ate a própria alfabetização.

P.4: Então você acredita que algumas dificuldades educacionais podem estar relacionadas com a má alfabetização?

Ana: Toda estrutura, se não for bem feita, toda base, né? Que não for bem feita, lá na frente vem as consequências. Então eu acredito assim, que o professor que alfabetiza ele tem uma responsabilidade muito grande. Eu sinto isso, uma responsabilidade muito grande um cuidado muito grande.

P.5: Como você avalia seu trabalho de prof. (a professora interrompe a pergunta e já inicia a resposta)

Ana: Sem falsa modéstia, eu avalio ótimo, porque eu faço o que eu gosto, e eu procuro, é... Me dedicar mesmo ao meu trabalho e realizar da melhor forma possível.

P.5: Você pode relatar algo dentre sua experiência que marcou sua estada na Escola B?

Ana: É... Eu ver assim o desenvolvimento dos meus alunos, pra mim é marcante, sabe? Quando eu inicio o ano apesar de toda experiência que a gente já tem, toda vivencia... É... Quando eu inicio o ano eu fico assim... Os dois primeiros meses eu fico muito angustiada, parece que não tá tendo rendimento, sabe? E ai essa angustia vai passando, sabe? Ao longo dos anos, né? Por que... A gente vai vendo o crescimento dos meninos e isso pra mim é marcante, sabe? Então, isso ai... Quando eles assim mostram o total desempenho, desenvolvimento, independência... Então, isso pra mim é realização mesmo! Sabe... A gente vê cada uma daquelas crianças que chegam no inicio do ano, com o mínimo do mínimo, né? Ai quando elas chegam o final do ano, a criança lendo, produzindo e interpretando. Então, pra mim é bom demais... É gratificante... Muito gratificante.

P.6: Qual a metodologia de ensino que você defende para escola publica? () Diretiva () Não-diretiva () Livre escolha do aluno () Condicionada a solução de problemas

Ana: Ah... Eu acho, sei lá... Que cada turma a gente trabalha de certa forma, né? Eu acho bem mais direta, e a de livre escolha porque eu vou, trabalhando o cotidiano da vida do aluno, né? A vivencia que ele tem, né? Tem aluno que tem muito acesso a livros em casa, a filmes; e tem aquele aluno que não tem acesso a nada, então eu acho que a gente tem que trabalhar tudo isso. Tem que voltar o trabalho da gente pra tudo isso, né? Para conseguir um resultado, né? Um resultado satisfatório.

P.7: Que tipo de conteúdos você acredita ser o mais importante no âmbito de sua especialidade de conhecimento? () Gerais () Específicos () Práticos () Técnicos () Utilitários () Baseado no interesse do aluno

Ana: Eu marco... De acordo com o meu trabalho? Ao trabalho que eu faço?

P.7: Sim, isso mesmo!

Ana: Então, eu acho que os específicos, porque eu tenho que alfabetizar. Eu quero chegar ao final do ano eu quero ver meus alunos lendo, entendendo e interpretando e produzindo. Então, eu acho que tem que ser bem específico mesmo. A linguagem eu acho que tem que ser prático e até mesmo baseado no interesse. Se não for, interessante para o aluno, não é? Não vai se desenvolver, não vai motivar, né? Tem que ter um certo interesse mesmo, baseado no interesse deles. Tendo até motivação para eles aprenderem. Baseado no interesse, no sentido de trazer para realidade do aluno.

P.8: Como você enquadra seu modelo de aula dentro da organização das atividades de ensino? () Tradicional () Inovadora () Técnica () Flexível () Aberta

Ana: Eu sou mais tradicional, e... Sou bastante flexível a mudanças. Eu trabalho muito dentro do tradicional, mas toda mudança que eu, é... Tenho condição de estar introduzindo, entendeu? É... Eu sou bem aberta a mudanças, bem flexível, bem aberta. Toda... Toda sugestão, né? A mudanças, a introduzir algo diferente, algo novo ali. Eu não fico no tradicional, amarrada ali. Não aceito mais nada, acho que é aquilo que é a verdade, sabe? Não! Sou bem flexível às mudanças... E inovar, né? A gente vê esses cursos que a secretaria oferece, entendeu? Então, eu acho que a gente tem sempre que estar se atualizando, né?

P.9: Como você avalia o comportamento da maioria dos alunos na escola em que você trabalha? () Passivo () Ativo () Silencioso () Apático () Agressivo () Desinteressado

Ana: Oh... Ativo! Essa menina não tem nada de passivo ou apática, pela menos nas turmas com as quais trabalhei né? Não tem nada de passivos ou apáticos, e assim... Nessa turma, nessa idade, o desinteresse é muito pequeno, sabe? Eu não avalio isso em desinteressado. Existe certo número que às vezes, é? Mas eu não acho que chega assim tão... Tão... É... Relevante.

P.9: Existe diferença daqueles alunos de sua época para os alunos de hoje?

Ana: Bom, na minha época era bem mais passivo. Na minha época de estudante era na base do decoreba, a gente não tinha a participação que o aluno de hoje tem, de jeito nenhum, era muito diferente. Era levantar e falar sobre o descobrimento do Brasil ali. Em decoreba, você não tinha uma pesquisa, era o que estava ali nos livros. A participação era mínima. Pelo menos por onde eu passei a escola onde eu passei. Na minha época de escola era. Hoje as crianças tem pesquisa, tem trabalhos práticos, tem visitas a museus, que a gente, aqui mesmo na escola, a gente faz, né? Então, é bem diferente! Bem diferente! Hoje, as crianças participam mais, né? Tem voz ativa, participam muito mais, até as pequenas, de 6, 7 anos, é... A gente... Pelos trabalhos que a gente faz com eles em sala, debates, leituras, né? Interpretação de filmes que a gente assiste, então eles já sabem bem das opiniões deles. Na minha época os alunos eram bem mais para passivo que para ativo. E que provocou essa mudança? Será as tecnologias, os meios de comunicação, ou a própria criação da família? Porque a própria criação hoje é diferente, né? A minha criação, a gente vê, considerando hoje aí essa moçada, essa menina, nossa! Não tem comparação, a gente era passivo mesmo "amém!" Falou tá falado, pai e mãe falou a gente abaixa a cabeça e pronto, né? Hoje não né? Hoje você senta e dialoga, e houve a opinião do filho, né? Da criança, eu acho que isso contribui né? E muito! A própria criação de hoje.

P.10: Como você avalia o processo de ensino da época em que você foi aluna?

Ana: Decoreba, na minha época, levantar e falar o que você decorou nos livros. Descobrimos do Brasil, aí você levantava, era prova oral, né? Quando era escrita, no canetão, ali também a mesma coisa. Questões que você discursava o ponto, na época a gente ainda falava o ponto lido, decorado. Então, tanto era para escrita, para oral, era tudo decorado, era muito... Eu acho assim um horror, né? Porque hoje não, hoje a gente procura debater, é... Com os alunos. Explicar e deixar, ouvir... Deixar que eles manifestem sua opinião. Eles em que entender a história, né? Não decorar. Naquela época a gente tinha decorar os nomes dos ministros (risos), sabia de cor e salteado. Hoje pergunta se eu sei? Era! Tinha que saber o nome do presidente, dos ministros, e olha que eu não sou muito antiga não, viu? (risos) Nossa Senhora! Ainda bem que não tem nem nome aqui. Hoje é totalmente diferente, hoje discute, hoje eles entendem, procuram fazer com que eles entendam a história, né? A história do Brasil, né? A história do mundo, né? Que a gente está inserido. Não é mais assim. Nem nossa! Nem me lembre!

P.11: Como é o convívio com seus colegas dentro e fora da escola? () Fraternal () Apático () Individualista () Colaborativo () Em disputas () Outros

Ana: Eu acho fraternal. Porque eu sou muito amorosa e colaborativa, porque eu não me nego a colaborar em nada, certo? Tudo o que eu posso que eu vejo que eu vou contribuir para melhor, para melhoria dos colegas ou da escola, e se sou procurada ou não eu procuro ajudar, eu procuro colaborar, sabe? Então, eu acho que... Fraternal, porque eu acho que tem que ser, né? Não dá pra ficar individual, nem trabalhar individual. E... Eu sou muito amorosa... E até mesmo, como é que eu quero dizer? Carente, sabe? Então, eu que isso também, contribui

né? Pra esse apego como os colegas. Gosto do ambiente de trabalho sabe? Aqui graças a Deus, eu trabalho a tarde e a noite, mas convivo com os três turnos, tenho amizade e convivo nos três turnos e uma convivência tranquila. Às vezes a gente sai também (risos). Às vezes acontece de sair também, e fazer visitas, né?

P.12: Cite alguns fatos, acontecimentos de seu tempo de escola e que lhe traz saudades e grandes recordações.

Ana: Eu me lembro assim, com prazer dos meus professores, principalmente na primeira fase, tive ótimos professores, e do nosso tempo assim, do nosso tempo de esporte na escola. Porque eu era assim, eu gostava muito de participar e praticar esportes, então hoje, esse ano, a gente não conseguiu reunir uma turma daquele tempo, mas temos os contatos. Uma turminha boa sabe? Que a gente acompanhou, que a gente estudou um bom tempo juntos até formar no magistério, que na época era o curso normal, então foram muitos anos juntos com aquela turminha, mesmo grupo, e agente ainda mantém esses contatos, sabe? Esse ano não conseguimos, tanta coisa, né? Que vai atropelando, que a gente não conseguiu marcar um encontro anual. Mas eu acredito que logo no início do ano a gente deve marcar esse encontro e bater papo, porque foi muito gostoso, uma turminha muito boa, a turminha do esporte, jogava bola, futebol, jogava queimada, isso aí era sagrado, todo dia a gente já entrava para a sala de aula suadas, porque chegava e o grupo já ia correndo para quadra, chegava bem cedo e ia para a quadra jogar queimada. Agora o vôlei já era prática mesmo. Era já um time de vôlei oficial da escola, né? Então eu participei desse time, e era gostoso, da saudade! E meus professores, né? Eu tive ótimos professores! Muito competentes, muito compromissados. No tempo deles, não é? Claro! Parei de praticar por que... Não sei! A gente vai passando o tempo, você vai tendo outras atividades, outros compromissos, e ficou para trás. Ficou só no tempo de escola. Mas foi muito gostoso.

P.13: Você tem uma ideia de como será a escola no futuro em médio prazo?

Ana: Não tenho! Sinceramente... Eu acredito, eu quero acreditar que... Vai haver melhoras, né? Porque a tecnologia tá aí e o mundo não para, né? Então eu acredito que a tendência é sempre melhorar e não voltar, né? Mas eu não tenho assim uma ideia assim formada.

P.14: Como você acha que será a alfabetização na escola do futuro?

Ana: Hum... Como será, né? É... Como as coisas estão caminhando só para computador, informática, tá aí cada vez crescendo mais, talvez até seja, né? Só através? Mas eu não acredito se não vai... Cadê os professores (risos)? Mas outras, né? Metodologias, até mesmo através da informática, porque eu mesma trago os meus alunos para a informática, e ali a gente tem muita coisa interessante, muito produtiva, muito importante que você vê que dá bem para trabalhar alfabetização, sabe? Eu trago meus alunos para sala de informática e eles ficam encantados porque tem muita coisa interessante mesmo. Basta ter tempo para estar buscando, né? E de repente vai estar associando mais ainda essa parte aí de informática. Mas acho que vai ser assim uma associação de metodologias, né? Como a gente já faz hoje; provavelmente vai alimentar, né? Nessa parte. Não sei... A parte da informatização. Provavelmente...

P.15: Essas palavras finais deixo pra você, colocar algo que possamos ter deixado em aberto ou algo que em sua visão, tenha faltado em nossa conversa.

Ana: Tem muita coisa que não está só na visão da gente resolver. Então... A solução é muito maior, depende do interesse do governo, né? Eu acho que por mais que eles falem que tem interesse na melhoria da educação, ainda não é o ideal, não é? Eu acho que ainda tem muito a fazer e pode fazer. Eu acho que o governo tem que ter interesse e os próprios profissionais, né? Porque às vezes a gente vê, como em todas as áreas, profissionais que não são compromissados, né? Isso aí é que eu acho que estraga em qualquer profissão, é claro. Mas como nos somos formadores, né? Educadores e formadores, aí de personalidades até, então eu acho que tem que ter muito cuidado. E se é realmente o que se quer escolher com consciência mesmo, já ver, né? O quê que é e como é que é o trabalho do educador, do professor, do educador porque eu acho que tem que ter compromisso. Se tiver compromisso e gostar do que faz a gente se realiza e faz um ótimo trabalho. Agora a solução dos problemas, nem todos a gente encontra a curto prazo, né? Mas tem caminhado para melhoria. Eu acredito que melhora cada vez mais. Eu acho que a gente tem que acreditar. Não pode perder a fé, né? Se não você pode parar por aí. Largar de mão. Então tem que acreditar, né? Há dez anos, quando eu... Alias, quando eu entrei, a gente sonhava que melhorava claro que já melhorou bem, já melhorou bastante. Caiu muito em termo de reconhecimento até da própria sociedade. Caiu! Mas... Eu continuo acreditando, acho que a gente tem que acreditar, é o meu trabalho, eu me realizo. Então, eu acho que eu tenho que acreditar. Se eu deixar de acreditar eu posso sair fora. Tem que largar. Fazer uma coisa em que eu não acredito, eu posso largar. Então para entrar aí tem que acreditar, e gostar, né? Em primeiro lugar gostar, né? Fazer com amor que o sucesso e a vitória vêm aí.

ESCOLA A E B
Memórias da Escola e da Vida Docente
Transcrição da Professora Ester:

P.: Boa tarde! Pra começarmos vou pedir pra você preencher seus dados, ok?

Ester: Ok! É para que falar sobre minha identidade?

P.: Não, não! É para colocar o nº da Identidade para diferenciar!

Ester: Ah, ta! Vou ter que olhar aqui... Eu nunca sei de cor. É... 1363684 minha cor é... Parece uma coisa, mas nem sempre é o que vemos, pois somos brasileiros, né? Eu costumo dizer que minha cor é a mistura das raças, mas a gente tem que por isso... Na minha época punha a cor, a gora não põe mais, sabia? Que bom né? Mas vou por branca, que é a cor que tá lá no registro! Escola que trabalhou: Escola B e Escola A; As duas escolas são em parecidas, né? Tempo de trabalho, eu ponho os 24 anos? Por que eu já passei por sete escolas nesse tempo de trabalho.

P.: Pode ser! Mas a gente queria mesmo saber da Escola B e da Escola A, sabe?

Ester: Não sei se foi em 94... Acho que foi em 94, aí depois eu saí em 2000 e voltei em 2004... 2005 que eu voltei... Até 2010, então foram 11 anos... Na Escola A eu trabalhei pouco tempo... E lá também foi uma escola que eu fui, saí e voltei de novo, igual aqui! Lá eu trabalhei e conheci a Cleonice e quando voltei, ela já havia falecido... Fui para escola que recebeu o nome dela e aí eu consegui vaga na Escola B e voltei... A Cleonice era alfabetizadora também, como eu. Eu trabalhei lá quando a escola era no ginásio de Esporte da ESEFEGO. Foi em 91... 92,93... Quando eu saí de lá eu vim para a Escola B. Não! Peraí! Saí de lá e fui para uma escola conveniada no Criméia... Gente do Futuro, aí essa escola acabou o convênio, foi para o Guanabara, que é o Marília Carneiro, e eu fui pra lá, aí surgiu vagas! Que eu morava no Goiânia II que era super contramão surgiu vaga e aí eu voltei para lá! Aí foi quando também acabou o convenio também com a ESEFEGO e se criou a escola municipal e a Cleonice já havia morrido! Então eu trabalhei três anos seguidos na Escola A, e aí fui para uma escola conveniada... A escola conveniada encerrou o convenio e eu fui transferida para o Guanabara, fui pra lá, mas em pouco tempo consegui a vaga de novo no ESEFEGO que era mais próximo para mi, de casa e aí eu voltei... Fiquei um ano mais ou menos... A escola era uma bagunça, sabe? Funcionava 3ª e 4ª série juntos... Aí uma professora dava a primeira aula e a outra dava a segunda... Uma experiência doida! Aí depois a gente recebeu a notícia que a escola ia ser transferida e eu consegui a vaga para voltar para a Escola B. Não fui para outra quando eu voltei aqui pra Escola B foi em 94. Tipo de formação: Comecei com magistério, formei em Filosofia pela UFG, tenho especialização na Salgado e na Federal, Mestrado em Educação na UCG. Disciplina na prefeitura eu estou com historia, mas eu fui alfabetizadora quando eu entrei com magistério. Alfabetizei 17 anos, aí saí para ocupar um cargo administrativo, e quando eu voltei já estava aplicando a LDB. A LDB exige graduação para determinadas ares e eu não tinha pedagogia, tive que deixar o ciclo I aí eu tive que ir para o ciclo II e me adequaram pelas disciplinas do curso de filosofia, aproximado com historia aí me colocaram em historia ciclo II. Mas, grande parte da minha vida eu fui alfabetizadora.

P.1: Como surgiu a ideia de ser professor e de trabalhar com a educação?

Ester: Na infância, aquelas brincadeiras de crianças de escolinha... Sempre as minhas brincadeiras eram de brincar de escolinha, pegava sobras de giz da escola escondida. Então, eu penso que a base foram essas coisas de infância e quando eu cheguei à adolescência isso até se confirmou. Quando terminei o ginásio, que fui para o ensino médio até fiz um treinamento específico de química e física para tentar entrar na escola técnica, só que... (risos) a minha mãe tinha uma coisa... Que se a gente estudasse demais a gente podia ficar doido. E ficou dificultando de ir lá fazer minha isenção. Mas aí eu bati o pé e disse que se eu não fosse para a Escola Técnica eu ia querer fazer magistério. Aí eu fui! Para o IEG fazer magistério. A ideia era essa de ser professora mesmo...

P.2: O que significava a escola pra você na época?

Ester: Significava... Aquilo fazia parte da minha história também, né? Eu participei de uma formação de certa forma muito agressiva, porque o primário era do tempo da palmatória... Já não existia em muitos lugares... Mas aqui em Goiânia, mas na minha época de Escola primaria a diretora optava por usar. Ele usava punições agressivas para aqueles meninos que eram indisciplinados, castigos... Expunha ao ridículo... Na 2ª serie primária eu fazia xixi na sala de aula de tanto medo das professoras... Na hora da tabuada eu não aguentava eu fazia xixi... Então, aquele tipo de escola muito rígida... Então assim, eu fui para o magistério com essa ideia: "Eu quero Ser uma professora diferente de tudo o que eu vivi como aluna" E o próprio magistério em si, era uma escola em que os próprios professores eram tradicionais ainda... Principalmente na área de literatura, português e matemática, mas na área, por exemplo, de sociologia, que aí eu me identifiquei muito por causa do professor, era Getúlio... Então ele discutia os problemas da educação... Ele estava organizando o Sindicato... Então assim eu entrei também em uma formação política; então a formação do

magistério em si, ela era tradicional, não dava uma base para você ser uma professora questionadora... Era um “continuismo” daquele primário e ginásio que eu vivi. Então essa experiência específica me ajudou a politizar mais, a dialogar mais, a pensar em ser uma professora diferente daquela experiência que eu tive. Então assim, eu era canhota, e a minha professora não aceitava que eu era canhota. Juntou ela e a minha mãe e foi maior terrorismo para que eu escrevesse com a mão direita... E isso dependia do professor na época, porque a minha irmã que teve outra professora pôde ser canhota, e a minha não aceitou. Ela falava que tinha que corrigir senão eu ia sofrer muito porque tudo no mundo era para os direitos. Que eu ia sofrer que era para meu bem, que eu tinha que escrever com a mão direita, então foi um terrorismo muito louco. Muita imposição... De forma que quando eu cheguei na 8ª série eu tive um problema de memória na tabuada e verbo. Todo aquele conteúdo decorado, aprendido, sumiu de uma vez da minha memória e eu tive que pegar a gramática, estudar... Aprender! Porque não podia mais ser decorado... O decorado apagou da minha memória!

P.3: Quais eram /são seus objetivos, como professor na escola pública?

Ester: Então, olhando essa experiência que foi ser aluna e depois olhando essa experiência de tanta responsabilidade de ser professor... Hoje eu vejo que o diferencial é essa coisa mesmo de está formando ser humano... Na formação da gente a gente não se preocupava com isso, era formar iguais, todo mundo tinha que aprender igual, de um jeito que era imposto. Hoje tem toda uma liberdade, né? Pro aluno querer estudar, a gente respeita a história de vida do aluno. Naquela época ninguém queria saber de história de vida de ninguém. Todos eram vistos de forma igual e isso... Hoje eu procuro ver assim que escola tem que ser uma forma humana humanizada tem que trabalhar conteúdo, tem. Porque a sociedade é competitiva, é concurso, é isso, é aquilo e o que exige no concurso, é conteúdo, né? É conteúdo, é aprendizagem de coisas... Mas acima de tudo a escola tem que trabalhar isso com os alunos... O conhecimento não é a verdade detida, única. Na hora que vai te passando conteúdo, cada cabecinha ali tá passando por caminhos diferentes. Construindo caminhos que podem levar a uma construção...

P.3: Como se deu a situação que você nos expôs no início sobre a questão da docência em alfabetização para o ciclo II?

Ester: Então... Muita coisa é questão de consciência, consciência ela vai acontecendo. Toda essa história que eu vivi certamente esta ainda no âmbito do subjetivo, inconsciente, né? É uma medida em que vai acontecendo os fatos em sala de aula você vai se deparando com os acontecimentos em sala de aula e você pode fazer esse retrospecto se tem um referencial do que foi vivido, e a partir dali mudar ações. Mas tem coisa que a gente repete sem a tomada de consciência. É muito complexa a educação, mas eu faço um esforço contínuo de estar fazendo uma revisão, de não estar aproveitando nada de um ano para o outro. Cada ano é, tudo tem que ser recomeçado. Professor tem mania, assim de ter um caderninho amarelo para tá sempre olhando e buscando ali. Então não faço questão disso, fico tentando fazer novo mesmo, mas é tomada de consciência, não quer dizer querer sempre passe o melhor da gente, às vezes a gente erra sim, repete situações difíceis desagradáveis que às vezes não leva a lugar nenhum. Igual ao objetivo da escola que é formar o aluno, por exemplo, um pesquisador um aluno crítico, consciente, isso são situações que num primeiro momento de escola não eram pedidos, solicitados, não era vivenciado. São tendências educacionais que são de certa forma, recentes. Quando se passaram do ciclo I para o ciclo II, em vista da LDB eu senti uma verdadeira agressão. Não respeitaram a gente quando pessoa sabe? Enquanto profissional... Porque eu não fui ouvida. É uma lei que está acima da pessoa. Não foi avaliado todo meu rendimento de produção nesse tempo todo. Quantas crianças passaram por mim, quantos estão formados ou deixam de estar. Não foi olhado isso. Eu sou um numero na prefeitura. Eu sou vista como um número, eu sinto assim né? Que havia passado um trator sobre mim todo meu espaço enquanto alfabetizadora pra não carregar vícios de uma serie para outra, foi tudo inútil. Eu senti assim como se estivesse plantando bananeira, tudo de cabeça para baixo. Todos os dias na hora que eu acordava para ir para a escola eu me sentia assim né? A hora que eu ia levantar da cama eu me sentia assim plantando bananeira, de cabeça para baixo e de pernas para o ar, mas teve um lado positivo também, por que... A gente acomoda também. Foi um desalojar, foi um abrir armários também... Por mais aberta que eu me achava, de que estava sempre inovando eu pensava gente eu também fiquei presa acomodada. Sabia dominar muitos métodos de alfabetização eu sabia qual a resposta; até o onde o aluno poderia estar respondendo. Como sanar determinadas dificuldades ou não porque nós também somos varinha de condão, sabe? Isso aqui todo mundo vai saber responder, não, não, não é assim... Então foi assim uma adaptação que eu tive que passar mais num primeiro momento, me senti muito agredida. A escola não se posicionou, os colegas ninguém... Todo mundo assim numa submissão total a uma determinação da secretaria. É... Eu acho que a escola poderia ter se posicionado, porque eu tenho colegas que até hoje são alfabetizadoras e vão se aposentar fora da exigência da LDB. Conheci gente que ao longo desse tempo entrou até sem magistério na educação, porque na época em que eu entrei, ainda entrava gente por indicação política, né? Que não tinha formação na área e se manteve bom tempo sem formação. Na área, que fez

magistério por correspondência, né? Existia um concurso em Brasília que fazia por correspondência. Então, assim... Muitas fragilidades na formação teria muita argumentação para me defender. Tipo assim, vamos analisar a prática dessa professora, qual resultado que ela traz, é um bom, ruim ou em péssimo resultado? Então assim... Tudo eu acredito que foi uma normatização, e que infelizmente assim... Todo momento que a educação não é prioridade é a normatização, ou seja, que está dando aula e dá o sinal você tem que correr daquela sala e ir para outra. Às vezes corta completamente uma discussão legal que se está tendo com os alunos e pensamento que o aluno está construindo ali é bloqueado e eu volto só daqui a uma semana. Já passou toda uma situação de reflexão... Então assim toda uma estrutura da escola é sistemática e não prioriza de fato a atividade educativa, mas é um sistema político educacional que tem horários, tem normas, tem regras, que são prioridade e um diário preenchido, e uma aula preenchida com um determinado tempo... Sabe? E a educação em si não é isso, ela está muito além do que isso.

P.4: Qual a finalidade / importância da sua disciplina na escola, e como ela é vista por seus colegas?

Ester: A importância? É... Mostrar para os alunos que não é aquela história de fato, né? De como foi a minha formação, que aquela história que é aquela que todo mundo conhece... A história oficial. E mais a história é um espaço bom que eu tenho para trabalhar aquilo que está com proposta de formação de consciência crítica... Retomando o meu idealismo de educadora porque eu creio que é um canal muito tranquilo para trabalhar consciência a formação de consciência crítica. Às vezes a gente fica tendo que trabalhar certo tipo de conteúdo... Às vezes eu me abro com os alunos. Igual ao livro de Didática esse ano... Péssimo! Da 5ª série então... Eu discuto com os alunos... Falo, olha isso aqui está muito fragmentado... Quer dizer... A gente cria outros temas pra ficar discutindo sabe? Não fica peso a isso... Então eu vejo com muita liberdade de minha parte, eu o meu espaço de trabalho. Como meus colegas veem? Não sei! Às vezes eu acho que eu empenho, sabe? Aquilo que a gente acredita a gente acaba impondo. Toda crença é uma imposição NE? E... Mudei muito já, porque quando eu fui para o ciclo 2 eu já fui com essa incerteza, com essa insegurança, com esse vazio. Tinha uma coisa para ser construída, e eu acredito que cheguei ali muito rígida, certo rigor de cumprir livros, porque tudo era incerto, tudo era novo. Mas aí depois hoje eu me vejo assim, bastante relaxada, já solta tranquila, mas volta e meia brinco. Falo para minha coordenadora, vou voltar a ser alfabetizadora. Esses meninos estão brincando demais comigo, são muito relaxados.

P.4: Qual a influência de sua formação em filosofia na sua sala de aula de acordo no seu parecer?

Ester: Então, eu sempre quis dedicar um espaço a isso, filosofia, sabe? Porque a questão de muitas crenças, valores, ética moral, são temas assim que eu gostaria de estar abordando. Mas, na contramão, sabe? Eu já li muita coisa sobre filosofia para criança... Mas tem umas coisas assim de teoria, que confronta né? Cria conflitos... É que tem muitos evangélicos, e... Tem outros que não tem definições e eu acho que a filosofia ela mexe com toda bagagem do ser humano, sabe? Não um mexer para desgraçar a vida da pessoa, mas para a pessoa buscar procurar a verdade das coisas, né? Não ficar apegado a certas coisas. Eu acho que seria muito interessante em termos de educação, né? Mas eu vejo assim às vezes... Eu já mudei muito, no começo eu falava muito, nos planejamentos, questionava muito, muito questionadora, hoje eu estou mais assim silenciosa, observando mais. .

P.4: Porque essa mudança de postura?

Ester: Então, eu fico me perguntando, sabe? O que eu passei de certa forma... Se chega um momento que o ideal, ele acomoda, o idealismo de modificação... Que servia a educação como possibilidade de transformação de modificação, sempre vendo a sociedade injusta, dividida né? E achava que era um caminho... E agora, parece que eu estou meio assim... Cansada de... Mas eu não deixei de acreditar que através da educação que eu transformo que modifico, não deixei de acreditar. Mas o sistema, ele é muito forte, sabe? Ele é muito forte... A mídia, a televisão, ela tem uma influência em cima das pessoas que deixa a gente com aquele sentimento de impotência, sabe?

P.5: Como você avalia o seu trabalho de professora desenvolvido durante todos esses anos nas escolas? () Ótimo () Bom () Regular () Péssimo

Ester: Eu não tenho alta – estima boa (risos) Mais pra dizer que foi ótimo! É até porque eu fico nesse questionamento... Porque quando a gente fica com questionamento, você não vê só o lado positivo, você vê o lado negativo também, né? E a vida é formada assim, de positivo e negativo... Então... É... Teve alguns estágios que eu considero regular... Quais foram estes estágios? Naquela época que tinha que alfabetizar com cartilha que eu não acreditava que aquele era o caminho, mas eu tinha que fazer aquilo. É uma cartilha péssima, sabe? É a pipoca... Não sei se você teve acesso para ver uma cartilha dessas, que era um papel horrível, quase da cor dessa mesa, um papel velho de jornal que o aluno ia escrever e apagar rasgava, por causa do papel... Uma precariedade tão grande naquilo que era colocado lá... Sabe? Aquela alfabetização tecnicista... Repete o ba, be, bi, bo, bu... Agora você faz ele várias vezes... Agora você junta este com este... Sabe? Era uma coisa que eu não acreditava e que eu não gostava de trabalhar... Então, este período, eu acredito que eu fui uma professora ruim, sabe? Porque eu não conseguia... E era o estudo que a escola

adotava... E eu não conseguia... Porque eu passei por escolas que eu conseguia mesmo que era cartilha... Eu podia ser criativa. Eu criava fantoches sabe? Saia com os alunos da escola inventava personagens, deixava esses meninos viajar na imaginação e eram alfabetizados, mas não... Nessa época, eu sinto que foi um trabalho muito triste, sabe? Sem criatividade... Olha, hoje... Eu já considero um trabalho bom... Hoje eu exerço minha liberdade, de trabalhar... Acredito no que faço parece que os colegas de trabalho acreditam no que faço também! Há parceria entre as colegas, às vezes a gente consegue fazer algum projeto que às vezes as colegas se empolgam e vão juntas. Vejo que às vezes alguma ideia que eu coloco, e os colegas acatam... E a gente consegue falar numa linguagem mais aproximada. Então, me sinto na condição de avaliar bem... Também pelos resultados que a gente vê aqui como os alunos, sabe? O empolgamento deles... É... Trabalhei geografia também junto com história... Tivemos construção de maquetes... A escola criava um novo método um novo método de vida nos alunos E eu acho que a partir do empolgamento do aluno você também tá se avaliando... Consegue ver que tá trazendo resultados. Curiosos, perguntavam coisas para gente e pegava assim de saia justa... Eu acho isso assim, grandioso... Eu acho que tá sendo bom.

P.6: Qual metodologia de ensino você defende para a escola pública? () Diretiva () Não-diretiva () Livre escolha do aluno () Condicionada a solução de problemas

Ester: Aqui tem as opções, né? Olha depois de a gente ler tanto, né? Dentre teorias de educação e a gente fica. Comparando com nossas práticas... O ideal seria aquela onde a turma escolhesse, onde não ficassem as áreas divididas, porque a formação de conhecimento da mão é fragmentada, igual a gente trabalha, né? Agora é a aula de português, agora é a aula de história... Eles pegam o conhecimento e distribuem. (O sinal da escola toca) É a realidade, né? Faz parte do movimento dos alunos da escola. É a escola assim. Então... Essas coisas de fragmentos a ciência, né? É uma coisa que eu acho que não é o modelo ideal... Essa forma de selecionar o aluno, não é a forma ideal... Eu acho que... A compreensão arquitetônica da escola, não é a forma ideal! Da que eu acredito... Mas a que eu acredito, ela não existe... (risos) Por quê? Porque eu acredito que a escola é uma arena... Onde tem “Ns” pessoas e ninguém é igual a ninguém e ali seria um campo de debate, de construção, então... A gente individualiza cada um. Individualiza o campo dos saberes, que é errado... Fragmenta tudo! Então, dessa forma eu não acredito... Mas é nela que a gente vive! (Ligam um som com música... e nós nos deslocamos para o laboratório de informática)... Continuando... Então, eu defendo esta escola como uma arena, onde teria toda uma intervenção da comunidade, dos alunos, para construir qual o objetivo do ano o que seria prioridade da gente tá aprendendo, sabe? Por exemplo, tem alunos que não tem, por alguma questão de me foge avaliá-los, é... Uma aprendizagem. Muita gente denomina ai, rotula como dislexia ou como isso, ou aquilo, mas... Esses nomes ai, para dizer não aprende a ler e a escrever... Ai fica assim, uma situação que a escola não resolve, sabe? E se fosse uma escola em que todos pensassem o que se quer, o que é melhor para se querer, quê que aconteceria? Eu acredito que teria... (Alguém interrompe para falar com a professora). E ai... Existem alunos que, por exemplo, que vão ficando a margem e é um problema que o Brasil em geral não quer ver. Vai levando, vai seguindo... Alguns param na 8ª série... Depois chega no 2º grau não vai mais pra frente, desse grupo todo, poucos chegam à universidade... E quantos concluem uma universidade? Vai minimizando, sabe? As possibilidades de o aluno crescer, desenvolver, ter uma formação que manda a lei, né? A lei é muito clara: todos têm direito. A constituição garante o direito ao cidadão. Mas, a forma de organização da escola, em si, como a educação tá estruturada ela faz é podar cada vez mais, entendeu? Então não sei aqui qual que é a melhor teoria. Condicionada a solução de problemas? Sim! Escolha do aluno? Mas não só do aluno, MS acho que a comunidade, e escola têm que ampliar os horizontes, ela não pode ser essa coisa, essa instituição, entendeu? Por que... A coisa eu acho que vai além dos muros da escola... A escola tem que se olhar como uma perna da sociedade, mesmo... Não uma coisa sexista da sociedade, mas um resultante... Ela é uma troca, uma troca de energias que vai e vem, tem fusão, né?

P.7: Que tipo de conteúdo você acredita ser o mais importante no âmbito de sua especialidade de conhecimentos? () Gerais () Específicos () Práticos () Técnicos () Utilitários () Baseado no interesse do aluno

Ester: Olha, os gerais pra cada professor com geral, o ciclo 2 né? Que o aluno... Toma consciência em geral assim da formação do povo brasileiro, a formação de Brasil Colônia o processo superação... Ter noção do quê que é a sociedade atual e o quê que for... Essa história, que foi a história, que foi a história que tá sendo feita. Vendo que há ligação entre o que foi e o que é, e o que eu, como pessoa, formação de sujeito histórico é... Eu acho isso muito relevante. Mas ao mesmo tempo muito complexo. Exige muito da gente, sabe? Nem sei se eu consigo atender completamente, um objetivo tão amplo, sabe? Que eu acredito que ele é muito maior sabe? Vamos pegar um universitário, vamos ver se ele consegue tá o tempo trabalhando a cabeça... Dizer olha... Eu estou vestindo essa roupa, mas essa roupa está fá favorecendo qual país... Uma bata indiana, por exemplo... As mulheres lá fizeram recebendo ninharia, mas tenho ela aqui a tal valor. Eu estou colaborando como o sistema de exploração... Vai perguntar se um universitário tem essa condição de reflexão! É muito complexo! Então assim, sabe? Não sei se a gente atende com profundidade o que é o

objetivo. Mas eu acredito que seja um bom objetivo, sabe? Mas formar, formar... Consciência, formar ser humano, formar para cidadania, é muito difícil, sabe? Porque ao mesmo tempo, ao aluno tem uma rejeição, sabe? De discutir sociedade. Discutir os problemas... Nós fizemos um círculo de debates de setembro até agora onde se viu a questão do homicídio, de droga... Uma série de problemas que afeta nossa sociedade brasileira e aí é... Eu percebi que tem alunos que tem... Que querem ficar neutros, não querem discutir isto sabe? Não é interessante! O objetivo maior às vezes a gente acha que tá acertando, mas nem sempre vai de encontro com aquilo que é necessidade do aluno, né? Então, aqui seria muitas vezes os gerais, né? Ou... Esse baseado no interesse do aluno, que é... Hoje, a tendência da educação é essa, que o aluno tem que ser ouvido para que ele gere interesse para que tenha aprendizagem... Porque sem interesse... Não ocorre processo de aprendizagem, sem despertar o querer o desejo, a curiosidade. É isso!

P.8: Como você enquadra seu modelo de aula dentro da organização das atividades de ensino? () Tradicional () Inovadora () Técnica () Flexível () Aberta

Ester: É... Quando eu tenho que deixar o diário em dias eu acredito que ela é tradicional. Quando eu tenho que cumprir 45 minutos, /hora, 1 hora e 20 com determinado grupo independente do que eu estou fazendo ali ou não, se eu estou conseguindo ou não, se o momento é aquele ou não; então... Sou obrigada a ser tradicional. Eu posso também tá sendo técnica, né? Porque determinado conteúdo ele precisa dar uma resposta, que lá na frente uma determinada série, ele tem que ter aquela base daquele conteúdo para compreender a conteúdo da série seguinte, aí é tecnicismo, né? Você achar que o conhecimento é de grau. Que você pode formar assim, na gaveta tal. Eu... Às vezes quando sou flexível com relação aos conteúdos, muitas vezes a gente se sente assim, vai ficando perdida, sabe? Igual esse ciclo de debates que a gente teve eu priorizei toda segunda feira turmas de quarta, quinta série tá vendo filmes... Mudou todo o esquema de aulas... E baseado em debates e relatórios fazendo mesa redonda mesmo, para tá discutindo as temáticas, né? E... Foi ficando um leque muito aberto... Depois os próprios alunos começaram a se colocar... E aí foi o que puxou de volta e surgiu a possibilidade de conclusão, né? Porque se não o tem ia ficar assim muito... (risos) o “TREM” né? Olha só o jeito de falar! Agora olha, minhas colegas falam que eu sou inovadora. “Ah para com isso!” falam que eu sou muito pessimista. Quero ser perfeccionista... É que a gente se avalia, tem avaliação do grupo e as meninas assim, na opinião delas eu sou inovadora... Minha coordenadora volta e fala “eu estou precisando... Ester do céu! Você inventa coisa demais esses meninos”

P.9: Como você avalia o comportamento dos alunos na escola? () Passivo () Ativo () Silencioso () Apáticos () Agressivos () Desinteressado

Ester: Não, eu acho os alunos muito ativos. Alguns são apáticos. Mas me chama muita atenção quando o aluno é apático, sabe? É... O que é que tá acontecendo, sabe? Pro aluno ser apático, ficar alheio ali... O não querer aprender... É... Eu li um livro que chamam: “os atrasados não existem” Esse livro me abriu muito a cabeça com relação àqueles que são ali no meio daquele fogo, mas que não resistindo à aprendizagem... O que leva... Procuro tá aproximando... Conversando... Mas no geral os meninos tem uma participação ativa, tem muita liberdade na minha aula... É... Às vezes também, porque cada ano assim inventam uma história... Eu estou uma bolinha de ping-pong... E aí é história, e paralelo eu estou ocupando o lugar de outro professor... Fiquei dois anos em história e geografia e agora estou na Arte e para mim tá sendo o máximo, porque eu adoro Arte. (risos)

P.9: Existe diferença dos alunos de sua época de escola para os alunos de agora?

Ester: Eu acho que eu já até falei um pouquinho, né? Sabe isso... Muita diferença de aluno. Era aluno que não faltava só o professor sabia. Só ele ministrava a aula... Hoje não... Hoje a gente faz dinâmica, o aluno vai muito à frente, ele faz trabalho, ele pesquisa. O aluno ele busca construir seu conhecimento, ele não tá pautado naquilo que o professor está propondo! O aluno, ele extrapola isso. E isso é que é importante... É... Eu fico vendo assim. Isso... Tem na rede ainda... Premiações de redações, não sei o quê... Aí fica assim... Valoriza aquele momento do aluno, mas ele foi todo um processo que levou ele a escrever bem ou agradecer quem corrigiu a prova dele... Não é não? E aí, passou “Ns” processos... Eu acredito que o mérito é de cada indivíduo... Outras questões só são intervenções, tudo é constituído...

P.10: Como avalia o processo de ensino da época em que você foi aluno? Já na condição de professor, isso foi mudado?

Ester: Então, eu procurei, tá mudando, sabe? Na medida do possível. Trabalhando com minha consciência crítica eu procurei, e procuro. Não sinto que eu estou pronta e acabada, sabe? Mas aquela rigidez sabe? Não saber quem é Cada aluno. Eu procuro ter uma relação afetiva como os alunos. Eu procuro... O primeiro vínculo que eu faço com o aluno ele, é afetivo, de que a gente tá ali de igual pra igual. Não essa coisa assim de... A responsabilidade é minha. De levá-los a algum lugar. Mas tudo que vier deles são somatórios, são contribuições, pra que a gente atinja aquele objetivo final...

P.11: Como é o convívio com seus colegas dentro e fora da escola? () Fraternal () Apático () Individualista () Colaborativo () Em disputas () Outros

Ester: São poucos os que se tornam amigos, né? A maioria é só no trabalho aqui, embora a escola, ela tem uma estrutura assim que ela, quem fica o dia todo na escola, mistura muito as coisas, eu acho, sabe? Tem menos às vezes convivência com a família do que com a escola e faz umas trocas assim... Eu tive momentos de escola que eu questionava muito isso porque a hora que chegava o momento de avaliar os processos da escola, aí criava aquela atividade onde parecia mais família do que ambiente de trabalho. Inclusive saía até do local de trabalho, ia pra um clube, ia pra um lugar, pra fazer churrasco. Aquela festividade toda. Todo mundo ali misturava os comportamentos. Depois ia pegar a avaliação e fazer. Eu ficava “pê” da vida com umas coisas dessas. Por quê? Porque o próprio deslocamento do local eu já desconfiava da realidade... A própria emoção das pessoas num ambiente de churrasco de festa e tudo já escondia aquilo que deveria ser dito e encarado. Então assim, eu achava e acho isso assim, pecaminoso, sabe? E a escola ela tem essa coisa de... Na hora que precisa sentar olhá-la e modificá-la, aí vem uma maquiagem, né? Vem uma maquiagem na coisa assim, meio festiva, pro lado emocional, as pessoas misturam as coisas, deixam para tomar café mais tarde, não tom em casa... Às vezes... Não sei se é bobeira da minha cabeça! Será que é? Será que isso é bobeira? Eu acho que se mistura assim o profissional e as pessoas acabam aceitando aquilo que podia ser melhorado... Vê com normalidade demais, sabe? Dizer: “Aqui é o problema, aqui é minha visão, sabe?” E... Atrapalha esse lado do modificar. Modificar para melhorar as ações, pra escola crescer. Então assim, muita gente fica nessa que acontece na escola. Muitos colegas aposentam e não voltam mais para rever os colegas. Eu fico analisando esse povo... “o quê que foi a escola? Um ganha pão, um lugar assim, onde foi massacrante? O quê que foi né?” Porque o vínculo afetivo ele não continua...

P.11: E na Escola A como foi?

Ester; Então, ficou um a professora desse tempo todo, que volta e meia a gente se fala, ela aposentou. E a gente conversa. Ficou a amizade, né? Mas a amizade na época não era permitido o profissional ser avaliado também. Então, há uma mistura das relações de trabalho, né? Porque não tem essa abertura, a pessoa mistura... Essa minha amiga eu posso contar com ela incondicionalmente, entendeu? Se você vai deixando a ação que precisa ser mudada, aí não... Você não é minha amiga...

P.12: O que você acha que marcou sua passagem pela Escola A?

Ester: Olha, lá foi uma experiência diferente. Por quê? Porque a clientela né? A gente chama o aluno de clientela né? (risos) Empresa, escola – empresa, né? Ah... Os alunos lá, os pais tinham uma coisa que a escola era diferente... E eu sempre trabalhei pensando numa ótica de escola pública, entendeu? Não de uma escola particular... Eu tenho muito grilo com escola particular, sabe? A venda do saber ali naquele lugar, entendeu? Então o quê que acontece... É... Lá tinha um ritmo de escola particular... E eu... Uma briga interna minha que era uma escola pública... Porque eu era uma professora de escola pública e o meu trabalho ali tinha que ser esse. Mas os pais acreditavam os alunos... Achavam que ali era uma escola diferente... Achava, por quê? Porque essa escola fez esse convênio, porque o colégio de aplicação daqui da Federal ele nunca comportou a demanda. Nunca consegui responder a demanda de tanta gente que quer entra lá. Sempre foi uma coisa muito seletiva, muito difícil de conseguir vaga lá... E essa coisa toda... E aí o presidente do SIND-UFMG fez essa parceria com a prefeitura na época... Uma coisa política, jogo político de sindicato, onde criou o convênio para os funcionários para os funcionários da ESEFEGO. Então a escola, era vista como uma escola particular. E na verdade, era uma escola de convênio, e que tinha que atender como se fosse uma ótica de escola pública... Olha, esse foi um tempo assim muito sofrido, porque eu estava sendo universitária, mãe (risos) e professora. Então, o quê que eu fazia? Tinha que correr, deixar minha filha na creche da Federal. Corria pra sala de aula. Saía de lá, ia pro RU, restaurante lá... Você deve comer lá? Ai de lá eu descia lá pro ponto final do Campus que era aonde eu dava aula. E... Então assim, foi um tempo muito... Lembrança, enquanto pessoa de muito sofrimento fisicamente... Eu carregava minha sacola de filha, minha filha e minhas coisas de escola e de aluna. Então... Eu andava... E era de ônibus! Naquela vida, assim muito sofrida! Um tempo assim muito difícil! Mas como eu lidava com alfabetização, tinha aquele lado assim que tinha momentos de ler as historinhas, de contar histórias, de viajar na imaginação com os alunos... A parte de tá ali na sala, ela era prazerosa... Mas em alguns momentos... (Neste momento uma professora chega ao laboratório para utilizá-lo e nós voltamos para o pátio da escola), pois é... Era uma coisa prazerosa, quando você entrava para dentro da sala de aula, sabe? Então... Isso era muito prazeroso, aqueles pequenininhos trocando de dente! Imagina... E eu estava assim, conhecendo as teorias de Emilia Ferreiro, com relação à psicogênese da leitura e da escrita... Ai eu estava no auge assim de unir teoria e prática... Era um laboratório a sala de aula pra mim, sabe? Coisa que o magistério não me deu competência... O magistério foi uma formação de aplicação de competência técnica de alfabetização, entendeu? Então tinha um método, você segue esse método e o resultado é tal. Já Emília Ferreiro vinha trabalhar essa coisa de construção, através do rabisco do aluno, o que é que ele rabisca... Que significado tem aquilo? Então... A expressão, já é uma linguagem, já é um pensamento... Então isso tudo me enriquecia, mas tinha o lado do cansaço físico e mental também que ocorria... Eu... Tinha uma aluninha lendo pra mim eu fui pegando no sono! Ai os meninos (risos) começaram

a rir de mim... Ai os meninos gritaram: “A tia tá dormindo” eu falei: “Não eu estou falando que tá certo!” (risos), mas é uma situação viu que a gente sente... Muito difícil!

P.12: Teve algo que marcou sua carreira que marcou aqui na Escola B?

Ester: Dizer se isso foi bom, né? Então... É... Por exemplo: eu acompanhei aqui um caso disciplinar... Foi quando eu retornei. Ai... Parece assim, que nessa época a gente teve assim... Eu... (a gente tem mania de falar a gente) Eu tive uma noção da escola como um todo, sabe? A sala de aula... Fecha muito como que a gente vê a escola. Sair da sala e poder observar a escola parece que pessoalmente foi um momento assim oportuno pra mim, sabe? De tá observando melhor essa escola, de ir por fora o quê que tá ocorrendo na escola como um todo. As diferenças de cada colega, quando via essas aprendizagens... Qual é o profissional que as coordenações valorizam, entendeu? “Não... Aquele ali é nota dez” e ai é hora da gente ver que... Sabe tem muito ainda pra ser feito. Às vezes aquele profissional que nunca falta, que reza em uma cartilha... Determinada cartilha... Ele é o profissional bem visto. Mas nem sempre é o melhor. Nem sempre isso é o melhor pra escola. Vejo assim também esse lado das relações interpessoais como os alunos, sabe? De conhecer a historia de vida de alguns alunos... A gente pode fazer uma certa intervenção... O aluno confiar na gente, se for algum tipo de problema que a gente consegue tá discutindo ai... Fazendo a intervenção, sabe? Eu acho isso gratificante do que ficar simplesmente trabalhando conteúdo... Enchendo caderno... Eu falo pros alunos que o quê que a gente tem que aprender não tá, no nível de quadro e caderno... Tá muito além! Porque a hora que o quadro, ele enche a gente apaga ele... Quando o caderno enche ele vai pro lixo. A gente precisa construir algo mais edificante nesses momentos de escola, né? O que se aprende verdadeiramente, eu acho que vai solidificando e ampliando, né?

P.13: Qual a sua percepção hoje, sobre o que será a escola no futuro em médio prazo?

Ester: Então, a assim a gente tem que pensar fora da escola... Quando a gente ficou falando assim o tempo todo de escola nesse espaço que a gente convive. Agora essa escola aqui é um âmbito muito maior né? Que é o futuro da própria educação não é? Não é isso? Escola aqui você tá vendo ela como educação não é? Desde a origem da escola, quando se inventou a escola, se a gente for retornar ao ano anterior socrático, na Grécia antiga, a função da escola era construir conhecimento. Construir na praticidade, na observação... Andando, não tinha paredes, né? Não tinha bancos... Era debaixo de uma arvore, era andando, observando, sentindo, vivenciando. Essa escola moderna que a gente conhece e tá ai, ela tá fadada ao fracasso. Eu acredito. Por quê? Porque tá formando profissionais cada vez mais alheios a essa coisa da realidade. De observação, de praticidade, sentimentos, de trabalhar todos os órgãos da vida. As pessoas tão sendo formadas assim... É... Ainda com a ideia... Não é pouca também só da gente falar assim: “Ah, é essa área da universidade” não é isso! É toda uma estrutura de educação política e tem um interesse também político de estar assim. Deixa eu ver se eu consigo ser mais clara. Os modelos educacionais, eles estão para responder um determinado modelo de sistema. O sistema capitalista, que é o que a gente vive. Ele tá formando... ele tá formando cidadão pra dizer que vai responder a um mercado de trabalho. Na verdade existe toda uma estrutura, que é contraditória a isso. A formação acadêmica não é suficiente para tal. Então há uma ilusão de formação. Há uma ilusão de mercado de trabalho. Na verdade o sistema é cruel... Ele é... Deixa eu ver o quê que eu consigo simplificar... Ele é discriminatório... Ele é... Ele não é formador. Não tem nada de formação, sabe? Eu penso que nessa escola, nossa educação se continuar nessa preocupação apenas de dar estatísticas para se conseguir verba... É... Políticos pensando a escola a um invés de verdadeiros educadores ali pensando no modelo de escola. A gente vê experiências aqui e ali de escolas que são possíveis, sabe? Onde se arrebeta os paredes da escola e vira uma sala única, sem se preocupar com serie, mas que ali vai sendo construído. Uma coisa assim bem ideal e possível de acontecer. Essa escola que a gente tá vivendo eu acho que ela tá fadada ao fracasso. Olha só, o quê que a gente analisa hoje? O quê que tá sendo prioridade no momento pras pessoas? Antes, tinha-se uma ideia de que através da escola a pessoa ia estudar e melhorar de vida. Era um paradigma, né? “Vamos estudar, que a gente através do estudo muda de vida”. Era um paradigma. Hoje não tem mais. Por quê? Porque os próprios alunos vivenciam isso. Uns acreditam que no futebol é um caminho bem rápido para mudar de vida. Ficam com a ilusão do futebol. Outros já não têm ilusão nenhuma. Já estão vivenciando os pais no mundo das drogas, sem perceptivas, sabe? Então, são “Ns” situações que a escola tá ai. Então, é... Eu vejo assim muitos problemas sociais que... São sérios gritantes. E a política educacional só se preocupa como o resultado. Tem a provinha Brasil, ai treina, faz um treino com os alunos pra atender aquilo lá. Mescla a realidade. Sai um resultado baixo, vira uma loucura. Sai um resultado bom, tá tudo ótimo. Mas, e a verdade? Onde ela esta?

P.14: Como você acha que será executada sua atividade docente na escola do futuro?

Ester: Uai! Hoje tá muita coisa online, né? Muito workshop, não sei o quê, curta distancia... Uma serie de coisas. Eu não sei (risos)... Se eu estou assim, sendo muito pessimista... Ou o aluno ela vai... A gente vê falar já, né? De família que estão fazendo escolhas de estudar em casa e ir lá na escola só para analisar, fazer uma prova e adquirir o diploma. Não sei o que pode acontecer... Não sei, né? Tem que pensar! Porque se hoje não

tá atendendo, não tá correspondendo. Os profissionais que tão no mercado... Eu morro de medo médico! Eu não sei se eles estão aptos realmente a me observar, me medicar, entendeu? E isso é uma profissão palpável, e as que não são palpáveis? Como a nossa, por exemplo? O palpável da nossa profissão são os efeitos, né? O que o cidadão vai ser pela vida. Isso é palpável, mas para falar assim, esse professor que é um errante, ele não tá bem na proposta dele aqui e não é legal, porque isso vai dar um resultado catastrófico. Quem tá olhando isso? Sabe? É... Outra coisa, nós somos paus mandados. Nos professores não tomamos atitudes desce de cruzar os braços e falar: “Essa educação não queremos!” Sabe? “Isso não e bom pro meu país”. Parece que falta um amor a pátria muito grande entre os profissionais, sabe? Um amor ao ser humano. Pra falar: “Gente não podemos ficar aceitando esse tipo de coisa!” Olha a greve que a educação municipal fez... O desgaste que foi, sabe? De o pessoal se recolhendo, retornando, pras escolas, sabe? Só que falou em suspender o salário, pronto! O pessoal começou a recuar... Então, nos somos covardes de certa forma, sabe? Por uma educação ai tão precária, sabe? Sem significação, sabe? Melhorar nossa sociedade. Mas eu vejo que isso ai não tá só no Brasil, é uma realidade que muito grande por ai. Vi que em Portugal a avaliação que fizeram da educação foi assustadora. Agora veja bem, esse sistema de ciclo da prefeitura, ele... Sempre pegam modelos de um e de outro e vão aplicando, sabe? Querem aparecer com a educação... Uma falta de respeito muito grande. Não discute as concepções educacionais de cada um. “Vamos aqui a partir disso, elaborar”. Não tem nada disso, sabe? É executar e executar, e é assim e pronto e acabou. Igual o PPP é um projeto que direciona todas as ações da escola, é uma coisa assim obrigatória, e são poucos que tão ali preocupados com aquilo... É a minha concepção que tá nesse PPP? Que conceito tá ali?

P.15: Por fim... Quero agradecer! Dizer que foi muito rico esses momentos que ficamos aqui conversando. E agradeço pelo tempo disponibilizado e atenção! Agora esses momentos finais quero deixar para que você coloque suas considerações finais ou algo que gostaria de acrescentar...

Ester: Não... Não... Eu acho que foi assim, muito profundo... Mexeu com a minha história, minha vivência. Não sei se eu consegui relatar toda é... Toda a abordagem necessária... Eu não sei se eu consegui tá respondendo ai... É... Eu achei muito interessante, que é uma revisão de vida também, né? O que muitas vezes, a escola, é... Seria necessário a gente tá fazendo isso. Para fazer uma abordagem. O quê que eu sei o quê que eu estou sendo? Como é que é... Eu acho que isso vai me levar a um movimento educativo. Eu achei muito produtivo isso!

ESCOLA A E B
Memórias da Escola e da Vida Docente
Transcrição da Professora Luana:

P.: Boa tarde! Vamos iniciar com o preenchimento dos dados, tudo bem?

Luana: Ok! Identidade, né? 3722157; idade, 31 anos, sexo feminino, cor branca. Escola B, onde trabalhei durante um ano e na Escola A, foram quase três anos e também já trabalhei como professora substituta, né? Uns quatro meses. Então assim eu trabalhei lá na gestão da Dal... Dalka, né? É! Na Escola A comei em 2004 até 2008. E na Escola B em 2004. Tipo de formação: pedagogia, 2003 na UFG. Disciplina: Geografia e Educação Infantil. Na Escola B eu trabalhei para completar a carga horária e fui trabalhar com a 1ª a 4ª serial no noturno, que era para adulto. E na Escola A eu trabalhei à tarde com educação Infantil turma A, foi tranquilo! Eu dava Geografia na Escola B para o EJA.

P.1: Como surgiu na ideia de ser professor e de trabalhar com a educação?

Luana: Na época que eu prestei vestibular eu queria psicologia na verdade. Mas só tinha na Católica, aí achei mais próximo pedagogia e optei por pedagogia. O primeiro foi muito assim... O primeiro ano foi muito difícil porque era um curso que eu não gostava. Aí quando eu comecei a trabalhar eu comecei a me identificar então ser professor foi uma fonte.

P.2: O que significava a escola pra você na época?

Luana: Então... Na Escola A quando eu comecei a trabalhar lá eu já tinha sido professor lá quatro vezes e lá foi minha 1ª experiência na escola pública então eu gostei muito de trabalhar, é muito diferente da escola particular. Eu trabalho na escola particular pequena aqui no Itatiaia. É bem diferente; quando eu fui para a Escola B foi para completar carga então eu sentia que a gente ficava (eu e a professora de educação física)... A gente não tinha muito contato com o grupo. Então na Escola B não teve um envolvimento assim, uma interação; já a Escola A, ficava perto da minha casa eu tinha conhecimento da comunidade então eu achava muito melhor.

P.2: Durante a sua formação inicial você já pensou sobre o significado da escola?

Luana: Não eu não tinha essa ideia e a teoria da pedagogia é muito bonita né? São muitas flores, muitas flores; e aí quando chega à escola pra prática é um choque muito grande né? Porque muita coisa não se aplica; muita coisa não é tão fácil de aplicar...

P.3: Quais seus objetivos como professor na escola pública? Eles eram diferentes dos seus objetivos na escola particular.

Luana: Não! Como eu trabalhava na Escola B e na Escola A e a Escola B era complemento de carga e era noturno foi tudo muito diferente. Me senti muito perdida e achei muito difícil no início. Peguei do meio do ano pra lá e não dava para trabalhar da mesma forma né? Na pedagogia agente aprende a trabalhar com as crianças com adulto já não tem essa preocupação. A gente estudou muito pouco isso; a educação de jovens e adultos na prática. Prática mesmo quase nenhuma, então essa adaptação foi quase um sofrimento.

P.4: Qual era a finalidade / importância de sua disciplina na escola e como a sua disciplina era vista por seus colegas?

Luana: Então... Eu trabalhei geografia na época e era uma disciplina nem os alunos queriam, porque eles estão ali para aprender a ler e escrever, então para eles tem que ser aula de português e matemática né? Porque para eles não importa saber localidade, eles querem ler e escrever então... Era uma disciplina que até que agente conseguia encaixar, fazer adaptações, fugir mesmo do foco da geografia, do cante e tentar focar um pouco na leitura e na escrita, foi muito difícil também. Mas até pelo grupo também que queria o tempo todo que trabalhasse leitura e escrita. Em parte meus colegas ajudaram porque trabalhei ali com um povo que povo que estava quase aposentado né? Um apoio muito maior eu tive das professoras da Escola B que da Escola A, né? Então como as professoras lá da Escola B elas vinham conversar “não tinha fazer isso, diferente”, então assim houve uma ajuda muito grande de lá, da Escola A já não.

P.4: O que você acha que faltou?

Luana: Não, assim, na escola a gente vem para ajudar o outro né, ver a dificuldade que o outro tá tudo e porque não dividir as experiências que a gente tem né?

P.5: Como você avalia seu trabalho de professor desenvolvido durante esses anos nas escolas? () Ótimo () Bom () Regular () Péssimo

Luana: Bem, quando eu trabalhei na Escola B e na Escola A juntos eu acho que foi regular, não tinha experiência foi muito difícil, então assim, tinha dias que os alunos reclamavam, pois não queriam que passasse tarefa no quadro, então eu mudava todo meu plano de aula para trabalhar atividades em folha porque não tinha livros, né? Aí a gente trabalhava em folha, aí passava uma semana eles já queriam voltar para o quadro porque tinham enjoado da folha. Então, assim foi muito neste ponto, mas eu acho assim que ficou

muita coisa a desejar, foi minha 1ª experiência e já com jovens e adultos, é um grupo bem diferente, tinha bem senhoras e outros adolescentes. Eu acho que ficou a desejar muita coisa.

P.6: Qual a metodologia de ensino que você defende para escola ainda para escola publica? () Diretiva () Não-diretiva () Livre escolha do aluno () Condicionada à solução de problemas

Luana: Bom, ficou muito assim na questão da escolha do aluno, né? E tinha dia que você chegava lá e o aluno “Não! Hoje eu estou cansado da aula assim você podia fazer diferente!”, essa é uma das vantagens de você trabalhar com adultos, eles sabem bem o que eles querem. Quando eles vão para a escola e eles querem ir para a escola eles estudam o dia que eles não estão a fim de estudar eles nem aparecem. E quando eles estão lá eles querem aprender uma força assim que eles têm que eles lutam muito para assistir um filme... Essas aulas são diferentes que você tem que estar fazendo como os menores. Eles estão lá para aprender a ler e escrever. Porque na concepção deles é ficar enrolando eles né? Você jogar um livro lá mostrando um biscoito, por mais que tenha alguma relação com alguma disciplina eles não querem ver o filme. Filme eles veem em casa, então é muito assim... Nesse sentido também.

P.7: Que tipo de conteúdos você acreditava ser o mais importante no âmbito de sua especialidade de conhecimento? () Gerais () Específicos () Práticos () Técnicos () Utilitários () Baseado no interesse dos alunos

Luana: Eu acho que baseado no interesse dos alunos. Eu tinha que dar uma aula para eles voltada para aquilo que eles viviam no dia-a-dia deles, se não, não despertava o interesse deles. Não adianta falar pra eles daquilo que não faz parte da vida deles. Se, é época de copa, vamos trabalhar um assunto voltado para o assunto da copa, essas coisas... Muito que tá fazendo parte naquele momento. Não adianta falar dos Estados Unidos se naquele momento aquilo não tem interesse para eles. Essa experiência eu vivi tanto na Escola A como na Escola B. Eu trabalhei dois dias à noite na Escola A e dois na Escola B e tinha um dia de estudar.

P.8: Como você enquadraria seu modelo de aula dentro da organização das atividades de ensino? () Tradicional () Inovadora () Técnica () Flexível () Aberta

Luana: Flexível! Pela participação dos alunos no momento, entender o que eles estão buscando, entender seu cotidiano. Então, essa flexibilidade eu voltaria para o dia-a-dia deles e até mesmo porque você tem que prender os alunos, se não fecha as turmas. O noturno tem esse dilema.

P.9: Como você via (avaliava) o comportamento da maioria dos alunos nas escolas em que trabalhou? () Ativo () Passivo () Silencioso () Apáticos () Agressivos () Desinteressado

Luana: Ao todo eles eram muito ativos dentro das limitações deles, né? Sempre com muita dificuldade, mas muito ativos. Participavam, perguntavam. Aqueles que não estavam muito a fim da aula diziam para a professora eu vou embora que eu não estou a fim de assistir aula, e ai eles levantavam e iam embora e não ficava para atrapalhar. Essa é uma característica do noturno principalmente de 1ª e 4ª serie né? São mais os idosos que não aprendiam a ler.

P.10: Como você avalia o processo de ensino (conteúdo específico) da época em que você foi aluno? Posteriormente na condição de professor. Isso foi mudado atualmente? Você acha que o modelo utilizado é diferente em que sentido?

Luana: Sim, mudou bastante! Porque eu acho que... Na minha época a gente respeitava mais os professores, né? E hoje eu já não vejo isso, não vejo mais o respeito de antigamente, e ate o medo também, eu... Pela não reprovação... O aluno e o que a gente ouve dos próprios alunos “Ah, não vou estudar porque, vou passar mesmo”, então eu acho que hoje envolve um grande compromisso com a escola como os alunos. Eu acho que hoje as coisas não são mais flexíveis. Se aceita mais coisas na sala de aula; na minha época não. Você estava ali para aprender não tinha outro negócio. Se não aprendesse você era reprovado, hoje não, hoje as coisas estão mais flexíveis, o que eu acho muito positivo em alguns aspectos, mas acho muito negativo em outros pontos. Fugiu o compromisso dos alunos, como o professor, com a educação, com tudo.

P.11: Como era seu convívio com seus colegas, dentro e fora das escolas? () Fraternal () Apático () Individualista () Colaborativo () Em disputas () Outros

Luana: Na Escola A eu tinha um convívio tranquilo, né? É... Um convívio bem profissional mesmo. Eu tive um bom convívio com a professora de educação física, pelo fato de agente estar mais próxima, sempre se encontrando nos mesmos dias. Eu marcava colaborativo, para a Escola B, mais na Escola A teve uma coisa assim, mais de fraternidade com os professores.

P.12: Cite alguns fatos /acontecimentos do tempo em que trabalhava nas duas escolas que possa trazer saudades e recordações?

Luana: Na Escola B eu acho que a convivência com os alunos, os alunos da Escola B eram mais fraternos, mais carinhosos, não sei se é porque também tinha uma faixa etária bem mais variada, e eu desenvolvia melhor o trabalho e por conta dos próprios professores que eram referencia né? Professor de português e de matemática... Já na Escola A, já tinha certa dificuldade por conta das professoras que também eram

referencia; eu acho assim, que dificultava um tanto o trabalho, né? Mas na Escola A foi desenvolvida uma amizade como os professores de lá.

P.13: Você tem alguma ideia do que será a escola no futuro em médio prazo?

Luana: Não! Não tenho, não tenho mesmo. Eu acredito muito na educação, mas... Mas do jeito que as coisas andam sabe? Eu acho um absurdo um aluno passar por todos os ciclos e chegar lá no final do ciclo 3 e não saber ler... E... O desinteresse da família. Eu acho que jogou – se muito a responsabilidade na escola e no professor e a família deixa de lado tudo né? Eu não sei em que rumo nós vamos caminhar não!

P.14: Como você pensa que será ministrado o conteúdo de sua atividade na escola do futuro?

Luana: Eu acho que bem flexível, cada vez mais flexível, uma coisa muito voltada para o interesse do aluno, para chamar o aluno para a escola, chamar o aluno para aprender, para concentrar, a ter interesse que eu acho que é o que falta. O aluno ter interesse, levar a escola a sério. A escola virou depósito de crianças né? Onde se deixa os filhos e os pais não tem preocupação de acompanhar. Às vezes passa o dia inteirinho e você não vê a cara dos pais. Eu acho que os alunos, estão muito abandonados na escola.

P.15: Esses momentos finais, deixo para você relatar algo que queira sobre a Escola A e Escola B, ou experiências que levará para sua vida.

Luana: Levarei muitas experiências, nunca mais trabalhei com jovens e adultos. Foi uma experiência ímpar. Na Escola A mais ainda porque eu trabalhei com tempo maior, né? Na administração da Antônia foi uma época que a escola deu um avanço muito grande, né? Então assim, gostei muito né? Tudo vale com aprendizado. As coisas boas e ruins, né? Para crescer. Então foi bem isso mesmo! Mais na Escola A porque tive uma convivência maior, passei mais tempo na Escola A.

P.: Muito obrigada! Quero agradecer pelo tempo dedicado e experiências compartilhadas.

ANEXO 4

TRANSCRIÇÕES A EDUCAÇÃO FÍSICA E A DOCÊNCIA NAS ESCOLAS

ESCOLA A A EDUCAÇÃO FÍSICA E A DOCÊNCIA NAS ESCOLAS TRANSCRIÇÃO DA PROFESSORA CAROL

Identificação:

Nome: Carol

Escola: Escola A

Idade: 39 anos

Sexo: Feminino

Cor: Na certidão de nascimento é parda

P: Tempo de trabalho com a Educação Física?

Carol: Bom, na rede municipal eu tenho 12 anos.

P: E na Escola A?

Carol: Bom, na Escola A eu acho que desde, se eu não me engano, de 2001 ou 2002. Não me lembro bem a data.

P: Tipo de formação.

Carol: Eu sou graduada em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da UFG. Fiz minha especialização lá também em 1997 e depois fiz o mestrado na Faculdade de Educação.

P: E a sua graduação terminou?

Carol: A graduação eu terminei em 95. Foi de 92 a 95.

P1: Como surgiu a ideia de ser professor?

Carol: Então P., essa ideia ela surgiu, não foi quando eu entrei no curso de Educação Física. Na verdade eu entrei no curso de EF com uma ideia da EF que não era de ser professora, era de trabalhar em outras instituições, em outras coisas, que eu havia percorrido certo caminho, antes da graduação, é eu não fui atleta, mas eu gostava muito de voleibol, de jogar. Então minha ideia era outra quando eu entrei no curso de EF. Mas aí lá dentro depois de passar por algumas disciplinas e principalmente de trabalhar em alguns projetos de pesquisa em que nós nos inseríamos diretamente no campo da escola, foi um momento muito importante para poder descobrir e organizar essa orientação enquanto a minha profissionalização. Aí foi nesse espaço, dentro da faculdade de EF, participando de projetos de pesquisa vinculados ao espaço da escola em que isso aconteceu.

P2: Quais os seus objetivos como professor da escola pública?

Carol: Então. É na faculdade nós aprendemos várias coisas, a minha formação especificamente foi voltada para isso, eu me dediquei a isso, mesmo não tendo entrado com essa... Com esse objetivo, ele foi modificado. E, assim, um dos objetivos é trabalhar, é devolver, assim, para os alunos, para os cidadãos de uma forma geral aquilo que eu aprendi aquilo que eu acredito que seja educação e a educação física principalmente. É voltar para o espaço da escola entendendo a EF de outra forma da que eu vivenciei na escola enquanto estudante que fazia e que tinha aula de EF, tratar esse conhecimento de outra forma. Então é tentar garantir, promover pros alunos nas escolas o conhecimento dessa área, aprendizagem de conceitos relacionados à EF escolar, trabalhar com esses conceitos dentro da escola.

P3: Pra você, qual seria a finalidade da educação física na escola?

Carol: Bem, a EF é um campo, é uma área de conhecimento, ela é uma disciplina curricular, ela tem uma função na escola como as outras disciplinas. Eu acho que uma das principais, ela não é, assim, suporte de aprendizagem, eu quero explicar assim, ela é uma disciplina que ensina uma disciplina que está vinculada as outras, mas ela é uma disciplina, um campo de conhecimento que possui um objeto próprio, que tem os conteúdos próprios, que tem a sua finalidade própria dentro da escola. Então, se ela tem conteúdo, esse conteúdo tem que ser ensinado, tem que ser traduzido na escola, processado na escola, tem que ser trabalhado de uma forma geral. Mas ela também tem... Ela tem vários elementos, dentro dessa área, dessa grande área da EF que, por exemplo, no campo que eu trabalho que é com as crianças pequenas do ciclo I e que eu já trabalhei muito na educação infantil, ela tem uma finalidade de trazer conteúdos que são essenciais para a aprendizagem e para o desenvolvimento desses alunos, desses estudantes dentro da escola. Então, eu acho que... Eu penso que passa por essas questões. Não como um suporte, a EF não é um suporte por que ela tem um campo de conhecimento, tem conhecimento específico, tem uma área muito abrangente que trabalha com vários elementos da cultura corporal e, esses elementos da cultura corporal, esses conteúdos, eles tem que ser trabalhados porque há uma necessidade deles dentro do espaço escolar.

P4: Como você avalia o seu trabalho de professor no transcorrer destes últimos anos na Escola? Ótimo () Bom () regular () péssimo (). Explique sua resposta:

Carol: Eu vou colocar esses últimos anos, como os últimos três anos. Vou fazer essa avaliação agora. Eu coloco como... Eu coloco entre bom e regular. Por que... A educação atualmente, eu tenho sentido assim que ela tem sido um campo, ela é uma área que tem sofrido muita influência da conjuntura atual. O professor tem sido muito massacrado, muito cobrado em relação a seu campo, a sua área de trabalho e isso, de certa forma, têm desanimado muito os professores e eu me incluo nesse momento, passando por essa situação. Mas por outro lado também, apesar disso, eu tenho tentado não deixar que essas coisas, essas questões maiores influenciem tanto o trabalho direto na escola. Primeiro porque eu gosto muito do que eu faço, eu estudei pra fazer isso, tenho uma formação específica nessa área, gosto de atuar dentro da escola, de trabalhar com crianças pequenas, de desenvolver trabalhos dentro da escola. Acredito na perspectiva da escola, na proposta da escola, mas eu acho que tem faltado, assim, uma... Um... Como é que eu vou dizer... Uma organização coletiva, momentos em que os professores tenham mais... Tenham um momento de maior troca, um fórum de discussões, sejam promovidos pela própria unidade a qual estamos vinculados que é a Secretaria Municipal de Educação, ou também por outras instituições fora da escola ou, até mesmo, pelo próprio sindicato da categoria, mas isso não tem acontecido. Eu acho que é isso, repete de novo pra mim a pergunta.

P5: Qual a metodologia de ensino você defende para a escola pública? Diretiva () não-diretiva () livre escolha do aluno () condicionada à solução de problemas (). Explique a sua resposta:

Carol: Eu penso que a... Forma, que uma dessas que atenderia a metodologia seria a diretiva, porque ela nos orienta a ter uma direção, né? A metodologia precisa dessa direção dentro da escola, dentro de... Enfim, como a gente está tratando de dentro da escola, é necessário que esse trabalho dentro da escola seja direcionado, que tenha objetivo, que ele tenha foco, que ele tenha um objetivo a ser alcançado no sentido de promover alguma coisa. Então, nesse sentido, eu penso que essa perspectiva seja diretiva, enquanto metodologia de ensino.

P6: Que conteúdo você acredita ser o mais importante no âmbito de sua especialidade de conhecimentos? Geral () específico () práticos () técnicos () utilitários () baseado nos interesses dos alunos (). Explique sua resposta:

Carol: Eu penso que os conhecimentos gerais, aí incluindo a EF a área da EF, os elementos da cultura corporal e não só... Quando você faz a pergunta, me vem à cabeça, desses conhecimentos gerais é isso, seriam esses conhecimentos específicos da educação física, mas não desvinculado de outros conhecimentos que estão sendo produzidos ou estão sendo utilizados dentro da escola, então os conhecimentos gerais de todas as outras áreas também. Mas a pergunta está bem direcionada para o campo da EF não é?

P6: Isso.

Carol: A, eu responderia assim, eu acho que o principal conhecimento são os conhecimentos gerais, mas que dentro desses conhecimentos gerais que englobaria os conhecimentos de outras áreas, dos outros campos de conhecimento do qual a escola precisa se ater, precisa tratar, o campo das artes, o campo da história, até mesmo o campo da filosofia, aí traz alguns dos elementos do campo, das áreas da matemática, da literatura e alguns desses campos eles estão assim, em defasagem na escola.

P7: Como você enquadra o seu modelo de aula dentro da organização das atividades pedagógicas? Tradicional () inovadora () técnica () flexível () aberta (). Explique sua resposta.

Carol: A tendência né, que a gente tem usado, é a de trabalhar com uma tendência inovadora, por quê? Porque é uma tendência que traz elementos que vão fortalecer ou que vão promover outra relação com a escola, com os alunos, com os conteúdos, com o contexto atual, com a própria conjuntura da escola na qual nós vivemos. A inovadora seria no sentido de entendimento... Seria no seguinte sentido, de conhecer esses conteúdos, esses conhecimentos da EF que vão ser tratados, e organizá-los de uma forma metodológica, dentro de uma prática pedagógica, dentro de estratégias de aula em que esses conhecimentos tenham por objetivo auxiliar os alunos para que eles pensem criticamente, para que eles reflitam, para que eles tenham um pensamento reflexivo desses conteúdos ensinados dentro da escola. Então não é só trabalhar o jogo pelo jogo, o esporte pelo esporte, a brincadeira pela brincadeira. Mas esses conteúdos têm objetivos a serem alcançados dentro dessa perspectiva. Mas isso não é muito fácil de fazer ao mesmo tempo, porque isso demanda não só do professor de EF, o conhecimento em relação a essa forma de trabalhar, mas ele precisa também de certa estrutura dentro da escola, ele precisa estar inserido no contexto da escola, ele precisa que os outros profissionais de outras áreas também estejam vinculados a essa proposta. É claro que isso é muito mais difícil de fazer, mas quando acontece, eu acho que o trabalho tem uma possibilidade de ser mais vantajoso, de alcançar os objetivos reais do trabalho dentro da escola. Um trabalho que seja organizado coletivamente, com todos os professores. E a EF, eu acho que ela pode ter esse papel, o professor de EF pode fazer esse papel de constituir esse espaço, de organizar esse espaço coletivo dentro da escola, primeiro porque ele é um professor que trabalha com um conteúdo diferente dos outros e que os alunos demonstram um gosto diferente por esses conteúdos e também porque ele se insere, ele participa, ele da aula para todas as turmas, ele tem essa possibilidade de construir de organizar isso.

P8: Como você vê o comportamento da maioria dos alunos hoje na escola? Passivo () ativo () silencioso () apático () agressivo () desinteressado (). Existem diferenças de sua época de aluno? Em que aspecto?

Carol: Olha, eu penso que tem várias dessas, eu marcaria várias dessas, mas eu acho que duas que eu não deixaria seria esse passivo e em alguns casos violento. O passivo, eu percebo que não há uma dinâmica, a escola não tem, não consegue em muitos momentos, em muitas situações promover um dinamismo dos alunos. Não é um dinamismo só no sentido da aprendizagem, no desenvolvimento não, é porque esse de certa forma, mesmo que a escola, em alguns momentos, não faça isso bem, não use metodologias, não use estratégias para que o aluno aprenda, o aluno termina aprendendo alguma coisa. Mas como a escola também tem esse papel de não só ensinar, de fazer com que os alunos aprendam esses conteúdos vinculados aos vários campos que vão formar e constituir o espaço da escola, o espaço da aprendizagem, das disciplinas, mas a escola também tem como objetivo, acho que promover espaços que os alunos agissem de outra forma, compreendessem a vida, a conjuntura, espaço que eles vivem, que eles moram, compreender os conflitos da sociedade de uma forma geral por outros espaços também, que não sejam somente espaços do conhecimento enquanto... Enquanto campo de aprendizagem, mas por outros espaços. Então eu vejo que os alunos de certa forma vivem uma possibilidade dentro da escola, não só dentro da escola, mas dentro da comunidade a qual eles vivem, eles não têm, não têm ocorrido assim, projetos ou movimentos, ou situações em que eles possam pensar a sociedade, eles na própria sociedade, eles dentro da escola, eles enquanto agentes, enquanto cidadãos, enquanto sujeitos que podem pensar a sociedade de uma forma diferente e que podem entender isso e tentar de alguma forma modificar essas questões ou pelo menos a própria postura aí eu acho que isso também tem uma influência direta, essa passividade, em relação à própria violência também. Termina que essas questões vão influenciar. Como há essa passividade dos alunos, então de alguma forma eles se tornam... Em relação a essas questões, a questões políticas, a questões culturais, ela tem deixado de trabalhar essas questões culturais, que pode ser... Que é um gancho, um campo de conhecimento que pode promover esse dinamismo, esse movimento, eu acho, que modificar essa condição do aluno enquanto aluno passivo dentro da escola e dentro do espaço em que eles se inserem, da comunidade em que eles vivem, do lugar que ele trabalha, do espaço em que ele tem pra cultura, pra lazer.

P9: Como você avalia a sua forma de ensinar hoje e a avaliação em que foi submetida em sua época de aluno?

Carol: Como eu te disse, a minha formação foi uma formação... A minha formação da graduação foi dentro de uma perspectiva inovadora. Eu avalio assim, a Faculdade de Educação Física da UFG, os professores da FEF, o Projeto Político Pedagógico da FEF nos direcionou, nos orientou os projetos nos quais eu trabalhei, a compreender a EF enquanto uma área de conhecimento que tem metodologias diferentes, metodologias inovadoras, metodologias críticas. Se existem problemas? Sim, existem problemas, quando a gente chega ao campo da escola, sai da graduação e vai para a escola nós temos problemas, e não são só problemas estruturais, porque esses a gente consegue de alguma forma superar, mas como eu tive essa formação eu acho que no campo da escola isso... Assim, eu não tive muita dificuldade em realizar esse trabalho dentro da escola. Então assim, na escola eu consigo trabalhar com esse campo de conhecimento da EF. Como eu participei desses projetos dentro da própria faculdade, isso garante de certa forma essa organização. É claro que o campo da escola é um espaço que tem muitos conflitos que tem muitas questões que a gente precisa resolver de outras maneiras, então, tem alguns momentos que eu preciso reavaliar essas questões, estudar novamente essas questões pra poder fazer outras propostas em relação a isso.

P10: O que significa escola pra você hoje?

Carol: Então, como eu comecei a falar agora, e eu estava pensando nesse conceito de escola, porque quando a gente fala de metodologia, de avaliação e a própria organização desses conteúdos nós estamos pensando na escola, o que é a escola. No meu ponto de vista a escola é um espaço de muita disputa... Disputa em relação aos conteúdos que estão organizados dentro da escola, então são várias áreas, vários campos de conhecimento: matemática, língua portuguesa, geografia, história, a própria EF. Apesar da organização, da carga horária, da organização desses conteúdos dentro da escola, existe uma disputa grande em relação a eles, em relação ao significado desses conteúdos dentro da escola, de fato pra que eles servem, para que eles estão de fato dentro da escola. Então a escola tem esse campo de disputa, não só no campo das grandes áreas de conhecimento, mas também em outros, é um espaço de conflitos, mas é um espaço também, que tem que ser né, um espaço de aprendizagem, de desenvolvimento dessas pessoas, desses sujeitos que estão inseridos nesse campo, nesse espaço, não só os alunos, mas também os profissionais, os professores, a própria comunidade que está inserida nesse espaço escolar, chamado escola.

P11: Você tem alguma ideia de como será a escola no futuro de médio prazo?

Carol: Eu tenho muita esperança na escola, muita esperança. Esperança em que sentido? No sentido de que é um espaço, a escola é um campo institucional muito antigo que já passou e que passa por diversas modificações e existem várias formas de se conceber, de compreender a escola, existe aí as formas tradicionais, as formas que você mesmo citou a inovadora, então é um campo que tem problemas, mas é um campo que ao mesmo tempo,

também, aponta, cria condições, que nos dá a possibilidade de compreender a escola de outra forma e de compreender, principalmente, o espaço em que a gente vive de outra forma. Então eu vejo a escola como um campo, como um espaço, como uma possibilidade, como um canal de modificar algumas coisas. Essas coisas que podem ser modificadas, elas estão no campo social, elas estão no campo político, elas estão no campo ideológico, elas estão no campo da cultura, das artes, então eu entendo a escola assim... Por isso que eu digo que eu tenho muita esperança na escola, apesar de muitos problemas que nós temos dentro desse espaço, porque ele é um campo que precisa ser movimentado, ele não pode viver na inércia, ele não pode ser passivo, ele tem que ter um dinamismo, ele tem uma dinâmica própria, mas ao mesmo tempo ele sofre influências da conjuntura atual, das políticas educacionais, da própria política, é... Das políticas sociais, das ideologias que são pensadas para isso, então a escola faz parte de um sistema do qual nós estamos inseridos, um sistema social, político, mas ela tem uma possibilidade de contribuir com mudanças, de mudar posturas de sujeitos que estão inseridos dentro desse espaço. E quando eu falo de sujeitos eu não penso somente nos alunos e alunas, dos educandos e educandas que estão inseridos nesse espaço, desde crianças até adultos, mas nas pessoas de uma forma geral, então mesmo com a passividade dos alunos, com a passividade dos próprios professores, com a falta da dinâmica, com a necessidade de modificar essas metodologias que estão organizadas dentro da escola, nós professores temos que ter essa condição de pensar na escola enquanto um espaço de mudança, ter esperança de que isso possa ser modificado e pensar nessa esperança não na pura espera, de ficar esperando que as coisas aconteçam, mas de tentar modificar, de tentar mudar essa postura das pessoas que estão inseridas e do próprio conceito de escola também.

P12: Como você imagina a educação física na escola de futuro?

Carol: A EF tem grandes possibilidades né, de trazer mudanças de postura, de trazer benefícios pra escola e pra esses sujeitos que estão inseridos na escola. A EF trabalha com conteúdos que podem promover isso né, que existe certa facilidade pra que isso aconteça. Então quando eu penso as minhas aulas de EF, quando eu penso em projetos maiores pra área da EF, pra escola a área da EF tem essa possibilidade de influenciar e modificar. Então, uma EF do futuro ela precisa repensar um pouco algumas metodologias, e quando eu falo isso eu estou incluindo a metodologia com a qual eu trabalho. É preciso repensar essa metodologia dentro do espaço da escola e vincular os conteúdos da EF a outros conteúdos, um deles, por exemplo, eu acho que é... Um dos campos é pensar na área das artes, área da cultura e porque que nós precisamos estudar o esporte, o futebol, o vôlei, as brincadeiras, os jogos, o quê que isso pode influenciar na aprendizagem desses alunos, não é uma aprendizagem só do ponto de vista cognitivo ou da aprendizagem dos conteúdos, mas é uma aprendizagem que esses sujeitos estejam que a gente entenda esses sujeitos enquanto sujeitos sociais, então pensar nessa perspectiva, qual a influencia desses conteúdos pra essas pessoas que vivem dessa atual sociedade que vivem nesse atual sistema no qual nós estamos inseridos.

P13: Palavras Finais.

Carol: Então, aqui na Escola A, eu tenho dúvidas dessa data, eu tenho até que ver no memorando, porque eu vim de outro espaço, eu trabalhava na SME, já avia trabalhado em outras escolas também, mas vim pra cá, é uma escola... Acho que foi em 2001 ou 2002 mesmo, vim pra esse espaço, é uma escola pequena, é um espaço que eu gosto muito de trabalhar, porque aqui existe uma especificidade dos alunos dessa escola que eles são filhos de pessoas, de chacareiros, de pessoas que vem de outros estados, então tem uma demanda grande, há um grande quantitativo de alunos que vem do nordeste brasileiro, que vem do Maranhão, que vem da Bahia, que vem de Pernambuco, e as crianças vem acompanhando as famílias, que eles mudam pra cá em busca de trabalho, se inserem nesse espaço, nessa comunidade. A escola é uma escola única nesse bairro, não existe outra, então eles vêm pra essa escola, em alguns momentos eles não ficam muito tempo na escola, porque há essa rotatividade por questões do trabalho das famílias, que em alguns momentos precisam voltar ou ir pra outros lugares, então eles terminam saindo da escola, então quando eu cheguei aqui eu me deparei com essa realidade, e conhecendo isso, achei isso, acho isso muito interessante, penso que isso é um canal que nós da escola não podemos perder isso de vista, que precisa ser trazido, que já está dentro da escola, mas ele tem que ser trabalhado dentro da escola, junto com os conteúdos que são desenvolvidos aqui dentro. Então é um espaço que a EF tem um papel importante aqui dentro, eu já percebi que houve mudanças, já passaram por aqui vários professores, e a gente, em alguns momentos mais, nós conseguíamos construir coletivamente o projeto pedagógico da escola e principalmente da EF, já ouvimos relatos de ex-diretores, ex-professores, esse fato de que a EF foi modificada, que as aulas, que existe outra metodologia do trabalho e que isso foi modificado de certa forma, que o entendimento sobre a EF seria outro. Eu penso que aqui dentro da escola a EF é reconhecida como uma disciplina importante, com uma disciplina que tem os seus conteúdos a serem trabalhados, ela é respeitada, existe uma consideração mesmo em relação a isso, as pessoas compreendem a importância da EF, o papel da EF aqui dentro. Os alunos também, principalmente as crianças, que eu trabalho no ciclo I, eu trabalho nessa perspectiva pra que eles entendam a EF enquanto uma área de conhecimento que tem as suas contribuições que tem conteúdos que eles precisam aprender, então não é mais só jogar futebol, ou então “professora, então agora nós vamos brincar?”, apesar de

que eles ainda usam “hoje a gente vai brincar de que?”, fazem ainda essa pergunta, mas eu trabalho nessa perspectiva de que essa mudança ocorra. Nós temos problemas aqui na escola, eu penso que pra EF, e uma das coisas é a questão mesmo de espaço porque nós não temos uma quadra coberta, nós não temos espaço adequado pras aulas. Isso traz dificuldades, mas não impede que o trabalho aconteça, e nem é motivo também para que o trabalho aconteça de uma forma que não seja importante pra escola, mas que de certa forma traz algumas dificuldades. Eu já trabalhei em uma escola que essa estrutura era diferente, que era melhor e o trabalho acontece de outra forma, precisa construir outras coisas. Então aqui, assim, eu não tenho grandes problemas com a escola, acho que a EF é reconhecida, o meu trabalho é reconhecido também, tanto pelos alunos quanto pela comunidade escolar de uma forma geral.

ESCOLA A
A EDUCAÇÃO FÍSICA E A DOCÊNCIA NAS ESCOLAS
TRANSCRIÇÃO DA PROFESSORA TEREZA

Identificação:

Nome: Tereza

Idade: 38 anos

Sexo: Feminino

Cor: parda

P: Tempo de trabalho com a Educação Física?

Tereza: Na rede eu tenho 17, assim, está completando 17 anos.

P: Sua formação é?

Tereza: Formada em EF pela ESEEFEGO ai depois eu fiz especialização aqui na FEF. Especialização e um Mestrado.

P: Então você tem mestrado?

Tereza: Tenho. Eu fiz em uma parceria, porque eu era funcionária da Universidade, ai nós fizemos num programa interinstitucional com a Unicamp. Na verdade o Mestrado é da Unicamp, mas eu fiz porque eu estava vinculada a faculdade né, a UFG.

P: Mas o ano que você graduou?

Tereza: Eu graduei em 1994.

P1: Como surgiu a ideia de ser professor?

Tereza: Olha, eu venho de uma família que tanto meu pai quanto a minha mãe são professores, minha mãe e meu pai são professores de Letras. Então eu sempre tive essa convivência, essa ambiência na minha casa, inclusive minha mãe dava aula aqui mesmo no Conjunto Itatiaia, na Escola Waldemar Mundim, ia muito com ela pra lá porque eu era pequena e não podia ficar em casa sozinha. Então a profissão professor sempre fez parte da minha vida. E quando chegou o momento de escolher uma profissão eu tinha ai uma opção de fazer veterinária, só que ai eu pude fazer um estágio, porque eu estudava ali no Aplicação, eu fiz estágio na Faculdade de Veterinária, a gente ficou alguns meses na faculdade conhecendo o curso. Eu gostei muito de alguns aspectos, mas eu vi que não era muito aquilo que eu iria querer mesmo, ai eu optei pela EF.

P1: Por que a EF?

Tereza: Deixa ver. É, sei lá, talvez pela dinâmica, do que é a EF em si, o que era ainda no meu imaginário né, uma situação de aprendizagem mais lúdica, mais interativa, os jogos, com práticas de esporte, então isso pra mim era mais encantador na profissão.

P2: Quais os seus objetivos como professor da escola pública?

Tereza: Bom, eu tive a oportunidade de passar no concurso em 94 mesmo, o ano em que eu terminei, então assim, foi aquela coisa, eu não tinha isso na minha cabeça, que eu ia ser professora de escola pública. Eu fiz o curso, eu passei nesse aqui e num concurso que teve na Federal, então aqui eu assumi como professora da rede e lá como professora da creche, eu fui como recreacionista lá na creche, ai foi nesse caminhar da profissão junto com meu trabalho eu fui me descobrindo como professora, como uma pessoa interessada nas questões da educação, nas questões do trabalho mesmo... Mais ou menos assim, eu não tinha uma coisa preestabelecida, foi na profissão ao longo do tempo, o espaço que eu conquistei enquanto profissional, foi tanto na universidade quanto aqui na rede municipal, então a vida foi girando em torno disso, os estudos, quis fazer especialização na área da educação, na educação, na EF, a escola pública em especial, então foi assim um casamento meio que, como se diz, que foi acontecendo, não tinha nada premeditado, ou pensado previamente.

P3: Pra você, qual seria a finalidade da educação física na escola?

Tereza: Bom, a finalidade da EF é a mesma da educação no geral, é formar cidadãos mais reflexivos, mais conscientes da sua história, do seu tempo, mas com possibilidades de uma atuação melhor na sua vida de uma maneira geral, acho que a EF vai colaborar com esse todo maior, embora ela tenha a sua especificidade. Mas como ela está dentro da escola ela tem que abranger seguir mesmo o que é proposto pra educação, o que entende como educação que é a formação humana, que é contribuir pra formação humana.

P4: Como você avalia o seu trabalho de professor no transcorrer destes últimos anos na Escola? Ótimo () Bom () regular () péssimo (). Explique sua resposta:

Tereza: Olha, nos últimos eu estava na direção. Então, assim, eu avalio que a função do diretor é uma função difícil de lidar com uma série de questões que fogem da própria escola mesmo, que tem que estar caminhando junto com a secretaria, com as diretrizes nacionais, com a política nacional de educação, ele tem que lidar com diversas questões que compõe a escola, desde a prática pedagógica do professor, da merendeira até as políticas públicas, ele administra verbas ele administra, é muita responsabilidade. Então é um trabalho de muito envolvimento, é se envolver, é estar interessado, é estar disposto a fazer esse trabalho. Eu acho assim, que eu me

dediquei muito pra isso, eu terminei o mestrado e assumi a função de direção, eu me dediquei bastante, eu acho que assim a gente nunca é perfeito obviamente, tem coisas que a gente não consegue fazer, não consegue mudar, não consegue romper totalmente, mas eu acho que foi uma gestão boa, foi uma gestão tranquila, eu fui uma pessoa muito compromissada com meu trabalho, mas muito... Respeitava muito as pessoas, as dificuldades, as limitações, naquilo que cada um pode contribuir, porque nem todo mundo pode contribuir, vamos dizer assim, 100%, tentando entender toda essa vamos dizer assim, esses detalhes da vida de uma escola.

P4: Então essa é uma avaliação sua enquanto diretora, nesse processo. E como professora, você conseguiria dar uma qualificação?

Tereza: Eu acho que só o fato, uma coisa que eu acho favorável na minha avaliação, eu acho que só o fato de eu nunca ter deixado de estudar para construir a minha atuação, porque eu fiz especialização na educação infantil, fiz especialização em EF escolar, busquei o mestrado. Eu acho que isso já dá um diferencial, pelo menos pode não ser excelente, mas ao menos estou tentando construir uma prática mais consciente, mais refletida, daquilo que eu faço daquilo que eu... Como eu faço com os meus alunos, como eu posso dialogar melhor, aprender e ajudá-los melhor.

P4: Como você avalia então? Ótimo, bom, regular ou péssimo?

Tereza: Ah, eu acho que eu sou uma boa profissional.

P5: Qual a metodologia de ensino você defende para a escola pública? Diretiva () não- diretiva () livre escolha do aluno () condicionada à solução de problemas (). Explique a sua resposta:

Tereza: A vinculada à solução de problemas.

P5: Por quê?

Tereza: Porque nós já passamos, olha, analisando aqui enquanto a metodologia, nós já passamos por um momento de extrema diretividade do professor dentro da escola tradicional e nós vimos que, se a gente fizer uma análise histórica ela não conseguiu de fato formar indivíduos críticos e que sejam extremamente participativos. Nós já vimos na Escola Nova essa não diretividade, essa livre escolha do aluno e ela também não foi capaz de fazer uma transformação na escola e hoje a gente tem uma discussão muito importante na área da educação que traz ai alguns autores como Libâneo, como Saviani e outros autores que agora o nome me fugiu, que propõe essa questão de pensar a construção de solução de problemas, a partir de problemas concretos dos alunos a gente, o professor ir atuando e fazendo as ampliações. Então eu acredito que essa possibilidade seja de fato uma possibilidade viável e importante, primeiro porque ela vai possibilitar um dialogo entre a escola e o mundo concreto, o mundo vivido do aluno, de uma forma mais interessante.

P6: Que conteúdo você acredita ser o mais importante no âmbito de sua especialidade de conhecimentos? Geral () específico () práticos () técnicos () utilitários () baseado nos interesses dos alunos (). Explique sua resposta:

Tereza: Nossa eu nunca pensei por essa divisão (silêncio por alguns segundos). Nossa! Assim, eu achei que ficou muito fragmentado do jeito que está dividido, porque o conhecimento nunca é só pratico, ele é pratico e teórico, não existe uma coisa que é só prática. A técnica por si só também não faz sentido. O específico, entendido como aqui que é da EF, por exemplo, que a gente pode chamar de cultura corporal ou cultura corporal de movimento é o objeto da EF eu acho que ele é muito importante mesmo, o professor de EF tem que trabalhar no mínimo o objeto da EF na aula, por que se não, não justifica né. Mas também ele é sociável a perspectiva maior da educação, pois não adianta eu estudar só objeto porque ele não tem uma referencia que a escola tem como um todo. Então essa questão eu não sei se eu conseguiria dividi-la dessa forma. Eu ficaria entre uma relação entre o geral e o específico e o utilitário, que pode ser isso, mas nem sempre aquilo que é útil apenas é que é importante. Eu não saberia responder essa questão, assim, agora não. A gente pode voltar nela daqui a pouco? (risos)

P7: Como você enquadra o seu modelo de aula dentro da organização das atividades pedagógicas? Tradicional () inovadora () técnica () flexível () aberta (). Explique sua resposta.

Tereza: (silêncio por alguns segundos) Só pode escolher um?

P7: Você pode pontuar a resposta.

Tereza: Eu vou ficar com o flexível.

P7: Por quê?

Tereza: (risos) Ué, pela possibilidade de não estar centrado mesmo, de retirar mesmo a outras opções. No tradicional, eu acredito que não me enquadraria numa perspectiva tradicional, nem numa perspectiva tecnicista, inovadora eu não sei se a gente pode dizer, precisa de um estudo maior, uma reflexão maior pra se dizer se é ou não é. E flexível pela possibilidade de ter um dialogo entre teoria e prática, em alguns momentos em que eu vou trabalhar o esporte, por exemplo, alguns elementos da técnica vão ter que sair, não tem como você ensinar a jogar vôlei se você não tiver domínio de alguns elementos da técnica. Então o flexível foi que, o flexível também na possibilidade de mudança, de ressignificação, de acordo com as questões dos alunos, daquilo que é importante

desse casamento, do que tem interesse deles, do que é especificidade da área dentro de uma escola, então eu ficaria com esse.

P8: Como você vê o comportamento da maioria dos alunos hoje na escola? Passivo () ativo () silencioso () apático () agressivo () desinteressado (). Existem diferenças de sua época de aluno? Em que aspecto?

Tereza: Eu acho que é um comportamento ativo.

P8: Por quê?

Tereza: É que principalmente porque as crianças de hoje elas estão mais ativas do ponto de vista da participação, do interesse, do questionamento, do envolvimento da ação mesmo, eu acredito que eles sejam ativos.

P9: Como você avalia a sua forma de ensinar hoje e a avaliação em que foi submetida em sua época de aluno?

Tereza: Bom, quando eu era aluna de EF, era muito forte a perspectiva, assim, duas... Na verdade não era só uma perspectiva, dependia um pouco. Tinha professores extremamente tradicionais, com uma perspectiva muito tecnicista mesmo, de fazer aqueles exercícios de correr em volta da quadra, o aquecimento, aí tinha, por exemplo, numa aula de vôlei treinamento de toque, manchete, então era uma aula assim muito voltada para a prática mesmo do esporte em si, mas sem nenhuma discussão sobre o esporte, sobre a importância do esporte na vida das pessoas, o que ele representa socialmente, culturalmente, enfim, era bem uma aula tecnicista mesmo, bem voltada para a prática mesmo daquela modalidade esportiva. Eu tive a oportunidade de estudar aqui no Aplicação, e no Aplicação a gente tinha a possibilidade de ter aula de natação, de vôlei, de handebol, de capoeira, nós experimentávamos, nós vivenciávamos várias modalidades, mas centrada no esporte mesmo.

P9: E hoje a forma de ensinar?

Tereza: Eu acho que hoje mudou muito, hoje inclui muito a questão histórica, a questão social, a questão cultural, a questão ética, envolve a questão da saúde que também está presente, você não centra a aula de EF só na prática como sendo a técnica, a execução, o jogo puramente, você hoje tem outras relações interpessoais, relações de poder, hoje se discute muito mais esses elementos. Esse é um diferencial muito grande, que eu considero importante, porque antes, por exemplo, se a gente pensar “vai dividir um time” então tinha os bons que eram sempre os escolhidos, Os ruins que eram excluídos, aquela coisa mesmo que estava centrada só naquela prática para, pro jogo ali, naquela situação na quadra, não tinha uma relação com a vida com outros elementos que fazem parte da situação do jogo, que fazem parte do lazer, da cultura, eu acho que isso mudou bastante e é bem importante.

P10: O que significa escola pra você hoje?

Tereza: A escola é um espaço privilegiado de educação, um local privilegiado onde pessoas, onde se unem professores, alunos, comunidade pra construir conhecimento, pra socializar conhecimento, pra contribuir com a formação uns dos outros, esse seria, assim, a nossa utopia de escola, não vamos aqui dizer que a escola esteja assim, é aquilo que nós queremos construir, queremos uma escola, ela não é assim em essência, em tudo, tem muitos embates, muitos problemas, muitas dificuldades de efetivar essa escola, mas como eu acabei de dizer. A gente que está na escola, estamos porque nós acreditamos nisso. Que aqui é um espaço importante de construção de cidadania, onde é possível construir conhecimento, onde é possível viver junto, partilhar, viver experiências, construir questões, problemas, soluções, criar outras dúvidas, caminhar junto com o aluno, com os colegas. Isso não isenta dos problemas que tudo isso ainda gera.

P11: Você tem alguma ideia de como será a escola no futuro de médio prazo?

Tereza: Em médio prazo, eu vejo que... Eu vejo assim, que houve historicamente um desmonte da escola, um desmanche da escola assim, há um desmonte social do que as pessoas acreditam na escola, as pessoas não estão... Principalmente as famílias, nós, os próprios professores, na sua grande maioria estamos, assim, se sentindo, não sei se essa seria a melhor expressão, mas assim, cansados da escola, por questões financeiras, grave, pois nós temos a questão salarial do professor, a maioria dos professores que às vezes a gente conversa a vontade é de sair da escola. Então eu acho que a escola, ela está passando por uma crise preocupante, que aqueles que aqui estão que são os professores, que são a alma da escola, estão um pouco desmotivados pela escola. Então eu acho que em médio prazo nós vamos ter uma... Que enfrentar todo esse desmonte social, estrutural, político, financeiro, político que aconteceu com a escola, pra tentar transformá-la. Por que é muito séria a questão da escola na atualidade, a questão dessa descrença de algumas pessoas, os próprios cursos de licenciatura estão se esvaziando porque não tem tanto, acabou um pouco da magia, do encantamento que as pessoas tinham pela escola. As próprias famílias nem sabem se acreditam de fato que a escola vai transformar a realidade da vida delas ou dos seus filhos. Então eu sinto assim, que há uma crise instaurada na escola que precisa ser enfrentada por nós professores.

P12: Como você imagina a educação física na escola de futuro?

Tereza: Olha, a rede municipal de Goiânia tem uma característica muito interessante que eu tenho percebido um movimento da EF que é muito interessante que é assim, quando eu entrei na rede, o professor de EF era aquele professor preguiçoso, o professor que não sabia nada, que só jogava bola, que ficava de longe olhando as

crianças. Hoje eu percebo, assim, os professores de EF assumindo funções que não assumiam, como coordenadores, diretores, eles estão mais envolvidos com a escola. Isso é muito bacana, eu tenho muitos amigos professores de EF que são diretores de escolas, então você vê assim, que a área, ela tem crescido e tem se envolvido com a educação e isso é bacana da gente perceber na nossa área, a área tem se sentido mobilizada pela escola, pelas questões da escola, que tem vontade de construir de ressignificar a escola. Então eu acredito que o professor de Educação Física pela sua, vamos dizer assim, a sua plasticidade, tanto do ponto de vista de conteúdo, das discussões que se faz na área, tem levado o professor a perceber a educação de uma forma mais ampla, a se envolver mais, a própria FEF que tem uma formação bastante politizada, bastante consciente, então tem entrado no mercado, tem entrado na rede, profissionais envolvidos com a educação. Eu acredito que o professor de EF tem um papel muito importante dentro da escola e que ele pode sim contribuir muito com essa mudança, solucionar um pouco dessa crise existencial dos professores, pela sua pouca valorização que tem no mercado, eu acho que ele é um profissional que pode contribuir muito com o crescimento da escola.

P13: Palavras Finais.

Tereza: Eu até conversei com a diretora pra lembrar mais ou menos a data, eu acredito que eu estive na Escola A em 96 e 97. De 96 até 98 talvez, que eu estive lá, que era um momento que os professores de EF não tinham garantido a carga horária de 30 horas, era uma carga horária de aula, não sei explicar muito bem como era isso organizado, mas, por exemplo, eu não tinha 30 horas numa escola, eu tinha que agregar 2, 3 escolas pra formar essas 30 horas, então nesse período eu dava aula aqui no Brito a noite, eu trabalhava num núcleo específico de alfabetização de jovens e adultos, que era o AJA, que hoje se chama EJA, então nesse momento quando eu entrei tanto aqui como lá na Escola A, nós tínhamos um grupo de alunos bastante heterogêneo tanto do ponto de vista da idade, quanto do ponto de vista do interesse, como do ponto de vista da maturidade para o ensino. Então eu tinha alunos, por exemplo, de 12 anos até 60, 70 anos numa mesma sala, então, assim, as salas eram, chamavam, acho que seriado, acho que era um nome assim, por exemplo, tinham numa mesma sala 1º, 2º, 3º e 4º ano tudo junto. O que eu percebia era que os alunos mais velhos tinham muita dificuldade de aceitar a EF, porque o foco deles era aprender a ler e a escrever, então eles não tinham acesso, eles não tiveram acesso ao longo da sua vida, então eles vinham pra isso, então EF era perder tempo, eles entendiam que eles só aprendiam copiando, eles tinham assim um ranking da formação deles, da escola tradicional, da cópia, de fazer o “a” o “e” o “da”, modelo bem tradicional de ensino, então eles tinham essa dificuldade, esse descrédito com o que a área poderia contribuir pra eles. Eu sentia dos próprios professores, que era em 96, esse descrédito também, em função de professores que já tiveram e que não tinham compromisso com a escola, que não tinham um trabalho sistematizado, organizado com os alunos, que era meio aquela prática do “oba-oba”, da livre escolha do aluno, se o aluno quisesse jogar bola ele jogava, se o aluno quisesse pular corda pulava, se o aluno quisesse ficar sentado olhando, olhava, então era meio que geral isso, assim, na cabeça dos professores. Então muitos professores passavam cópias enormes no quadro, aí os alunos não queriam ir pra aula de EF porque depois da aula eles teriam que continuar copiando. Aí a gente tinha que fazer discussão na sala “olha, então na aula de EF, um pouco antes, não transcreva cópias muito longas pros alunos pra que eles não se sintam desmotivados que eles tinham que copiar”, então tinha todas essas questões, esse enfrentamento que a gente tinha que fazer, era histórico, mas se materializava concretamente ali na escola tanto aqui no Brito quanto na Escola A. Então eu tinha, por exemplo, eu vinha aqui no Brito segunda e quarta, e terça e quinta na Escola A, aí fechava a minha carga horária. Então a gente tinha que travar muitas discussões na escola pra ter essa aceitação da EF, eu lembro que pesquisar e elaborar textos de algum conteúdo da EF, que era específico da EF, pra trabalhar com eles primeiro, pra poder ir conquistando os alunos, porque se eu fosse fazer, por exemplo, uma caminhada com os mais velhos. Tinha grupo que queria caminhar, aprender a fazer alongamento, tinha todo um imaginário na cabeça deles do que era a EF, aprender a alongar, aprender a fazer uma caminhada, aí os mais adolescentes já queriam jogar vôlei, já queriam aprender esportes, então era aquela coisa assim que a gente tinha que tentar administrar, então muitas vezes, assim, eu trabalhava um texto sobre a importância do alongamento pra poder, depois fazer o alongamento, aí eles pensavam assim “ai, se tem um texto, então tem um conteúdo”, então tinha essa relação que a gente tinha que fazer. Inicialmente para os alunos, até pra eles respeitarem a disciplina. Então tinha essas questões que a gente tinha que construir muitos colegas nossos principalmente professores pedagogos, a direção da escola, eu não me lembro assim de ter tido nenhum problema com a direção da escola em relação à EF, nas duas escolas, na Escola A, por exemplo. Tínhamos assim, um espaço físico extremamente inadequado lá na Escola A mesmo, era à noite, era escuro, era terra mesmo, aquele chão batido, naquela escola bem escura por que lá era né, porque faz tempo que eu não vou, não tinha quadra, então era só assim na terrona mesmo, não tinha iluminação adequada, muitas vezes a gente tinha que fazer aula dentro da sala de aula mesmo, aí vem todo aquele problema que é o barulho que atrapalha a outra aula, que a outra aula esta ensinado português, que a EF faz mais barulho. Todas essas questões, assim, que eram que precisavam ser administradas, repensadas pela escola.

P13: Então professora, deseja voltar à questão dos conteúdos?

Tereza: Eu vou ficar, espera ai, deixa eu ler aqui de novo. Então eu acho que eu vou ficar com os específicos da área da EF mesmo, porque o professor de EF vai ter que discutir o seu objeto de estudo mesmo, que é a cultura corporal a cultura corporal de movimento, nunca desassociado, a meu ver, do que é a proposta de educação que a escola tem, mas dentro da sua especificidade.

ESCOLA A
A EDUCAÇÃO FÍSICA E A DOCÊNCIA NAS ESCOLAS
TRANSCRIÇÃO DO PROFESSOR JOÃO

Identificação:

Nome: João

Idade: 44

Sexo: Masculino

Cor: Branca

Tempo de Trabalho: 27 anos

Formado em Educação Física pela UEG/ESEFEGO em 1990.

P1: Como surgiu a ideia de ser professor?

João: Por gosta de esporte, mas ligado a esporte do que ser professor.

P2: Quais os seus objetivos como professor da escola pública?

João: O meu objetivo é, dar condição pros meninos conhecer e recriar através da Ed. Física, saber interagir, conviver em grupo.

P3: Pra você, qual seria a finalidade da educação física na escola?

João: Nessa escola especificamente é a recreação, de fazer a recreação.

P4: Como você avalia o seu trabalho de professor no transcorrer destes últimos anos na Escola? Ótimo () Bom () regular () péssimo (). Explique sua resposta.

João: Regular.

P4: Por quê?

João: Falta de condição.

P5: Qual a metodologia de ensino você defende para a escola pública? Diretiva () não- diretiva () livre escolha do aluno () condicionada à solução de problemas (). Explique a sua resposta:

João: Condicionada a solução de problemas

P5: Por quê?

João: Porque você dá o problema pro aluno e ele ajuda a responder, e esse problema vai sendo construído junto com ele, quando ele consegue resolver o problema você dá um problema mais complexo pra ele poder ir crescendo aos poucos.

P6: Que conteúdo você acredita ser o mais importante no âmbito de sua especialidade de conhecimentos? Geral () específico () práticos () técnicos () utilitários () baseado nos interesses dos alunos (). Explique sua resposta:

João: Um misto de todos né porque seria importante é... A prática, vivenciar o que é a prática e também o pensamento, o que é um jogo, o que é um esporte o que é uma recreação pra desenvolver também a parte cognitiva deles.

P6: Mas teria algum destes que você mais passaria?

João: Geral né velho? Geral.

P7: Como você enquadra o seu modelo de aula dentro da organização das atividades pedagógicas? Tradicional () inovadora () técnica () flexível () aberta (). Explique sua resposta.

João: Inovadora e flexível.

P7: Por quê?

João: Eu do muito problema, crio situação de jogo quando é jogo. Não faço uma coisa fechada e nem totalmente aberto pra fazer o que quer. Então é dado o problema e muito notado na participação do jogo, jogo de competição e jogo recreativo.

P7: Então você classificaria como?

João: Acho que é mais inovador.

P8: Como você vê o comportamento da maioria dos alunos hoje na escola? Passivo () ativo () silencioso () apático () agressivo () desinteressado (). Existem diferenças de sua época de aluno? Em que aspecto?

João: Na escola tem de tudo, na grande maioria são mais apáticos, não na educação física, na educação física eles são bastante ativos, gostam de resolver os problemas.

P8: Mas no geral, o que você observa com os outros professores?

João: Eles têm apatia com outras matérias, não atrai muito não.

P8: Você acha que tem haver com a disciplina, a matéria ou que?

João: Muito a tecnologia né? Fica só no quadro e as tecnologias que tem nessa escola, data show, computador é muito difícil de você utilizar porque não tem tempo pra planejar né? Então ai o professor não sabe envolver tudo isso.

P9: Como você avalia a sua forma de ensinar hoje e a avaliação em que foi submetida em sua época de aluno?

João: Muita diferença era muito tecnicista. Lá tinha que... Saber bem técnica pra ser avaliado, então eu comecei desse jeito, sendo bastante tecnicista “faz isso tantas vezes, faz isso e tal” então não tinha tantos desafios pro aluno. Hoje não, hoje já faz um método diferente pelo que eu estudei na área de tênis né? É o jogo problema, você dá o problema no jogo, você cria situações de jogo e vê como você resolveria, e resolve situação o cara tem que sabe resolve situação no problema. Cada um olha sua situação e dá a resposta pra vê qual seria melhor, talvez tenha até técnica e outros não.

P10: O que significa escola pra você hoje?

João: É aonde o aluno ele vem pra adquirir conhecimento, mas nem está a fim de adquirir conhecimento, então hoje a escola é um grande barato pra ele, pro aluno dentro da visão deles que a aula atrapalha, então é um lugar de encontro aonde ele vai encontra os amigos só que a aula vai atrapalhar só que a visão do professor não é essa, a visão do professor é passar conteúdo, conteúdo, conteúdo... Ai está batendo de frente com o aluno. O professor tem que começar a ser mais flexível. Acho que o conteúdo tem que ter haver com a realidade do aluno, ai que vai andar.

P11: Você tem alguma ideia de como será a escola no futuro de médio prazo?

João: Tá tendo uma movimentação dos governos tentando melhorar e acha que a escola... O sistema de tempo integral é melhor porque muitos alunos são alunos carentes que trabalham e chácara então passar o dia aqui é melhor que passa o dia trabalhando com os pais. Em médio prazo pra essa escola é difícil, se ela não melhorar continuar a mesma coisa.

P12: Como você imagina a educação física na escola de futuro?

João: Acho que dá condições de praticar, de vivenciar as diferentes formas do corpo né? Seja na dança, seja na luta o esporte é... O esporte sistematizado e o esporte lúdico mesmo, você pode criar suas próprias regras, as diferentes formas de jogo seja de basquete, vôlei, futebol, tênis, joga capoeira, seria assim.

P13: Palavras Finais.

João: Tem quatro anos que eu estou aqui então a Ed. Física pras crianças é um momento de lazer. É um lazer direcionado que eles gostam muito. Quatro anos que estou aqui sempre foi desse jeito, desses quatro anos que estou aqui, a luta foi muito grande porque só tinha um campo, não tinha como fazer esportes porque tinha a área descoberta e quando chovia escorregava muito. Então através de arrecadações dos meus alunos de tênis e dos alunos da comunidade fizemos cimentado, lugar de muito trabalho ali no cimentado. A partir daí que agente começo a construir a educação física aqui na escola porque antes não tinha com, pra compra bola agente tinha que fazer rifa, rifa de caixa de bombom, pra aprende a joga basquete tem que pega aro de bicicleta ou às vezes alguém mora em uma chácara que tem aro pronto ai vai lá e pede, então pra joga basquete é assim. A rede de vôlei agente consegue usada de outros locais, bolas de futebol é doação do pessoal que joga futebol nas chácaras, eles não usam mais ai doam pra gente. Corda agente tem que comprar, por a escola ser muito pequena, a verba é muito pouca e sobra muito pouca coisa. E os professores veem a educação física como um professor que não faz nada, só dá recreação, só fica de boa, mas eles tão percebendo que não é só isso, por ser um espaço de se poder trabalhar, eles tão percebendo. Então todo começo de ano joga xadrez, a maioria joga outros não, depois joga dama ai vai entra no contexto da rede, jogos da rede que é o atletismo depois os jogos coletivos então, o planejamento é feito um pouco nesse aspecto de seguir um pouco a rede porque os meninos aqui não tem muito costume de sair daqui da região então quando eu levo eles pro Mutirama, pra ESEFEGO eles pensão “O bicho de outro mundo” né? Então tem menino aqui que estão entre os três melhores da rede. Então ai os professores vão percebendo que tem um retorno dentro da sala, ai tem menino aqui muito bom de xadrez que ai começa a concentrar mais, tem também os jogos de inverno que eu implantei, e eles gostam muito de jogos, ficam muito ansiosos esperando essa época então nesse tempo houve uma revolução. Não tinha nada de educação física, não tinha espaço, não tinha como ensinar, você tinha que ir pra terra então foi construindo. Agente passa por situações, se não tiver coragem de enfrentar as situações de risco não tem como trabalhar aqui.

ESCOLA A
A EDUCAÇÃO FÍSICA E A DOCÊNCIA NAS ESCOLAS
TRANSCRIÇÃO DA PROFESSORA SUZI

Identificação:

Nome: Suzi

Idade: É... 34 anos

Sexo: feminino

Cor: Morena, negra.

P: Tempo de trabalho lá na Escola A?

Suzi: Eu fui trabalhar na Escola A três anos depois que eu formei 2000 a 2002 mais ou menos.

P: Sua formação na universidade?

Suzi: Foi na universidade Federal de Goiás

P: O ano?

Suzi: Ano de... 96 ou 95.

P1: Como surgiu a ideia de ser professor?

Suzi: Bom eu... A ideia de ser professora de educação física surgiu... Desde a infância a ligação com o esporte que eu tinha é... Ginástica Olímpica. Optei pelo esporte pela dança, então desde que eu, sei lá... Desde a quinta série eu já imaginava em fazer educação física. Pelo gosto mesmo, pelas práticas esportivas em um modo geral, é... Né... Dentro da cultura corporal já tinha essa vivência e a ideia inicial foi essa. Não tinha muita ideia do que era, quando eu entrei dada a diferença de atuação na área, entrei meio assim meio verde assim, só gostava de esporte e de práticas em geral, foi assim. Mas sempre soube que era isso que eu queria.

P2: Quais os seus objetivos como professor da escola pública?

Suzi: Olha eu acredito que a criança de escola pública ela tem uma série de é... De limitações no dia-a-dia dela é... Enfim e muito do eu que ela quer ela tem que buscar na escola. A.. O universo a cultura da criança, a convivência deles praticamente se dá na escola. E tudo o que a gente consegue com eles, que a gente luta a escola não pode esperar muito da família então assim eu vejo a criança da escola publica como um direito como qualquer outra criança e aqui a gente trabalha muito mais pra tentar minimamente garantir esse direito. De ter um ensino de qualidade, de ter acesso à cultura, de ter acessos a conhecimento específicos como na educação física de outra classe, então assim... A gente sabe que na escola pública o nosso esforço é muito maior do que se a gente estivesse no espaço da escola particular pra gente alcançar pra começar da indisciplina, do próprio não acompanhamento que a criança não tem dentro de casa e muito do que a gente consegue, a gente consegue aqui dentro. Que o nosso esforço é esforço... E... Nesse sentindo assim... O meu objetivo é garantir minimamente o direito dessas crianças no caso, da educação física dar a elas o acesso ao máximo possível do que a educação física possa oferecer, em termos de conteúdo, em termos de vivência, em termos de conhecimento, de oportunidades de vida.

P3: Pra você, qual seria a finalidade da educação física na escola?

Suzi: A educação física tem com um papel dentro da sua especificidade o traço do conhecimento dos elementos da cultura corporal então, seria oferecer pra essa criança ali um conhecimento sobre o jogo, sobre a dança, sobre... O esporte de um modo geral é... Sobre a ginástica, né dentro daquilo que agente pode desenvolver dentro da escola. Né... É como eu te falei, é um mundo de limitações. Eu na minha formação, Poe exemplo, antes de trabalha na escola, eu tive uma vivência muito próxima com o basquete, trabalhei num projeto da prefeitura com escolinha e a gente teve equipe e participou de torneio. O basquete, por exemplo, é um dos conteúdos dentro dos esportes que eu tive que adaptar pra trabalhar, nunca trabalhei em uma escola da rede que tivesse, por exemplo, uma tabela de basquete, que tivesse uma quadra minimamente que eu pudesse trabalhar o mínimo desse esporte, desse conteúdo. Tudo o que a gente faz é muito adaptando, então o objetivo é esse é levar aquilo que é de específico da educação física.

P4: Como você avalia o seu trabalho de professor no transcorrer destes últimos anos na Escola? Ótimo () Bom () regular () péssimo (). Explique sua resposta:

Suzi: Bom eu, eu acho que é bom, não vou classificar como ótima acho assim eu sou uma pessoa que sou profissional, que está sempre buscando é... Melhorar né, mas é como eu te falei, é... Eu acho que no momento que a gente forma, pisa na escola até já tem é... 1998, já estão pra 12 anos já em 2010, então de lá pra cá eu vejo que o meu trabalho melhorou muito, eu considero um bom trabalho. Eu planejo as minhas aulas, né as minhas aulas são direcionadas, eu tento organizar dentro dos trimestres, é a rede funciona com trimestre, uma forma de garantir todos os elementos, todos os temas da cultura corporal, no ano, eu trabalho hoje com a disciplina dois, então assim nessa escola, que eu estou agora, então assim na medida do possível eu tento organizar pra que eles façam todos esses conteúdos sem concentrar em um só mesmo com as dificuldades que eu tenho em determinados conteúdos. Então assim são aulas planejadas, direcionadas que tem um objetivo, que tem um

início, meio e fim, que tenha o... Que eles são avaliados e que eles avaliem também, que eles participem que eles tenham a oportunidade de ajudar a construção desse conhecimento, a gente trabalha muito a questão de recriar, modificar, jogos, esportes, dentro da dança quando eu trabalho, ele tem a oportunidade também de criar as próprias sequências, de sugerir então, eu diria que é bom o ótimo eu teria que sei lá, mais condições de fazer um ótimo trabalho. Tem dia que eu falo: “Nossa, se eu tivesse uma quadra coberta!”. Por exemplo, hoje à tarde, eu tenho que trabalhar o tempo todo nessa área, nessa época do ano. No período do sol e no período da chuva, quando não tá chuva, o sol que pega na quadra a tarde, é difícil ficar com as crianças na quadra então eu tenho que direcionar os conteúdos, é reorganizar meus conteúdos nesse período do ano fica difícil de fazer uma... Dificulta muito trabalho da gente.

P5: Qual a metodologia de ensino você defende para a escola pública? Diretiva () não- diretiva () livre escolha do aluno () condicionada à solução de problemas (). Explique a sua resposta:

Suzi: Condicionada a Solução de Problemas? Não... Eu acho que toda, toda educação deveria ser... Metodologia tem que ser diretiva, né? Você tem que ter um objetivo aonde você quer chegar, qual que é objetivo que você quer... E essa direção parte, né? De um projeto, né? Não é só do professor não, existe um projeto político pedagógico da escola, que propõe né? Que tipo de aluno que eu quero formar. E baseado nesse tipo de aluno que eu quero formar dentro da escola pública essa metodologia é diretiva. O que não significa dizer que o aluno ele não tenha direito de participar dessa construção, né? É um trabalho de ir e vir, mas ela parte de um princípio, portanto ela tem que ser diretiva.

P6: Que conteúdo você acredita ser o mais importante no âmbito de sua especialidade de conhecimentos? Geral () específico () práticos () técnicos () utilitários () baseado nos interesses dos alunos (). Explique sua resposta:

Suzi: Não, eu... Também não dá pra ser baseado no interesse dos alunos. Por que... Até porque eu acho que a gente tem que oferecer pra eles, aquilo mais geral de específico da educação física, não é geral, né? Porque geral poderia ser outra coisa, então assim... O quê que eu entendo como são os conteúdos da educação física? São os conteúdos que estão dentro da cultura corporal. Eu trabalho dentro daquela linha ali... Mas assim... Seriam os conteúdos relacionados aos jogos, as brincadeiras, os esportes, as danças, as ginásticas e as lutas. Sendo que lutas, eu até hoje só trabalhei a capoeira, porque é a minha limitação, também tem a questão do meu conhecimento. Quando eu trabalho outras lutas, é mais no sentido assim de pesquisa, não de vivência. Eu não tenho vivência com outras lutas. E... Assim, até seguindo assim a própria... A gente tem uma Diretriz Curricular da Rede, que foi construída, até com a ajuda do Nivaldo assim, e de outros colaboradores ali, mas assim foi feita dentro de um GT, um grupo de trabalho dentro da Rede. Então assim, quando a gente foi trabalhar a questão das lutas, essa coisa ficou pra mim como desfalque porque não tem como eu trazer pra rede. Então assim, os conteúdos que eu procuro organizar pra estar trabalhando com eles são esses assim que estão ambulantes. Se eu fosse escolher a livre escolha do aluno, não dá porque a princípio ele não tem essa noção do quê que é essa educação física quando ele chega à escola. Pra ele a educação física é só jogar bola. Pergunta pra ele: o que você gosta mais da educação física? “Jogar bola” – o quê que é jogar bola? “ah, é futebol!” E você pergunta o quê que é essa prática do futebol, ele não sabe muito a não ser... Então a nossa tarefa é mostrar pra ele mais opções dentro daquilo que o esporte. Que a gente possa partir de todas as vivências, né? Pra mim está difícil entender o que seria o geral e o específico aí, mas assim, eu acredito que é o específico da educação física.

P7: Como você enquadra o seu modelo de aula dentro da organização das atividades pedagógicas? Tradicional () inovadora () técnica () flexível () aberta (). Explique sua resposta.

Suzi: Olha eu diria... Vou escolher mais de uma opção... (risos) Eu acho assim que é inovador. Eu estou sempre buscando coisas diferentes assim. Trago muitas coisas diferentes, vídeos, né? Igual te falei nós temos um mundo de crianças que não tem acesso a muita cultura. Então quando você vai falar de dança, é muito difícil você falar pra eles em dança, é que um terço assim... E dança, a dança culturalmente que eles estão acostumados a ver na televisão que ele estão acostumados a vivenciar, então assim, tudo o que você quer trazer, tem que trazer em forma de texto, de vídeo, de algo que seja visual, vamos dizer assim, que ele tenha acesso completamente. Então, eu acho que são, eu acho que enquadraria inovador... Flexibilidade é uma coisa que a gente tem que ter muito, porque a gente planeja muito e muita coisa a gente tem que mudar. Muitas vezes cheguei aqui com um planejamento pronto para um determinado conteúdo, tive que mudar porque choveu, porque faltou água na escola, porque o sol estava muito grande, por que... Igual te falei, essa questão do espaço ele interfere muito no nosso dia-a-dia na escola. O que não significa que eu deixe de trabalhar determinado conteúdo por isso, né? Mas a gente tem que fazer muitas adaptações e tem que ser flexível, né? Não tem muitas opções assim.

P8: Como você vê o comportamento da maioria dos alunos hoje na escola? Passivo () ativo () silencioso () apático () agressivo () desinteressado (). Existem diferenças de sua época de aluno? Em que aspecto?

Suzi: Olha, fazendo uma análise desta escola, que estou hoje do Donatta, nossas aulas são mais classificadas como desafio, né? Uma análise, por exemplo, que a gente vem fazendo aqui é... Então assim, eu coloco muito questionamento assim, da parte deles, eu vejo assim muita facilidade... Eu os questiono, aí vem a parte do

desinteresse, enfim assim, esses alunos que tenho de modo geral, são muito passivos, sabe? Não tem uma mobilização da parte deles. E eu acredito isso reflete no nosso trabalho. Realmente tá faltando isso pra mandar pra... De perceber, olha hoje eu não tive aula... Pensar porque que a minha escola não tem uma quadra coberta, né? Então, por exemplo, nós temos uma sala com ambiente informatizado. Temos de 20 a 30 computadores, destes 20 a 30 computadores, 10 estão funcionando e só três acessam a internet porque veio funcionários aqui simplesmente fazer instalação. Então assim, de repente falta à gente mostrar pra eles, mas também falta da parte deles. Pra eles é assim, se a gente chegar e dar aula, tudo bem, se a gente não for dar aula, também tá tudo bem. Parece que tá tudo bem pra eles. Agressividade tem um ou outro aluno, mas no geral, são alunos apáticos mesmo. Agora com relação ao tempo em que eu era aluna, eu não sei... Porque a realidade que eu tenho quando eu era aluna, era de escola particular, né? Escola particular o aluno é apático também, né? Assim, um ambiente tradicional, e a gente parece que na escola particular é educado para obedecer mesmo. Porque tá ali, porque pagou e pronto, né? Então assim, é um pouco diferente pra tá comparando assim. Então assim, eu vejo que na escola onde estudei os alunos eram assim, meio passivos. Mas era outra realidade.

P9: Como você avalia a sua forma de ensinar hoje e a avaliação em que foi submetida em sua época de aluno?

Suzi: Olha, eu acho assim, que em relação, ao... Eu acho que assim, que meus alunos têm muito mais acesso aos diversos conhecimentos do que eu tive na minha época de estudante. E como hoje a qualidade do ensino a gente já está acostumado... A gente via ou o esporte... Era só esporte, né? Era o conteúdo. Lá na escola que eu estudei você podia escolher só dança. E eu não... Assim, aqui na escola com todas as dificuldades que eu tenho, assim, os alunos passam pelo esporte, passam pela dança... Não tudo ao mesmo tempo, mas a cada semestre é organizado uma forma de trabalhar com eles. Então, neste momento eu tenho três níveis de educação diferentes, então assim as turmas "As" estão trabalhando com alguns esportes, as turmas "Bs" estão trabalhando com jogos e brincadeiras. Uma turma já devia ter entrado no basquete, mas a gente vai atrasar um pouco devido à greve. Então assim, eu tento oferecer pra eles o máximo de oportunidades que me é possível. A gente tem relatos das crianças que vem de outras escolas, de locais de essas práticas ainda permanecem de alunos que ou você joga bola, ou joga queimada. Mas é uma coisa que só a formação mesmo continuada pra valer, porque a própria formação inicial mesmo é uma roubada, né?

P10: O que significa escola pra você hoje?

Suzi: Escola? Uai... Escola... É a mesma coisa, né? A princípio escola, tem que trazer pro aluno aquele conhecimento que não é um conhecimento senso comum, né? Mas um conhecimento científico, aquilo que é pouco conhecido popularmente... Na escola têm vários, como é fácil ter... Então quando eu falo assim, que a nossa tarefa é trazer os diferentes, não é nada demais, mas como no dia-a-dia deles eles não têm acesso a grande maioria das coisas, então assim, o fato de ele saber que existe tal dança, que existe tal esporte... Que não é só futebol, né? Então papel desta instituição é trazer esse conhecimento, cultural, científico, é... Possibilitar aos alunos o acesso a esse conhecimento, então assim... Ampliar o seu conhecimento... Entender que na escola existe dificuldade até de articulação. A escola está com esse projeto, o projeto político pedagógico... É... E na prática esse projeto político pedagógico ele acaba sendo coletivo, né? É um lugar que com todas as suas dificuldades, tem os seus momentos bons e seus momentos negativos. Eu diria que ela é muito mais produtora, do que transformadora da realidade que tá aí. Tudo o que tem hoje em termos da saúde eles querem jogar pra escola. É projeto da dengue, é projeto da... Eu já não vejo a escola assim, eu acho que não é o papel da escola... Mas infelizmente a gente tem lidado o tempo todo com essa quantidade de coisas assim, jogando pra escola. Enquanto que o papel da escola é jogado fora.

P11: Você tem alguma ideia de como será a escola no futuro de médio prazo?

Suzi: É difícil imaginar, né? Essa escola do futuro. Você fala a escola pública de modo geral? Olha, eu... Insisto em deixar meu olhar sobre o futuro da escola pública. Hoje em dia chega um muro, pra escola, pra biblioteca, nunca vi nada disso, mas por outro lado que a gente tem um laboratório, que a gente tem um ambiente com ar-condicionado, ainda falta muito na estrutura. Porque a gente nem tinha funcionário na biblioteca, né? Pra o professor poder fazer seu trabalho, né? Embora aqui nesta escola onde eu trabalho tenha um ambiente orientado na biblioteca, o professor tem que chagar ali antes. Nossa tem muita coisa ali que nem é usado, pela própria dificuldade da administração desta escola de oferecer aos professores o acesso ao local lá. No caso de ambiente climatizado tem escola que até hoje não tem ar-condicionado. Então, a gente fica ilhado, sem poder usar o computador porque não tem profissional aqui para podermos usar. Então assim, a escola do futuro é muito difícil de falar porque assim, ao mesmo tempo em que tá modernizando, tem muita coisa que continua como há anos atrás, né? Valorização do professor tem que melhorar. Muita coisa tem que melhorar. Então assim, eu não vejo grandes mudanças em médio prazo, na escola, né? O que eu tenho visto é uma tendência de que as escolas do futuro se tornem escolas de tempo integral, né? Agora a moda é essa, que a criança tem que ficar o dia todo na escola. Interessante. Só que em médio prazo não dá, porque requer investimento, por causa do quantitativo de alunos que atende para ela funcionar em período integral. E isso é problema, porque todas as escolas de tempo integral que eu conheço as salas de aula viram dormitórios, viram refeitórios, e não tem como virar sala de aula

novamente. Então assim, existe uma ideia de evolução aí, mas se não tiver alcance político eu não vejo lá grandes mudanças para a escola em médio prazo. Tem que ter vontade política de mudar muita coisa. Principalmente as condições em que a gente trabalha a remuneração do professor, formação continuada, que apesar de ele ter o apoio do Centro de Formação... Então assim, aquilo que a gente precisa, né pra realidade da escola.

P12: Como você imagina a educação física na escola de futuro?

Suzi: Olha, a educação física, igual eu te falei... A gente tem duas coisas assim pra acontecer a nível nacional, que é a copa do mundo e as olimpíadas. A gente imagina que nesse período haverá um investimento assim em termos de esporte, né? Voltado para o esporte dentro da escola talvez seja grande. Talvez assim uma pressão, até... Porque a gente convive com esses projetos. Semana passada a gente levou os meninos para assistir aqueles jogos escolares, que estava acontecendo aqui. É... Então eu imagino que aconteça alguma passagem em torno disso. Igual eu te falei, eles querem que as coisas aconteçam, mas sem mexer muito na estrutura do que tem lá na escola. Então assim, fica difícil falar, quando a gente trabalhava no GTT de educação física. Fica difícil falar pra um professor que tá acostumado a trabalhar só com esporte que ele tem que trabalhar outros conteúdos, se ele não tá com estrutura, né? Falta de material, né? Às vezes até a própria dificuldade de relacionamento com o grupo da escola. Com o grupo direitinho, com a coordenação, em termos de auxiliar. A própria formação que ele não teve na faculdade. Em termos de educação física pra gente ter uma escola diferente à gente precisa de ter formação, de ter estrutura, de ser profissional comprometido também, né? Aí a gente vai entrar também na questão do salário, da formação política destes professores. Esse ano nós estamos vivendo um ano ativo. Por exemplo, nós fizemos uma greve, que foi muito desgastante. A gente ficou um mês e tanto e assim, um momento insignificante. Então assim, nesse período de médio prazo eu vejo assim que pode ter certa influencias no âmbito da escola. Nada que vá alterar muito a realidade se não tiver mudança assim política mesmo. Projeto politico pra escola. Propaganda a gente tem demais, mas ação... Não chega pra gente.

P13: Palavras Finais:

Suzi: Eu somente agradeço se precisar de mais informação é só avisar! Mande um beijo pro Nivaldo! (Risos)

ESCOLA B
A EDUCAÇÃO FÍSICA E A DOCÊNCIA NAS ESCOLAS
TRANSCRIÇÃO DA PROFESSORA ESTELA

Identificação:

Nome: Estela

Idade: 62 anos,

Sexo: Feminino,

Cor: Branca.

Tempo de trabalho: Em junho de 1996, quase 15 anos de Escola B.

P: E no total de trabalho que a senhora tem com a educação física?

Estela: Eu entrei é... Em 1982, antes de formar eu já dava aula em uma escola pro Estado, depois de lá eu fui pro Instituto de educação, lá eu entrei em 1973 até aposentar em 1996. Foi quando eu parei em um concurso em 94 aí me chamaram em 96, e eu vim pra essa escola. Dar aula aqui. E também eu já dava aula de natação lá na antiga fundação Antipof, aí eu pedi a minha demissão e fui para Prefeitura. 22 anos, eu já tenho tempo já esgotado, já estou com 33 anos já. E a aposentadoria do Estado como professora de Educação Física.

P: Sua formação é?

Estela: Em Educação Física, formei em 72 na ESEFEGO.

P1: Como surgiu a ideia de ser professor?

Estela: Eu acho que foi assim, magistério né? Antigo normal. Terminei em 1969 em plena ditadura militar. Não fiquei alheia nessa faze, não participava. Eu era atleta de basquetebol jogava até bem, e parece que na minha infância eu fui direcionada a fazer qualquer coisa de esporte. Primeiro porque eu tinha mais facilidade de ficar perto dos meus irmãos homens do que das minhas irmãs mulheres, então eu ia assistir eles jogar futebol, meus dois irmãos o mais velho e o mais novo e... Também eu os acompanhava e lá na cidade onde agente morava, morava perto de uma quadra de basquete né, no interior de São Paulo ai eu praticava né? Aprendi só de olha ai nada, lá perto tinha uma represa que nas férias vinha gente da capital ai nada agente aprendia só de olha. Ai eu fiz o normal, eu ia realmente dar aula em sala né? Ai o meu irmão que morava aqui em Goiás falo “não eu vou te levar pra Goiânia, eu tenho certeza que você vai passar lá você vai conseguir arrumar alguma coisa e continuar sua carreira” e aqui eu estou, casei tenho três filhas, o marido também é professor de educação física, era técnico de voleibol no SESI, deu muito tempo voleibol no JOQUEI aí eu... Quanto a mim eu comecei a lecionar, mas a carreira de atleta mesmo ficou de lado que tinha que trabalha, cuida da família né?

P2: Quais os seus objetivos como professor da escola pública?

Estela: É passa conhecimento pros alunos a respeito da Educação Física da pratica, nossa ultimamente tá, tá desgastante estou me sentindo desmotivada sabe?

P3: Pra você, qual seria a finalidade da educação física na escola?

Estela: Aqui a Educação Física não teria uma educação integral, porque os alunos ficam muito dentro da sala e a alegria deles é ir lá pra quadra, não que tenham total liberdade eu deixo eles mais livres sabe? Então quando eu entro aqui na sala sabe? (EMOCIONADA) fica uma alegria sabe? Realmente já era pra eu ter aposentado, mas eu sou persistente.

P4: Como você avalia o seu trabalho de professor no transcorrer destes últimos anos na Escola? Ótimo () Bom () regular () péssimo (). Explique sua resposta:

Estela: Regular porque, eu não passo tudo que eu gostaria de mostra pra eles (EMOCIONADA).

P5: Qual a metodologia de ensino você defende para a escola pública? Diretiva () não- diretiva () livre escolha do aluno () condicionada a solução de problemas (). Explique a sua resposta:

Estela: Olha, no na solução de problemas poderia ser, mas, o sistema não permite ai eu tenho que entra naquele coletivo que você fica perdido, você não sabe se você da uma metodologia de resolução de problemas pro aluno resolve e você segue o que sabe... (ENGASGA EMOCIONADA) você fica perdido, fica difícil explicar pra você.

P5: Tem alguma dessas que a senhora defende?

Estela: Eu, eu defendo essa metodologia de resolução de problemas né?

P5: Por que a senhora defenderia essa metodologia?

Estela: Por uma razão mais atualizada porque, pelos anos que agente passo tinha a técnica, o ensino da técnica e não respeito mais né? Eu acho que essa seria mais branda ou senão militar também não então essa de resolução de problemas sim.

P6: Que conteúdo você acredita ser o mais importante no âmbito de sua especialidade de conhecimentos? Geral () específico () práticos () técnicos () utilitários () baseado nos interesses dos alunos (). Explique sua resposta:

Estela: É dependendo do interesse do aluno né? Por exemplo, nos gerais no que baseia a Educação física seria a ginástica, a dança e também tem os coletivos né que é os esportes só que aqui na escola não tem como da os individual né? Que tem o coletivo, mesmo assim você se for da o coletivo eles demoram a entender né? Por exemplo, o basquete eles querem logo passa pro outro esporte que eles já sabem mais é... Se você for dar uma dança, já entra em atrito uma dança atual com o que você quer passar pra eles. Então seria mais gerais né, no momento.

P7: Como você enquadra o seu modelo de aula dentro da organização das atividades pedagógicas? Tradicional () inovadora () técnica () flexível () aberta (). Explique sua resposta.

Estela: A aula de educação física ela é aberta porque mesmo que eu vou pra quadra, está todo mundo olhando e querendo dar palpite então ela já é uma aula mais aberta agora quanto a aulas abertas eu acho que permito essa abertura pros alunos pra satisfazer a vontade deles porque que faz uma atividade, então vamos fazer aquela atividade. Eu não vou força, não quer fazer uma técnica ou um arremesso, não vou força né. Eu considero aberto e mais ou menos flexível.

P8: Como você vê o comportamento da maioria dos alunos hoje na escola? Passivo () ativo () silencioso () apático () agressivo () desinteressado (). Existem diferenças de sua época de aluno? Em que aspecto?

Estela: Às vezes é agressivo e desinteressado porque, você tem aquele plano PPP ai você segue o PPP ai eles não querem saber se tem plano de PPP que tem que segui e o objetivo de cada mês não querem nem saber então, eles começam a ficar desinteressados. Ai precisa pedir ajuda da coordenação pra explicar pra eles que não é... Que eles não podem fazer tudo que eles querem, tem que ter um plano a ser seguido. Né? Eu os acho um pouquinho desinteressados e às vezes agressivo, né?

P8: Existem diferenças da sua época de ensino fundamental na aula de educação física?

Estela: Por exemplo, na minha época não tinha educação física, o que tinha no Máximo era uma recreação na hora do recreio, ai o que você podia fazer no recreio era joga queimada né? Vamos todo mundo jogar queimada. Quem era mais habilidoso era chamado logo pra joga queimada ai, nessa parte sem modéstia, eu era a primeira a ser chamada né? (SORRINDO) No ginásio eu tinha educação física 06h00 da manha, como eu morava perto, não tinha problema, às vezes dava tempo de voltar as 08h00, das 08h00 ao Meio dia. Dava tempo de você chega em casa, às vezes nem tomava banho, chegava trocava de roupa e vinha pra escola. E tarde agente treinava né? O basquete, o voleibol, o handebol que estava começando a surgir naquela época né? Em 1964, na época era ditadura. Por mim a ditadura você nem ouvia falar, mas ai quando eu fui fazer magistério eu fiz sobre a obesidade, ai tinha um tio meu que falava assim pra mim “não fala nada sobre nada” ai eu não estou falando nada, fui fazer magistério né? Não fala nada sobre o que tá acontecendo (sorri) acho que ele tinha medo né? E no magistério a educação física era mais didática né? Você planejava uma aulinha lá ai você dava essa aulinha pras crianças né? Mas mesmo assim, ia servir pra mim da aula em sala, mas eu poderia recreação pras crianças. Na educação física exercia apenas o tecnicismo né? Então quem era os bons eram os bons. Realmente eu era habilidosa né? Sei joga tênis, nado bem jogo vôlei bem, jogava né? Agora eu não tenho mais disposição é... Eu considero isso.

P9: Como você avalia a sua forma de ensinar hoje e a avaliação em que foi submetida em sua época de aluno?

Estela: Muito longe, muito longe da pratica né? La você aprendeu as teorias e na pratica, quem tinha habilidade tinha facilidade e quem tinha didática, também se dava bem né? Pra ensina hoje, do que eu aprendi na educação física lá na escola, não tem muita diferença sabe? Se você consegue ensinar o aluno os primeiros passos dentro da educação física, a gostar da educação física, não está tendo muita diferença né?

P9: A senhora foi formada em qual faculdade ou em qual escola?

Estela: Escola superior de educação física de Goiás.

P10: O que significa escola pra você hoje?

Estela: A escola hoje pra mim, assim, é o lugar onde os alunos aprendem alguma coisa assim, pra vida. Parece que pra eles entenderem isso ou agente passar isso pra eles tá sendo muito passageiro porque eles tão ligados em tudo menos na escola, então assim, O que eles têm que aprender os conteúdos que serão uteis pra eles na vida lá fora, está passando agora por um desinteresse pra eles, eles não tão preocupados lá na frente não.

P11: Você tem alguma ideia de como será a escola no futuro de médio prazo?

Estela: Eu acho que ela vai ser melhor, não vou ser negativa não apesar de tudo que tá acontecendo, essa situação que nos estamos vivendo hoje, é... Todo mundo politicamente é... O povo fala assim “a educação é tudo, tudo” eu acho que vai ser melhor. Vai ser mais visada e melhor.

P12: Como você imagina a educação física na escola de futuro?

Estela: Bem melhor, bem melhor né? Porque quem for ser formado em educação física já vai bem mais preparado, eu acho que sim vai vim mais preparado, principalmente em lidar com as outras áreas né? Que eu acho que o grande problema da educação física é as outras áreas, todos eles acham que a educação física é coisa assim que... Fácil mas não é né? Ela é, por exemplo, tem certos colegas que vê você fazendo uma coisa quer fazer igual, quer fazer igual às atividades lá quer repetir. O que você faz acha bom né? Os alunos pedem “ô

professor, faz igual a professora Terezinha” então quer agrada ai faz assim também e outra eu acho que vai ser bem melhor sim eu... Acho que já vamos estar bem mais preparado, eu acho que sim. Hoje vai seguir a parte de técnica ou vai trabalhar mesmo dentro da escola né? Dependendo de cada aluno, tem aluno que não gosta de escola, gosta de dança então eu acho que o professor ele tem que ser mais professor ainda porque ele tem que tem que aprender que cada um é do jeito que é né?

P13: Palavras Finais:

Estela: Essa escola era não era aqui há uns dez anos, ela passo a ser aqui no ano 2000. Quando eu entrei em 96 era em uma escola bem escondidinha ali sabe? Eu dava aula na rua, tinha problemas de transito, tinha problema de lugar pra da aula, o Máximo que você podia da era uma recreação, não podia sentar. Os meninos morriam de vontade de subir na arvore e eu não deixava, ai teve um dia que eu descuidei e o menino sobe nessa arvore ai vem a direção “nossa o menino vai cair” ai eu disse “Ele não vai cair, se ele subiu é porque ele teve vontade de subir na arvore” então lá tinha esse problema. O que tinha antes era uma quadra velha onde os meninos brincavam e voltavam todos sujados pra escola, então esse era o primeiro contexto, depois era uma diretora assim, bem tradicional sabe? Então era uma cobrança assim de fazer apresentações, ai eu pensava comigo apresentar oque? Dança, musicas ai ia fazer uma demonstração lá de ginástica com arco, com bastão ai ficava a coisa mais bonita do mundo, eles achava uma beleza, mas não via que tinha que treinar mais com os meninos, que tinha que pegar mais das aulas, não era só na aula aí se eu ficasse presa com isso só na aula aí eu não dava aula pros outros, ai quem não tinha muita habilidade ficava, ai começava a correr e eu intervia dizendo não vai correr assim não porque vai começar a discriminar quem não tem habilidade né? Depois mudo pra cá, ai o espaço fico maior, veio outras professoras né? É ai eu já estava começando a querer aposenta ai de repente eu parei com a conversa que ia aposentar porque ficava todo mundo parecendo que “sai logo, sai logo” ai eu disse não a hora que eu for pra aposentar ai eu falo pra vocês. Aqui foi melhor porque teve uma quadra boa, ai teve uma diretora antes do diretor que é o Heber que ela foi aluna minha no instituto de educação, ai teve uma colaboração, nunca puseram empecilho só, que tem uma cobrança de eu destacar, só que não tem necessidade de eu ficar me mostrando tudo que eu sei sabe? Não tinha necessidade, eu sei que eu sou solicitada. Ai entrou a Estela ai fizeram uma traça, ai você vai dar aula no ciclo 2 e a Estela vai dar aula no ciclo 3. Ai eu, tudo bem. Ai eles queriam me passar pro “prézinho” ai eu não pelo amor de Deus, ai eu vo... Por que eu tinha que dar aula pros pequenininhos? Há porque você é muito calma, muito habilidosa, tenho uma especialização de educação física infantil e uma de natação né? Ai queria me empurrar aqui pro pré ai eu não aqui no ciclo 2 tá muito bom. Ai ficou assim, faltou minha imposição, eu nunca pude me impor.

P13: Então a senhora acha que a educação física aqui sempre foi aberta, passou por alguma dificuldade?

Estela: Dificuldade pra falar a verdade tá em mim né? (engasga emocionada, mas não chora).

ESCOLA B
A EDUCAÇÃO FÍSICA E A DOCÊNCIA NAS ESCOLAS
TRANSCRIÇÃO DA PROFESSORA GISELE

Identificação:

Nome: Gisele

Sexo: Feminino

Idade: 36 anos

Cor: Negra

Tempo de Trabalho: 16 anos de professora, sete anos na Escola B. Já trabalhou em academia.

Formação: UEG em 1995, e Especializada em Educação Física Escolar e Atividade Física e Academia.

P1: Como surgiu a ideia de ser professor?

Gisele: Mas pelo fato do professor tá próximo de pessoas, eu gosto muito de gente, de tá próximo de conversar. Ai eu vi no... Nessa profissão de professor essa possibilidade de tá sempre em contato com as pessoas, de tá sempre trocando, eu acho que foi isso que me levou a ser professora.

P2: Quais os seus objetivos como professor da escola pública?

Gisele: Tenta mostra pros alunos e até pra mim também que existe o outro lado, que eles não têm que tá... É resignado em ser, em ter o pouco que eles têm essa realidade da periferia né? Questão da classe às vezes baixa ou até alguns chegam a quase miseráveis tem bem pouco. Mostra pra eles que eles podem sair desse mundo, esse mundo que não tem que fica resignado aqui não, que pode crescer. É o que eu penso.

P3: Pra você, qual seria a finalidade da educação física na escola?

Gisele: Mostrar pra eles que existe algo além do futebol Amplia eu tento amplia o máximo a gama de movimentos deles, visualizar muita coisa, esporte e os outros elementos da educação física dança a ginástica. Tenta mostra pra eles que não é só o futebol e que a educação física tem um objetivo né? Que é tá trabalhando com esse corpo, mas que esse corpo não é um corpo sozinho, que ele tem uma mente e tem toda uma parte cultural toda uma parte que engloba que não é só o que agente vê na televisão que eles tanto idolatram que é a maioria que quer só futebol, que é a única coisa que eles conhecem.

P4: Como você avalia o seu trabalho de professor no transcorrer destes últimos anos na Escola? Ótimo () Bom () regular () péssimo (). Explique sua resposta:

Gisele: Eu acho que... Tem que trabalhar assim, eu tento bastante, mas você pra colocar é... Se te deres só o olhar por trás eu acho que ele tem sido um trabalho regular, não tem sido um trabalho bom não por quê? A questão não vamos só e... Fica por conta de material, tem não tem, o espaço físico que tem não tem questão de horário e tudo mais. Mas ai esbarra muitas vezes questão de interesse que ai você vem assim querendo um monte de coisa e você vê que os alunos não querem nada daquilo, tirar essa ditadura do futebol é complicado porque os meninos não se dispõem a fazer ai até que quando você está conseguindo eles terminam o ciclo né? Terminam o ensino fundamental. Então por isso eu acho que ele poderia ser melhor se existisse um envolvimento maior das duas partes e também se tivesse uma sequência porque acaba que nos da educação física, cada um faz o que quer né? Então cada um age de um jeito e acaba que fica perdido. Eles entram... Quando tá na minha mão tá dum jeito ai sai depois volta ai não tem uma sequência igual tem nas outras disciplinas que não, esse aqui eu vou parti daqui, ai como você não sabe como o outro está trabalhando ai cada um é um inicio, então não teria já tanta coisa igual eu estou no ciclo 3 que seria já faze de aprimoramento de alguns esportes em si, não tem como fazer isso que eles não conhecem né então fica faltando essa sequência. Eu acho até por isso também que não tem como classifica-lo do bom, fica sempre regular.

P5: Qual a metodologia de ensino você defende para a escola pública? Diretiva () não- diretiva () livre escolha do aluno () condicionada à solução de problemas (). Explique a sua resposta:

Gisele: Eu tenho feito e tem dado certo, mas do que de outras coisas que eu já tentei, eu apresento o quê que é a educação física, a gama que é o conteúdo da educação física pros alunos e deixo-os escolherem o que eles gostariam de aprender, e assim a gente tem feito e eu percebo que de outros anos que eu não fazia assim, fazia uma coisa mais direcionada que eu que impunha que assim dá um pouco mais certo, que como foi eles que escolheram, eles se impeliem um pouquinho mais, então eu tenho os deixado escolherem, claro que não é assim qualquer coisa né? É uma escolha direcionada, mas eu deixo os meninos escolherem o quê que eles vão querer aprender.

P6: Que conteúdo você acredita ser o mais importante no âmbito de sua especialidade de conhecimentos? Geral () específico () práticos () técnicos () utilitários () baseado nos interesses dos alunos (). Explique sua resposta:

Gisele: Aqui eu tento faze uma mesclagem, tudo que agente faz na pratica a gente vê na teoria. Tudo pra eles terem uma base tanto numa coisa quanto em outra. Então acaba que agente faz um pouco da pratica, faz a teoria e vê a utilidade daquilo. Por quê? Igual quando eles vão jogar vôlei ai eu falo pra eles olha É legal vocês

aprenderem porque se um dia vocês tiverem a oportunidade de irem para um clube e pra praia vocês vão ver lá pessoas ou um grupinho jogando, vocês podem entrar pra jogar, não vai ficar lá só olhando com medo da bola, vocês vão ver que a bola não morde que vocês tem capacidade de jogar, então eu mostro pra eles que tem esse outro lado também, que a questão do esporte profissional, do esporte de lazer, da dança que é importante você tem o mínimo de ritmo porque se um dia você tiver oportunidade de ir numa festa você sabe se virar e não ficar lá sentado, então da questão da utilidade pra eles saírem dessa parte de espectadores. Eles serem participante em tudo quanto for conteúdo da educação física que eles depararem com eles na vida deles. Que a vida é fora da escola, tem que mostra pra eles que a vida não é só aqui dentro eles ficam muitas horas aqui dentro, mas que tem um mundo fora que eles devem participar e não ficar só... Como diz observador.

P7: Como você enquadra o seu modelo de aula dentro da organização das atividades pedagógicas? Tradicional () inovadora () técnica () flexível () aberta (). Explique sua resposta.

Gisele: Eu acho que não sei... Pelo pouco que eu me lembro das teorias não chega a ser aberto não ele está mais pra flexível, que aí de acordo com a necessidade aí um dia você vai. Pega mais forte na técnica né? De acordo com a necessidade mesmo então penso por isso que ele é mais flexível, pouco tradicional porque vou pro quadro e giz e... Só daquelas professoras bem rígidas, mas é... É bem flexível mesmo a não ser que eu esteja enganada ao que seria essa metodologia, esse método de flexível, mas eu acho que ele encaixaria mais no flexível. Tento busca o que cada um vai enquadrar com a minha realidade.

P8: Como você vê o comportamento da maioria dos alunos hoje na escola? Passivo () ativo () silencioso () apático () agressivo () desinteressado (). Existem diferenças de sua época de aluno? Em que aspecto?

Gisele: É complicado você coloca maioria porque vai mudar de acordo com faixa etária, eu percebo que os alunos da G são mais ativos, eles gostam de participar eles gostam de fazer as coisas, tudo que você propõe pra eles tá legal, já os das H eles já tendem a ficar... Meio a meio, uma grande parte desinteressada que pra mim não que faz nada mesmo e outros que ainda gostam das atividades, gostam de aprender, gostam de tá fazendo coisa nova. E os das I que são formandos eles são apáticos, os das I são alunos apáticos, alguns ainda querem está aprendendo alguma coisa fazendo alguma coisa, tanto que os meninos das I eu coloco eles pra é pra eles no decorrer desses três anos que eu ensinei, eu coloco eles pra fazer na prática, então eles vão organizar uma competição, eles vão organizar uma gincana pra eles sentirem na pele como é que é estar do lado de cá do lado do professor e tá organizando alguma coisa, vendo se dá certo se não dá. Aí o envolvimento deles é um envolvimento quase que forçado apáticos desinteressado assim tanto faz, aí por isso que é difícil generalizar e isso vai depender da idade.

P8: Existem diferenças da sua época de ensino fundamental na aula de educação física?

Gisele: Eu sempre estudei em escola particular e tinha... Era separado menino de menina e você tinha que escolher se você queria fazer esporte ou se você queria fazer dança se não podia fazer as duas coisas, ou era uma coisa ou era outra coisa. E hoje não eu faço questão de colocar pros meus alunos tudo junto, fica ah futebol é de menino, menina não pode jogar futebol! Pode, porque o dia que agente for fazer alguma coisa que você acha que é de menina você vai fazer também. Então só de não ter que ter... De não ter essa separação igual eu vivi já é uma diferença imensa e menina tinha professora, meninos eram professores, então mais uma diferença.

P8: Quanto ao comportamento? Ativo, passivo como era na sua época?

Gisele: Era imposição, você não tinha escolha das coisas a professora chegou falou, água parou. Você tinha que fazer aquilo por mais que você não gostasse e não concordasse, mas não tinha esse diálogo não nos vamos ver isso. Não nos vamos ver o que eu quero.

P9: Como você avalia a sua forma de ensinar hoje e a avaliação em que foi submetida em sua época de aluno?

Gisele: Olha é meio complicado porque é... Na minha graduação, como diz, um povo meio... Então assim se eu for fazer era a faculdade muito tecnicista então se eu for colocar do jeitinho que eles ensinaram se eu fosse dá aula daquele jeitinho, era quase que impossível porque na faculdade cada um tem a sua bola, né? Você tem um tempão a aula é grande é pouquinha gente. Já na escola não tem condição de fazer isso, tudo que se for fazer é adaptado mesmo, não tem jeito de você seguir a técnica igual foi passada. Faz aquelas atividades poliesportivas assim não tem jeito. Aqui na escola eu não vejo como fazer isso se tem alguém que consegue eu tiro o chapéu por que eu, não dou conta. Eu tento ensinar pros meninos pelo menos o básico através de jogos. Às vezes agente faz... Você tenta desenvolver a técnica aí você vê que a aula não rende porque o material é pouco aí fica aquela aula chata então através de jogos acaba que consegue atingir isso mais fácil. Parece que os professores não nos ensinaram com aquele objetivo assim, não você é um futuro professor, não colocaram você como se você tivesse em escolinha de iniciação. A minha graduação foi bem por aí escolinha de iniciação.

P9: Como a senhora avalia o jeito de ensinar dos seus professores lá no ensino básico?

Gisele: Eu não sei se é aquela forma tão técnica que... É era assim formas bem tecnicista, e eu não sei se essa forma de ensinar pelos professores também de se grupos grandes e você não está tendo como corrigir de um por um uma coisa bem geral, se ela é mais produtiva do que do jeito que eu ensino. Com jogos fazendo a parte técnica durante o jogo corrigindo né? Porque se fosse, eu saberia jogar vôlei, saberia jogar um monte de coisas e

eu não sei. A educação física é uma vivência, ela é vivencial eu já encarei isso, o meu objetivo não é tornar ninguém atleta aqui não. É pra que você conheça, vê se gosta aí você corre atrás de um lugar que você vai aprender de fato. O meu objetivo é que você vivencie.

P10: O que significa escola pra você hoje?

Gisele: A escola deveria ser um local onde que é... As pessoas viriam para está buscando coisas que elas não... Sairia da família né porque a família é um local mais responsável pelos valores né e a escola pelos conhecimentos... Não vamos dizer só conhecimento científico, mas que na família você não ia está falando sobre isso pra aprende alguma coisa que já passou coisas da história da geografia, aprende o porquê as coisas são assim do jeito que são. E acaba que todo isso está se perdendo por que a família não faz o papel dela e a escola tem que abarcar isso também aí acaba que os conteúdos de tudo estão se perdendo. O objetivo da escola está se perdendo porque ela está sendo responsável de passa valores também. Aí misturado com os valores vem os conteúdos, vêm os conhecimentos formais e acaba que no final eu não consigo vê o que eles conseguiram de fato aprender de todo aquilo, se ele aprendeu alguma coisa, aí eles pergunta eu vou aprende isso pra que? Vai aprende porque se um dia você vê aquilo na televisão você vai dizer ahh eu já vi alguma coisa sobre esse assunto eu sei o que ele está falando, ele não está falando grego pra mim. Então a pessoa ela não pode se a pessoa que está voando no mundo, ela sabe o que ela veio fazer aqui, o papel dela no mundo e tenta fazer alguma coisa pra melhorar aquele mundo. A minha escola hoje ela não está conseguindo direciona o caminho dele no mundo, a escola que eu tive apesar de ter sido em escola particular, ela também não teve esse papel, mas não tinha essa inversão de valores. Hoje com isso a escola não está fazendo nem uma coisa nem outra.

P11: Você tem alguma ideia de como será a escola no futuro de médio prazo?

Gisele: O que eu vejo é, na minha época de ensino fundamental, a gente tinha muito respeito pelos professores podia ser aquele professor, se via que não era qualificado pra estar ali não sabia nem o que estava falando, mas tinha todo um respeito pela pessoa, nem que se você tivesse ouvindo, mas você ficava olhando pra ela então estava deixando ela fazer o que ela tinha proposto fazer. E hoje não tem esse respeito, não está tendo isso, nessa questão de está dando direito de mais pros adolescente, pras crianças está se perdendo e acaba que confunde o trato, o aluno não tem ninguém pra confia em casa aí ele que passa isso pro professor, tanto que em vários anos isso tem acontecido esse ano um pouco menos, muitos meninos me chamam de mãe, pede benção, tem aluno que pede benção todos os dias de manha, ou seja, está misturado os papeis. Você deixa de ser professora pra ser algo mais então a escola está desvirtuando do papel original dela, tudo bem que com a questão da globalização a escola não tem que está só voltada pra uma coisa é igual corpo holístico, a escola está virando holística também. A escola precisa voltar a ter reuniões de caneta e papel mesmo pra tenta descobri qual é o papel dela e o que tem que fazer.

P12: Como você imagina a educação física na escola de futuro?

Gisele: Más que nunca vai se vivencia mesmo e tenta... O corpo de hoje é um corpo parado né? A questão da tecnologia é muito boa, mas ela faz com que as pessoas fiquem mais paradas né? Você não precisa movimentar pra fazer basicamente nada, você liga você faz compras, aperta um botão você muda de canal, basicamente você tem que se movimentar muito pouco e a educação física escolar deveria é... O objetivo primordial é mostrar pras pessoas que esse corpo movimentar que ele pode fazer muita coisa que ele não tem que deixa de... De usa dessa gama de habilidades motoras e outras coisas que nos temos só em decorrência dessa tecnologia. A educação física do futuro teria que caminhar pra esse lado, ajuda as pessoas a sai desse marasmo mostra pra elas que elas podem fazer alguma coisa.

P13: Palavras Finais.

Gisele: Infelizmente somos quatro professores, mas quatro professores trabalhando de forma diferenciada, cada um trabalhando no seu e eu acho isso um ponto falho daqui. Agente deveria trabalhar de forma conjunta, linear porque como eu estou no final eu deveria se uma continuação dos outros e acaba que não é, mas nos temos pontos positivos porque nos temos quadra, matéria, nos temos uma quantidade boa de material, e a oferta que nos pedimos pra direção geralmente nos somos atendidos, pode demora, mas somos. Na falta de um professor, vamos mandar pra quadra aí eu acho isso ruim ainda, em todo lugar isso acontece. Nunca vi ninguém da uma lista de matemática por que então tem que mandar pra quadra? Eu falo pra eles assim que eles estão banalizando o meu espaço de da aula, a quadra é o meu local de trabalho, a bola é o meu material então a bola ou qualquer outro material esportivo são o meu objeto de trabalho. Em dia de reunião falam ahhh vamos manda os meninos pra quadra e isso banaliza meu local de trabalho e essa é uma queixa que eu tenho. E tem também aqueles que falam que é o inferno da aula depois da aula de educação física, os meninos não quietam, fica aqueles meninos fedidos e não sei mais oque, então essas reclamações em todo lugar eu acho que elas existem. Então tem essas reclamações do movimento do barulho. Aí pra não fica todo dia igual agente faz uma gincana, aí movimentar a escola inteira. Tem professor que acha ruim, o dia que tá fazendo alguma coisa diferente acha ruim, ninguém propõe, mas quando vai fazer reclama. Há vamos fazer uns jogos, aí quem fica? Ficam os coordenadores e o professor de educação física isso porque no planejamento era todo mundo. Então essas coisinhas às vezes são

ruim, essa questão do envolvimento de acha que é só você porque eu sei que o aluno não é só de educação física, é de todo mundo então quando vai fazer alguma coisa diferente igual, estou tendo uma relação boa com a professora Florence da UFG levo os meninos pra lá pra poder vivenciar o atletismo lá na pista, chego aqui você fica pensando que fez uma coisa boa né? Ai chega aqui está todo mundo reclamando que atrapalho os esquemas planejados e não vê o tanto que foi bom pros meninos terem feito alguma coisa de diferente, põe os meninos pra fazer uma competição, reclama que os meninos tão movimentando muito a escola, está tendo muito barulho e não vê o tanto que foi bom pros alunos serem responsáveis por alguma coisa, o tanto que aquilo foi bom eles se colocarem na posição de ativo, estando verdadeiramente responsáveis ai muitas vezes essas questões dão embate. Fim de semana que eu escrevo os meninos nos jogos municipais ai o povo já olha pra minha cara e ri né? Porque quem que vai com os meninos? Eu ninguém se propõe a ir junto. As pessoas não fazem nada de diferente ai a educação física vai fazer e ainda fala mal. Ainda essas relações são complicadas, mas aqui no geral é um lugar muito bom pra trabalhar, equipe diretiva, coordenação perfeitos, nós temos uma relação muito boa. Graças a Deus eu estou muito satisfeita de estar onde eu estou.

ESCOLA B
A EDUCAÇÃO FÍSICA E A DOCÊNCIA NAS ESCOLAS
TRANSCRIÇÃO DO PROFESSOR MATHEUS

Identificação:

Nome: Matheus

Idade: 24 anos

Sexo: masculino

Cor: Cara eu não sou muito de saber de cor, mas acho que é pardo.

Tempo de Trabalho: Na Escola B, completei três anos em Janeiro.

P: E no Geral, na Educação Física?

Matheus: Na Educação Física também, porque eu... Aqui foi meu primeiro emprego, desde que saí da formação inicial.

P: Formação?

Matheus: Sou formado em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás, sou Especialista em Educação Física Escolar, pela Universidade Estadual de Goiás, e só por enquanto.

P: E aqui na escola você ministra apenas a disciplina de Educação Física?

Matheus: Sim.

P1: Como surgiu a ideia de ser professor?

Matheus: Eu venho de uma família de professores, meu pai era professor, minha mãe é professora, minhas tias são professoras, minha avó era professora então, eu acho que isso veio como uma escola ai ao longo da minha família. Acho que a ideia de ser professor de educação física veio durante muito tempo pela minha proximidade com o esporte, sempre joguei futebol, sem gostei de brincar, as aulas de educação física era as que eu mais gostava, ai chega um momento no ensino médio que você vê o que vai ser da sua vida ai eu descobri que gostava de verdade era de educação física e isso me motivo a fazer o curso de licenciatura assim como também à experiência que agente tem dentro de casa, agente vê o que é bom e o que não é na profissão só que eu vi que era uma profissão que valia a pena investi por gosta da área e por achar a ideia de ser professor uma ideia bacana.

P2: Quais os seus objetivos como professor da escola pública?

Matheus: Eu creio que a história dos meus objetivos de vida mudo na formação inicial, agente entra com uma representação de mundo NE? E a faculdade consegue promover essa ruptura, pelo menos em mim conseguiu e o meu objetivo com a escola publica ele esta bastante orientado pela concepção de mundo homem – sociedade que agente conseguiu construir ao longo da formação humana né? Meu objetivo com a escola publica é de transformação social não tenho nem uma vergonha de dizer isso, não tenho nem uma vergonha de assumir que eu tenho dificuldade de assumir esse tipo de coisa, eu sei dos limites da educação física enquanto campo acadêmico sei dos limites dentro da escola, sei dos limites da escola. Então meu objetivo aqui é trazer um pouco de articulação do que o aluno já sabe com o saber científico, mas tendo em vista a transformação social, promover essa relação entre conhecimento e intervenção social.

P3: Pra você, qual seria a finalidade da educação física na escola?

Matheus: A educação física surge de um campo da cultura humana muito importante, que é o corpo então ela surge de um campo do conhecimento que estuda cultura corporal, eu penso que a partir dessas praticas do corpo é que agente consegue fazer uma transformação um pouco mais bilateral um pouco mais completa. E eu creio que a educação física está nesse viés da escola como um dos aspectos bilateral e pra mim ela exerce esse objetivo de alargar esse conhecimento da cultura corporal tanto pra conhecer quanto pra intervir na cultura corporal apesar de essa não ser a história da educação física na escola, agente sabe que a história dela é uma história de reprodução de corpo saudável e só tem esse único e exclusivo discurso. Pra mim a finalidade dela é alargar o conhecimento a respeito da cultura corporal, não só alargar os conhecimentos, mas também dar subsídios para o aluno intervir nessa forma de cultura sendo uma forma de cultura não desconexa das outras formas de cultura.

P4: Como você avalia o seu trabalho de professor no transcorrer destes últimos anos na Escola? Ótimo () Bom () regular () péssimo (). Explique sua resposta:

Matheus: Eu sou um cara que é difícil que as coisas são ótimas, eu avalio meu trabalho nessa escola como bom, o contexto em que eu entrei nessa escola foi um pouco diferente, uma faixa etária que eu não esperava trabalhar quando eu prestei concurso pra cá né? Uma faixa etária de meninos bastante novinhos era uma faixa etária que eu não tinha um conhecimento previu. Então ao longo desses três anos eu avalio que o meu trabalho melhorou, do primeiro até hoje eu acho que ele tem caminhado, tem evoluído tenho muita dificuldade com o trato com crianças dessa idade então meu trabalho foi um trabalho bom, acho que ainda pode melhorar um pouco mais pra virar ótimo.

P5: Qual a metodologia de ensino você defende para a escola pública? Diretiva () não- diretiva () livre escolha do aluno () condicionada à solução de problemas (). Explique a sua resposta:

Matheus: Eu acho que tem que ser uma metodologia diretiva, porque eu penso que... O professor ele é sujeito nesse processo né? Se usar metodologia de livre escolha dos alunos ou metodologia não diretiva o que pode complicar aí, é o conhecimento e a intervenção na cultura corporal eu acho que isso pode restringir na forma de conhecer e de intervir na cultura corporal. Eu acredito que ela deva ser diretiva, mas não no sentido tradicional do diretivo, com algumas nuances de dialogo com o que o aluno conhece com problemas, com solução de problemas e eu acredito que ela deva ser diretiva sim porque tanto aluno quanto professor são sujeitos nesses processos de ensino aprendizagem.

P7: Como você enquadra o seu modelo de aula dentro da organização das atividades pedagógicas? Tradicional () inovadora () técnica () flexível () aberta (). Explique sua resposta.

Matheus: Eu acho que hora tem um pouco de ensino tradicional, hora tem um pouco de ensino que é inovador aberto eu acho que não mesmo, mas, eu classificaria como um modelo talvez seja um pouco de inovador e um pouco de tradicional por quê? Eu tenho uma história de formação tradicional tanto escolar quanto esportiva minha experiência de educação foi tradicional então com o tempo essa lógica de ensino tradicional ela demora um pouco mais de tempo pra romper com ela, eu tenho tentado de varias formas ao longo desses três anos que eu tenho sido professor. Só que eu acho que isso é um pouco complicado em alguns aspectos, em alguns elementos da cultura corporal eu tenho tido dificuldade de desvencilhar dessa cultura tradicional. Mas eu vejo também que tem nuances de inovação, tem praticas que eu procuro partir de outro lugar, buscar outro olhar no trato com o conhecimento com o aluno, com praticas em grupo, com situações que são totalmente é... Ensinadas no esporte, na dança então eu busco relação com outros campos de conhecimentos, às vezes a literatura, às vezes o cinema e tentar articular os conhecimentos com a educação física.

P8: Como você vê o comportamento da maioria dos alunos hoje na escola? Passivo () ativo () silencioso () apático () agressivo () desinteressado (). Existem diferenças de sua época de aluno? Em que aspecto?

Matheus: Eu acho que o comportamento dos alunos ele envolve algumas características que agente falo, eu vejo que os alunos tão muito mais ativos que passivos, eu tenho dificuldade de ver passividade nos alunos só que eu tenho também dificuldade de ver neles certa intervenção em aulas, em momentos. São ativos porque se propõe a fazer as atividades só que o nível de criatividade e de intervenção ainda é pequeno. Então eu acho que os alunos são ativos com um pouquinho de desinteresse.

P8: Existe diferença entre os alunos de hoje com quando você era aluno de ensino médio e fundamental?

Matheus: Olha... O mundo é diferente né cara? Acho que na minha época de ensino fundamental... Acho que a velocidade das informações no Brasil ela estava um pouco lenta né? Apesar de... Dessa nuanca hoje dos alunos vir um pouco mais rápido, eles se interessam um pouco mais fácil. É que assim, em alguns âmbitos gerais tem muita coisa parecida também. Eu não sei se é por que eu era um aluno muito disciplinado, que quando agente vê alunos disciplinados a gente se identifica, tem muita coisa parecida. Agente vê que o aluno tá desinteressado, porque o conhecimento é desinteressante mesmo ou porque às vezes ele não tem suporte de família. Então eu sei que existem as diferenças, os alunos chegam... Vomitando informações às vezes só que o nível é muito raso, agente não tinha informação só que o nível era... Agente se interessava um pouco mais, mas eu creio que o ensino ainda tá um pouco parecido.

P9: Como você avalia a sua forma de ensinar hoje e a avaliação em que foi submetida em sua época de aluno?

Matheus: Eu acho que eu... Algumas coisas que eu encaro hoje na escola eu aprendi muito na graduação. A graduação como aqui, é contraditória, tem professores que são muito tradicionais e tem professores que tentam te mostra que a avaliação, que o ensino, que a aprendizagem pode ser feita de outra forma. Eu acho que eu aprendi muito com algumas disciplinas como no aspecto da didática, porque na didática eu trabalhava um pouco mais a didática da pedagogia histórico-crítica então eu aprendia muito a forma como organizar a aula, por exemplo, então, a minha avaliação é de que, tem muita coisa parecida do que eu faço hoje e fizeram comigo na graduação.

P9: E a forma de ensinar dos seus professores lá no ensino fundamental e médio? Existem diferenças ou não?

Matheus: Cara é fácil identificar a diferença porque, no meu ensino fundamental eu passei nove anos jogando futebol eu tive professor que era espontaneista fazia o que dava na telha dele e eu não, eu posso até não ser bom em determinadas coisas em determinadas formas de ensinar determinados temas da cultura corporal, mas, dê de que entrei na escola eu me propus a ensinar a maioria dos temas da cultura corporal de forma estruturada, através do ensino conceitual, do ensino da técnica, aulas práticas, alguns elementos teóricos então eu vejo que tem diferença, os professores do ensino fundamental serviram como um grande exemplo a não seguir.

P10: O que significa escola pra você hoje?

Matheus: Eu creio que a escola é um... Ela tem sido um lugar onde o conhecimento tem sido tratado. Ela tem levado paulada de tudo quanto é lado e talvez tenha gente que avalia que aqui não é o melhor lugar para o conhecimento, eu acho que a escola ainda é o melhor lugar para o conhecimento. É que aqui agente tem oportunidade de fazer coletivamente a produção e a transmissão de conhecimento, via aluno, escola, professor

poder ter essa relação desses sujeitos, com o conhecimento. E o que significa escola pra mim é... Pra mim escola significa um lugar de transformação, ela pode não ser a nível de sociedade, pode não dar conta disso sozinha, mas eu creio que a transformação nessa... Principalmente a transformação de escola pública e a quem atende eu acha que ela tem uma necessidade urgente de ter uma transformação, porque ali é o lugar onde está a classe trabalhadora e a classe trabalhadora é a classe que esta sendo oprimida ai ao longo desse século.

P11: Você tem alguma ideia de como será a escola no futuro de médio prazo?

Matheus: Esse eu não sou muito otimista não certo? Apesar de conhecer um pouco da escola e sabe das necessidades que essa escola tem, eu acho que da escola do futuro ela tem uma grande chance de ser uma escola... Aí a gente entra em uma nova fase de uma organização positiva, acho que cada vez mais a escola tem que se basear do que é dela, se tão dizendo que a escola não da conta e a internet da conta do conhecimento agente parece que tem abraçado isso, agente tem cada vez mais deixado de lado o que é pra ser ensinado, a perspectiva de mudança a perspectiva de transformação a perspectiva de radicalidade eu acho que a escola tem deixado até mão disso tendo em vista todos os ataques que ela está tendo só que eu acho que a escola não vai chegar a acabar porque aqui é o lugar de reprodução do conhecimento, aqui é um lugar massificado de reprodução bom pro capital, eu acho que ela vai durar, mas eu acho a escola em médio prazo ela tende a ganha em numero de avaliações de que o ensino tem melhorado, mas esvaziado de conhecimento.

P12: Como você imagina a educação física na escola de futuro?

Matheus: Eu acho que vai ser a educação física da anunciação cara, eu acho que agente vai falar muito só que eu acho que a radicalidade vai ser pouco, vai esta falando de muita coisa mesmo, falando de saúde, vai está falando de esporte, vai esta falando de dança. A formação em educação física tem apontado pra isso, pra esse alargamento do conhecimento da educação física só que eu acho que ao mesmo tempo agente vai esvaziando não só professores, mas professores e alunos eles vão ficando cada vez mais rasos, então tendo a voltar a ser um pouco tecnicista e esvaziar o conhecimento.

P13: Palavras Finais:

Matheus: Bom, eu cheguei à escola e sempre trabalhei com uma colega de turno né? Eu percebi que a Educação Física, quando eu entrei, ela era ao mesmo tempo, valorizada e discriminada; era valorizada por que atende a alguns interesses da escola, ela atende às programações de festas em... Em algumas ocasiões do cotidiano que ela da conta disso. Misturam-se com os professores, os professores não se omitem dessas situações; então isso gera um... Um certo estágio de comodidade. Mas ela é bastante discriminada pelo fato dela ter pouco contribuído com os alunos, dentro dela mesmo; ela tem pouco contribuído com o conhecimento, pouco contribuído com o conhecimento da escola. Têm professores fazendo trabalhos bons, só que têm professores que às vezes não tentam articular a disciplina nos ciclos, agente nunca teve articulação. As propostas do ciclo 1 não conseguem articular com as propostas do ciclo 2, isso parece que é uma coisa banal, então eu me fecho e faço o meu trabalho; pra mim tudo bem, só que o meu aluno, ele vai passar e precisa dessa evolução do conhecimento, só que agente nunca conseguiu articular, por diferença de concepção de educação física, por diferença de concepção a respeito do trato com o conhecimento é... Dentro do cotidiano da escola ela é discriminada em tolice, os professores eles não tomam história de... Delimitar quem eles são na escola; o que eles podem contribuir e isso fica à margem, fica à margem de trabalho coletivo, fica à margem de propostas, fica à margem de lutas, porque eles abrem mão, inclusive em minha opinião, dos momentos de aula, momento de aula que eles abrem mão de dar aula; então, isso agente vê, o coletivo da escola vê, o professor de matemática vê, é coordenadora que vê, então quando eles vão pedir alguma coisa da escola talvez eles não vão pedir para o professor de educação física porque ele não respeita o lugar dele, o lugar dele às vezes tem sido esse, preparar a aula de forma espontânea e a escola não vê como ensino vê como recreação e recreação, agente teve um fato aqui atrás em que o professor de matemática substituiu um professor de educação física então é a mesma coisa pra escola. Talvez ela fizesse até melhor porque ela propôs algumas brincadeiras diferentes, isso é melhor, isso o coletivo vê. Professores comentam, coordenadora comenta, então... Fica difícil às vezes fazer uma articulação de proposta, mas, eu acho que isso não é motivo, ou não é situação pra não se fazer; agente tem que se propor a fazer as coisas diferentes; professor de manhã, professor a noite, que tem marcado lugar na escola; e esses professores passam a ser reconhecidos pelo que fazem, de articular não só a educação física, mas também a oficina; e tem sido bacana pros professores, tem sido bacana pros alunos. Então eu vejo que na escola tem educação física mais espontânea, mas tem também ali a educação física que luta pra uma ruptura com esse tipo de prática, né?